# A PRIMAVERA DE FRANCISCO RODRIGVEZ LOBO.

*De nouo emendada & acrecentada nesta segunda impressaõ pello mesmo Autor.*

Offerecida a DONA IVLIANA de Lara Condessa de Odemira.

*Com licença da sancta Inquisição.*

EM LISBOA,
Impresso por Pedro Crasbeeck.
Anno de 1608.

## Licenças.

ESte liuro intitulado Primauera, autor Francisco Rodriguez Lobo, foy ja visto, aprouado, & impresso agora vay acrecentado & emendado por o mesmo autor: não tem cousa de nouo por onde se não possa tornar a imprimir.

Fr. Manoel Coelho.

VIsta a informaçam podese imprimir este liuro intitulado Primauera, & depois dimpresso torne a este conselho pera se conferir com o original, & se dar licença pera correr, & sem ella não correra. Em Lisboa 11. de Dezembro de 604.

Marcos Teixeira. Ruy Pirez da Veiga.

# A DONA IVLIANA DE LARA CONDESSA DE ODEMIRA.

## PROLOGO.

*INGVEM duuida, que as flores desta primauera, se deuem mais ao Sol, que as criou, que à terra aonde nacerão: & que o ser de V.S. lhe dâ mais graça, & pode dar mayor fama que o meu ingenho. Este conhecimento (fora outras obrigações) me faz que offereça a V.S. este liuro, ao qual quando faltem merecimentos da minha parte, teue da de V.S. muytos fauores para esta ousadia, que como fauorecida fica disculpada: & os meus pastores muyto naturais pois por melhor que fallem & digão seus queixumes diante o entendimento de V.S. sempre serão rusticos. Quando elles por humildes, & a obra por ser minha não merecer inueja de muytos, o certo he, que a teram todos de*

*de ver quam bem a empreguey: & receo de offender com a lingoa o que V. S. honrou com o ſeu nome. E ſe hum ſeruiço tam pequeno intereſſado em tão grandes merces ſer de pouca eſtima, ponha V. S. o preço delle na vontade, que pera tam grande animo, & juizo deue valer mais que tudo o que he menos, que elle. Noſſo Senhor guarde a V. S. por muytos annos.*

(§)

## PROLOGO AO LEITOR.

VM ſo erro ſem diſculpa ſe ſalua, quando o que errou ſe melhora: porque ninguem ha tão ſabio, que em tudo acerte: nem pode parecer neſcio, o que contra ſua opinião admitte conſelho. Perſeuerar na meſma culpa, ou he de neſcio enganado, ou de porfioſo deſconhecido, ou quando a neceſsidade não da lugar a razão. Direis ſabio Leitor, que dou eſta ſentença contra mim, pois tendo na primeira impreſsão deſta obra com auiſo dos que a encontrarão, tantos deſenganos do que me podia montar o fruito della: commetti a fazer a ſegunda, que agora vos apreſento, com as proprias armas, & defenſão, com que no primeiro encontro a recebeſtes: & que aſsim porfio contra o que vejo, & me engano com o que faço. Reſpondo que ſe no primeiro erro eſcuſaua ſatisfações, ainda tenho grande diſculpa, porque bem poderoſo engano he, para hum homem arriſcar tempo, trabalho, & opinião a eſperança de fazer ſeu nome mais conhecido. E ja que eu não colheſſe eſte fruito de meu atreuimento, não me deixou tam enganado o fauor, com que muitos o receberão

que

que porfiasse de nouo com os que o reprouarão. Antes estando bem alheo de renouar esta Primauera como cousa a que se acabara o tempo, soube que algũs mais interessados em seus ganhos, que lébrados de minha perda tratarão de licença para a imprimir, & porque de dous males auia de escolher, me pareceo que era o menor, sair emendada pello seu Autor proprio, que adulterada por quem se arriscaua tam pouco em seus erros. Não foy para mim tam leue este cuydado que me não pusesse em muitos, porque querendo emendar algũas cousas de que me aduertirão, achei q̃ erão aquellas mesmas, as que outros tinhão julgado por melhores, & com o encontro destes pareceres, me não atreui a fazer eleição em muytas dellas, & deixandoas no primeiro estado, remetto a vosso juyzo o melhorallas: com tanto que creais de mim; que no lugar aonde não emendei o que vos parecia, não segui proprio engano, antes conselho de muytos, nas palauras da prosa, no estilo dos versos, na inuenção da historia, no decoro das pessoas, na descripsão dos lugares, contentar a poucos he muyto quanto mais dar razão a tantos, nem estou pella sentença de algũs, nem quero ter a todos da minha parte, mas o que neste liuro achar algũa de merecimento, perdoe a essa

conta

conta o castigo d'algũas faltas que com esta cautella me atreui a tirar a luz o pastor Peregrino, que ategora tinha escondido a semrazão cõ que algũs tratarão mal, os principios da sua historia; & pois eu a não sigo por acabar cuidados, q̃ não tem fim, antes por dar gosto a quem o mostra ter de ouuir seus queixumes agardeceime ao menos a vontade, quando o trabalho desmerecer. E peço às damas coriosas, & inclinadas a ler os humildes pensamentos dos meus Pastores, que com os poderes com que tudo sujeitão a seu senhorio defendão este liuro, ao qual eu não quero maior preço que ter a ellas por valedoras, nem maior vingança dos murmuradores, que sairem de sua obediencia so a fim de tomarem armas contra minha humildade.

# A PRIMAVERA. DE FRANCISCO RODRIGVES LOBO.

## VALLES, E MONTES ENTRE O LIS, E LENA.



### Floresta Primeira.

NTRE as fragosas montanhas de Lusitania, na costa occidental do mar Oceano: aonde se vem agora, com mais nobreza leuantadas, as ruinas da Cidade antigua de Colippo: ha hum espaçoso sitio, partido em verdes outeiros, & graciosos valles, que a natureza, com particular graça, pouoou de aruores & fontes, que fazem nelle perpetua primauera: em meo do qual se leuanta hum monte agudo de penedia, cercado como ilha de dous rios, que pella fralda delle vão mormurando, ate que ajuntandose no extremo de sua altura leuão ao mar em companhia a vagarosa corrente: & assim pella parte do rio Lis, que na copia das agoas he principal, como pella do claro Lena, que escondido entre aruoredos faz o caminho, he cultiuada a terra de muitos pastores que naquelles valles, & montes, appacentão, passando a vida contente, com seus rebanhos, & com os fruitos que â terra em abnudácia lhe offerece, assim de Ceres, como de Pomona, porque cõ a benina inspiração do Ceo, & disposição da terra naõ só-

A mente

mente saõ as plantas mais fermosas á vista, os fruitos mais saborosos ao gosto, as flores mais suaues ao cheiro, & alegres aos olhos, mas ainda os penedos mais engraçados, & parece que menos duros. Aqui aonde Amor custuma conseruar seu senhorio, mostraua cada dia mayores effeitos delle entre as pastoras do valle, que igualàuão, & venciaõ as do Tejo & Mondego em fermosura. Hũa entrada do verão quando pollo custume dos naturais do valle, & por ajũtamento doutros pastores estrangeiros, que ali trazião seu gado pella abundancia dos pastos daquella ribeira, auia entre todos muitos exercicios de alegria custumados dos pastores: como erão musicas empersia, duuidas amorosas, bailos, & lutas de terreiro, & outros jogos em que auia na montanha guardadores estremados. Lereno que na musica a muitos do valle tinha ventajem, hum dia, que cõ o nouo sol, sobre os floridos ramos, começarão as aues a celebrar a entrada do veraõ, & as eruas, & boninas a se leuantar da terra, a pezar das cheas do inuerno: escolhendo hum lugar apartado a que o inclinaua a propria condição, se foy assentar, junto de hũa fonte que esta perto do rio à sombra de hũ alto freixo, entre duas fayas, & aly tirando a saõfonha cantou esta Lyra.

*IA nasce o bello dia*
*Principio do verão fermoso, & brando,*
*Que com noua alegria*
*Estaõ denunciando,*
*As aues namoradas*
*Dos florido s raminhos penduradas.*

*Ia abre a bella Aurora*
*Com noua luz as portas do Oriente,*

E mostra.

*E mostra a linda Flora*
*O prado mais contente*
*Vestido de boninas,*
*Aljofradas de gotas cristalinas.*

*Ia o Sol mais fermoso*
*Està ferindo as agoas prateadas,*
*E Zefiro queixoso*
*Hora as mostra encrespadas*
*A vista dos penedos,*
*Hora sobre ellas moue os aruoredos.*

*De reluzente area*
*Se mostra mais fermosa a rica praya*
*Cuja riba se arrea*
*Do alamo, & da faya,*
*Do freixo, & do salgueiro,*
*Do vlmo, da Aueleira, & do loureiro.*

*Ia com rumor profundo*
*Não soa o Lis nos mõtes seus vesinhos,*
*Antes no claro fundo*
*Mostra os aluos seixinhos,*
*E os peixes, que nas veas*
*Deixão tremendo a sombra nas areas.*

*Ia ſem nuuẽs medonhas*
*Se moſtra o Ceo veſtido d'outras cores,*
*Ya ſe ouuem as ſamponhas,*
*E frautas dos paſtores,*
*Que vão guiando o gado*
*Pella fragoſa ſerra, & pello prado.*

*Ia nas largas campinas*
*E nas verdes decidas dos outeiros,*
*Ao ſom das ſomfoninas*
*Cantão os ouelheiros,*
*Em quanto os gados pacem,*
*As mimoſas eruinhas que renacem.*

*Sobre a tenra verdura*
*Agora os cabretinhos vão ſaltando*
*E ſobre a fonte pura*
*Paſsa a noite cantando*
*O roixinol ſuaue*
*Com ſaudoſo accento, agudo, & graue.*

*Diana mais fermoſa*
*Sem ventos ſobre as agoas appareçe,*
*E faz que a noite iroſa*
*Taõ clara reſplandece*
*A viſta das eſtrellas*
*Que ſe enuergonhà o ſol d'inueja dellas.*

*Tudo nesta mudança*
*Tambem de nouo cobra nouo estado,*
*Qual em sua esperança,*
*E qual em seu cuydado,*
*Acha contentamento,*
*Qual melhora, na vida, o pensamento.*

ACabou de cantar, & porque o murmuro da fonte que entraua no rio debaixo de hũs salgueyros, & a vea da agoa cristalina que borrifaua de flores a verdura fazia a vontade cóbiçosa de a tocar. pós o çurraõ, & a sanfonha sobre o penedo para lauar o rosto, na borda da agoa, & virando os olhos vio em hũa fasce da pedra, entalhado este motte.

*O mal que meu peito enserra,*
*Pois ventura o quer assim,*
*Seguro estarà de mim*
*Se o não descobrir a terra.*

ENleado no que debaixo daquelles versos se entendia, crendo que não foraõ sem causa escritos em tal lugar, deitou o pastor mil juisos para entendellos, mas auendo todos por temerarios, pois as palauras em fim mostrauão segredo deixou a impreza, & despois de lauar o rosto, tomou o caminho para os currais donde vio que ja deciam cõ o gado os pegureiros, & entre elles vinhão cãtando em baixa voz Tirreno, & Melibeo, como que se entoauão. Porem conhecendoo, deixàraõ a cantiga, & cõ muito aluoroço o festejauaõ, Bofe (disse Tirreno) que mais parece este encontro buscado de minha boa ventura, que achado nella;

& ſabe,que não ha bem que não venha a hum deſcuydado; que bem o eſtaua eu agora do que me conuinha & da tua lembrança. Não te deſmereço eu(diſſe elle) muytas lembranças,que não ſey paſtor deſta ribeira,que mais me contente,ora ſeja no gado,ora no canto, & o em que agora vinhas com Melibeo começaua eu a ouuir com muyto goſto,mas fizeſteſme cuydar,que vos eſtoruara. O mal fora(tornou elle)não cantar bem diante quem melhor o faz neſta montanha,& ja tornaramos â cantiga por teu goſto, ſe ella fora pera o dar.Com tudo te direi a razão, que nos moueo a eſte enſayo.O Domingo da feſta, quando tu faltaſte(que logo o tiue a mao agouro)foy grãde luta & folgar, porque os ſerranos do Lena nos deſafiaraõ a cantar & baylar diante as noſſas paſtoras, das quais foraõ muy gabados no ſeu modo,& nas ſuas cantigas, & ja ſabes, que o que ſe tem a geito nunca he melhor,que o que vem por nouidade,mas foy pera nos muy grande ſermos engeitados: & logo com raiua deſafiamos Melibeo,& eu a cantar de porfia a todos os vaqueiros & guardadores dálem do rio, & ſabe, que eſtamos pera oje bem tẽperados:mas como ellas ſaõ ja ſoſpeitas,& elles fauorecidos, corremos riſco ſe tu não fores do noſſo cabo.Para vos ouuir (reſpondeo elle) yrei eu de boa vontade,& eſta tenho tambem pera vos obedecer, & não ja contra vos,como fora miſturarme na voſſa demãda.Não te valem eſcuſas(tornou Melibeo)que quando não baſtarem rogos,prouaremos forças,& tomandoo pelos braços,o leuaraõ entre ſi, & foraõ pello valle abaixo atras do gado,& ao empinar do Sol,vieraõ pela praya do rio Lís,aõ de elle reprezado entre altas aruores aos rayos do Sol fica eſcondido,ate que chegando a hũa fragoſa penedia vẽ quebrando em eſcuma ſobre os liſos penedos,& com acordado ruydo ſe vay debruçando em hũ quieto remanſo,deixando

em ondas a area, que ao longo da praya vay correndo, & nella virão estar muitos pastores, hũs cantando, outros julgando o que entre elles he custume, outros entretẽdose em saborosa conuersação com as pastoras: & vendo aos contendores da Perfia, com grande aluoroço se leuantarão a os receber, & assentados em roda os obrigarão logo a que cantassem, pois lhes tocaua pola promessa passada: & como por esta razão a não tinhão de se escusar, afinando os instrumẽtos, cantaraõ o que se segue.

*QVẽ a Amor serue, quẽ d' Amor procura*
*A gloria de hum cõtente, & ledo estado,*
*Quem por Amor quer ter vida segura,*
*E ver ditoso o fim de seu cuidado:*
*Quem quer em seus seruiços ter ventura,*
*E vir por este preço a ser amado,*
*Por Amor sirua, por Amor mereça,*
*Por Amor ouse, tema, & obedeça.*

*Ponha sô nestes meos a esperança*
*Para alcançar de Amor bẽs de verdade*
*Que mal pode ter nelle confiança*
*Quem a vida não der, & a liberdade.*
*Em vão pretende amar, em vão se cança*
*Quem não obriga as forças da vontade*
*A tirana isenção de hũa pastora*
*Que de quantos a vem, quer ser senhora.*

Faça de seu querer merecimento,
Sem querer merecer por outra via,
Posto q̃ tenha em posse, & pensamento
Mais ouelhas, mais cabras, mais valia.
O que mais lhe conuem he sofrimento
Com que vença o poder da fantazia
Que nenhũa pastora se imagina
Ser menos que fermosa, ou que diuina.

Ouze porque mil vezes o atreuido
Alcança mais que o cauto, & temeroso,
E o que nega o temor quãdo he deuido
Dá hum successo vil a hum venturoso,
Mais val ficar ouzado arrependido,
Que ser fiel amante, & vergonhoso
Pois nenhũa pastora em affeição,
Respeita mais Amor, que occasião.

Tema, porque o que sabe amar melhor,
Melhor teme as mudanças da ventura,
Que não ha em mulher seguro Amor
Nem ausente affeição de muita dura,
Aprenda mil cautellas do temor
Para o que sò na vista se assegura,
Pois quẽ da vista hũa hora so se parte
Ou ja não acha amor, ou noutra parte.

Obedeça

*Obedeça que emfim nisto se enserra*
*O merecer, seruir, temer, & ousar,*
*E quẽ cõquista Amor em justa guerra*
*Deue sò com tais armas pellejar,*
*Este he o mor poder que tem na terra*
*Quem quer vontades liures sogeitar*
*Sem esta não alcança, & não repousa*
*O que serue, merece, teme, & ousa.*

ESperou Beliza que os pastores acabassem a musica, quẽ pareceo muy bem; para se defender da cantiga, que a todas trataua mal, que graça he (disse ella) cuidarẽ Tirreno, & Melibeo, que por cantarem melhor podem ser mais atreuidos, sendo mayor a offensa que nos fizeraõ com a sua cantiga, que o gosto que se esperaua della, com tudo se elles se não desdizem logo, & estas pastoras me derem a licença, eu defenderei a nossa razão muito á sua custa, & sem nenhũ perigo do que nos aleuantaõ. Grande, mal he (tornou Tyreno) que não somente sejais todas mas de seruir, se não q̃ tenhais por agrauo insinar agrangearuos a condição, ao que a não sabe, & se estas em que eu pus o seruiço de Amor vos parecem mais daime algũa pastora que se contente cõ menos. Não reprouo eu (disse a pastora) quẽ para seruir a Amor seja muitas vezes necessario renunciar a propria vontade, desconhecer a razão, & o merecimento de seruiços, pondo a valia toda no preço de Amor, mas dar por razão de suas sem razões à nossa altiueza, & mudança ou he erro de innocente ou vingança de magoado. E ja que os homẽs como pouco esprimentados em Amor, que não conhecem, não podem dar saida a seus enleos, & como inimi-

gos nossos querem encobrir suas faltas com nossas condiçóis passemos estes despropositos, pois nacem de raiua, & de inueja. Não passes a diante (disse Lereno) que não he justo Belliza que o nosso passatempo se torne em differença. O teu queixume he justo, & a cantiga destes, pastores verdadeira, mas para consertar vossa porfia eu quero ser atreuido, que he crueldade aquem cantou tãbem desengraçar com todos, sua cantiga, & seria mór erro o de a sustẽtar em perjuyzo de vosso merecimento, porem sem a este fazer offensa, digo, que quem pretende obrigar, ou affeiçoar hũa võtade liure de natureza, deue vsar das leys da sua cantiga, & doutras muytas, que se aprendem na seruidão de amor. E quanto à vossa queixa particular, fique á conta das que me recem nome de mudaueis, esquecidas, & ingratas, mas outras a quem se deue fé verdadeira, ellas também ficão sugeitas à desgraça de serem desamadas, mas saõ por natureza tão senhoras de nossa vontade, & tão liures do alheo senhorio, que não ha nenhũa, que não seja seruida, & poucas, que não tenhão queixosos seus seruidores, donde vem attribuyrem só a ellas o que he comum a todos os pastores, como serem, seruidas, respeitadas, & temidas, que o mesmo lhe importa a ellas pera obrigar a outrem. E lembrame, que em outro valle bem desuiado ouui eu ja a hum vaqueiro hũa cantiga deste proposito: éra elle ja de idade, & gastàra o melhor della no seruiço de amor, & insinaua a acautelarse de suas mudanças aos que de nouo entrauão na sua sugeição: & se eu não temera o que aconteceo aos dous meus companheiros (que em lugar de louuados, foram reprendidos me offerecera a cantar o que lhe ouui. Quem pode tanto (disse Learda) que a paga culpas alheas, & faz que ainda fiquemos deuendo graças a quem nos offendeo: não deue temer em causa propria que seja mal ouuido, &
pois

pois Tirreno,& seu companheiro, dissérão ja o de que nos podia pesar,que males pode ter a tua cantiga, ou auer em nos,que nos descubrão mais defeitos,assim que com o mesmo desconto te pedimos que cantes, isso não farei eu (tornou elle)só com o teu consentimento,porque estão na companhia muitas que mostraõ pouco gosto de me dares licença & se tambem não for sua, eu me naõ atreuo. Então lhe pediraõ todas que cantasse mostrando que o desejauão muyto,& logo tocando a espaços hũa frauta disse estas endechas.

---

*Qvem pòs seu cuidado*
*Em pastora loura,*
*Nem veia a lauoura,*
*Nem sirua o arado.*

*Nem ja mais se empregue,*
*Em laurar abrolhos,*
*Semee em seus olhos,*
*E em seus olhos cegue:*

*E se seus amores*
*Nascerão de Amor,*
*Seja laurador,*
*Pois que laura dores.*

*Para sustentalla*
*Gaste a vida nella,*
*Ou viua de vella,*
*Ou de desejalla.*

*Tenha aonde a tem*
*A vida,& cuidado,*
*Se ella guarda gado*
*Guarde elle tambem.*

*No valle & no monte*
*Seja seu vesinho,*
*Saialhe ao caminho*
*No rio & na fonte.*

*Tragalhe das vinhas*
*O seu fruito ingrato*
*Quando vem do mato*
*Tragalhe das pinhas.*

*Se vem do seruiço*
*Traga das montanhas*
*As moles castanhas*
*No seu crespo ouriço.*

*Se em monte ou ribeira*
*Cria enxame brauo,*
*Delhe o doce fauo*
*Da cresta primeira.*

*Pardos roixinois,*
*Ledos passarinhos*
*Lhe traga em seus ninhos,*
*Quando vem dos bois.*

*Em quanto a manada*
*Anda apascentando*
*Lhe laure cantando,*
*A roca pintada.*

*Quanto ella sustenta,*
*Tanto elle sustente,*
*E viua contente*
*Do que lhe contenta.*

*Se a cor arenosa*
*Tiuer por melhor,*
*Diga que essa cor*
*A faz mais fermosa.*

*Se a tarde & sol posto*
*Lhe parece bem,*
*Mostre que não tem*
*Mais sol que o seu rosto.*

*E se a noite fria*
*Lhe contenta mais,*
*Mostre por sinais*
*Que quer mal ao dia.*

*Todo se transforme*
*Na vontade della,*
*Velle quando vella,*
*Durma quando dorme.*

*O que ella aprouar,*
*Sò bem lhe pareça,*
*E assi se aborreça*
*Pella contentar.*

*Que Amor engrandeçe*
*Nas leis em que està,*
*Quem serue & quem dà,*
*E a quem lhe obedece.*

---

CAntou Lereno tanto a sabor dos que o ouuião que de enleuados com o sentido nelle, o perderaõ muytos do gado, que derramandose pellos vezinhos serrados se desmā daua, por cujo respeito deixaraõ aquelle lugar, & se foraõ ao recolher. Mas Albano que sô em Nise tinha o pensamē to tam obrigado, como ella era liure por natureza, ao por do sol

do ſol o foy eſperar debaixo de hum caſtanheiro q̃ cobria o caminho por onde auia de paſſar para os currais, & conhecendoa que atras das ouelhas vinha bradando, lhe ſaio ao encõtro,& diſſe. Não ſei que mal achas Niſe no bem, q̃ te quero,pois nos mayores eſtremos, q̃ porti faço moſtras menos affeiçaõ,ſe julgas que he offenſa o Amor que tenho, nem podes deixar de ſer offendida em quanto eu viuer, nẽ em quanto me tratares mal podes perder nome de ingrata,& como Niſe viuia de deſpreſar ſeus amores ſem perder hum paſſo do caminho lhe reſpondeo. Ninguem fica obrigado aos males que cada hum procura para ſi, & pois os teus tẽ taõ facil remedio como he deyxallos, & não importunar a quẽ te aborreçe,troca o cuidado,& viuiras contente. O paſtor a quẽ eſta eſquiuança traſpaſſaua a alma, com hum ſoſpiro que della lhe nacia a foy ſeguindo ate a entrada da cabana,& aly perdendoa de viſta conheceo, que era vinda a noite,que quem noutra luz poem a de ſeus olhos, ſó na auſencia della conheçe a falta do dia.

---

## *FLORESTA SEGVNDA.*

POR que a alegria do Verão todos aquelles dias fazia de feſta entre os paſtores:, cada hũ no trajo, & nas diuiſas amoſtraua, qual tinha no cajado eſcrito o nome da ſua paſtora,qual no fim delle a trazia ſutilmente retratada,qual veſtia a cor de ſuas eſperanças qual ſe moſtraua deſconfiado entre ciumes tudo erão muſicas pello valle,em todos os ajuntamentos ſe ouuiaõ praticas namoradas,cada hum em gloria de ſeus cuydados ce-

lebrauão

lebraua o bem do que ſentia,& quaſi todos ſe queixauão do mal que Amor os trataua. Que custume he ſeu, nẽ dar contentamento ſem queixume, nem deixar em nenhũ eſtado ſatisfeito a quẽ o ſerue. Ajuntaraõſe hũa ſeſta ao longo do rio Lis, no lugar aonde fora a contenda de Tirreno,& porque o força do Sol não cõſentia outro exercicio, começou a fallar Alceo, aſsim por dar principio a conuerçacão como por deſcubrir nella ſeu penſamento a Niſe que o eſcutaua ainda que tão alhea de ſeus cuidados, como poderoſa com ſua fermoſura para lhe cauſar outros de nouo. Pois a hora do dia (diſſe elle) e a fermoſura deſte lugar eſtão acõſelhando que o goſemos em ſaboroſa pratica de amores, quero na meſma materia fazer hũa pregunta aſsim porque as differentes opiniões dos que eſtamos preſentes daraõ occaſião de paſſatempo, como porque não ſei outra em que mais facilmente fique ſatisfeito da verdade que dezejo ſaber nella & he.

*Se hũa mulher, por iſenta*
*ſe pode liurar de ingrata,*

EPORque ha muito tempo que procuro ouuir repoſta que ſatisfaça, não tenho por piquena ventura lembrarme agora. Em eſtremo folgo (diſſe Enalia) com a materia da queſtão, porque deſejaua ſaber a meſma duuida de hum homem, & deue ſer igual a razão entre nos & elles, e muy encontrados os pareceres dos q̃ eſtamos preſentes. O meu em tal caſo he (reſpondeo Albano) que hũa culpa não deſagraua outra, antes a faz mayor, & por tal tenho eu o ſer iſẽta, quem deue ſer agradecida, que o meſmo he que não caber iſenção com agradecimento, pois ella liura da ſojeição de vontades alheas, & lhe nega o preço com que ſe entregarão,

garão,& elle paga com Amor o que lhe offerece hũa võtade. O cõtrario me parece ami(tornou Lereno)porq̃ a isenção he hũ poder liure,que não deue a võtade a outro alheo respeito antes como senhora da sua a cõserua em hũ vigor, e no q̃ toca a hũ afeiçoado em nenhũa diuida lhe fica hũa mulher isenta,pois elle voluntariamẽte se offereçe a amar sem esperãças,aquẽ nẽ lhe faz força, nẽ offerece galardão, & se por tal causa padece seja em pena da culpa, que cõtra Amor cõmete,pois senão contenta de amar, senão de ser amado,sendo tal bem de ventura,& naõ de obrigação. Não ficou Lisea satisfeita na opinião de Lereno crendo que a mesma tinha em seus amores,& assi atalhou logo a Albano que ja respondia. De que serue por em opiniões o que está claro polla fé de muytos exemplos,a verdade he que se hũa mulher,se isentar de affeiçõis alheas sera em rigor da rasaõ,& não em ley de Amor que a não guarda, & costuma em semelhantes casos tomar estranhas vinganças como sabemos. O mais certo he isso (respondeo o pastor)& pois entramos em declarar a pregunta desse mote, no qual me eu deu por contente & satisfeito com o que disse Lisea vos quero mostrar hum a que não sei dar saida,que por marauilhosa ventura achei muito perto da qui escrito em hũa pedra,de letra mui antiga,& alem de ser para ver dara em que cuidar. E porque todos os pastores mostrauão curioso desejo de ver aquella antigualha guiou Lereno para a fonte onde a vira,a qual sabia de debaxo de hum penedo cercado por todas as partes de graciosa verdura, & nelle lhe mostrou o mote,no qual elles ficarão enleados: mas Lisea que tinha mui agudo juiso disse logo, se me a imaginação não engana ou alguã pessoa está por estranho caso enterrada ao pé deste penedo, ou alguã cousa de valia escondida de baixo delle,& quem o cauar eu fico que ache nouidade.

Os pas-

Os pastores a quem não pareceo mal este discurso, buscando o que para isto lhe conuinha começaraõ de cauar o penedo por todas as partes, & arredandoo, de hũa de que estauà leuantado acharão debaixo enterrada hũa piquena caixa de pedra dentro na qual auia algũas taboas bem lauradas, & nellas escrita a presente historia a qual Lereno leo aos pastores em alta voz com quanto a antiguidade da escritura o não ajudaua.

---

*SYleno sou, que em fonte conuertido*
*Vou regando a verdura deste prado,*
*Nas ribeiras do Lena fuy nacido,*
*E nas do Lisguardaua o manso gado,*
*Amor, de quem viui mais esquecido*
*Com transformarme assim ficou vingado,*
*Que foy para este mal que me condena*
*Homicida na culpa, algoz da pena.*

*Aqui viui contente, não curando*
*Mais que de hũ sò rebanho que então tinha,*
*Hora á sombra das aruores cantando*
*Gloria da liberdade sua & minha,*
*Hora as feras seguindo, hora deyxando*
*Liure a caça dos montes, que me vinha*
*Fazendo pera a propria liberdade*
*As leys sò pella traça da vontade.*

*Tam*

*Tão liure fuy, que a nada respeitaua*
*Mais do que o vão desejo me pedia:*
*Ouuia então melhor quando falaua,*
*Então via o meu bem quãdo eu me via*
*Outrem com forças mil me cõquistaua*
*Eu sò de meus dasejos me vencia,*
*Viome amor ser senhor de meus amores*
*Nã quis sofrer nũ reyno dous senhores.*

*Procurou a vingança em seu sugeito,*
*Porque isenções alheas tãto agrauão*
*Não consentio negarlhe o seu direito,*
*Na vontade a que tantas procurauão.*
*Nouas forças prouou cõtra este peito*
*Onde as seitas de amor se despontauão,*
*O caso estranho, ò cousa nunca ouuida?*
*Que aqui vim por amor perder a vida.*

*Numa clara manhã ja quando a Aurora*
*Enchendo os Orizontes de alegria*
*Pela jurdição sua daquella hora*
*As janelas do ceo ao mundo abria.*
*O fermoso jardim da varia Flora*
*Cuberto de christal se descobria*
*Neste valle fermoso onde esperaua*
*Eu triste a caça liure que passaua.*

*Daqui de entre estes ramos com cautela*
*Como caçador destro, & diligente*
*Via fogir correndo a clara estrela*
*Do Sol, que ja apontaua no Oriente:*
*E em louuor da manhã fermosa e bella*
*Cantar ouuia as aues ledamente,*
*Dos ramos, que com rayos, que os ferião*
*De esmeraldas, & douro parecião.*

*Quando hũa branca cerua atrauessando*
*Com o peito vinha o rio cristalino,*
*Fuy eu no arco a seta endereitando,*
*Que aly cortarlhe o passo determino.*
*De hũ salto a riba toma, e vai buscando*
*O monte, com furioso desatino*
*Ligeira corre, & a seta mais ligeira*
*Fez emprego na furia da carreira.*

*Della recebe em vão mortal ferida*
*Mas desprezando a farpa aguda, e forte*
*Na ligeireza pondo a propria vida*
*Traspòs o valle, e mõte (o noua sorte)*
*Eu o alcance segui, ella a fogida*
*Ella á darme a vida, eu darlhe a morte*
*Deci em fim tras ella o verde monte*
*Te vella entrar nas agoas de hũa fonte.*

*Chegando*

Chegando não vi mais que a limpha pura
Sem rastro, & sem sinal que aly ficasse
Olheya, & nella vi minha figura
Que outra virâ ja mais que tãto amasse
O trabalho de andar pella espesura
Aly me aconselhou que descançasse
Despois cõ o caso estranho o peito frio
Deço outra ves do monte para o rio.

Não sabia que o fado por guardarme
Dos perigos de Amor me offerecera
Tão noua occazião de retirarme
Seguindo pello monte a branca fera
Não soube como incauto desuiarme,
Que o successo mostrou, que bem pudera
Tornei buscar a morte, que fogira
E buscara melhor se a causa vira.

Vejo chegando andar sobre a corrente
Hũa nimpha cortando a onda leue
Cujos membros do corpo transparente
Fazião parecer escura a neue,
O Sol ficou escuro no Oriente
Em quanto a noua luz defronte esteue
Sò as agoas, que os seus braços diuidião
Como cristais, com o Sol resplandecião.

*Diante a branca escuma vem ferindo*
*No peito de christal fermoso lume*
*Das aruores, que o rio estão cobrindo*
*Cada qual darlhe sombra aly presume.*
*Os peixes, que das lapas vão sayndo*
*Pelo rigor do Sol como he custume*
*Qual toca o brãco pè na agoa escõdido*
*Qual se mostra ẽ chegar mais atreuido.*

*A espaços voltaua os olhos bellos*
*As ondas, que cõ os braços apartaua*
*Mouẽdo ondas de amornos seus cabelos*
*Que o derretido aljofar borrifaua.*
*Eu que para meu dano ousaua vellos*
*Nelles a pouco, & pouco me enlaçaua:*
*Não ouue Amor mister poder sobejo,*
*Que eu mesmo me venci de meu desejo.*

*Confuso estaua, & preso no que via*
*Seguindo ja de longe o meu tormento*
*Quando o mouer das agoas me acendia*
*Com amoroso fogo o pensamento.*
*Hora toda nas ondas se encobria,*
*Hora trocando o doce mouimento*
*Encostada quebraua a clara vea,*
*Hora tomaua pè na loura area.*

E em

E em quanto gozo a vista soberana
Onde o sentir commum ficaua falto
Não podẽdo entẽder q̃ em cousa humana
Se pudesse esconder valor tam alto:
Qual vista de Acteon outra Diana
A vi com desusado sobresalto
Fogir de hum Fauno ousado q̃ defronte
Vem saltando tras della para o monte:

Não pode em mi sofrer a ardente chama
Que em fogo me abrasaua o viuo peito
Que não saise dentre a verde rama
Por atalhar ao Fauno o passo estreito
Elle voltando em ira aceso brama,
Ou se tornou por medo, ou por respeito,
E a nimfa que do monte estaua vendo
Outra ves para o valle vem decendo.

O pejo de ser vista em tal estado
Mil vezes lhe mudaua a cor fermosa
Passada vinha do temor passado
Mas tornaua a corar de vergonhosa
Em igual posto eu tinha o meu cuydado
Quando ella mais corrida, & vagarosa
Segura para o rio se chegaua
Que de contente as ondas leuantaua:

Voltou a mi de perto o rosto ledo
Em graça de valerlhe em tal perigo.
(Quem julgarà de Amor este segredo,
Que com isto cobrou nouo inimigo)
Mais perto me cheguei deste penedo
Estreitando o caminho que hora sigo
Onde paßando a ninfa deligente,
O caminho atalhei ligeiramente.

Porem tocando o peito delicado
Logo a pena senti do desatino
Que ella cõ força em tão leuãta obrado
E inuoca contra mi poder diuino.
Sem ella, entre estes ramos enleado
Fiquei como permitte o meu destino,
Aos membros o vigor lhe vay faltãdo,
E em liquido cristal se vão trocando.

Dos olhos corre a vea clara & pura
Que em si recolhe o peito como hum seo
Partese em dous regatos a verdura
Criando varias flores pelo meyo:
A voz ja não se entẽde, mas mormura
Por entre os aluos seixos, nouo enleo,
E porque o peito estaua em fogo ardẽdo
Tambem com fogo as agoas vẽ nacẽdo.

Tudo

*Tudo isto via o fauno, que tornara*
*Buscar a bella ninfa aquem perdera,*
*E vendo como assi me transformara,*
*E que elle de meu mal a causa dera,*
*A amor a minha historia perguntara,*
*E por ordem dos fados a escreuera*
*Deixandoa nestas pedras escondida*
*Ao segredo do tempo offerecida.*

*Se algum pastor aqui por sorte estranha*
*Descobrindo esta pedra tosca & dura*
*Das correntes, & cãpos, q̃ o Lis banha*
*Achar esta encantada sepultura.*
*Conte aos guardadores da montanha*
*O segredo que vio nesta ago a pura*
*Pera que nella vejão cada dia*
*Como castiga amor hũa ousadia.*

ENleados ficaraõ todos os pastores ouuindo a estranha historia de Sileno, & vendo ante seus olhos exemplos, & sinais de seu successo, virandosse hũs pera os outros como que emudecerão, sinificauão o espanto daquella nouidade. E depois de algum espaço tomaraõ entre si parecer do que farião. Hũs julgauão, que era bem ficar no mesmo lugar aquella historia enterrada, outros, que a diuulgassem primeiro a todos os moradores do valle, dos quais aly vierão algũs jũto da noite, pera se banharẽ nas agoas da fõ

que contra muytos males tinhão aprouada virtude. Como em fim anoiteceo, ouueraõ, que ao outro dia tomarião sua determinação,& com esta se apartaraõ, leuando pera o lugar aquella antigualha, a qual todos aquelles primeiros dias foy muy vista,& celebrada, asi por cousa dina de memoria, como por ser castigo dado por amor, a quem elles seruião, que he cousa muyto ordinaria approuar as grãdezas de hum poderoso, quem se confessa por seu sugeito.

## FLORESTA TERCEIRA.

AQuella noite,& a que depois se seguio, passou Lereno emquieto sono, sem lhe vir à lẽbrança mais, que as occupações, & passatẽpos do dia, o qual elle gastou cõ os pastores, celebrando cõ musicas & canções o segredo, que aquelle penedo guardára tantos annos, pera se manifestar em tal idade. Passados estes primeiros, amanheceo ao outro dia, em o qual, o pastor, triste & pensatiuo sem conhecer a causa de sua mudança, aborrecia a cõuersação dos companheiros,& a companhia do seu gado. Asi deixandoo no pasto se foy ao longo do rio ribeira acima, ate dar nas fraldas delle, em hũa cõfusa penedia, cuberta de aruores syluestres, q̃ dos cauernosos riscos, por entre escuro musgo vem sayndo:& junto a hum penedo, de que por cima da viçosa ruda,& crespa tageda cahião alguãs gotas, vio hũa lapa talhada entre dous penedos mal cuberta de hũa lagem, que por mão da natureza parecia fabricada, afastou elle a pedra,& entrando na coua, ouuia dentro o furioso ruydo do rio, que por baixo daquellas concauidades se espedaçaua, & a terra como abalada daquella furia estaua tremendo. Pareceolhe ao pastor o lugar conforme a inclinação que aly o guiara,& entrando pouco a diante se assentou

assentou sobre hũa pedra, onde ao som das, agoas que nella batiam, começou a cantar deste maneira.

*Tristezas, pois me buscais,*
*Dizeime o que pretendeis,*
*Que eu não sei porque naceis*
*Nem de que vos sustentais.*

*Se em meu liure sentimento*
*Tiuera amor feito proua,*
*Sospeitàra que ereis noua*
*De amoroso pensamento,*
*Porem não trazeis sinais*
*Que mostrem donde naceis,*
*Deixaime não me canceis,*
*Pois em balde vos cançais.*

*Se vindes porque algum dia*
*Me vistes mais natureza*
*Pera males de tristeza*
*Que pera bens de alegria.*
*Sabei, que antes que venhais*
*Bem pode ser que enganeis,*
*Porem como entristeceis*
*He certo que aborreçais.*

*Se vos manda a sorte dura*
*Pella causa, que em mi ve*
*Tristezas, sois sem por que,*
*Porque eu não busco ventura.*
*Se vindes porque buscais*
*Tristes a quem contenteis*
*Muyto mal me conheceis,*
*Que eu não sou quem vos cuidais.*

*Ide a buscar quem vos ama*
*Despresando a minha sorte,*
*Quem acha gloria na morte,*
*Quem na busca, & quẽ na chama.*
*E pera que conheçais*
*Se he justo que me ensadeis*
*Vede o mal que me fazeis*
*Vede o bem que me tirais.*

CAntaua o pastor, & daua mais tristeza a sua voz o eccho que atornaua a trazer de entre os rochedos, ate que em sospiros no ar a desfazia: tudo isto consertaua tal armonia pera os sentidos, que antes do fim da cantiga Lereno adormeceo, & não ja por pequeno espaço, porq̃ quando acordou de hũ pesado sonho, era a tẽpo que o Sol estaua

no mais alto do meyo dia, & não atinando com o lugar por onde entrára se foy metendo, pella lapa adiante cuydando, que sahia della, & da ly foy sair a hum fermoso prado cuberto de graciosa verdura, onde como em jardim proprio da natureza, auia toda a variedade de flores, & boninas: em roda era cercado de muytas aruores, que sem ordem, mas com hum apprasiuel desconcerto estauão entremetidas: em meyo do copado salgeiro, & sombrio freixo se leuantaua o funebre acipreste, sobre o sagrado louro & branco Alamo se derramaua em curiosos laços a verde parreira: & da amorosa murta, que com meudas ramas, cercaua os cibados repressentando artificiosas figuras, que de outras cheirosas flores se cobrião, & ao longe apparecia com agudas folhas o aspero pinheiro pello pé de huã serra que por ambas as partes se aleuantaua, & na decida della ficauão algũas cabanas de pastores, obradas com muyto artefício, & galantaria. Espantado ficou Lereno da quella estranheza, vendo junto no valle onde se criara, cousa q̃ os naturais delle nunca virão. E desejoso de saber em que lugar estaua se foy para hũa fonte, que corria entre o aruoredo, aqual nacia das entranhas de hum marmore, donde a agoa hia tirando branca & meuda area que como ourella daquelle prado com os rayos do Sol resplandecia, aly achou hum cajado sobre a verdura como que a alguem esquecera naquelle lugar, & leuantãdoo entẽdeo que deuia ser de algũa pastora, que alem de estar sotilmente laurado tinha no rematte hũa figura de mulher, tirada ao natural, com elle foy o pastor tomando hum caminho que por entre altas aruores guiaua ao cume do monte, & depois de andar por elle grande espaço em hum piqueno campo que cobria hũa copada aueleira vio que estaua dormindo huã pastora, em cuja vista elle ficou taõ alheo de todos os

sentidos,

sentidos, que nem atinaua, no que faria, nem lhe lembraua a estranha ventura que aly o trouxera, & enleado neste sobresalto como quem sem alma ficara, esteue contemplando a fermosura que via no bello rosto, que com hum fraco rayo de Sol, que de pura inueja por entre os ramos a descobria representaua na terra huã fermosura diuina, a cor com hum transparente cristál que cuberto de rosas as retrataua, a boca de dous fermosos robins que ao doçe respirar do sono descobrião, hum thesouro de ricas perlas onde as orientais ficauão sem preço, os fermosos olhos ainda cerrados por entre negras pestanas estauão faiscando rayos de Amor, os cabellos em aneis soltos sobre as flores, que mal julgaua a vista a cor, que tinhão, porque hora com transparente mouimento parecião douro, hora variando a vista com hum fermoso escuro se entristecião. Tinha vestido hum vaqueiro de monte guarnecido de aluas pelicas com viuos amarelos: huã aljaua de douradas setas debaixo da cabeça, & o arco metido pello braço esquerdo, como que cansada da caça adormecera. Depois que o pastor, como quem acordaua de hum pesado sonho, tomou ousadia, & entrou em imaginar no roubo de sua liberdade, julgando, que ou a que dormia fosse a fermosa Diana, que esperaua o seu querido Endimião naquella montanha, ou a bella Venus, que com as armas do poderoso filho buscaua o bello Adonis, porque nem o lugar tinha por morada de homens humanos, nem aquella fermosura, se não por extraordinaria: nem ousou despertalla, nem esperar, que acordando perdesse com o bem que tinha as esperanças doutro furto tão venturoso: & tomando da aljaua huã seta, não na fiando do çurram a meteo no seo, & escreuendo no cajado, que achara estas palauras lho deixou encostado sobre o braço.

*Dormindo mais descuidada*
*Quem te ve deixas sem vida,*
*Mas foge a caça ferida*
*E vay morrer apartada,*

*E porque alguem não cometa*
*Leuar tal presa por sua,*
*E se conheça que he tua*
*Leua no peito hũa seta.*

COm isto se foy Lereno, mas como deixaua os olhos & o sentido no lugar de que se apartaua, a cada passo per dia outro por alcançar com a vista aquella gloria: & ja donde escaçamente por entre os ramos a hia diuisando, vio que acordaua, & que abrindo os olhos encheo de noua graça as aruores, as eruas, & as boninas, como que de sua vista todas nacião, & espantada de ver sobre o braço aquelle cajado, que aly não trouxera, pondo os olhos nelle, vio as letras, qué o pastor de nouo lhe escreuera, & não se mostrando descontente do que dizião, lançando a aljaua ao hombro, o leuou consigo, & em ligeiro passo qual a fermosa Atalanta atrauessou o monte, donde Lereno perdendoa de vista se apartou logo, & foy buscar o passo por onde entrara, sahindo ao seu conhecido pasto, tão alheo de si, pello que vira, que as proprias ouelhas o estranhauão, & cõ os olhos nelle, deixando as eruas, cõ sentido balar, parece, q̃ estauão perguntando a causa de sua mudança, ao que elle respondia com algũs sospiros, que as amedrentauão, & daly a pouco espaço, guiandoas pera o curral, lhe foy cantando esta cantiga.

*Desconheceisme meu gado*
*E pois que assi quer Amorr,*
*Buscai de oje outro pasto*
*Que eu ja tenho outro cuidado.*

*Em quanto mais não cuidaua,*
*Que em vosso pasto, & defensa*

*A todos fiz differença*
*No modo com que pastaua,*

Agora

*Agora sereis tratado*
*Como me tratar amor*
*Não sei inda se em pastor*
*Porque he albeo o cuydado.*

*Minhas ouelhas queridas*
*Que amim voltando ballais*
*Pareçe que adeuinhais*
*Em verme que estais perdidas*
*Ia se troucou meu cuydado*
*Perdeosse o vosso pastor*
*Mal tereis bom guardador*
*Em quem foy tão mal guardado.*

*Nunca assi me acautelei*
*Do dano que em vão temia*
*Posto que então não sentia*
*Pareçe que adeuinhei*
*Tambem vos sentis meu gado*
*De certeza, ou de temor*
*Que perdeis hum bom pastor*
*Perdido por hum cuydado.*

*Não guarda o tempo respeito*
*A alguem, que com gosto viua*
*O que he mais liure catiua*
*E faz liure o mais sujeito,*
*Ereis tè gora o meu gado*
*Eu era o vosso pastor*
*Hoje tenho outro senhor*
*Vos tereis outro criado.*

ASsim leuaua Lereno o seu rebanho, antes que os outros pastores recolhessem o gado, porque sempre a hũ saudoso a noitece mais cedo, & logo em sayndo do valle na encruzada de dous caminhos, que vão entre os pumares da Aldea, vio estar duas pastoras Bellisa, & Pinea sentadas ao pe de hum amieiro, com hum papel na mão, o qual hião lẽdo a espaços com tanto riso, & differença, que ao mais descuidado farião cubiça de ler o que continha: & posto que elle passou sem mostrar este desejo, como ellas o teueraõ de lhe communicar aquella graça, leuantarãose a tempo, q̃ o pastor as saudou, & Bellisa disse para elle. Aqui verás Lereno a obediencia, que te guardão as pastoras da mõtanha, que ate o segredo de seus amores te cõfião: agora se me peitares te direi hũs meus, que ainda que a dama he tão fea, não saõ pouco engraçados: a o que o pastor respondeo, contrafazendo

trafazẽdo alegre rosto,nẽ eu tenho da causa essa opinião, nem delles deixarei de ater muyto boa sendo taõ bem empregados,de peita te offereço o gesto & desejo, que ja tenho de o saber & se mais queres de mim, escolhe como em cousa tua. Ia ouuirias(tornou ella) que não ha mulher, que não tenha hũa parte de fermosa,& esta he muyto grãde pera imaginarẽ todas,q̃ o saõ,eu por meus peccados ha muyto tẽpo,q̃ me tinha por a mais desemparada neste engano, sem achar no meu rosto cousa q̃ podesse ferir hũa faisca de amor. & quando cõ esta magoa me tinha por liure de seu seruiço,de subito se me leuantou hum amante,que cada hora leuanta mil testimunhos á fermosura,& por a minha ser extraordinaria, quis, que tambem nella o fosse a causa de sua affeição,& affirma, que se namorou de mim vendome merendar ao pe de hũa fonte,da verdura,que os pegureiros trazião das hortas:não sei,se na vontade cõ que eu comia, se no sabor dos manjares achou graça que esta esperdiçado por meus amores,como o cõfessa em hũa carta, q̃ e Pinea, & eu lhamos quando chegaste. Por certo(disse Lerene) deixando as mais razões,que o pastor tem de ser teu perdido, que he essa de muyta força,mas se a carta tẽ tanta pera alegrar a hum triste como o conto a teue,não te escusaras, que a não leas. Isso auia eu de fazer (tornou ella) ainda que tu não quisesses,& se vinhas triste, ja me podes agradecer o remedio. Esse vem tarde(disse Pinea)pois qualquer espaço, que cortas com a pratica deues em restituição a carta. Então começou ella em alta voz, & dizia desta maneira.

Não te quero bẽ pera que mo queiras pois(mal peccado) ja sei,que he cousa escusada,mas porque não posso alfazer de minha vontade,se tomastes em teima quererme mal á cinte,praza a Deos,que não to acoime, antes te arrependas a tempo,que amor com sanha não seja vingado. Desejo saber o

ber o por que te aborreço,se tu o fabes dizemo,terei fe quer da tua boca hum defengano,mas defcança de deixar de te querer, por muitos que veja, porque tambem o meu coração aprendeo dos teus olhos a fer teimofo, tambem fei que me trazes entre os dentes, porque quando me namorei de ti eftauas comendo , porem vejo, que não he muyto que efcarneças de quem tomafte em defprezo de matar : hũa troua te mando,que janda a eu ouue, fe te não aprouuer farei conta que tal he a minha dita.

*SE quando merendaua fobre o prado*
*Eu ferrara os meus olhos entramentes,*
*Quiçais me não trouxeras entre os dẽtes*
*Onde me tens Bellifa atraueffado.*
*Porem eu era endouto mal peccado*
*A outras condições muy differentes,*
*E afsi neftes defejos muy contentes*
*Amor me enfeitiçou co teu bocado.*
*Logo agourei dali tanta mofina,*
*Que o chorar tenho fò em boa eftrea*
*Sem ter ora outro mal de q̃ me queixe:*
*Certo he,que hei de morrer nefta contina*
*E que fe ha de dizer por toda a Aldea,*
*Que morri polla boca como o peixe.*

BEM declara o pobre amante fua paixão (diffe Lereno) com as palauras que fabe,perẽ val pouco a razão, pera merecer onde fe feftejaõ com rifo males taõ verdadeiros, querelhe

trafazẽdo alegre rosto,nẽ eu tenho da causa essa opinião, nem delles deixarei de ater muyto boa sendo taõ bem empregados,de peita te offereço o gesto & desejo , que ja tenho de o saber & se mais queres de mim, escolhe como em cousa tua. Ia ouuirias(tornou ella) que não ha mulher , que não tenha hua parte de fermosa,& esta he muyto grãde pera imaginarẽ todas,q̃ o saõ,eu por meus peccados ha muyto tẽpo,q̃ me tinha por a mais desemparada neste engano, sem achar no meu rosto cousa q̃ podesse ferir hũa faisca de amor: & quando cõ esta magoa me tinha por liure de seu seruiço,de subito se me leuantou hum amante,que cada hora leuanta mil testimunhos á fermosura,& por a minha ser extraordinaria, quis , que tambem nella o fosse a causa de sua affeição,& affirma, que se namorou de mim vendome metendar ao pe de hũa fonte,da verdura,que os pegureiros trazião das hortas:não sei,se na vontade cõ que eu comia, se no sabor dos manjares achou graça que esta esperdiçado por meus amores,como o cõfessa em hũa carta, que Pinea, & eu liamos quando chegaste. Por certo(disse Leren) deixando as mais razões,que o pastor tem de ser teu perdido, que he essa de muyta força,mas se a carta tẽ tanta pera alegrar a hum triste como o conto a teue,não te escusaras, que a não leas. Isso auia eu de fazer (tornou ella) ainda que tu não quisesses,& se vinhas triste , ja me podes agradecer o remedio. Esse vem tarde(disse Pinea)pois qualquer espaço, que cortas com a pratica deues em restituição a carta. Então começou ella em alta voz, & dizia desta maneira.

Não te quero bẽ pera que mo queiras pois(mal peccado) ja sei,que he cousa escusada,mas porque não posso alfazer de minha vontade,se tomastes em teima quererme mal â cinte,praza a Deos,que não to acoime, antes te arrependas a tempo,que amor com sanha não seja vingado. Desejo saber o

ber o por que te aborreço, se tu o sabes dizemo, terei se quer da tua boca hum desengano, mas descança de deixar de te querer, por muitos que veja, porque tambem o meu coração aprendeo dos teus olhos a ser teimoso, tambem sei que me trazes entre os dentes, porque quando me namorei de ti estauas comendo, porem vejo, que não he muyto que escarneças de quem tomaste em desprezo de matar : hũa troua te mando, que janda a eu ouue, se te não aprouuer farei conta que tal he a minha dita.

*SE quando merendaua sobre o prado*
*Eu serrara os meus olhos entramentes,*
*Quiçais me não trouxeras entre os dẽtes*
*Onde me tens Bellisa atrauessado.*
*Porem eu era endouto mal peccado*
*A outras condições muy differentes,*
*E assi nestes desejos muy contentes*
*Amor me enfeitiçou co teu bocado.*
*Logo agourei dali tanta mofina,*
*Que o chorar tenho sò em boa estrea*
*Sem ter ora outro mal de q̃ me queixe:*
*Certo he, que heide morrer nesta contina,*
*E que se ha de dizer por toda a Aldea,*
*Que morri polla boca como o peixe.*

BEM declara o pobre amante sua paixão (disse Lereno) com as palauras que sabe, porẽ val pouco a razão, pera merecer onde se festejaõ com riso males tam verdadeiros, querelhe

querelhe bem,pois o deues a quem te ama,& não tomes em graça a ſua pena. Ainda eu ſou mais ditoſa(diſſe então Beliſa) do que cuidaua, que ja que o meu galante não tenha partes merece ter hum alcouiteiro a quem ellas não faltão. Tambem eſſa tenho por boa (reſpondeo elle) folgo de to parecer, & logo me pus da do teu namorado,porque lhe ſenti razão,pella cauſa que eſcolheo pera affeiçoado. Sô eſſa parte teue boa(tornou ella)porque eſtou bem cõ amores de merendar.& não hũs,que ſaõ puro faſtio,porque quẽ com elles trata,logo moſtra na cor a fraqueza em que poẽ o coração. Liure eſtâ o teu(lhe reſpondeo Pinea) d'eſſe perigo com o vaqueiro da carta,& pois que a leſte a Lereno, o menos ſerà dizerlhe o nome. Em eſtremo (diſſe elle) folgarei de o conhecer,pois ja me eſtâ em diuida da boa vontade q̃ moſtrei em ſua auſenciâ,para ſaber ſe a empreguey tão bem,como elle o ſoneto,que te eu não ſei gabar. Outro dia(tornou ella,terâs mais larga informação de ſua preſença, & pois eſte he acabado,vay teu caminho,que o noſſo fica deſuiado. Iſto moſtrou o paſtor,que fazia contra ſua võtade,& deſpedindoſe tomou pera os currais, imaginando em ſeu emprego,que mal pode o de bẽs alheos tirar a hũ triſte o ſentimento de males proprios.

---

## FLORESTA QVARTA.

Euantouſe Lereno ao outro dia em amanhecendo, porque cuidados de amor não ſofrem quietação em hũa alma que o ſerue, & deſejando communicar aquelle eſtranho ſucceſſo a quem lhe aconſelhaſſe o que faria,ſe paſſou alem do rio Lena a buſcar hũ antigo paſtor ſeu grande amigo, que habitaua naquellas

montanhas em hum casal apartado, liure do trato, & conuersação da Aldea, contente da soidão daquelles outeiros, do interesse de seu rebanho, & dos desenganos, que cõ a idade, & experiencia tinha grangeado. E antes de Lereno chegar aonde elle moraua, o vio estar ao lõgo do rio Lena debaixo de hum antigo castanheiro, em cuja roda o seu rebanho andaua pastando, & ao som de hum dourado salteiro com cançada voz, & muy suaues accentos cantaua o seguinte.

*EM quanto està o auaro em seu thesouro*
*Ceuando os olhos, dando ao pensamento,*
*Materia a vam cobiça de mais ouro.*
*Em quanto o nauegante ao leue vento*
*Entrega com as vellas a esperança*
*Do temor dos perigos liure, & isento.*
*Em quanto vay regendo a grossa lança*
*O soldado atreuido cujo estado*
*Sò nos braços da morte enfim descança:*
*Em quanto em vãs promessas leuantado*
*Segue o trato da corte perigosa*
*Quem tão tarde se vè desenganado.*
*Em quanto na cidade populosa*
*Não cessa a confusaõ de humana gente*
*Onde reina a mentira poderosa.*
*Pascei minhas ouelhas liuremente*
*A verde herua deste valle vmbroso*
*Fartainos de esperança tão contente.*

*Gosai do louro Sol claro & fermoso*
*Agora que vos mostra a face sua*
*Sem seu rigor ardente, & furioso.*
*Nenhũa flor o Ceo vos excetua*
*De quantas pera os olhos mostra, e cria*
*De dia o claro Sol, de noite a Lũa.*
*E eu debaixo desta aruore sombria*
*Assentado sobre eruas, & entre flores*
*Vos estarei guardando todo o dia:*
*Daqui vos contarei dos meus amores*
*Ao som do meu rabel ja tão gabado*
*Entre as mais das pastoras e pastores.*
*A vos darei os olhos, & o cuidado,*
*Vos me dareis do leite, & da lam vossa*
*trarmeis assi vestido, & abastado.*
*Contente viuirei na minha choça*
*Sem querer dar à vida, & ao temor*
*Os bẽs de que a fortuna desapossa.*
*Eu gozarei da vida a meu sabor,*
*E vos a passareis tambem segura*
*Sem recear ao lobo roubador.*
*Ande o rico melhor tras da ventura,*
*Melhorese em cubiça, & em riqueza,*
*Que iguais nos ha de achar a sepultura.*
*Mais rica he que a ventura a natureza,*

*E quando*

*E quando hũ pobre alcança tãto della*
*Não tẽ q̃ querer mais, q̃ esta pobreza.*
*Prosiga o nauegante a sua estrella*
*E sobre o fraco lenho no mar alto*
*Ande sempre cõ os ventos em cautella.*
*Que eu liure estou do procelloso assalto.*
*E quando o Ceo se mostra turbulento*
*Fico vendo os perigos de mais alto.*
*Se me chouera agora neste assento*
*Debaixo de outro tronco me amparara*
*Valendome dos pès não ja do vento.*
*Se a calma là no campo me apertara*
*Quã presto achàra esta aruore sombria,*
*Que dos rayos ardentes me liurara.*
*Se a cede c'o desejo de agoa fria*
*Me importunara andando pella serra*
*Quam cedo para o valle deceria.*
*Busque o guerreiro forte a dura guerra,*
*Ou pello largo mar no lenho breue,*
*Ou por varios successos cà na terra.*
*Ache às pesadas armas trajo leue,*
*Tenha os mores perigos por vitoria*
*Atè pagar á morte o que lhe deue.*
*E no lugar da honra, fama, & gloria*
*Ache mais certo o fim, q̃ a vida atalha*
*De que a poucos depois fica a memoria.*

*Que eu ca viuo seguro de batalha*
*Auẽdo o meu pellico, & o meu cajado*
*Por elmo, lança, arnes, escudo, e malha.*
*Não vejo o esquadrão forte ordenado*
*Cõ estranha inuenção, e modo estranho*
*De ferro, fogo, e de furor armado.*
*Contente os olhos ponho em hum rebanho*
*Cujas naturais armas para o frio*
*Para elle, & para mim ficão de ganho.*
*Siga da corte, a gala, o termo, o brio,*
*O engano, o estilo, & a priuança*
*O que deseja mando, & senhorio.*
*Que em quanto viue, e morre de esperãça*
*Que tanto dura quanto a vida dura,*
*E tanto cança quanto a vida cança.*
*Eu logro as agoas desta fonte pura*
*De quẽ me está mostrando o claro seo*
*A boliçosa area mal segura.*
*Não esconde outro mal nem outro enleo*
*Outros intentos vãos, outros sentidos*
*De que me possa vir algum receo.*
*Liure estou de tratar peitos fingidos*
*Que fazem mil enganos á verdade,*
*E enganão com palauras mil ouuidos.*
*Estou liure de enganos da cidade*
*E sem*

*E sem mais desejar outro poder*
*Tenho (sequer) de meu a liberdade.*
*Trago bem custumado o meu querer*
*Se não tenho do pão como da avea*
*Não guardo que esperar nẽ que perder.*
*A minha casa he pobre, he sempre chea*
*Não desse metal triste, & descorado*
*Que a tantos teme, & tãtos senhorea.*
*He chea com hum surrão mal pendurado*
*Cõ hũ tarro cõ hũ cabas, e cõ hũ pellico*
*Hũa frauta, hũa funda, e hum cajado.*
*Nella asi pobremente viuo rico*
*E porque como sò por mantimento*
*Com pouco mantimento farto fico.*
*O ouro não me offende o mar nẽ o vento*
*O temor, e os despojos, que ha na guerra*
*Da corte a esperança, & pensamento*
*En quãto tarda o Ceo quero esta terra.*

CAntaua o sabio velho, & o namorado pastor por de tras de hum saudoso penedo o estaua ouuindo com inueja muy justa de seu contentamento, & acabada a cantiga, chegou pera elle, de quem foy com muito gosto recebido, e entre hũ amoroso abraço lhe disse estas palauras. quam mal esperaua eu Lereno de te ver neste desuio, despois que tanto tempo te esqueceste delle, & de mim. Bem me conheço eu por descuidado (tornou o pastor) mas o meu rebanho me disculpa q̃ andou estes tẽpos atras derramado,

 & despeso

& despeso com as cheas do inuerno,e das minhas mais esti
madas ouelhas,quatro entre os salgueiros salteadas das a-
goas do monte perecerão cõ os tenros cordeirinhos,que as
seguião:mudeilhe o pasto pera o monte onde os ventos cõ
mayor,força as derribauão,& amedrentadas dos rayos, q̃
sobre os caualhos decião,deixauão o pasto,e à sombra dos
desertos penedos se abrigauão:ficarão tão magras, e eu tão
cansado,que nem guialas podia,nem ellas seguirme,agora,
que com a entrada do verão,& cõ o nouo pasto,começauão
a engordar ao olho perdi eu o gosto dellas,& o cuidado da
vida,por isso não te espantes de o não ter de te buscar, que
ainda agora o faço mais polo que conuem ao remedio de
minha tristeza,que pelo q̃ te deuo. Que cousa ha de nouo
(perguntou o velho)que em ti fizesse tanto abalo,ou donde
te podia nacer esse desgosto,se he da perda do gado, não na
estranhes,pois não foste só,que das minhas rezes do ar mẽ-
tio duas no salto da valla me morrerão,& a minha doura-
da cõ dous nouilhos em poder de famintos lobos acabou.
Das ouelhas,a mayor parte ao desamparo dos pegureiros
se perderão. As cabras com a ruyna destes barrancos, hũas
ficarão viuas,& enterradas,outras cahindo na furia da cor
rente,entre os borbulhos da agoa,se afogarão, & quando
as perdas são de tantos, não te entristeças polla que te ca-
be,que assi como os annos se mudão,tambem se melhorão.
Não he essa(respondeo Lereno) a causa de meu desgosto,
ainda que deua ter muyto do dano do meu gado,como seu
pastor,mas em quanto com a falta delle tinha liberdade,
esperaua(como tu dizes)o remedio da mudança, porem fiz
outra em minha vida,que ouuera por barato perdela quan
do começou. A isto atalhou o velho com hũ sospiro,e disse.
Amigo Lereno,se eu não perdi de todo o sentimento, teu
mal he de amores,& não sem causa o tens por perigoso,
mas

mas pois em o communicar está às vezes a cura delle, contame o que te aconteceo. Não ouzo (respondeo elle) cõ temor de achar nisso o mayor perigo, porq me não esquece, que ja te ouui, que os thesouros de encantamento, que apareciáo como em sonhos sòmente communicados, se perdião, & porque eu tenho por tal este, que amor dormindo me doscobrio, guardo segredo ate lhe ver o successo. Quem poupa thesouro de males (lhe disse o velho) de crer he, que por vontade os padece: & pois tu os estimas não te queixes Ah fiel amigo (respondeo elle) bem entendes tu, pois amaste n'a mocidade, que os tormentos nacidos de affeição, só em a dor saõ tais, & que não ha esta sem queixume, dado q́ aja gosto em os padecer. Quẽ ama, viue nestes encontros e desconcertos, hora procurando por remedio o que lhe causa pena, hora enganandose a si por saluar a sem razão do q́ sête. Daqui nace, que vindo em ty buscar remedio de meus danos, estou callando o mal donde naceraõ, como que pudesse sem informação ser curado. Não està de todo fora de si (tornou o velho) quem conhece seu erro antes de arrependidó, & agora he o tempo em que tem cura essa doença. Amor (como sempre ouui dizer) em minino he brando, & facil de dobrar, em velho he firme, & rigurοso, & ou dura com a vida, ou muito à custa della se acaba. Nestas razões estauão os dous pastores ao longo do rio, quando do outeiro bradaraõ ao velho, que subisse com o gado. Lereno o ajudou a guialo, posto que elle o escusasse, & tambem de deixarem a pratica: com tudo foy de gosto o caminho, porque chegando à coroa do monte: no chão delle estauão dous pegureiros, que ao olho do Sol trosquiauaõ as ouelhas, & descançando ao tempo, que o amo chegaua com a companhia de Lereno em preguntas, & respostas, cantaraõ esta cantiga.

*Onde es Gil, que te não vem,*
*No pasto, nem no curral?*
*Bofe Lourenço ando tal,*
*Que me não verá ninguem.*

*De quem andas escondido*
*Se es de todos desejado?*
*Demim ando homisiado*
*Por hum crime não sabido.*
*Contame como, & de quem,*
*Que eu terei segredo igual.*
*Faço alquimia de meu mal*
*Pera conuertello em bem.*

*Se isso a teu querer não falsa*
*Temes o que te aßegura.*
*Temo que saiba a ventura*
*Que inuentei moeda falsa.*
*E se amigos sos te vem*
*Porque temeras tu tal.*
*Porque me hão de querer mal*
*Como me virem ter bem.*

*E cres, que o mal que te estraga*
*Em tal lugar se te ponha?*
*Sim, não se faz da peçonha*
*Contra a peçonha triaga.*
*Faz, & o mal, que por bem vem*
*He por ser menos mortal.*
*Pois não farei bem de hum mal,*
*Que naceo de querer bem.*

*Queres Gil darme a receita*
*Do que achares, como amigo?*
*Buscalla antes do perigo*
*Lourenço pouco aproueita.*
*He logo a fortuna tal,*
*Que não lhe escapa ninguem.*
*He, mas no tempo do bem*
*Ninguem se arma contra o mal.*

Cantauão os dous pegureiros muyto bem, & Lereno, que não perdeo o sentido da cantiga, acabada ella disse para o velho. Razões saõ aquellas de exprimentado, & he bom conselho o que dellas se tira: se ouuera arteficio tão poderoso, que apurasse os males de maneira, que ficassem em ouro, mas como elles em tudo saõ fezes, custoso deue ser aquelle segredo. Muyto custa o bem, respondeo elle, & tudo acaba o siso, e apersia, e de ver as cousas, & ainda cometellas

mettellas a alcançallas ha grande differença: não te enganes,que quanto amor faz dos homẽs com seu poder, tanto os homẽs fazẽ de amor cõ sua cautella, & não sey se diga q̃ mais,pois elle obriga a hũ homẽ a querer bem,a quẽ com fermosura,graça,ou outras partes naturais o contenta, & os homẽs com juyzo,& razão obrigão muytas vezes, que os ame hũa mulher,aquẽ aborrecẽ: & por q̃ a idade ategora te não deu lugar pera mais experiencia,antes pera taõ poucos annos alcançaste muyta, tudo te mostrará o tempo a diante. Agora vamos té a minha cabana, que se faz tarde,e antes que se ponha o Sol,quero q̃ vejas os enxertos do meu pumar como estão crecidos,& la saberei o successo de tuas cousas,& procuraremos ambos o remedio dellas, que esta noite por força seras meu hospede. Não foraõ necessarios muitos rogos pera q̃ Lereno lhe obedecesse, & logo forão pelo valle abaixo té a cabana,q̃ no fundo delle estaua. Contente Lereno cõ a companhia do sabio pastor,imaginando, que no seu conselho acharia principio de remedio, que o mayor que tem os males de amor, he serem guiados por exemplo de successos alheos.

---

## FLORESTA QVINTA.

Descuidado viuia Lereno dos estremos, q̃ Lisea fazia em sua ausencia,que o amor que em presença dissimulara muyto tẽpo, não podia então encobrir a dor de falta tão custosa. Elle buscaua conselho pera outro cuydado,que o chamaua. Ella não encontraua pastor no valle a que não perguntasse, se vira o seu Lereno, dando a entẽder cõ sospiros a pena q̃ sentia de o não achar. Correo o valle,& o mõte, tornou emfim ao lõgo da ribeira

do Lis onde achou o ſeu rebanho,cujas ouelhas como ſaudoſas de tão bom paſtor, hũas olhando para o pegureiro, deixauão de comer a meuda relua,outras vendo nas fontes á ſombra de ſua figura,com triſtes ballos o chamauão. Aly ſe aſſentou Liſea defronte dellas ao pé de hum freixo, por entre cujas rayzes paſſa o ribeiro,que com apreſſado murmuro vay fogindo da fonte donde nacera,& aly tirando do çurraõ hũa pena,& papel,eſcreueo eſtas palauras.

*Ati guardador perdido*
*Que deſamparando o gado,*
*Sem te aueres por culpado*
*Andas com razão fogido.*

*Hũa paſtora enganada*
*De teus poderes vencida*
*Te roga & deſeja vida*
*Inda que lha tens tirada.*

*Não pareces ha mil dias,*
*Nem eu ſey aonde te eſcreuo,*
*Sey,que não faço o que deuo,*
*E faço o que me deuias.*

*Mas não he cauſa de eſpanto,*
*Que neſtes erros acerte*
*Quem ſem ti ſoubequererte*
*E te ſoube querer tanto.*

*Buſquei montes,buſquei valles,*
*E onde te buſque não ſei,*
*Porque das nouas que achei*
*Abri caminho a mil males.*

*De quem foges,ou porque?*
*Aonde,& quem vas buſcando?*
*Olha,ſe não ves qual ando,*
*Que amor,que he cego me vè.*

*E ſe ategora calaua*
*Males,que ſò padecia,*
*Era,que em quanto te via*
*De nenhũ mal me lembraua.*

*Porem hoje,que o deſejo*
*Não acha quem lhe reſiſta,*
*Pois que te perdeo de viſta*
*Sente o mal em que me vejo.*

*Deixa deixa o paſto eſtranho*
*Tornate ao teu natural,*
*Se não te obriga meu mal*
*Lembrete o do teu rebanho.*

*Comque engano te aconſelhas*
*(Mas tu ſò es quem te engana)*
*Deixas Lereno a cabana*
*Perdes carneiros,& ouelhas.*

*Que em poder do pegureiro*
*Que repousa a bom sabor*
*Bradaõ pello seu pastor*
*Pelas fraldas deste outeiro.*

*A que te não ve de fronte*
*Balando o bocado perde,*
*E pisando o pasto verde*
*Fica com os olhos no monte.*

*E se andar teu gado assi*
*Tens por mal fraco,& pequeno,*
*Lembrate de ti Lereno,*
*Porque te esqueces de ti.*

*Se como eu vou sospeitando*
*Buscas fogitiuo amor*
*Onde o acharas melhor*
*Que onde elle te anda buscando.*

*Não fujas a quem se esconde*
*Por te esconder de quem te ama,*
*Ouue,& falla a quem te chama*
*Não chames quem não responde.*

*Mas ay triste,& sem sentido*
*Como eu mesma me condeno*
*A quem quereras Lereno*
*De que não sejas querido?*

*Quem te negarà a vontade*
*Tendo na tua esperança?*
*Se sò com hũa esquiuança*
*Me comprafte a liberdade.*

*Porem inda em termos tais*
*Que esse amor teu tenha fruito*
*Podete outrem querer muyto*
*Não te pode querer mais.*

*Acharas noutra ribeira*
*Pastora mais graciosa*
*Mais discreta,& mais fermosa,*
*Porem não que mais te queira.*

*Torna,conhece teu erro*
*Deixa hora a terra albea,*
*Que te quer bẽ toda a Aldea*
*Ninguem te quer no desterro.*

*E eu não te dou tão barato*
*Amor por não ser de preço,*
*Porque em nada desmereço*
*Senão se fores ingrato.*

DEpois que escreueo,& serrou a carta,com mil sospiros, que lhe naciaõ da saudade de Lereno , chegou ao pegureiro,que logo a conheceo , & com amorosas palauras lhe pergũtou.Que nouas tẽs Serrano do teu pastor? q̃ tãtos dias ha q̃ deixa este seu gado,e aty cõ os encargos delle.Bo

se(respon-

(respondeo o pegureiro)que te não darei boa conta de sua vida,porq̃ a elle dá tal de si,que não sei mais,que estranhar as nouidades que nelle vejo. E essas, quais saõ (disse a pastora)pode ser, que pellos effeitos se conheçao mal. Qualquer que o mal seja(tornou Serrano)he perigoso, & inimigo da vida,& do socego,porque Lereno atègora ria & zõbaua,hoje sospira & chora:buscaua os pastorès, agora foge delles:esmorecia sobre o seu gado,agora aborreceo, & desemparao:era aprasiuel a todos,agora intratauel: não sahia das festas e lugares publicos da aldea, hoje gasta o dia entre os matos,e a menor parte da noite na cabana: finalmẽte nẽ se lembra de sy nem viue,não sei aonde agora he ido nem donde lhe veo este cuydado com lastima delle o cõtei a minha tia Lisandra que como tu sabes entende das heruas, & das estrellas,& deue saber pellos finais a natureza do mal quem sabe darlhe o remedio: pela informação que lhe dey,disseme,que o seu mal era amor ou doudice, q̃ tanto monta.Se tal he,dao tu por finado, porq̃ Lereno he de fraca natureza,& os frenezis de amor muito poderosos pera a destruyr,não durará muito. E donde te vẽ a ty (perguntou a pastora)ter em tão ma conta os frenezis de amor. Pela que elle da,tornou Serrano,de quẽ o segue, e o serue. Nunca outra cousa ouui,se não blasfemar de suas sem razões:& ainda Lereno antes deste successo, ja doutiua dizia mal de seu senhorio,como quẽ agora auia de experimẽtar quãto custa conhecelo,se eu a tal estado chegasse, lõge va o meu agouro,antes escolhera a morte,q̃ a sugeição,por não aceitar vida em q̃ hũ homẽ ha de perder a propria võtade, e andar grãgeãdo a alhea,q̃ em galardão disto as vezes se entrega a outra,q̃ fica senhora dᵉ ãbas. Grãde he a força de amor,disse Lisea,e todos esses cõtrarios consente, mas não o agraues,porq̃ he vingatiuo, & não se paga de liberdades

alheas

alheas,& pouco te valerà conhecer seu dano pera fogirlhe, porq̃ a sogeição da võtade não deixa juyzo liure dõde fica leue a culpa de quem por sua causa comete desatinos. A isto lhe atalhou Serrano: fallas tanto ao certo, que me parece, que algum tempo tiueste esta doença, porque não pode saber tanto della quem a não sentio. Oxalà (tornou a pastora que (como tu dizes) fora só em algum tempo, que nenhũ eu tiue fora desta sugeição, & agora alem de sugeita estou catiua com tão pouca vontade, & esperãça de me ver liure, que não procuro mais, que fauorauel catiueiro. Não cuido eu (disse elle) que auera alguem, ainda que por natureza seja isento, que não queira conhecerte por senhora, quanto mais terte por obrigada, & com esta certeza ey dô de ty, pesame de teu mal, por que nenhum mereces: porem não te agastes, que se Lereno se acha bem com hũas eruas, que Lisandra andou buscando esta madrugada junto do Lena entre hũs penedos, tu aueras cura. A que eu quisera (respondeo Lisea) não he que me faltasse este mal, mas que a causa delle, ao menos com sua vista quisesse darlhe remedio. Cousa he essa (respondeo elle) facil de alcançar, & que ninguem te negarà. Só por teus meyos (tornou ella) a eu pudera auer muy cedo. Ainda he logo mais facil do que eu cuydaua (disse Serrano) porque não auera nenhũa cousa de teu gosto, que eu não faça com muyta vontade, & agora com mayor pella compaixão de ver tal a Lereno, por isso dizeme o que posso fazer em teu fauor. Nenhũa outra cousa mais (disse a pastora) que dareslhe esta carta como vier ver o rebanho, encobrindolhe agora o nome de quẽ ta deu porque nisso està a minha vida. Por certo (tornou Serrano) que a tens em perigo, por que eu procuro saluar de hum a Lereno, & tu queres, que o meta em outro. Porem (como dizem) âs vezes huã peçonha mata a outra, dàme a carta, &
guarda

guarda segredo no officio, que eu farei nelle marauilhas. Nouo coração me deste(disse a pastora)com essa promessa; & se eu lhe vir tão venturoso fim,como espero , prometo, que não te peze de empregares o cuydado em me valer. Mas agora dissimula,que vem decendo pello valle abaixo Nise,& encaminha com os olhos pera caifinge que me insinas a toada de algũa cantiga. Logo Serrano tomou o arrabil,& em voz baixa, como que insinaua , cantou este vilancete.

*Vay o rio de monte a monte*
*Como passarei sem ponte.*

*He o vao muy arriscado*
*Sò nelle he certo o perigo*
*O tempo como inimigo*
*Tem me o caminho tomado*
*N'um monte està meu cuidado,*
*E eu posto aqui noutro monte*
*Como passarei sem ponte.*

*Tudo quanto a vista alcança*
*Cuberto de males vejo*
*D'aquem fica meu desejo,*
*E d'alem minha esperança,*
*Esta contino me cança*
*Porque està sempre defronte,*
*Como passarei sem ponte.*

A Este tempo chegou Nise,& cõ a cor alterada da pressa que trazia,se assentou junto a Lisea,& Serrano,que logo lhe perguntarão a causa porque assi vinha. Venho (disse ella)fogindo do mais importuno pastor que ha neste monte,& este he Alceo,que ha mil dias que me persegue, & quer terme obrigada a ouuir seus desatinos. E com esses, que pretende(perguntou Serrano.)Dar a entender, que me quer muyto(respondeo ella)& he de tam pouco fruito o seu amor comigo,como o credito,que deseja que eu tenha delle. Com pouco se contenta quem padece(disse Lisea)quando se satisfaz,com seus males serem cridos,& não lhe deuia negar cousa tam facil,quem não faz conta de lhe dar outro reme-

remedio. Bom era esse (respondeo Nise) se asi pudessemos atalhar perseguidores de vontades alheas, não sey mayor barato, que darlhe essa fe, mas não ha nenhũ, a que não pareça, que de crerem sua affeição a pagaremlha não ha hũa jornada. A isto disse Serrano, com geito de magoado: quẽ se quer desobrigar todas as portas serra ao amor, & nesta determinação esta a culpa: pois não he taõ piquena diuida a de hũa affeicaõ verdadeira, que se possa hũa pastora isentar della, sem ser desagradecida. Porẽ esta ja tanto por custume esta semrazão, que tem suas esquiuanças por grandeza, & o que melhor he, que poucas passão sem pagar na mesma moeda a offensa que fazẽ aquẽ lhes quer bem. Não tinha Alceo em ty mao procurador (disse Nise) se entre nós se ouuera de julgar a sua causa, outro dia lhe virá em que esteja menos cruel, & mais affeiçoada. A este tempo decia elle de hum outeiro pera o valle, & Nise como o vio, se escondeo entre hũs syluados, & Serrano, & Lisea o ficaraõ ouuindo, que passou, cantando a cantiga, que se segue.

*Poderaõ pedras quebrar*
*Quando em duras pedras deraõ*
*Lagrimas, que não poderaõ*
*Comuosco nada acabar.*

*Lagrimas mal empregadas,*
*Pois sois mal agradecidas,*
*Sò da razão reprendidas,*
*E dà vontade choradas*
*Que mais podestes mostrar*
*A força de hũs olhos tristes*
*Obrigados a chorar,*
*Se quando em pedras caistes*
*Poderão pedras quebrar.*

*Como asi degenerais*
*Do poder que antes tiuestes,*
*Quebrais pedras aonde destes,*
*E hum coração não quebrais:*
*Se foy porque se perderaõ*
*As que então esperdicei,*
*Que tão pouco me valerão:*
*Como então as chorarei*
*Quando em viuas pedras derão.*

*Esse*

*Esse coração de fera*
*Nise, que me està diante,*
*Como he pera mim diamante,*
*E pera outrem banda cera.*
*Que remedio bastarà?*
*Pois que os mais não me valeram,*
*Contra a dureza em que està,*
*Mas que cousa poderà?*
*Lagrimas que não poderão.*

*Quem de vossa fermosura*
*Alcança o que me negais*
*Não me tem ventagem mais,*
*Que sòmente em ter ventura.*
*Não consente minha estrella*
*Que esta vos possa obrigar*
*Pois eu com seruir, & amar*
*Nunca ja pude sem ella.*
*Comuosco nada acabar.*

ATRAS de Alceo se leuantaraõ logo as pastoras, & com Sertano recolheraõ o gado, que em quanto durou o caminho lhe foy tocando hũa frauta, o que elle fazia com muyta graça, & com a noite que vinha ameaçãdo cõ grande escuro se foraõ às cabanas. Nise fogindo de quẽ a amaua, & Lisea buscando a quem lhe fogia (que nesta differença de cuidados se recrea amor, como inimigo do socego de quem o serue.

---

FLORESTA SEXTA.

DEPOIS que pello discurso da noite passada, o bom velho Titero soube de Lereno o que no valle desconhecido lhe acontecera, obrigado do amor que lhe tinha, gastou muitas palauras, & saõs cõselhos pello aquietar, temendolhe o risco do cuydado em que entraua, persuadiao, q̃ se não entregasse de proposito àquella fantasia, que o não tinha, antes a tiuesse por sonho como representaua, & com quanto a elle o mouião muyto as palauras do velho, & lhe tinha respeito de muytos annos,

como

como a força de amor he mayor,que a da propria vontade,não obedecia com o coração ao que cõ a lingoa prometia,por comprazer ao amigo,que o aconselhaua. Leuantados pella manhã,despediose Lereno do velho, que tẽ chegar as ribeiras do rio Lena o acompanhou, encomendãdolhe o resguardo de seu perigo,mas elle,que tinha a vida em o accõmeter,em lugar de tornar á Aldea, & acudir ao desemparo do seu rebanho, tomou de nouo o caminho onde se perdera ao longo das prayas do rio Lis,entrou pela caladura dos dous penedos, & foy pelas suas proprias pisadas àquelle lugar onde ja vira a causa primeira de seu cuidado, & aly com mil sospiros a chamaua,porem estaua taõ mudo todo o valle,que nem as aruores com a brandura do vento se mouião,nem os passaros com suaues accentos lhe respõdião,nem as feras com acustumados passos atraueçauão a montanha:tirou elle a lyra, & sentado sobre hum cortado tronco cantou o que se segue.

*Qual o ceruo ferido*
*Da seta venenosa atormentado*
*Ligeiro corre o monte, & a espessura*
*Atè que sem sentido*
*Vem cahir no lugar mais descuidado*
*Onde a força prouou da frecha dura*
*Assi minha ventura*
*Depois que vida ja não me consente*
*Permitte justamente*
*Que onde tiue a ferida*
*Venha nas mãos d'amor deixar a vida.*

D *Qual*

*Qual simples borboleta,*
*Que enganada na cor do viuo lume*
*Acha na ardente flama o desengano*
*E com tudo inquieta*
*Atè que nelle as azas não consume*
*Liure se não quer ver de tanto dano,*
*Assi num cego engano*
*Corro atras de meu mal cõ tanta gloria,*
*Que perdendo a memoria,*
*Que pudera guardarme*
*Na luz q̃ me offẽdeo venho abrazarme.*

*Qual o menino nobre,*
*Que leuando na mão joya de preço*
*Por cubiça, de alguem lhe foy tirada*
*Que com o dedo descobre*
*Com innocentes mostras o successo,*
*Ao pay que lhe pergunta & q̃ lhe brada*
*Eu a quem foy roubada*
*Aqui a liberdade, & a razão*
*Ainda que seja em vaõ*
*Venho com sentimento*
*Mostrar este lugar ao pensamento.*

*Mas se por sorte estranha*
*Venho onde fuy ferido a perecer,*

*He ida a caçadora liure & bella:*
*Que aqui nesta montanha*
*Estranha gloria fora padecer*
*Se antes de perecer tornasse à vella,*
*A seta trago, & nella*
*Ia por hum fio a vida se sustenta,*
*E o que mais me atormenta*
*He não ver a belleza*
*De quẽ ordena amor, q̃ eu seja a preza.*

*Se na chama amorosa*
*Que as azas me queimou quãdo voaua*
*Venho a deixar a vida por meu gosto*
*Que he da luz tão fermosa?*
*Que inda por entre as nuuẽs me cegaua*
*Com o rayo, que feria o bello rosto,*
*Se este Sol he já posto*
*Pera que madruguey tras minha fim*
*Mas quer a sorte assim,*
*Que pois fiz tal emprego*
*Em me atreuer ao Sol, que moura cego.*

*Se aqui me despojou*
*Aquella fermosura sobrehumana*
*Do ser & liberdade, que antes tinha*
*Que he de quem me roubou?*

*Se fogio taõ ligeira, & deshumana*
*Como a seta chegou a esta alma minha*
*Se se foy tão asinha*
*Por leuar como roubo hũa alma alhea,*
*E furtos se arrea*
*Ah não ma restitua,*
*Que eu confeßarei logo, que era sua.*

*Aqui dormindo esteue*
*Aly tinha a aljaua, & setas de ouro*
*Daly por entre os matos se escondeo,*
*Aqui sò se deteue*
*Quando o cajado vio (ditoso agouro)*
*E o que eu nelle escreui contente leo,*
*Mas se isto appareceo*
*Em vão a meu sentido cubiçoso*
*Por sonho mentiroso,*
*Se eu era o que dormia,*
*E imaginaua a gloria que não via.*

*Porem se sonho fora*
*Como este prado, & valle inda apparece*
*Estas ramas sombrias, este outeiro*
*Que mostraõ ainda agora*
*A verdura das folhas, que escurece*
*A falta do seu Sol como primeiro*

*Como*

*Como não foy ligeiro,*
*O monte, o valle, as plantas, & a verdura*
*Tras sua fermosura?*
*Porque era tudo agreste*
*Sò o que ella leuaua era celeste.*

EM quanto com estes versos se queixaua de seu danno, não andaua tam longe a causa delle, que a espaços o não ouuisse, & chegando perto com duas pastoras, que na caça trazia por companheiras, da cantiga que lhe ouuio, & tambem do que ja lhe succedera com o cajado, conheceo ser aquelle o pastor, que lho deixára sobre o braço, & ou cõ a cubiça de o cobrar, ou por curiosa de saber quẽ era, mais que obrigada das magoas, que lhe ouuira, adiantandose das outras lhe appareceo, deixandoo tam salteado, que por grande espaço perdeo a cor, & a voz: mas ella com a sua (que a tudo respondia às mostras do rosto) o assegurou, dizendo. Vejo que mostras espanto de minha presença, e não a tenho por tam temerosa, que ponha a alguem em receos, se os teus saõ das armas, que me ves, assegurate que estás liure de dano, porque o não fazem mais, que âs feras deste monte. Ouui cantar, & desejei saber quem era, & agora o caminho, que aqui te trouxe, porque o deste lugar he tam cerrado, que ha muytos tempos, que o não pisou pastor estrangeiro. Neste tempo estaua ja Lereno com mais sentido, porem ainda enleado lhe respondeo. O caminho deste lugar senhora eu o não sey, só o em que estou conheço, que he perigoso, guioume a elle hum cego, que nos mais arriscados acha menor perigo: o em que me vejo, não naceo de essas frechas que trazeis pera matar feras, mas de outras tãto mais poderosas, q̃ cerradas em sua aljaua, me grãgearaõ

a morte,ſe deſta ſois ſeruida, pera minha gloria a venho buſcar,& pera voſſo goſto,ſe o tendes de minha vida, orde nay della o que vos parecer,porque nunca ſe ſayra de voſſa vontade. Não era eſſa pera deſprezar(diſſe a paſtora) ſendo tão bem offerecida, ſe nacera de alguma razão, porem nem tiueſte tempo depois de minha viſta pera fingir as palauras deſſe engano,as quais eu deuo eſtimar menos,por ſerem ſem fundamento,do que lhe deuia por ſerem boas. Se ſó neſſa duuida(tornou elle)eſteuera o bem de meu mal,facilmẽte com a certeza de minha verdade ficara elle de melhor condição. Não a tenho tam boa(diſſe ella rindo) que por todos os meyos me não deſobrigue,& agora deſcança, que me não conuem fazer caſo de amores taõ leues. Deſtas razões alcãçaua Lereno,ainda que enganado, que lhe não lembraua â paſtora a auentura do cajado, que elle lho deixara:& por lhe dar a entender, que era elle, tirando do ſeo a ſeta,que té então trazia aly eſcondida, lhe perguntou cuja era a caça,que com aquellas ſetas eſtaua ferida por aquella montanha,porquẽ elle encontrara hũa fera atraueſſada com aquella meſma entre hũs grandes ſyluados. Muytas(reſpondeo a paſtora)ficão por eſſes matos perdidas, & muytos paſſadores mal empregados. Na arte com que ella iſto diſſe,entendeo o paſtor,que diſsimulaua,& por não yr contra ſeu deſſenho,callou outros ſinais, que podião ter a meſma eſcuſa,mas não foy de modo,que ella o não entendeſſe,que mudaua o propoſito,entaõ lhe diſſe ſe lhe era neceſſaria algũa couſa antes que ſe partiſſe. Rogouos ſenhora (diſſe elle)que como a homem perdido neſte deſerto, me digais,que lugar he o onde eſtou,& quem o habita,& ſe vos ſois a ſenhora delle,como pareceis, ou deuſa caçadora, a quem eſta eſpeſſura ſeja dedicada, porque eu ſou hum guardador natural deſta ribeira do Lis, que por eſtranha

ventura

ventura de hum ſonho adormecendo na praya delle, ſem ſaber o caminho que tomaua, vim a eſte boſque, & fiquei tam penhorado do que vi neſte lugar onde me achaſtes, que como quem tinha nelle a vida, ou a morte, me tornou aqui a trazer o fado, & ja me contentarei com ſaber muyto da cauſa della. Com eſſa informação (diſſe a paſtora) ta darei mais facilmente do que deſejas. Sabe, que eſte em que agora eſtas, chamão o boſque deſconhecido, & aſsi o ſaõ todas as couſas delle, quem o habita he hum antigo paſtor deſta ribeira, que guardou pera o fim de ſua idade eſte deſcanço, tomando como hũa ſecreta ſepultura da ſua velhice tudo o q̃ eſtá ſituado, & encuberto neſta penedia. Eu ſou hũa filha ſua, q̃ cõ eſtes trajos, & neſtes exercicios gaſto os dias cõ algũas paſtoras, q̃ trago na caça por cõpanheiras, e porq̃ duas dellas me ficão eſperãdo perto da qui, & não ſey o que julgaraõ de minha tardança, dizeme ſe queres, que te torne ao caminho, pois neſte andas perdido, ou o que te conuem da montanha. O que eu quero (reſpondeo Lereno) he não ſayr della em quanto tiuer eſperanças de voſſa viſta, pois fora deſta, em qualquer outra parte tenho certo perderme, deixaime ficar ſobre eſte tronco com liberdade pera vos ver quando tornardes. Não te conſinto eſſa licença (replicou a paſtora) porque tem mil deſuios, mas em lugar della te fique outra eſperança, que te pode render mais, ſe da minha viſta te contentas, & he que venhas ter a eſte boſque hũa madrugada depois de paſſada a feſta dos paſtores do Lis, & deſte lugar tomarás o caminho aonde vires algũs ramos cortados pelo chão, até ſobir ao cume do monte, & aly te ſentaras entre os ramos encuberto, & do que te ſucceder julgaras, quam grande bẽ te ganhou o andar perdido, e guarda em tudo ſegredo, porque importa tua vida. Diſſe iſto, & voltando a Lereno os olhos

brandamente se despedio, deixandoo tão contente do que passara, que o não cria pera poder sustentar no coração o contentamento, que lhe causaua. Ouuese emfim de partir a seu pesar, porque o dia se acabaua, & chegando aos curraís achou ja nelles recolhido o seu rebanho, & com o solicito pegureiro se recolheo. Mas pelo espaço da noite que poupaua mais pera imaginar em seu cuidado que pera descanço, & saboroso sono lho atalhaua o bom Serrano, lembrandolhe o que conuinha a suas ouelhas, & à mudança q̃ nellas fezera o seu descuido, ao que elle respondia com outro mayor em algũs sospiros mudos, que dauão sinal do que a alma recolhia, o pegureiro, que o conheceo, querendo por algũa via declarar sua sospeita lhe pedio licença pera cantar hũa cantiga com que lhe aliuiasse algũa da melanconia q̃ mostraua, o pastor o aceitou de boa vontade, & tomando Serrano o seu instrumento cantou este vilancete.

*Quem te fez tam differente*
*Pastor, que sentes que viste?*
*Pois te vejo sempre triste,*
*E te vi sempre contente.*

*Andas transido, & mudado,*
*Tenho magoa, & tenho dò*
*De te ver andar tam sò,*
*E senti sò ao teu gado,*
*Cantauas ledo & contente,*
*Choras agora, andas triste,*
*Sei que algum demo tu viste,*
*Que te fez tão differente.*

*A alegria, que ficou*
*Dos gostos em que te vi*
*A tras ty se foy de ty*
*Com quem de ti te trocou,*
*E se ella tambem consiste*
*No que amor não te consente*
*Onde te verei contente?*
*Se te vejo sempre triste?*

*Sempre te vejo dar ays,*
*Como que essa dor te esforça.*
*E donde vem, vem por força*
*Como não cabem lâ mais:*

*Se algum segredo resiste*
*O meyo de esse accidente*
*Quem sustenta o mal que sente*
*Busca a causa de ser triste.*

QVisera (disse Lereno) responder as perguntas da tua cantiga, com outra, que ja ouui longe deste valle, mas o tempo, nem o cuidado me dão licença, nem a memoria se lembra de mais, que do sentimento presente, contentate com saber, que este he de amor, & que o padeço por seu gosto, & me conuem callar por seu mandado. Muytos dias ha (tornou o pegureiro) que eu estranho a tua mudança, & não me faltou adeuinhar a causa. Mal aja quem te tal tornou, que o demo he, se isso não foraõ algũas amadias, que te embruxarão, ou algum olhado, que te quebrantou: guardete hora Deos de o mal hyr por diante, que he cousa terriuel, pergunta aos mestres, & seras curado, que ja minha tia pello que em ty vio cada hora mo dizia. Eu te mereço Serrano (respondeo elle) o bom cuydado que mostras de meu remedio, porem não esta na mão de quem te aty parece, o que agora tenho, he esta tristeza, deixame com ella, & com a minha samphonha: & indo pera a tirar achou sobre ella a carta de Lísea, & perguntando a Serrano cuja era, lhe respondeo que a achara metida pella porta da cabana quando se leuantara, & que não sabia della mais, nem Lereno o quis por então inquirir que o cansaço do dia lhe pedia repouso: que custume he dos males pera enganarem o sofrimento, darem descanso a vida que os ha de sustentar, ainda que por outra via o neguem ao coração.

FLORESTA SEPTIMA.

Eſpertarão ao paſtor ſuas lembranças junto da madrugada,deu mil voltas ao penſamento,e nelle ora achaua facil o caminho a ſeus deſejos,hora punha a ventura armada contra elles,& entre eſta variedade achou lugar pera ler a carta de Liſea com hum rayo de luz, que por hũa greta decía da cobertura da cabana. E porque nem de natureza era eſquiuo , nem ja eſtranhaua forças de amor com quanto a ſua affeição principal de tudo o mais o deſcuidaua, lhe pareceo bem a carta,& aguardou,gabando muito a Serrano os termos della. Leuantaraõſe pera tirar o gado , & gaſtou toda a manhãa com os paſtores, que auia muito tempo que o deſejauão, & na ſeſta ſe apartou delles por hum breue eſpaço , no qual Liſea o não perdeo de viſta,porque o trazia ſempre no ſentido,& eſcondida de longe o vigiaua:ſentouſe elle entre hũas ſyluas ao pe de hũa faya,que deitaua as raizes ſobre as areas do rio,& ali com o roſto ſobre a mão eſquerda adormeceo, ſoltando da outra o cajado ſobre as eruas,& ainda a paſtora o não teue por ſeguro no ſono quando ſoube , que não era ſó a que o buſcaua, por que vio , que Enalia hũa paſtora do valle de pouca idade,& de tantas graças , que a nenhuã dellas daua ventajem,chegando a elle , & vendo que dormia , com muyta ſutileza lhe meteo hũa carta na mão, de que ſoltara o cajado,& logo com muyta preſſa traſpos o valle,eſta faltou a Liſea em ſe determinar no que faria, porque entre o receo & a ouſadia padeceo mil contrarias deliberações mas no fim executando a que mais lhe conuinha eſcreueo outra carta tirando do çurrão os meniſtros

que

que sempre pera isso nelle trazia; depois se foy ao pastor: que ainda estaua sepultado em sono, entregandose de muytos dias em que o perdera, & com mayor amor, & menos confiança, que a de Enalia, quasi tremendo lhe tirou o papel da mão, & em seu lugar pôs o que escreuera: & apartandose para o outeiro abrio a carta de Enalia que continha estas palauras.

*DEixo a carta na tua mão aonde tenho a propria vida, pera essa merecer ventura, baste que conheças a causa com que me atreui, & que não desprezes os merecimentos de hũa affeição verdadeira, essa pôs em teu querer minha liberdade, & eu dey a amor o consentimento hoje te dou a posse pera que te conheças por senhor della: se a esta conta me quiseres dar vida como a cousa tua, nos teus olhos a tenho, & elles te dirão o nome, que aqui callo, porque nem podem errar em cousa tão certa, nem os meus encobrir o muyto que te quero.*

GVardou Lisea a carta de Enalia, & crendo que a sua estaua segura de semelhante successo, tornou para as pastoras, que estauão juntas ao longo do areal debaixo dos salgueiros, & ainda não seria entre ellas quando Lereno acordou, & espreguiçandose lhe cahio da mão sobre o peito aquelle papel, & abrindoo achou que nelle dizia desta maneira.

*VEIO que outrem procura roubarme o fruito do muito q̃ te quero, & q̃ tu serras os olhos consentindo nesta semrazão:*

*semrazão: lembrete a que cometes contra amor, que nunca perdoou a vingança de hum ingrato: a que eu posso tomar de ty, he quererte mais, & procurar meu danno, não queiras que me defenda quem te magoe, eu te escreui ausente, porque te não via, & te busco agora, porque ainda em presença me foges, não ouso a me nomear, porque temo que então me desconheças: digote o que sinto, pera que se com isso merecer lugar em tua vontade, te aproueites da minha, que só com hum sinal de que a recebes ficará contente.*

ESstranhou o pastor a nouidade como quē estaua alheo do q̄ passára em quanto elle dormia, mas conheceo ser a letra, da que Serrano achara na cabana: guardou ambas, e por se não mostrar penhorado dellas, dissimulou o desejo, que tinha de conhecer seu dono. Foise aonde os outros pastores, & pastoras estauão, & achou cantando Mileno, & Aulíso em louuor dos olhos de Paulisa, a quem Lereno em estremo queria, porque alem de ser fermosa, & amada de todas as pastoras da ribeira, & da razão de sangue, era em seus segredos de mais confiança, & melhor conselho, pello q̄ depois que soube a materia da cātiga estimou mais achar se presente a ella, que era a que se segue.

*Sois senhores olhos negros,*
*E quantos olhos vos vem*
*São vossos negros tambem.*

*De pura cobiça amor*
*(Sem ter isso por agrauo)*
*Em vos está feito escrauo*
*Vestido da mesma cor:*

Elle

*Elle que em vos se foy por,*
*E quantos olhos vos vem*
*São vossos negros tambem.*

*De vòs mata amor de amores,*
*Que em voßos rayos taõ viuos*
*Quantos vos vem faz catiuos,*
*E a vos de todos senhores*
*Quaisquer olhos de outras cores*
*Engeitando a cor que tem*
*São voßos negros tambem.*

*Os claros verdes rasgados*
*Azuis, garços, & pombinhos,*
*Que soem a abrir caminhos*
*Pera amorosos cuydados*
*Ficão cegos ecclypsados,*
*E quando negròs vos vem,*
*Querem ser negros tambem.*

ACabou de cantar Aulifo, que entre os do valle o fazia com muyta graça, & logo Mileno aquem competia a differença, dandolhe a frauta que tangesse, começou tras elle.

*Quem vos vè fica às escuras,*
*E por isso os que vos vem*
*Por olhos negros vos tem.*

*A ninguem consente amor*
*(Por cubiça, ou por inueja)*
*Que com outros olhos veja*
*As graças da voßa cor,*
*E elle que o sabe melhor*
*Que quantos cegos vos vem*
*Nunca por negros vos tem.*

*Se em ser negros sois melhores*
*Não se alcança desse emprego*
*Que quem de veruos he cego*
*Não pode julgar de cores*
*Se sois negros sois senhores*
*De quantos olhos vos vem,*
*E dos meus olhos tambem.*

*Parece contrariedade*
*Em que ninguem se assegura*
*Nacer de hũa cousa escura*
*Taõ fermosa claridade*
*Como julgarão verdade*
*Os olhos que o mais que tem*
*He cegar quando vos vem.*

Posto

POsto que entre os pastores,& pastoras se armaua contenda,de qual dos dous guardadores melhor cantara, o não consentio Paulisia,antes dandolhe iguais graças procuraua mudar a conuersação em outro proposito de menos afronta sua,tendoa por tal ser louuada em presença,cõsentirão os mais nesta razão,mas Seluagio, q̃ era em estremo affeiçoado a Enalia,procuraua algũa com que trouxesse os outros ao seu intento,& disse.Não he justo,que estando presentes tantas pastoras tam fermosas ouuindo cantar dos olhos de Paulisia,que com muyta razão foraõ celebrados,fiquem ellas sem a parte do louuor , que se deue aos seus,auendo alguem que comece eu o figuirei , ao que Lereno respondeo,por lhe dar a conhecer,que o entendia. Melhor serà pois tu lembraste hũa cousa tão diuida,que tenhas a escolha dos sugeitos,que estão presentes, que eu dan te mão escolho os olhos de Enalia, porque em estremo me parecem bem assombrados , & ainda que o elle dizia por furtar a empresa a Seluagio,não o cuidou a pastora , antes ficou tão contente,que o mostraua no rosto: mas igual differença tinha o de Lisea,que posto que conhecesse o lanço do seu pastor como amaua de verdade,consentia facilmente entrada a hum receo,& com este quis atalhar âquella determinação. Eu como mais desemparada posso requerer minha justiça,dado que seja contra a que estas pastoras tẽ de serem louuadas, mas como ha de ser em presença sua,tenho por menor a offensa que lhe faço , que a que cada hũa dellas recebera de tal competencia,& quando aja na companhia algũs pastores, que a queiraõ ter por fazer esse gosto a quem seruem, outro dia auerá , que seja toque de suas galantarias em que ellas tenhão melhor lugar,& digo isto, porque não sei o q̃ me ficarà dos seus louuores. Posto que todos entendião,que esta razão era de cõfiada, lhe obedecerão,

ceraõ,& pedindolhe que escolhesse sugeito pera occuparẽ o dia,lembrou,que cantasse Lereno que auia muito tempo, que entre elles o não fazia,ao que elle por rogo de todos obedeceo,& tirando samfonha começou.

*Passa o bem como sombra,& na memoria*
*He mayor quanto foy mais desejado*
*A pena insina a conhecer a gloria*
*Não se conhece o bem,senão passado.*
*Em mim o caso soube desta historia,*
*E no que me mostrou ja meu cuidado*
*Vejo no que não vejo,& no que via*
*Quão pouco tempo dura hũa alegria.*

*Quanto melhor me fora se não vira*
*Hum enganoso, & vão contentamento;*
*Que ainda que faltarme aly sentira*
*Era muyto menor o sentimento,*
*Mas vio minha alma o bẽ por q̃ sospira,*
*Foy tras elle seguindo o pensamento,*
*Que como era nouel não conhecia*
*Quam pouco tempo dura hũa alegria.*

*Lá numa regiaõ muyto escondida*
*Dizem,que gente humana viue,e mora,*
*Que por ordem dos Ceos não corrõpida*
*Vè cada dia o Sol hũa sò hora.*

*Bem*

*Bem fora venturosa a minha vida*
*Se por esta medida o bem lhe fora,*
*Mas tiue sò hũa hora em hum sò dia*
*Quam pouco tempo dura hũa alegria.*

*Foy hora, & foy tão breue, que passou*
*Qual passar soe o rayo transparente*
*Hora que no começo se acabou*
*Pera se conhecer depois de ausente.*
*O tempo emfim por hora ma contou*
*Que sempre escõde, cega, engana, e mẽte.*
*Mas verdade era o que elle me dizia*
*Quam pouco tempo dura hũa alegria.*

*Porem vòs fados meus, que permetistes,*
*Que tão cedo este bem se me acabasse,*
*E que tão largas horas, & tão tristes*
*Hum tão breue momento me pagasse.*
*Não me encurteis o bem cõ que fugistes*
*Pois em tẽpo o não vi que me alegrasse*
*Vio pera me ver nesta agonia*
*Quam pouco tempo dura hũa alegria:*

ACabada a cantiga, que a todos moueo a saudoso sentimento, & muyto mais aos que por amor o conhecião. Apartaraõse os guardadores pello valle pera com a decida do Sol recolherẽ seus rebanhos, & ainda naquelle piqueno espaço,

espaço,que ficaua do dia o buscou Lisea pera se encontrar com a pastora Enalia, porque sua desconfiança não sofria tardarlhe com desenganos,mas vendo,que não se apartara da companhia,tomou sò o caminho do mõte junto da noite,cantando o seguinte.

*Tudo pòde hũa affeição.*

*He muyto fraco poder*
*O de quem teme a ventura,*
*Que se ousa accommeter*
*Iuntamente ha de temer*
*Como em cousa mal segura*
*Mas se a força de hum cuidado,*
*Que viue da opinião*
*Despreza a ventura, & fado*
*Em quem viue neste estado*
*Tudo pode hũa affeição.*

*Pode a pena fazer gloria*
*Fazer facil o impossiuel*
*O catiueiro vittoria,*
*O mòr descuido memoria,*
*E visiuel o inuisiuel.*
*Vencer pode a liberdade*
*O juyzo,& a razão,*
*O desengano,a verdade,*
*Que quanto pinta a vontade,*
*Tudo pode hũa affeição.*

*Estranho effeito de amor,*
*Que a seu nome,honra,& fama*
*Dino do mayor louuor,*
*Que he no mundo o mòr senhor*
*Aquelle que melhor ama.*
*Vence o tempo leue,& vão,*
*Vence as mudanças da sorte*
*Sò na fè da presunção,*
*E ainda no em que falta a morte*
*Tudo pode hũa affeição.*

## *FLORESTA OCTAVA.*

PPARECEO o Sol ao outro dia tão incuberto como que não ousaua sayr do seo das nuuẽs:de modo, que passada grande parte da manhã,não sayrão ao pasto com os rebanhos. Cõ tudo porque cuidados não deixão perder tempo, não respeitou Lisea o q̃

os outros receauão, sahío com o seu fato por hum caminho mais desuiado, & leuando as cabras por hũa fraga acima entre muy espessas giestas, que com a fermosura de suas flores, & o esmalte do cristalino orualho, saudosamente se mouião, & sentada debaixo de hum penedo, esteue vigiando o valle, buscando com os olhos quem trazia nelles. Quando vio atrauesar por entre as oliueiras decendo para o prado hum vaqueiro, que diante leuaua hũa vaqua loura mancha da de branco com hũa estrella na testa, & hum nouilho da mesma cor, & tras elles hia tangendo hũa sanfonina taõ suauemente, que os passaros do ar se tornauão aos ramos vezinhos, & de elles pendurados o ouuião: & não muyto lõge vinha Enalia com as ouelhas ao longo do rio, a qual suspensa no tanger, se deteue encostada ao tronco de hum amieiro, tè que o vaqueiro aly chegou, & saudandoo lhe disse: Deos salue o vaqueiro, que tão bem tange, ditosa a pastora, que te ama, & te merece, se em o mais tem a mesma razão de viuer contente. E a ty (disse elle) de o que desejas, que bem sera mayor ventura a de quem te serue, que a de quem for senhor de minha liberdade. Não creo eu, pello que em ty vejo (respondeo a pastora) que te sugeitasses sem grande occasião, & tãbẽ conheço a pouca q̃ tenho de ser quer rida, mas se em meu parecer achas algũa parte pera te pedir por ella, te rogo que cantes algũa cousa dos teus amores. Hora (replicou o vaqueiro) pois te pareceo bem a minha sanfonina, pode ser, que a voz tenha a mesma ventura: cantarte ey hũa cantiga, que ja cantei em outra parte a quem a tinha muyto mayor em meu coraçaõ. Dize por tua vida (tornou Enalia) que nisso ma darâs, & eu ta offereço pera o que for de teu seruiço. Logo o vaqueiro de pois de tanger hum grande espaço, começou a cantar estas endechas.

*Esquiua*

*ESquiua serrana*
*Fermosa & discreta*
*Inueja do valle,*
*E gloria da serra.*
*Tu que contra amor*
*Moues tanta guerra*
*Cos olhos azuis*
*Das pestanas negras.*
*Inda que fermosa*
*Não sejas isenta.*
*Que ser mais esquiua*
*He ser menos bella.*
*Não fujas ligeira,*
*Que estaràs cansada*
*Pera seguir depois quẽ te não queira.*

*Ainda que esse boca*
*Com razão pareça*
*Mina de robins*
*Em cristal aberta*
*Inda que o final*
*Sobre a face bella*
*De escuro entre as rosas*
*As do valle seca*
*Ainda que amor*
*Cres que te obedeça*
*Sobre mil seguros*
*Guarte não no creas*
*Não fuias ligeira.*
*Que estaras cançada*
*Pera seguir depois quẽ te não queira.*

*Ainda que os cabellos*
*Em louras madexas*
*Feitas crespos rayos*
*Como o Sol te cercão*
*Inda que se mostre*
*No Ceo dessa testa*
*Ser a neue escura*
*Posta junto a ella,*
*Inda que os teus olhos*
*Pera mòr belleza*
*Tenhão cor de Ceo,*
*E lume de estrellas*
*Não fuias ligeira,*
*Que estaràs cansada*
*Pera seguir depois quẽ te não queira.*

*Essa liberdade,*
*Que agora sustentas*
*Não na guarda amor*
*Que viue de inuejas*
*Ay do meu cuidado,*
*Que não lhe aconteça*
*Ter nestes desprezos*
*Vinganças alheas*
*Se por ser vaqueiro*
*Tanto me desprezas,*
*Mal aja ventura,*
*Que me nega ouelhas*
*Não fuias ligeira,*
*Que estaras cansada*
*Pera seguir depois quẽ te não queira.*

TAL he a minhá paſtora (diſſe o vaqueiro) qual ouuiſte,& eu tão pouco engraçado nos ſeus olhos,que nunca mereci ver differença nos disfauores com que me tratão,julga agora ſendo ella tão fermoſa, ſe tem razão, & eu ſendo tão moſino ſe tenho algũa de eſperar galardão do q̃ lhe quero. A iſto reſpondeo a paſtora,que com muyto goſto o eſcutara. Em ambos vejo muy grande a razão de ſer inuejoſa, nella alem de tantas partes de fermoſura achar quem aſsi ſaiba amallas & conhecellas, em ty alem das q̃ tens ſer tam bom amante,que entre tais deſcõfianças moſtras mayor fé. Porem nem ella ſera tão mal aconſelhada, que a não eſtime,nem tu tão desfauorecido, que ſejas engeitado,mas ha huns maos de contentar(ou quaſi todos os homẽs o ſaõ)que por ſe não ſatisfazerem com o que o tempo lhe dá de ſeus amores,ſe moſtraõ nelles deſeſperados,& iſto ſe pode crer mais,que o que tu pregoas. Folgo(replicou o vaqueiro) que me tenhas por mao de cõtentar, & bom cubiçoſo, que ja ſe o for do que vejo peccarei por minha condição ſem te fazer offenſa. D'eſſe peccado (tornou ella)eſtàs ſeguro, que quem eſtâ tambem empregado, não eſcolhe tão mal,& ſe o dizes com engano tambem ſey os que correm,& o que tenho em mim, & aſsi per ambas as vias perdes o feitio. De perder ſey eu (diſſe elle) porque nunca me auenturei, que ganhaſſe, mas nem o emprego,q̃ ja fiz me podia tirar eſte,nem poſſo fazer engano a quem ſabe o muito que ſe lhe deue,antes pode ſeruir de merecimento onde os outros faltão dizer, que ſoube amar bem, porque vendo a differença, que tens de todas, julgarás a que farei em te querer, ſe me aceitares por teu vaqueiro. Tanto dirás diſſo(lhe reſpondeo Enalia ſorrindo)que me arrependa de te gabar de bom amante, & não me pareces tão mal,q̃ te deſeje fazer eſte,pello que te rogo,q̃ mudemos o propo-

o proposito,& me digas aonde leuas essa vaqua & nouilho, que tam fermosos sam, Deos tos guarde. Estes (disse elle) leuo de presente a hũs noyuos, que se hão de receber o dia da festa, que he a manhã, se esses te contentão, ou os mais da boyada, como do seu guardador te podes seruir. A tua vontade estimo eu muyto (respondeo ella) mas a offerta està melhor em pregada, & pois te has de achar a manhã nos folgares, lá me verás: com isto se apartou, & o vaqueiro cõtinuando com a musica de sua samfonina, foy seguindo o caminho, que leuaua, & Enalia a tras do seu gado, foy cantando esta cantiga.

*Pus a vida na vontade,*
*E ambas pus noutro querer*
*Temo, que se haõ de perder.*

*Com razão viuo em receo*
*Deste mal que busco, & quero,*
*Porque me nace o que espero*
*Do que sem tempo me veyo,*
*Fiz o meu querer alheo*
*Perdio, & deuo temer,*
*Que a vida se ha de perder.*

*Que esperança serà a minha*
*De ter noutrem liberdade*
*Perdendo a propria vontade*
*Quando em meu poder a tinha*
*Dei a a quem lhe não conuinha,*
*Porque està noutro poder*
*Temo, que se ha de perder.*

*Eu tras ella ando perdida,*
*E ella perdida a tras quem*
*Nenhũa lembrança tem*
*De ver que vay nella a vida,*
*Ambas leua de vencida*
*Quem noutrem poem seu querer,*
*E ambas neste ey de perder.*

Ainda tinha pouco andado do valle, quando encontrou Lisea, a qual do penedo donde estaua a diuisou, & parecen dolhe tempo pera a por em odio com Lereno, confiando

dos meyos,que pera isso tomaua,& da pouca firmeza, que a idade de Enalia prometia,que faria mudança em seu intento,com a dissimulação , que lhe conuinha chegando a ella a saudou,& disse:Melhor me succedeo a vinda do que cuidaua:pois na vẽtura venci o desejo,que acudindo a musica do vaqueiro,cheguei a ouuir a tua,que em extremo desejaua,& foy ella tal, que me deixou entre mil inuejas. As que tu fazes(disse ella)a quem te vê,daõ a conhecer esses lanços de confiada, mas eu o quero ser do que cantei , com quanto me pesou não ouuires o vaqueiro , que por estremo he engraçado. Tinhas arte ( respondeo Lisea não pouco maliciosa)de lhe estares affeiçoada,segundo o ouuias a teu sabor:valeote ter raizes noutro lugar. Raizes não (disse a outra ) porque as não consente minha opinião em sinal da liberdade de que me prezo : Que fora(tornou Lisea)se eu não soubera,quem he senhor della, & em que parte prendẽ as tuas raizes.Pareceme a mim(replicou Enalia) que nunca dei folhas por onde alguem mas achasse : deue ser essa tua sospeita enganada, pois eu, que sei melhor os meus segredos,não sei esse: folgarei que te desenganes,ou me digas o que presumes. Antes (disse a outra muyto segura) quero que vejas clara a certeza , que tẽs por encuberta , & podẽ ser,que da tua letra a conheças. A isto ficou a pastora sem cor,receando o que podia ser, & tirando Lisea do çurram a carta,que tirara da mão a Lereno, & conhecendo a Enalia ficou muda. Não me negaras(disse a outra )que da tua mão deste esta carta na de Lereno . Não ( respondeo ella ) nem merece menos que fazer esta confissam,quem emprega tão mal sua vontade,q̃ a poem em hũ descortes & ingrato pastor. Nessa conta o não deues ter ( replicou ella ) pois o que te obrigou a fiar delle esta carta , o forçou a que ma desse,

desse, antes auias de estimar muyto occasiã, que ao menos te seruira de auiso & desengano pera o que delle esperauas. Tanto te quer Lereno (disse Enalia) & em tam pouca conta me tem a mim, que poem em tuas maõs o que eu só da sua confiei? Não quererá o Ceo ainda q̃ eu tenha o que mereci, que elle não pague o que me fez. A ty por agora rogo, que como mulher me guardes o segredo, que elle me deuia, e me tornes essa carta, pois he minha, & em mão alhea corre perigo. Obrigote minha fé (respondeo ella) que ainda a quem tu queiras que a veja, o não saiba de mim, a carta te não posso eu dar sem licença de quem ma deu, mas te asseguro de que outrem a veja, atè tornar a tua mão. Com estas palauras se aquietou a enganada pastora, & cõ as lagrimas nos olhos deixou a Lisea contente do successo, cuidando, que nelle estaua o de seus amores: mas considerando depois o que lhe faltaua pera o acabar, & as mudanças que a vẽtura tem, se assentou ao pé de hum salgueiro junto do rio, & ao som das agoas, que nelle quebrauam, cantou o siguinte.

*Venci por arte hum perigo,*
*Duuidoso,*
*Mas outro mais perigoso*
*Busco & sigo:*
*Pera poupar o inimigo,*
*Que me mata*
*Offendo a quem o maltrata*
*Quem vio tal,*
*Que eu busco forças ao mal*
*Com que amor me disbarata.*

*Permita elle que não seja*
*Esta vitoria*
*Dar a quem me vence a gloria*
*Da peleja,*
*E que me não faça inueja*
*Conhecida:*
*A que leuo de vencida*
*Neste engano,*
*E que não busque em meu dano*
*Armas pera ser ferida.*

*Mas amor tu me defendes,*
*E me aprazes,*
*Porque sò do que não fazes*
*Te arrependes,*
*Se eu te offendo, a ty te offendes,*
*Que este enleo,*
*Con que meus males grangeo*
*He sem temor,*
*Porque nas obras de amor*
*Vence a vontade o receo.*

*E pois guias o começo*
*Como quero:*
*Faze que veja o que espero*
*Do succeßo:*
*A vida te dou por preço*
*Se ma deres,*
*E se de meus bẽs quiseres*
*Sò ser Rey*
*Em teu nome gosarei*
*As merces que me fizeres.*

Atalhàram ao seu cantar os pegureiros, que andauam ao longo do rio colhendo ramos & canas verdes pera ao outro dia enramarem as cabanas, & porque em vesperas de festa os guardadores recolhiam mais cedo o gado, leuou Lisea o seu aos currais, não perdendo a lembrança de seu cuidado, que aonde os de amor tem lugar, sempre occupam o melhor. E como este.& o feruor da idade não consentião a Enalia deliberação, foy logo a buscar a Lereno. & encontrandoo perto da cabana, lhe fallou, & vendo que elle mostraua sembrante ledo, disse. Ha no mundo Lereno, que te sebes fingir pera mostrar bom rosto a quem tens tam mâ vontade: ao que elle respondeo muyto rizonho: se tu sabes a verdade da minha, pera que a tratas mal, que ainda em zombaria he ingratidaõ: sò hum queixume podes ter della, é he não mostrar no rosto o lugar, que te dá no coração. O que me tu das como inimigo (respondeo ella) te não mereci eu pelo que te quis, mas ficime de ty, & ainda se não conhecera as tuas palauras, com essas me enganaras por quam bem me pareciam. Agora (disse elle quasi tur-

si turbado) sospeito que fallas de siso,& se tal he,não me tenhas suspenso. Como tu dissimulas (respondeo Enalia) asi me veja eu vingada,pois com hum engano queres restituir o descredito em que me posseste. Se a minha carta te aborrecia,não bastaua conhecceres a causa donde naceo, pera a não entregares em maõs de Lisea? se mostrar que te amaua,era erro,não bastaua por castigo,que me desenganasses? que ley?que fe? que amor consente? que grangees a custa de minha honra a vontade alhea. Enalia(disse o pastor bradando) espera,dizeme o com que me condenas, & de que te queixas,que te juro que o não sei. Se queres(proseguio ella) que te conte a historia, pera te renouar o gosto della, atè isso farei,porque espero ter em tudo vingança, q̃ nunca ingratos perderão castigo:dormias,& eu vigiaua pera te buscar,não cuidando que nisso buscaua minha morte : pus hũa carta na tua maõ de que soltaste o cajado, & esta achei agora na maõ de hũa inimiga a quem a deste,& sem razaõ lhe chamo este nome, pois tu sô o mereces, que disculpa me das? pera que com differentes estremos não mostre ao mundo,que es hum traidor desconhecido? Não pode a razão ter valia (disse o pastor) onde a paixão estâ tam poderosa,mas quero Enalia, que com ella vejas o pouco fundamento de teus queixumes,& mostrarte essa carta,se he hũa que acordando estoutro dia ao longo do rio me cahio sobre o peito,a qual, nem eu tenho por tua, nem atégora sahio do meu çurrão, & dizendo estas palauras, que ella ja ouuia mais quieta,tirou a carta,& lendoa a pastora conheceo a letra de Lisea, & julgou das palauras o que com a sua podia acontecer. Porem neste tempo apareceram por cima do outeiro outros pastores, & Enalia sem despedirse, tomou o caminho do valle, despedindose cõ os olhos de Lereno,

Leno, leuando comsigo a carta sobre que ja hia fundando suas vinganças, lendoa muytas vezes, & achando mais clara a innocencia do pastor, & a malicia de quem a trocara, queixandose de si por quam mal tratara a quem tanto queria, cousa natural de quem ama: mas porque o dia era acabado se recolheo, & Lereno com os mais pastores ficou praticando nas festas da Aldea, que em bẽs, que chegando passam, o melhor saõ as esperanças.

*FLORESTA NONA.*

SAHIO a rosada Aurora a descobrir o dia, & tras ella veyo o Sol tã fermoso, q̃ Thetis desejaua a vinda da noite, pera cõ inueja das estrellas, gozar nas agoas sua fermosura. Vestiaõse os pastores de festa: afinauão os instrumentos: coroauaõse de flores as pastoras, & cõ vestidos de varias cores, & diuisas comeҫauaõ a celebrar a gloria do dia: estauam as cabanas enramadas, & cõ namoradas tenções sobre as portas: as ruas cubertas de verdes & floridas espadanas, onde se ouuiã ja as frautas, & tamboris das danças dos pegureiros, as folias da aluorada. & entre tudo o balardo gado, que os pastores trazião, cõsertaua tal armonia em os coraҫões presentes, que ainda os que eram a cuidados de amor sugeitos os sentiam menos, & com este meyo dissimulou Enalia os seus: assi que tomando delles a licenҫa, se ornou pera a obrigaҫão dos folgares, que se faziam em hum espaçoso valle, que alem da fermosa verdura cõ que a natureza o auentajou de todos os da quella ribeira: estaua cercado de muytas aruores verdes, que postas em muro por hũa parte o rodeauam, & da outra o rio, que cõ

saudo-

saudosa volta o vay cercando por entre os seus altos aruoredos:& assi d'entre elles, como na espessura, que defronte faziaõ os trasplantados ramos: auia muytas fontes de artefício, & muytas figuras pastoris, que em vulto represẽtauam memorias antigas em honra dos pastores. No meyo de todas, sobre hum penedo cuberto de verde era ao pè de vn freixo, de cuja altura cahia hũa vide, que com a verde latada de suas folhas fazia no alto hum gracioso guarda pó: estaua leuantado o satyro Pam, deos dos pastores, como os antigos o pintaram, com a sua frauta de canas coroado de suas folhas, d'entre as quais sahiam muytas flores, que em ramalhetes se juntauaõ sobre os cornos: dos altos ramos cahião pendurados todos os instrumentos necessarios a pastura dos gados, & a musica dos pastores: & junto a raiz do penedo sobre dous rafeiros, q̃ muyto ao natural reprasentauam, auia hum quartel, no qual sotilmente estaua entalhado este soneto.

*Nimphas as que fugis de quem vos ama,*
*E a morte a muytos dais mal merecida,*
*E tendo por vitoria tal fugida*
*Cahis nas mãos do fado, que vos chama.*
*De hũa Nimpha cruel vos lembre a fama*
*Que do syluestre Pam foy tam querida,*
*E por ingrata & dura conuertida*
*Se vio en cana vã, & em verde rama.*
*Aquelle peito bello, ingrato, & duro*
*Ia transformado em cana; a frauta amada*
*Tem della o vencedor pera diuisa,*

*Não*

*Não ha contra o amor poder seguro,*
*E mayor pena a sorte tem guardada*
*A quem de alheos males não se auisa.*

Não muyto longe desta estancia sobre o arco de hũa fonte, que com estranho arteficio sahia de hum remanço do rio.; estauam sentadas Ceres coroada de louras espigas cõ hũa fouce na mão direita,& na outra hum arado; Pomona com hũa capella de verdes fruitas,sacodindo hũa aruore, que com o peso dellas se vinha e terra; & Flora com hum vaqueiro de primauera, & hũa grinalda de flores sobre os cabellos,& na mão hũa poma de cristal laurada de laçaria d'ouro,de que estaua soltando cheirosos borrifos, que cahiam sobre a natural verdura do deleitoso prado. De frõte dellas estaua sentado sobre hum penedo o pastor Paris, & diante delle cubertas de sotil veo as tres deosas, q̃ pretendiam a maçam d'ouro,q̃ elle tinha na mão,mais duuidoso na escolha da peita,que na verdade da justiça,& sobre hũa faya a que Venus estaua encostada,se via este letreiro.

*Foy o juyzo de amor*
*De belleza a differença*
*Entre Deusas; & a sentença*
*Foy dada por hum pastor.*

Abaixo desta estancia ao pè de hũ loureiro(de cujo tronco sahia hum esguicho de agoa, que em hum tanque de espessa murta com estranha ordem se escondia)estaua Apollo em trajo de pastor coroado de suas folhas escreuendo no tronco este letreiro.

Do

*Do amor, que a Daphne tinha.*
*Este teue a mòr ventura,*
*Que em si esconde a figura*
*Deixando a sombra por minha.*

FRonteiro desta estancia á sombra de dous copados salgueiros, estaua Mercurio vestido de pastor, tangendo diante o vaqueiro Argos a sua frauta, o qual dos seus cem olhos adormecia, descuidandose com a suauidade da musica da vaqua, que guardaua, & dizia hũa letra, que estauá sobre hum salgueiro.

*Mal se defendem os olhos*
*Do que os sentidos engana.*

AQui se aiuntarão todos os pastores daquella ribeira, & de todos os montes vezinhos, & com grande alegria & aluoroço occuparão o terreiro: mas não tardou muito, que de hũa lapa, que ao longo do rio estaua encuberta entre hũas aueleiras, sahio hum satyro cuberto de folhas de era, & na cabeça sobre os cornos hũa capella das mesmas folhas tecidas com muytas flores syluestres, & tras elle sahio hũa dança de pastoras com capirotes de verde claro com viuos & borlas brancas, pellicas crespas, & aluas debruadas da cor dos capirotes, é em lugar de cajados canas verdes nas mãos, & estas tomando do terreiro, dançarão com estranha graça & galantaria ao som de hũ salteiro, que o satyro lhe tocaua, & fazendo suas ordenadas mudanças, forão offerecer ao semicapro Páo as verdes canas, em memoria da sua Nimpha nellas conuertida. E acabadas as continencias de cada huá, duas ao som de nouos instrumentos cantaraõ o Soneto, que no quartel estaua escrito,

escrito,& acabado, se sahiraõ daquelle cerco, & logo por outra parte delle entraraõ dous vaqueiros anciãos vestidos de festa, dos quais hum tangendo hũa saõfonina, & outro hum arrabil, que com ella consertaua, tomaraõ lugar no campo, & depois delles hũa dança de pastoras com vaqueiros quarteados, & com grinaldas de flores tambem tecidas, que mais parecião ter nacido aly naturalmente, que serem obradas pela mão da arte, mostrarão ellas tanta em aparecendo, que quasi todos se descuydauão das que com tanto sabor tinhão visto, & ouuido. Lisea, que as guiaua, vestia hum vaqueiro de quartos laranjado & pombinho com franjas de prata, hũa grinalda de Iasmins, & crauelhínas, entremetidas com algũas rosas brancas, que entre verdes folhas da roseira tinhão mais graça, hũas alparcas abertas tomadas com algũs botões de bem me queres entre fitas laranjadas, com hum arco sotilmente laurado, em cuja volta ficaua a todas hum lugar capas pera comprender as tenções de seus amores, que algũs por serem conhecidos, & outros pela galantaria com que encobríaõ o que mostrauão eraõ de todos celebradas as diuisas, a de Lisea era em campo de ouro hum Pelicano, ferindo o peito sobre os tenros filhos, & ao pé dizía esta letra.

*A custa da minha vida*
*Sustento a de meus cuidados.*

A Primeira da banda direita, que todas vestião de encarnado, & branco, com as mais guarnições, que a guia leuaua. Era Timbrea não menos namorada, que fermosa, tinha no arco pintada hũa cadea serrada em duas voltas, & no campo que deixaua, em letras esmaltadas de ouro este mote.

*Sentirei*

*Sentirei a occasião*
*Deste mal que amor me ordena*
*Se com o tormento da pena*
*Me tirarem da prisão.*

A Segunda era Nise, que isenta das penas de Alceo, não conhecia nada das de amor, antes desprezaua seus poderes, imaginando, que o de sua fermosura apodia liurar de sugeições alheas, & leuaua no arco em campo de prata hũa rosa metida entre altos espinhos, & ao pé esta letra muyto confiada.

*Mais fermosa, & mais segura.*

Depois desta vinha a namorada Ardelia menos confiada no emprego de seus cuydados, do que lhe merecia quem na alma os guardaua, tendo por mais facil encobrir amor, que descontentala, & trazia no arco em campo branco hum Fenix, fazendo o ninho ao olho do Sol com esta letra.

*Noutro me abrazo & consumo,*
*E he justo que o sofra & tenha*
*Pois nos olhos trago a lenha.*

TRas ella vinha a linda Florisa, a quem o perigo de hum segredo tirou o bem de sua affeição, & leuaua no arco hũa seta atrauessada com o sangue tè as penas, & dizia a letra.

*Desta, que amor me tirou*
*Na alma a farpa se escondeo,*
*Mas o mal se conheceo*
*Pela pena que ficou.*

A Vltima das de encarnado & branco era Pinea tão liure como bella, & leuaua no arco em campo de ouro, Cupido

Cupido com as mãos atadas atras, & o arco quebrado sobre a aljaua,& dizia nella esta letra.

*Comigo não val amor.*
*E sem mim não tem valia.*

A Primeira das da outra parte,que vestião de azul claro, & amarelo tostado,era a fermosa,& descontēte Oliua, e pelo que esperaua de sua affeição,leuaua no arco em campo amarelo a roda da Fortuna tirada do eixo, & ao pe este mote.

*Não darà corte a mudança*
*Neste mal em que me vejo*
*Porque creceo no desejo*
*O que faltou na esperança.*

A Segunda era Risarda em estremo discreta & engraçada,que posto que liure,sentia bem dos cuidados de amor,& por mostrar esta vontade,leuaua em campo verde hum melro,olhando para o laço,que lhe armarão sem cayr nelle,& dizia a letra.

*Nem lhe fujo,nem me enlaço.*

A Que atras ella vinha era Learda , a qual tendo o seu pastor muyto tempo ausente,se mostrou sempre firme sugeitando os impossiueis com que o tempo lhe impedia guardar a fè de seus amores,desprezando os de Albano irmão de Lisea,que era pastor muy rico daquella montanha, & alem dos bens do seu gado,tinha outros muytos da natureza , que não bastauão pera a obrigar , leuaua no arco hũa fonte,que impedida com hũa mão a corrente , lançaua a aguoa por cima com mayor furia & dizia a letra.

Pello

*Pello lugar donde nace*
*Crece mais minha affeição*
*Contra o poder da razão.*

A Que logo depois della se seguia, era a linda pastora Enalia, não pouco offendida de quem a guiaua, & tinha no arco em campo de Ceo hum Açor voando, & dizia letra.

*Tambem o ousado recea,*
*E ambos temos por guarida*
*Sustentar a propria vida*
*A custa da morte alhea.*

NO derradeiro lugar vinha Clarea, que em premio de seu amor mal empregado sofria os disfauores de Albano, & trazia no arco em campo branco hũa borboleta, que se acendia em o lume de hũa vella enganada na fermosura de sua vista, & dizia a letra.

*Quero bem a quem me mata.*

FOy esta mostra tam fermosa, que todos julgauam, que na vista dos trajos, & diuisas se gastasse o dia, que ainda pera tantas galantarias era pequeno: mas muyto melhor pareceram, quando cada hũa dançando mostrou sua graça & desemuoltura, leuando sugeitas tras si as vountades dos pastores, que as olhauam, & com estas se sayram do terreiro, onde logo se começou a ordenar a luta, cujo preço era hum nouilho branco, mãchado de negro com o pè, & mão direita calçado, o topete louro, & crespo, donde lhe decía hũa sylua branca, os cornos de meya volta, raiz negra, & ponta aguda; estaua atado a hum alto amieiro com hũa ca-

pella de muytas folhas: & em quanto os cubiçosos lutadores se consertauão pera a contenda, entrou hũa folia dos guardadores da ribeira, com vaqueiros verdes semeados de malmequeres brancos, & amarelos, & os da outra parte de leonado semeado de flores de borragem: o tambor trazia hum vaqueiro quarteado de ambas as cores, & guarnições,&assi elle como os mais trazião capellas de syl ua,& crua cidreira, entremetidos algũs crauos misturados: estes cantando graciosas chacotas, rodearam com muyto aluoroço o terreiro, até que ao som das trombetas & samfoninas sayram ao campo os que nelle auiam de lutar, dos quais o primeiro foy Clorino, nomeado na montanha por pastor de muytas forças, & marauilhosa destreza (como logo aly mostrou a custa de Penalio) que não lhe valendo a arte dos pes em que tinha mayor sotileza, depois de grande espaço veyo a terra, onde se elle quisera ver soterrado por não padecer tal vergonha diante de Oliuia a quem era affeiçoado, & até a sua presença lhe valeo pouco & menos a Faiardo, que ainda que era em forças auentajado, & duas vezes leuaua o contrario de vencida, ouuese elle com tanta arte, que falsandolhe hũa trauesa, o reuirou por cima do hombro esquerdo deixandoo estendido no campo, aonde ficou por hum espaço sem sentido, até que seus companheiros o leuaram, & os de Clorino o cobriam de ramos verdes como a vencedor: & todos os mais pastores vendo, que ja nenhum se aprestaua pera lhe sayr, tinhão por sua a vitoria da luta, mas não no imaginaua Lucelio (hum pastor estrangeiro natural do Leça) que ainda determinaua prouar a ventura, & de subito pareceo no terreiro com tanto animo, que Clorino com sua vista perdeo parte do que tinha cobrado, mas ainda cõ mostras delle, remeteo a ganarlhe os braços, porem acho-

achou os tam duros, que pretendia ja igualar com a arteas forças, que a Lucelio auentajauam, mas nesta era elle tam destro, que arcando, ambos vieraõ a terra, trazendo Lucelio o contrario diante si, como peso de suas forças sojugado, & elle se liurou ainda de maneira na pancada, que ficou a queda duuidosa, & mandandolhe os juyzes contender de nouo, ainda que Clorino andaua assaz cansado, animosamente se defendia: cõ tudo enfadado o outro de elle lhe durar tanto, procurou soltalo do ar com muyta furia, & o contrario vendose em aperto, lhe lançou as mãos ao pescoço, mas falsandolhas Lucelio com a cabeça, elle cahio em terra com grande desmayo de seus companheiros. Logo aly começaram as festas, & grita dos pastores: tornarão as danças & as folias, & com as cerimonias acostumadas deram ao vencedor Lucelio o preço da luta, & acabada ella (porque ja se fazia tarde) sahiraõ quatro pastoras muy ricamente vestidas com seus vaqueiros roxos franjados de branco, & grinaldas de flores sobre os dourados cabellos, & ao som de quatro violas d'arco, que tangiam, cantaram à seguinte Ode.

*Ia vay fogindo o dia*
*Por entre os altos montes,*
*O Sol se vay nas ondas escondendo*
*Ia como antes feria*
*Não toca as claras fontes*
*Antes em suas agoas se está vendo*
*Deixando o verde louro*
*Pera yr mostrar ao mar seus rayos d'ouro:*

*Ia o vento enmudece*
*Que andaua na verdura*
*Fazendo entre as boninas noua inueja*
*Com sombras se entristece*
*Dos ramos a espessura*
*Onde nada se ve, que alegre seja*
*Os passarinhos ledos*
*Mudos descançam ja nos aruoredos.*

*O Ceo se mostra escuro,*
*Escurecesse o prado*
*Esperando outra cor da luz albea,*
*Sò se ouue o murmuro*
*Do Lis, que ja cansado*
*Com as ondas abraça a loura area,*
*E junto a relua verde*
*A fermosura a cor a graça perde.*

*No extremo Occidente*
*As nuues rotilantes*
*De roxo escuro ja se vam fazendo,*
*E do claro Oriente:*
*Estrellas de diamantes*
*Por entre as pardas sombras vem rõpendo,*
*E ausente a luz Phebea*
*Diana sobre as agoas alomea.*

Deixe-

*Deixemos a floresta*
*A triste Philomena*
*Que ao longe ja de nos se vay queixando*
*Acabe a nossa festa*
*Comece a sua pena*
*A memoria dos males renouando*
*Que para hũa alegria*
*Sempre cortou o Sol horas ao dia.*

*Viua em nos a memoria*
*Deste contentamento*
*Em quanto o prado der pasto aos carneiros,*
*E creça sempre a gloria*
*Do nouo vencimento*
*Assi nos naturais, como estrangeiros*
*Celebrem os pastores*
*O deuido louuor de seus amores.*

ACabando de cantar, & sahindo do terreiro as quatro pastoras (porque a festa era acabada) cada hum guiou para sua cabana, enchendo de musicos accentos todo o valle, que com o mudo da noite concertaua estranha armonia, tè que em breue espaço ficou o prado só, & a noite escura: offerecendo doce repouso aos trabalhos do dia, que ainda que os de gosto se não sentem, depois pelo costume todos cansam.

## FLORESTA DECIMA.

PASSATEMPO das festas, & a alegria dos pastores, não tirauam a Lereno o sentido de seus cuidados pera quem guardaua o melhor do dia, & ainda que no passado não pode fugir ao ajuntamento dos outros pastores, pretendia recuperar esta perda, que tinha por grande em entregar os outros á tristeza da saudade, & ao receo de lhe faltar a gloria prometida, que era ver a sua senhora ao outro dia no valle desconhecido, & gastando as horas na esperança desta, foy com as ouelhas decendo hum outeiro sobre o valle onde pastaua: & desuiado hum pouco dos rafeiros, foy ter a hũa fonte, que ficaua entre duas sobidas, que naquelle baixo se crusauam: & estaua ella taõ escondida entre huns penedos cubertos de lingoa ceruina, que escaçamente se conhecia pela queda das lagrimas que cahiaõ do alto estilladas pela verde auenca, que sem se molhar as despedia sobre o claro remanço. Chegãdo o pastor a vista della, se deteue no estreito caminho, por não estrouar a hum roixinol, que de hum ramo de aueleira com saudosos assouios, fazia hum sonoro Eccho entre os montes, & depois de redobrar com mil queixumes a cantiga: de hum voo se passou pera hũas aruores altas, que da outra parte ficauaõ: entam foy o pastor a diante, & ficou muyto mais confuso vendo a Lisea, que sentada sobre hũa pedra da fonte tinha em o chaõ escritas estas palauras.

*Tiue enganos por ventura*
*Para sentir mais meu dano*
*Se he mal viuer de hum engano.*
*Como hum mal tam pouco dura.*

AO mouimento dos ramos, que serrauão o estreito caminho, virou Lisea o rosto, & vio a Lereno: & ainda que magoada delle, pelo que Enalia lhe contara, não pode o amor que lhe tinha negar seus effeitos, mas dissimulando o mais que lhe foy possiuel o gosto de ver, lhe disse. Como vês Lereno a buscar o castigo que mereces, se eu fora tal, q̃ soubera tomar vingãça de tuas sem razões & satisfação de minha magoa: porem tanto me sugeitou amor ao que te quis, que em lugar de queixume, te offereço lagrimas com que me contento, pois nacem da causa que busquei pera ellas: & dizendo isto inclinou a cabeça sobre a fonte, & com nouas gotas de cristal a reuoluia. O pastor, cujo coração não negaua a paixões amorosas piedade, se vio enleado, & conhecendo a causa, pelo que ja Enalia lhe dissera, tomandoa pelo cajado lhe dizia. A essas lagrimas injustas, bem he, que pague com a vida o ser causa dellas, mas ainda que por ty seja voluntaria a morte, se executara em hum innocente, que te offendeo sem saber o que fazia: leuanta o rosto de sobre a fonte, & com os olhos no meu te assegura, que te não offendi, nem me falta sentimento de teus queixumes: declarame os que tens, que se com a vida puder darlhe remedio, a entregarei a tua vontade. A isto se leuantou a pastora, & virando os olhos a Lereno, vio os seus, que com a mesma dor se encherão de lagrimas, & pesarosa daquella tristeza, que

lhe pareceo mayor mal (por ser experimentado em quem tanto amaua) lhe disse com hum sospiro. Se esses sinais Lereno sam verdadeiros (como eu quisera crer) porque em outros te acho meu inimigo, & se as minhas lagrimas te magoaraõ em fé que te pesou de meu desgosto, porq̃ de duas cartas minhas partiste pelo meyo com Enalia, dandolhe aquella, cujo segredo mais me importaua? Que pena merece (tornou Lereno) quem dormindo fazia erros contra ty, porque lhos ordenaua sua ventura, que sem força do fado, de crer he que não te offendesse nem por sonhos. Veyo Enalia a my muyto queixosa, que te dera hũa carta sua, de q̃ eu não sabia: & perguntandolhe o modo porque viera ter a minha mão, me contou como nella a deixara estando eu repousando junto do rio: mostreilhe então hũa, que da mesma maneira achara quando acordei, não imaginando que era tua, como depois soube, confessandome Serrano, que o era outra, que antes me tinha dada da mesma letra, & com o pesar deste successo ando tam triste, que se a culpa fora minha estauas bem vingada. Não no quero eu ser tanto a minha custa (tornou ella) antes me dou por satisfeita da tua descarga: & indo a diante lhe cortou as palauras hũa voz, que perto daly ouuiram, como que vinha endireitando pera a fonte: & escutando de perto o que seria, conheceram que cantaua esta grosa.

*Todos conhecem meu mal*
*E ninguem a causa delle*
*Eu sei que morro por elle*
*Contra elle nada me val.*

Hum

*Hum cuidado bem nacido*
*Que amor n'alma me tem posto*
*No peito o trago escondido,*
*Mas elle de mai sofrido*
*Logo se mostra no rosto:*
*Que farei pera escondelo?*
*Se encubrillo me não val*
*Que por mais que me desuello*
*Sem ventallo, & sem dizello*
*Todos conhecem meu mal,*

*O mal nunca faz engano*
*Por ser mais claro que o bem*
*Não se encobre em peito humano*
*Logo se conhece o dano*
*Sem se saber donde vem.*
*Ande o meu n'alma enserrado*
*Por mais que o rosto o reuelle*
*Conheção pois he forçado*
*Nacer de amor meu cuidado,*
*Mas ninguem a causa delle.*

*N'uma pena tam comprida*
*De hũa sò magoa me temo*
*Que he perdendo nella a vida*
*Não ser na morte entendida*
*A causa de hum tal extremo.*
*Se inda este mal me conuem*
*Quero ter segredo nelle,*
*E ser sofrega no bem,*
*Não no saiba mais ninguem*
*Eu sei que morro por elle.*

*E se sem segredo me enleo*
*He porque quer minha sorte*
*Induzirme este receo*
*Pois que vindo donde veyo*
*Me achaua a vida na morte:*
*Mas no tormento a que vim*
*Tudo faz sò por meu mal,*
*E elle por me não dar fim*
*Tudo lhe val contra mim*
*Contra ella nada me val.*

AInda não acabaua o derradeiro verso da sua cantiga Learda, que era a que sobre a fonte vinha decendo, quando vio a Albano, que conhecendoa ao longe pela voz, a veyo seguindo por entre o mato, & ella por lhe fogir, como custumaua, saltou sem tino sobre a riba da fonte, aonde Lisea estaua enleuada nas palauras do seu pastor, em cujos braços cahio com o sobresalto esmorecida, ao tempo que Albano chegou, o qual vendo a irmã encosta- da

da no peito de Lereno, ficou ſem cor,& abrazado em ciumes & ira, a lem da que tinha da fogida da paſtora, começou a chamar, a irmã de fé mentida, & desleal: ella, que ao tom deſtas palauras acordou, dando lugar a Lereno que ſe leuantaſſe, lhe contou como elle fora a cauſa de hum accidente, que naquelle lugar a inclinara, & o meſmo lhe diſſe Leàrda, com cuja viſta ouue de perder parte da colera com que vinha, & diſsimulando a que ficaua de ſua ſoſpeita, pedio perdam a Lereno, que até entam a rogo das paſtoras eſteue callado, & voltando depois para a ſua fermoſa inimiga a quem ſeguia, diſſe: da qui julgaras Learda os males que cauſa tua ingratidão, que não ſó agrauas ao que te quero, mas fazes, que offenda a quem ſempre deſejei contentar: porem pera Lereno baſte por diſculpa a razão com que me enganei, & a Liſea a cauſa que me deu pera eſta ſoſpeita. Comigo (reſpondeo Lereno) eſtas bem diſculpado, que ſó de Learda terei queixumes, pois das ſemrazões que contigo vſa, naceram as com que trataſte mal a Liſea, & em pena do mal, que a ambos fez padecer injuſtamente, pedimos em ſatisfação, q̃ d'hoje em diante prometa galardoar melhor a affeição, que te deue. com iſto não quis conſentir a paſtora, porem com menos eſquiuança ſe diſculpou, do que Albano ſe ouue por ſatisfeito, & todos en companhia ſe forão pera o valle cantando o ſeguinte.

*Olhos em cuja conquiſta*
*Se perde a viſta, & ſe alcança*
*Quem vos vè, vè a eſperança,*
*Que perde perdendo a viſta.*

*Cora-*

*Coração não receeis*
*Este mal que vou buscando,*
*Que vos tam mal conheceis,*
*Que perdendo ganhareis*
*O que perdeis não ganhando,*
*Meus olhos, que a vista terdes*
*Auenturais nesta vista*
*Não vos pese de a perderdes*
*Que perdendoa basta verdes*
*Olhos em cuja conquista.*

*E inda que tudo percais*
*Em nada podeis perder,*
*Pois no que perdeis, ganhais,*
*Que se a vista he pera ver*
*Vos não tendes que ver mais:*
*Se este bem vos assegura*
*Olhos mostrai confiança*
*Para tanta fermosura,*
*Que onde a vista se auentura*
*Se perde a vista, & se alcança.*

*E vos causa principal*
*Desta ousadia, & receo,*
*E deste atreuido mal*
*Olhos ante quem o cristal*
*Fica escuro & fica feo:*
*O que em vossa cor se alcança,*
*E o que eu quero o mesmo he*
*Se o não trocara a mudança,*
*Que se vira quem vos vè*
*Quem vos vè, vè a esperança.*

*Como soe acontecer*
*Dura tam pouco essa gloria*
*Acabando de vos ver,*
*Que so fica na memoria*
*A vista para a perder:*
*Que essa cor fermosa & bella*
*A quem nada ha que resista*
*Quem à ve perdese em vella,*
*Pois vè a esperança nella*
*Que perde perdendo a vista.*

DEpois de cantarem, se apartaram os pastores para seus rebanhos, & ficou Lisea com Learda ao longo do rio (aonde os salgueiros, que a turua corrente do inuerno arrebatara deixauam sobre a vea da agoa os verdes ramos) junto de hũa espessa syluería, que pelo areal se metia dentro do rio, sustentada dos antigos troncos, que ali ficaram, & dentro nella estaua o pastor Alceo dormindo à sesta, de modo que com a espessura do mato se não podia diuisar. Ali tomou Lisea pela mão a pastora Learda, & com palauras d'amor, que tè nos olhos lhe mostraua, lhe dizia:

folgara

folgara não ser parte em teus amores,por não fazer sospeitosa a verdade do meu conselho,& assi te diria com menos receo o que sinto,& deixando o respeito de Albano (a quẽ por natureza estou obrigada)não consentirei, que sendo tá fermosa sejas ingrata a quem te ama, por não ver algũa hora mal empregados os castigos de amor, em os quais nem val a disculpa da innocencia, nem o poder de tua fermosura:& bem creo eu, que se conheceras quanto custa querer bem,o não pagaras mal a Albano, nem ouueras por interessada a minha razão. Não lhe sejas esquiua em paga de te ser affeiçoado, que he fazer contra o muyto q̃ mereces. A isto respondeo Learda com os olhos baixos, & a cor alterada. Cada hũa de nos Lisea julgando pela experiẽcia que tem de amor,seguimos nelle estremos muy differentes: tu pelo que conheces de quem amas,ou pelo que de ty tens alcançado julgas quanto custe amar, & eu tenho conhecido quam pouco val pela verdade que experimẽtei,& se te não for pesada serei breue.

*NO principio de minha terna idade*
*Quando liure d'amor menos sentia*
*Os enganos, que trata, a quem conhece*
*De sua sogeição mal entendida:*
*Quando da liberdade, que gosaua*
*O preço não sabia, despresando*
*Bẽs, que so pela ausencia se conhecem:*
*Com hum pastor me criei desta ribeira*
*Do meu paterno sangue procedido,*
*Com tam liure querer, que não sabia*
*Mais que quererlhe bem singelamente:*

Com

*Com elle apacentaua o manso gado,*
*Com elle as leues feras perseguia,*
*Com elle a tarde a sesta, a madrugada*
*Recolhia, & tiraua o meu rebanho,*
*Mas como amor espreita sempre o tempo,*
*E vio que neste estado se criaua*
*Fora de seu respeito tanto amor:*
*Foy elle com a idade grangeando*
*Poderse descobrir seu senhorio:*
*Neste crecendo foy nossa affeição*
*Atè chegar a hum conhecido estremo*
*Que mal se esconde o que nos olhos mora:*
*Eu viuia de vel'-: elle de verme,*
*Cada qual em seus olhos tinha a vida:*
*Todo o nosso desejo,*
*Toda a nossa esperança*
*Era ser elle meu, eu sua esposa,*
*Nisto a fé era igual, & a segurança*
*Da vontade do Ceo sò dependia:*
*Não quis elle (ay de mim) tanta vẽtura,*
*Ou amor a inuejou como tiranno.*
*Aconteceo hum dia*
*Passar por esta valle hũa pastora*
*Peregrina no trajo & fermosura:*
*Que nas prayas do Tejo se criara,*
*E della se passaua para o Douro,*

*Onde*

*Onde grandes rebanhos, grandes pastos*
*Herdara de hũa tia, ou da fortuna,*
*Que se quis melhorar da natureza:*
*Vio a esta o meu pastor (q̃ nunca a vira,*
*Ou o Ceo em a vendo me acabara,*
*Tambem lhe pareceo, tanto vio nella,*
*Que eu nos seus olhos via o seu cuidado*
*Sendo o mayor que tinha defendermo:*
*Comecei a sentir*
*Differenças de amor,*
*E enganos que cobriam hũa offensa*
*Mal merecida, & bem dissimulada.*
*Ia quando me fallaua*
*Mostraua hũa frieza,*
*Hum desejo, hum receo, outra vontade*
*Differente daquella, que antes tinha,*
*Mao he de sustentar amor fingido*
*A quem ja de verdade teue amores:*
*Eu que a causa dos seus não conhecia*
*Sò com minhas sospeitas me enganaua*
*Te que os mesmos ciumes descobriram*
*Minha justa razão, & a culpa sua:*
*Soube mais em meu dano,*
*Que aquella mesma noite*
*Com trajos differentes*

*Auia*

*Auia de yr fallar a esta pastora:*
*Entam me deu amor noua ousadia,*
*Porque não pode darme paciencia*
*Que não desesperasse em tanto aperto:*
*Mudo o trajo tambem, mudo o toucado*
*A falla, o modo, o termo, o passo, o rizo,*
*Em tudo natural ao da estrangeira*
*Por ver se com fingidas apparencias*
*A graça da ventura lhe ganhaua,*
*Mas ay q̃ em vão se muda o trato, a vida,*
*E a sorte por mudauel sempre he firme*
*Quando nos males fixa a roda ingrata*
*Com o escuro da noite poderosa*
*Iunto aquella cabana onde pousaua*
*Me sobi no lugar mais alto della,*
*Esperando o successo não cuidado.*
*Eis quando o meu pastor*
*Na volta de hũs vallados apparece*
*Guiando pera o posto com cautella:*
*Como quem ja de amor vinha insinado*
*E vendo me de fronte*
*Cuidando, que outrem via*
*Com mimosas palauras me obrigaua*
*A crer o que dizia:*
*E eu por melhor fingir via & callaua,*
*Representoume aly sua affeição,*

*Obri-*

*Obrigoume a que cresse o seu cuidado*
*Sem procurar de amor outro interesse:*
*Que faria coitada*
*Quem pelo seu sòmente aly viera?*
*Em mil desconfianças*
*Lhe pus a propria vida:*
*Deilhe mil desenganos*
*Com aspereza ingrata*
*Tè velo aly ficar desesperado,*
*Mas não no consentia de vontade*
*Este meu coraçam, que hia temendo*
*Por em risco hũa vida.*
*Porquem mil vidas dera*
*Se tantas possuira,*
*Ou se quem lha tirou tantas quisera,*
*Que mal fingir sabia crueldades*
*Contra quem tanto amaua?*
*Mal me desobrigaua das palauras,*
*Que sempre me venciam.*
*Em fin cortando as suas me apartei*
*Por lhe não dar mais forças contra mim:*
*Foy seguindo a pastora o seu caminho.*
*Partiose para o Douro descuidada*
*Do que em sua figura acontecera,*
*A ausencia certa mãy do esquecimento*
*Mostrou no meu pastor o mesmo effeito*

*Tor-*

Tornou ao mesmo estado,
De lhe não lẽbrar mais,q̃ os meus amores:
Mas eu não soube ter hum bem tamanho
Se não para perdello,
Hũa manhã dourada
Para mim triste escura,
Que nunca amanhecera,
Deciamos com o gado para o valle
Ambos em companhia
Em praticas de amor exercitando
O juyzo sogeito a seus poderes.
Não sei como assi foy, que eu descuidada,
Ou tentada da sorte minha imiga
Lhe chamei desleal & fementido
Mudauel,& incapaz de meus extremos:
Elle tendo a razão por encuberta
Se ouue por offendido,
E com rigor sobejo me culpaua
Obrigoume a contarlhe a triste historia
Como me acontecera:
Seruiolhe a minha queixa de lembrança,
E a mi minha vingança de castigo:
Apartouse de mi & vindo a noite
Se despedio tambem destes outeiros
Sem dizer mais,que a elles tal mudança:
E estes meus tristes olhos,que o perderam

*Choram de dia, & noite a culpa minha:*
*Hora julga Lisea do que ouuiste*
*Em quem terei amor firme & seguro*
*Se neste fez o tempo tal mudança*
*Em quem poderei ter firme esperança*

OVui a tua historia (disse Lisea) com o pesar que deuia à desgraça de teus amores, de que com razão deues sentir o successo,' porem não te desobriga nelle o engano de hum pastor, para que offendas outro, que de verdade te quer. E que segurança (tornou ella) terei de não ser engano? se aonde auia tanto mayores razões de confiança faltou a fé, que ey de crer de quem ainda não tiue experiencia? Nẽ eu te aconselho (respondeo Lisea) que sem fazer proua clara da fé de Albano te fies delle antes que o experimentes muy de vagar em teus amores, & como nelles o achares, assi o trata, que doutra maneira sera executar em hum innocente o castigo do culpado. Não te canses (disse Learda) que não ey de prouar de nouo o que hũa vez me custou tã caro, nem ey de empregar minha affeiçam mais que nos teus olhos, que me parecem fermosos, & sem engano, a ty quererei, a ty vellarei o gado, é por teu amor desprezarei a vida, & pois he tua não na procures para quem a destruira em pouco espaço: & com estas palauras lançou os braços a Lisea, que entre os seus por hum pouco a teue apertada: Nestas palauras estauam quando para ellas vinha hũa pastora com hum brial branco, semeado pela guarniçaõ de meudas boninas, hum volante deitado ao desdẽ sobre os cabellos, cõ hum cajado de aueleira na mão guiando hum fato de cabras para o rio, & tras ellas cantaua estas endechas.

*Pastora que a amor*
*Descobre a vontade*
*Fia a liberdade*
*De amigo traidor.*

*Foge do perigo*
*Cae na cilada*
*Vai meter a espada*
*Na mão do inimigo.*

*Dà a guardar receos*
*A quem fè quebranta,*
*E a quem se leuanta*
*Sò com bẽs alheos.*

*Toma por leal*
*Hum ingrato a quem*
*Nunca se fez bem*
*Que não faça mal.*

*Fia de hum contrato*
*Com que o mais auaro*
*Compra tudo caro*
*Por vender barato.*

*Corre vn mar mudauel*
*Sempre perigoso*
*Quieto enganoso*
*Reuolto intratauel.*

*Amor não conhece*
*Nem guarda respeito*
*Por não ser sugeito*
*A quem lhe obedece.*

*Sem vista,& sem fè*
*Nos quer conquistar*
*Vè pera atirar*
*Pera o mais não vè.*

*Minha liberdade*
*Guardaiuos d'amor*
*Viuireis melhor*
*A vossa vontade.*

CHegando mais ao perto,conheceram as pastoras, que aquella era Nise,que vinha de proposito mais fermosa,pera obrigar de nouo a Alceo, o qual acordando do sono ao tempo que Lisea entrou na sua demanda, callado esteue escutando o effeito que fazia na fermosa Learda, & vendo diante seus olhos que sempre com rigurosso desdem delles fogia, estaua contente: porem ao tempo que Nise se entregou nos braços das duas pastoras,lhe cahio ao fundo do rio hũa cabra cilhada a mais fermosa

d'entre as suas, porque enganada de hum mal seguro torraõ, deu na corrente da agoa, & as pastoras sem lhe poderem valer chorauam a perda della: mas Alceo que a vio se lançou ao rio como estaua vestido, de cujo impetu ellas foram tam salteadas, que com estranho temor desemparando o gado, fogiram pera o largo do valle, imaginando que era algum Fauno daquella ribeira, & não se ouueram por seguras até o ver sayr dentre as ondas com a cabra sobre os hombros, & o vestido deitando de si hũa nuuem d'agoa: entam chegando todas a elle lhe deram graças do trabalho, em especial Nise de quem a cabra era muyto estimada lhe disse: Nunca me esquecera Alceo o a que te auenturaste por meu respeito, tendo por menor perigo o da tua vida, que a perda da minha res. Quisera eu (respondeo o pastor) que fora este hum golfo muy perigoso, & que me mostaras da outra parte teu desejo, a ver se desprezaua o poder das ondas, & o bem da vida por te dar gosto. & se (como atégora me mostraste) o tés de meu dano dizemo em galardam do q̃ te quero, & padecerei por minha vontade: & peço isto neste lugar, porque não sei se me dara outro minha ventura: Nise que ouuia as palauras do pastor, & que nos olhos lhe conhecia a verdade dellas, & o via qual sayra d'entre as agoas por seu seruiço, não lhe pode negar compaixão, & obrigada das companheiras lhe respondeo: Sempre me pesara de teus males, & não permita o Ceo, que por minha causa padeças algum, que ja agora seria ingrata ao que te deuo se não procurasse teus bés com muyto desejo, & ao tempo deixo por agora o mais: com isto ficou Alceo tam satisfeito, que o contentamento lhe tirou o poderlhe responder, mas com os olhos lhe mostrou o que a lingoa não dizia: & porque era ja noite se foram com o gado, & no caminho souberam de Alceo o como aly viera pera mere-

cer

cer tal ventura, que como esta se não guia por razão, vay buscar a hum descuidado que dorme,& foge de hum cuidadoso,que sempre vella.

### FLORESTA VNDECIMA.

DEPOIS destes enleos de mudança, que Lereno passaua na esperança de ver a sua senhora: cõtemporisando com Enalia, & Lisea,que cada hũa com enganada cõfiança o procuraua: veyo aquelle día em que tinha auia tãtos o desejo, & porque nenhũ descuido lhe encurtasse as horas,se leuantou antes de amanhecer cuidando que hia seguro de ser visto, quem atè do Sol se encobria, & tomou o caminho junto a ribeira do Lis: mas como quem a amor entrega sus cuidados sempre vigia,conheceo o Lisea,que aquella madrugada se leuãtara por ouuir hum roixinol, que de sobre hum loureiro lhe cantaua ao pé da cabana,& vendo que Lereno sahia da sua aquellas horas,temendose de algũa nouidade, porqne sempre amor viue entre receos,vestindose foy ao longe escondida seguindo tras elle ao longo dos matos,té que o vio entrar por aquelle desuio,sem diuisar mais, que hũa pequena abertura dos penedos,& aly não comprendendo cõ a imaginação a causa que o leuaua, o esperou: porem o pastor alheo disto com o desejo em que tinha a vida,tomou o caminho em que sua senhora o guiara, & sobio ao monte por hum carreiro tam estreito entre os matos,que cuberto cõ os viçosos ramos de aruores syluestres, não dauam lugar a que caminhasse sem ruido:& sahindo por elle a hum alto, donde escondido descobria todo o valle,ouuio que no baixo delle cantauam vozes consertadas ao som de instru-

mentos differentes,que com suáue armonia se cõsertauaõ, & entendendo que eram Nimphas daquella fonte, porque aly entraõ as suas agoas na corrente do rio com os olhos & ouuidos pera aquella parte as escutaua: era o lugar (alem do que entaõ o melhoraua) muy apasiuel & deleitoso, porque depois de estar entre muytas aruores de boa sombra, que tinhaõ semeada a relua das flores, que por entre os ramos andaua sacudindo o brando vento. entrauam com muyto ruido as aguas da fonte em hum remanço do claro Lis, que debaixo dos altos freixos, que o cobriam estaua tremendo, & daly com saudoso mouimento se hiaõ despedindo as agoas daquella rocha, com cujo som faziam os musaicos accentos mais saudade, & dizia a cantiga.

*FErmoso rio Lis, que entre aruoredos*
*Ydes detendo as agoas vagarosas*
*Atè que hũas sobre outras de inuejosas*
*Ficam cobrindo o vam destes penedos.*
*Verdes lapas, que ao pè de altos rochedos*
*Sois moradas das Nimphas mais fermosas*
*Fontes, aruores, eruas, lirios, rosas*
*Em quem esconde amor tantos segredos.*
*Se vos liures de humano sentimento*
*Em quem não cabe escolha nem vontade,*
*Tambem as leis d'amor guardais respeito:*
*Como se ha de liurar meu pensamento*
*De render alma, vida, & liberdade*
*Se conhece a razam de estar sugeito.*

Acaba-

ACabado o seu canto, que era a tempo, que ja o Sol douraua os montes, com a fermosura da clara luz, que derramaua, vio que sahiam de hũa espessa mata sete Nimphas cubertas de hum veo roxo franjado de prata com alparcas sameadas de flores de prata, & sobre a cabeça capellas de acipreste, & rosas brancas murchas, & com tranças de azul & prata tinham en laços os cabellos: & quatro destas trazendo nas mãos hum tumulo cuberto de branco por quatro braços de purpureo coral, pondoo em hum alto, que aly estaua feito de diuersas flores, o cobrirão de outras muytas, & daly a pouco espaço vio hũa Nimpha vestida com largas roupas de cetim roxo com bordadura de aljofar, & deitada sobre o tumulo tangendo as Nimphas sonoros instrumentos, cantou o seguinte.

*Reliquias saudosas, que em memoria*
*Ficastes de meu bem tam mal perdido*
*De q̃ hoje conuerteis em pena a gloria.*
*Se pode auer nas cousas sem sentido*
*Pela parte de amor hum sentimento,*
*Que os poderes da morte tem vencido:*
*Ouui de minha voz o triste accento,*
*Que suspindendo está nesta espessura*
*O rio vagaroso, o surdo vento:*
*E vos alma fermosa bella & pura,*
*Que estais gosando agora liurement*e
*Eternos bẽs de vossa fermosura.*

*Vos alma bella, & corpo trasparente,*
*Que pera contentar a todo o Ceo*
*Deixastes toda a terra descontente.*
*Vos em cujos estremos se venceo*
*A arte, & o saber da natureza,*
*Que com tantas inuejas vos perdeo.*
*Se là nesse alto cume de grandeza*
*Onde tudo são bẽs de hũa alegria*
*Podem sobir sospiros de tristeza.*
*Ouui a rouca voz desta Elegia*
*Messageira fiel da saudade*
*De vossa alegre, & doce companhia.*
*Ah enganosos bẽs da leue idade!*
*Quam mal em vos emprega a confiança*
*Que cuida achar razão, tẽpo, verdade.*
*Sò he larga na vida hũa esperança,*
*Sò a pena nos males he comprida,*
*E o mal sempre he mayor quando mais cansa.*
*Sò encurtam os fados a hũa vida*
*Por quem mil de vontade se perderam*
*Se esta pudera ser restituida.*
*Mas não he ella não a que offenderam*
*Pois de entre escuras treuas a tiraram,*
*E entre claras estrellas a poseram.*
*O mundo escurô offendem, que deixaram*
*Sem a luz dos seus olhos tam fermosos,*

*Que*

*Que a morte em vão serrandose abrandaram.*
*Offendem sò meus ays tristes queixosos*
*Conhecendo no mal a differença*
*Doutros dias que foram venturosos.*
*Em quanto a dor permite esta licença*
*Choray meus olhos sẽpre a triste magoa,*
*E sinta toda a terra a vossa offensa.*
*Pois perdestes a luz encheiuos d'agoa,*
*Que saya destilada deste peito,*
*Que a dor tẽ cõuertido em viua fragoa*
*Fazei agoas do Lis o vosso effeito,*
*E com doce murmuro suspirando*
*Buscai ao mar pagailhe seu direito.*
*E se tambem por sorte acompanhando*
*Vos forem minhas lagrimas cansadas*
*Com q̃ estou de memorias descansando.*
*Entre nuuẽs espessas enserradas*
*As fazei là sobir nesse Orisonte*
*Onde sijão da causa respeitadas.*
*Vos aruores sombrias, quẽ defronte*
*Deste tumulo sacro estais mouendo*
*Os altos ramos sobre o verde monte.*
*Com o nome de Amarili yde crecendo*
*Pera que do mais alto das estrellas*
*Ella o esteja em vossos ramos vendo.*
*E vos lume do Sol, & inueja dellas*

*Vol-*

*Voltai hum pouco o parecer diuino*
*A quem se vos nãovir pode offendellas*
*Logo fareis, que o Ceo claro & benigno*
*Defenda este lugar sereno, & santo,*
*Que esconde o vosso corpo doutro dino:*
*Fareis sobir ao Ceo meu baixo canto,*
*E as nuuẽs penetrar con voz interna,*
*Que comforça da dor chegara a tanto.*
*Sobre essa Gerarchia alta, & superna*
*Leuara esta offerta que offerece.*
*Que pode ser no mundo quasi eterna;*
*Por quanto dura a vida que aborrece.*

ACabado isto cobrio de repente hũa escura nuuem todo o valle, & como se o Sol se ecclypsara, faltou a Lereno a vista por grande espaço, perdendo naquella cõfusam o sentido, até que diante lhe appareceo a noua luz de seus olhos, & vio a sua pastora vestida em hum vaqueiro de monte encarnado guarnecido de frocos brancos, & verdes, os cabellos entrançados da mesma cor, feitos em hũa serpe, a que ficauam por olhos dous contrafeitos bem mequeres, & as alparcas cubertas delles, hum arco no braço, & hũa aljaua de setas, & tomando ao pastor pela mão lhe disse. Desperta Lereno, que para cuidados tam altos, não conuem animo enleado: & pois te trouxe aqui a ventura não na desconheças: ao que o pastor respondeo ja menos turbado: pode desconhecer o bem, que em vossa vista se alcança quem de todo perder o juyzo, mas o que me deixou amor para contemplaruos, nem o

vencem

ve●cem receos,nem pode desejar outro mayor bem, que teruos presente,& com este me ey pelo mais venturoso pastor,que naceo nas montanhas, & prometo en gloria desta fazer lembrada no mundo vossa fermosura,& leuantar nas azas da fama minha estrella com vosso nome: este vos peço, que me digais para saber nomear o senhor de minha vida. O tempo to descubrira (respondeo ella) & agora baste,que te sustentes no que ves, que nem eu faço cõfianças sem experiencia,nem quero q̃ esta seja a primeira, & quando sayres deste valle,& te vires nos da tua ribeira,lembrate que segredo, fé, & conhecimento satisfazem para com amor a falta de merecimentos humanos,não descõfies dos teus,& encomenda os pensamentos a ventura, que nunca nega fauor aos mais ousados, & cõ estas esperanças te torna ao teu rebanho,antes q̃ neste lugar sejas sentido, & dizendo isto voltaua o passo para o bosque,mas o pastor a prẽdeo do arco com estas palauras. Não atalheis senhora tão depressa a minha vida:se quereis que me fique para esperar tantas venturas,que fora de vos ver, até os animais desta montanha se leuantaram contra mim: não me façais decer de estado tam venturoso a outro tam desesperado: & dizendo isto, foram salteados pelo mato de duas pastoras de estranho parecer, vestidas com vaqueiros de apauonado, os arcos no braço,& as voltas dos vaqueiros cheas de fruitas do bosque: & porque com a sua chegada Lereno se escondeo de subito entre os ramos, disse hũa dellas Não sei pastor, que te obrigou a fogir de nossa vista,que não he cada hũa de nos tam desconfiada do que parece que faça espanto. Tanto pode causar(tornou elle) a estranheza das cousas sobrenaturais,como das muyto disformes:porem o meu receo foy doutra causa, q̃ eu temia ser visto,& não receaua veruos,pois doutro modo quem fogisse
de

de vossa fermosura, mostraua quam pouco era pera a conhe cer. Com essa disculpa (tornou ella) sofreremos melhor nossa desconfiança, & soltando as pontas dos vaqueiros, espalharão as saborosas fruytas que trazião entre muytas flores sobre a relua, & sentadas comeram todos, porem Lereno mais sofrego na vista de sua pastora, que na offerta das outras estaua suspenso, & cõ mil galantarias a cada passo o despertauão, & acabando de comer tirando hũa dellas, hũa dourada rabeca, & a outra pedindo a cytara a Lereno, cantaram o seguinte.

*DEscobre nouo mundo o pensamento*
*Estende as azas, não respeita a vida,*
*E em fantasticos bẽ sem fundamenio*
*Tras a leue esperauça repartida.*
*O tempo he leue, & corre mais q̃ o vento*
*A fortuna mudauel fementida*
*O desejo a omor risco se offerece*
*Amor com falsas mostras apparece.*

*Hora hũa cor hora outra cor varia*
*(Quem vio cego tambẽ julgar de cores)*
*E em cada hũa enleua a fantasia*
*Dos seus, mais qne elle cegos, amadores.*
*Mostra sempre por sonhos a alegria*
*Quando os olhos de si não sam senhores.*
*Naquella sombra vã da noite escura*
*Tudo posiuel faz tudo assegura.*

Contra

*Contra o fingido bem da gloria humana*
*Tudo se arma, s'esforça, & se conjura*
*O tempo, & a esperança sempre engana*
*Poem o desejo a vida na ventura:*
*Amor que a sua força fez tyranna*
*N'uma imaginação, que se affigura*
*Faz venturoso o mal que se padece,*
*Mas logo no melhor desaparece.*

EM quanto ellas cantauam com vozes soberanas, o pastor com os olhos nos de quem o senhoreaua, imaginando em sua fermosura descuidado das palauras da cantiga, escreueo estas em o tronco de hum alamo, que junto a elle estaua.

*Mudas plantas quem não cre,*
*Que estais vendo minha gloria,*
*E eys de seruir de memoria*
*Na lembrança desta fè.*
*Fique em vossa fermosura*
*Este final não pequeno*
*Lugar aonde vio Lereno*
*Posta a seus pes a ventura.*

E Como os bẽs não podem durar tanto, despediraõse logo, & a pastora, que nas lagrimas que nacião nos olhos a Lereno conheceo a dor, com que se apartaua, lhas enxugou com a mão, & tomandoo pela outra guiou para o valle aonde elle sabio tam triste, como se adeuinhara o mal que sua ventura lhe ordenaua, & foy que aquella pastora Lisea, que em fauor de seus males lhe quis tanto, & o ficou esperando junto ao rio Lis entre os penedos, vendo que passada grande parte do dia, o seu pastor não tornaua, perdendo com amor o receo, entrou naquella coua, & sahindo

hindo ao valle pellas pisadas que achaua, foy ter a fonte, &
foy pello caminho que Lereno seguira atè se emboscar no
mato, & aly a assombrou tam grande temor vendo hum
ceruo, que pelos syluados vinha pulando para onde a vira,
que gritando em alta voz, começou a bradar pelo seu Le-
reno, que lhe valesse, imaginando que não estaria muy des-
uiado: & ouuindo este brado a pastora que entam delle se
apartara cuidando que algum grande mal lhe succedia, ve
yo correndo para aquella parte, & achando a Lisea naquel
le sobresalto, liure ja do ceruo que atrauessara o caminho,
lhe preguntou como aly viera, & a razão porque bradaua,
& por quem: ao que ella respondeo. Ainda que o perigo
em que me vi, & o desuiado caminho em que me vejo me
fizera perder a confiança, & a vida, bastaua teruos por va-
ledora pera me auer por contente de mayores males: quẽ
me fez este: que ja não tenho por tal, foy hum pastor a que
chemaõ Lereno nacido nesta mesma ribeira, & bem conhe
cido entre os guardadores della, pello qual bradaua, que
me socorresse: & a este permitio meu fado amasse tanto,
que de tudo o mais por seu respeito viuesse esquecida: esta
manhã vim com elle da sua cabana te as fraldas do rio, on-
de juntos passauamos outras vezes a festa, & deixandome
aly entrou por hũs penedos a buscar hũa ouelha que me ti-
nha dito, que naquelle lugar desaparecerá, & asi o fez elle,
té que eu desesperada tomando o mesmo caminho o vim a
buscar neste lugar tam estranho, onde metendome entre os
matos fora de tino vi hum forioso ceruo, que pera mim
vinha correndo, & atrauesando o caminho passou ao tem-
po que accudistes pera me valer. Mais estimo eu (respon-
deo a pastora) chegar a tempo, que o meu socorro não fa-
zia falta, que liuraruos de grande perigo ainda que isso fos-
se de mayor merecimento, & creo que muytos deue ter es-

se pastor a quem buscais, pois a tanto vos obriga: mas já sera culpado no dano que vos fez, dado que não quisesse ser a causa d'elle: ao que Lisea lhe respondeo: quẽ sabe querer de verdade, ainda que culpe a quem ama, em si executa a pena, & a que me sera mayor he não achar o meu Lereno pera me queixar das horas em que me faltou, & não dõ risco em que me pos a vida que era sua. Muyto amor vos deue (tornou ella) pois quando mais queixosa, vos mostrais taõ rendida, & ja lhe quereria mal, ou de vos o estranharia, se não sabe merecer essa fé. Na sua confio en tanto (replicou Lisea) que tudo o mais me esquecera se a falta de sua vista com outra cousa se pudera aliuiar. Folgo estranhamente (disse a da montanha) de vero bem de vosso estado, & ei compaixão de algũa pastora, que do vosso Lereno pretendera a mesma firmeza, como soe acontecer. Não falta (disse Lisea) quem cõ elle se engane, que poucos dias ha, que hũa do nosso valle se achou com a mesma confiança, q̃ eu agora tenho, & auendo sempre da vontade do meu pastor o desengano tinha a sua perfia por bem galardoada. Graciosa pastora (disse a outra) Deos vos dé vẽtura em vossos amores, & gozeis o fruito delles liure de receo, & mudáças: & pois o Sol a vay fazendo nestes montes, & me he forçado dar ainda hũa volta ao fim da montanha, querouos acõpanhar te a sahida della, & fora achareis o vosso pastor, q̃ por estranho caso aquiveyo perdido, a elle dizei como me vistes, & o q̃ me contastes, q̃ lhe encomendo muyto quanto vos deue, que se esqueça de tudo o que não for seruiruos, & asi o faça do que em outra parte podia ter alcançado, que bem he pera quem so com amor pretende merecimento ser seguro em a fe, que promete, por onde lhe conuẽ ter todos os respeitos á vossa: que se guarde de entrar mais neste bosque, & asi o fazei vos, porque d'hoje em diante

diante he eſtè paſſo muyto perigoſo , & poucos entram ; que ſayão com a vida . Ia de agora (reſpondeo Liſea,que a ſeguia pera o valle ) vos deuerei ſempre a que me dais , & pois me não fica eſperança de poder veruos cedo, o tempo me dara algũa de ſeruiruos, & agora no que me mandais o farei:chegando aos penedos , ambas cõ hum abraço ſe deſpediram, Liſea cuidando no ſeu perigo paſſado alhea d'outro que ſeguia,porque nunca vem ſos pera tomarem hum coração ſem reſiſtencia.

FLORESTA DODECIMA.

DA Parre por onde vem decende o rio Lis antes de chegar aos eſpaçoſos valles,que cõ ſua corrente vai regando, toma hum eſtreito caminho entre altos aruoredos , onde cõ profundo ſilẽcio ſe detem até chegar a queda de hũa alta penedia, é aly repartidas as agoas,medroſas vaõ fogindo por entre as raizes de amargoſas nogueiras,outras offerecendoſe aos penedos cõ ſaudoſo ſom eſtam nelles quebrando,& depois ficam derramadas em hum largo ſeixal,no fim do qual recolhidas em dous ribeiros,o mayor depois de muytas voltas ſe vay a encontrar primeiro com as agoas de que ſe apartou entre altos cipreſtes & loureiros . O outro ao voltar de hum valle ſe vay encoſtando a hũa alta rocha por baixo de eſpeſſas aueleiras, & eſperando as agoas hũas pelas ontras deſcobrẽ a boca de hũa lapa encuberta entre hũs ramos,que vai por baixo do chão hũa legoa,& neſta auia fama, que viuia hum ſabio de muyta idade, que por encantamento a fabricara, o qual naquelle lugar era buſcado de muytos paſtores naturais,

turais,& estrangeiros a que daua remedio em muytos males,particularmente nos de amor, de quem elle ja fora na mocidade atormẽtado,& neste tempo corria mais a fama das marauilhas que obraua, quando Lereno sahio do valle desconhecido, triste pella ausencia de sua pastora, que a tã ditosa esperança o leuantara, & antes de recolher o gado encontrou a Lisea, a qual incerta de seu dano, não imaginando o que cõtra si fazia, lhe disse o que passara indo tras elle & o mais que lhe acontecera com a pastora da montanha,cujo recado lhe deu. O pastor quando isto ouuio, como se aquella hora lhe arrancaram a alma, ficou sem cor, & sem falla, & virando as costas a pastora foy sospirando pelo valle acima.& ella ficou tam desesperada cahindo no que fezera, que depois de muytas & lastimosas palauras q̃ disse se quisera deitar no alto do rio, & pagar com a vida seu descuido:mas a isto atalhou Nise, que perto andaua cõ o seu gado,& todo aquelle dia com amorosas razões a aliuiou em o mal, cuja causa lhe encobria, & depois de muytos em que o pastor andou entre os matos emboscado, comendo o fruto das aruores sem dono,aborrecendo a cõuersação dos naturais pastores,dizendo as feras,as aruores, & penedos seus queixumes:foy por aquelle caminho a buscar o valle, por ver ao menos as reliquias de sua passada gloria,representada no lugar aonde a gosara,mas achou serrados os penedos da coua,como se nunca aly ouuera tal caminho. & tendo então por impossiuel o remedio de seu mal,fazendo mil discursos, que na imaginação vinhão a parar em desatinos,se foy hũa manhã buscar ao sabio Menalcas,que habitaua na quella estranha morada, que dissemos junto do rio,& entrando pela coua,aonde com a escuridão não atinaua,foy ter aonde corria hum ribeiro,cujas agoas vinhão tam frias que tocando a mão nellas, perdia

de improuiso o sentimento, & chegando aly ouuia dentro grande armonia de musica de aues, & entre vozes humanas: mouer de aruoredos, & murmurar de fontes, & dahi a pouco espaço se veyo para elle o sabio velho, & lhe perguntou o que buscaua. Aty (respondeo elle) pera remedio de meu cuidado. ou desengano delle, que posto que conheça não ter cura minha desgraça, o desejo de me ver liure, faz que procure cousa tão duuidosa, ou pera melhor dizer impossiuel. O velho o tomou pela mão, & leuandoo a hũa quadra, que com artificiosa luz se alumiaua, & sentandoo perto de si, lhe mandou com mostras de brandura, que cõtasse a sua historia: & Lereno, que com a lembrança renouaua a dor della, com lagrimas, que nos olhos lhe naciã contou do principio de sua vida: te o estado em que estaua, que tinha pelo fim della: ao que o sabio com hum maduro sosego respondeo. Posto que os males cansaõ ao sofrimento, & os teus sejam de calidade, que te ponhão a risco de o perder vendote sem culpa. Não desesperes de ser curado, que tudo ha no tempo, que em casos semelhantes com a longa experiencia me insinou: & pera que de mim nas obras conheças a vontade cõ procurar teu remedio: esperame neste lugar, que logo nelle saberas a causa de teu dano, & em tanto (porque não fiques sem companhia) te mandarei quem te entretenha. Dito isto foy por meyo de seus encãtos a saber o successo dos amores de Lereno, & elle ficou na quadra, onde não tardou muyto, que vieram duas pastoras por extremo fermosas, vestidas de verde claro com samarras de pellica manchada, & violas d'arco nas mãos & chegando a Lereno, o saudaram, & elle muyto contente de sua vista as recebeo, & depois de passadas algũas saborosas praticas, lhe pediram que quisesse cantar com ellas pelo modo, que o custumaua fazer na sua aldea: elle que não sabia ne-

gar

gar boa vontade a quem merecia o preço della, aceitou o cargo, & tocando as violas cantaua o pastor, & ellas respondiam na maneira seguinte.

*Quem nouas me quiser dar*
*De hũa esperança perdida*
*Darlhe ey por ellas a vida.*

*He paga muy desigual*
*A que offereces a quem*
*Te der a sombra de hum bem,*
*Que he sogeito a tanto mal.*
*E se a vida menos val,*
*Que hũa esperança perdida*
*Não he menos darlhe a vida?*
*Com os desejos de auella*
*Prometes muyto em teu dano:*
*Mas cuydo, que faço engano*
*Em dar tam pouco por ella.*

*Se à vida te importa tella,*
*Porque dàs por ella à vida?*
*Porque hũa, & outra he perdida.*

*Onde achaste em casos tais*
*Menos à tua esperança?*
*Perdeose em hũa mudança*
*Nunca della soube mais.*
*Se deres della os sinais*
*Te serà restituida.*
*Vay serrada, & vay se diga.*

DEspediraõse as pastoras acabando a musica, porque sentiram, que vinha o velho Menalcas, & elle com ledo rosto assi falou para o pastor, que entre temor, & desejo o esperaua. Posto que o estado de teus cuidados seja perigoso, è te pareça que tẽs nelle a vida auenturada não desesperes de grãdes bẽs que os fados te prometem por elles estaua ordenado, q̃ o primeiro, que descobrisse a historia de Syleno, q̃ em hũ penedo foy encantada pelos Faunos desta montanha padecesse em castigo de tal ousadia, que todos seus segredos fossem manifestos, & por esta razão se discorreres pelos successos de tua vida depois que aos pastores do Lis, & Lena a descobriste, acharas que por estranha

maneira, sem culpa tua foram descubertos os amores de Lisea a carta de Enalia,& o que te aconteceo no valle desconhecido. O remedio que tẽs pera melhorar tua sorte, & vencer a força desta desgraça,he hum desterro que logo faras desta montanha em castigo da culpa qne tiueste, & depois de larga ausencia,que sera atalhada por permissam de tua estrella, te poderas chamar neste valle venturoso pastor. Espantado ficou Lereno de ouuir o que o sabio lhe dizia, & à razão de seus males tam encuberta,vendo que nesta verdade não podia auer engano pelo que ja lhe acontecera, & em recompensado trabalho, se lançou aos pes do pastor,que com hum estreito abraço o leuantou, & veyo com elle até a sayda da coua, representandolhe sempre o que conuinha pera sayr dos ameaços de sua ventura: & elle a quem tudo o mais aborrecia,faltandolhe o bem que ella lhe negaua, determinou partirse ao outro dia sem a ninguem dar conta de seu apartamento, & deixando cabana, & rebanho, leuando sô consigo rabil, çurrão, & cajado,tomou o caminho dos campos do Mondego,porem antes de se apartar do Lis, & Lena sobido de hum alto penedo,que descobria aquelles saudosos valles & mõtes, os espessos & sombrios aruoredos, as cristalinas correntes, que hiam com ordenados rodeos cortando a verdura, tirando o pastoril instrumento com rouca voz começou a celébrar desta maneira a triste despedida.

*Fermoso rio Lis,que de contente*
*Estais detendo as agoas vagorosas*
*Por não passar daqui vossa corrente.*
*Entre essas ondas claras duuidosas*
*Leuai ao largo mar com turua vea*

Tristes

Triftes queixumes, lagrimas queixofas.
Em quanto defcançais na branca area
Ouui hum paftor trifte, & magoado
Que vay perder la vida em terra albea.
Sua ventura o manda defterrado
Não fe pode faber que culpas teue,
Que amor que foy juyz era o culpado.
Se a tanta fem razão magoa fe deue
Ouui a voz de Cifne derradeira,
Que inda que he grande a dor ha de fer breue.
Vos Nimfas, que morais nefta ribeira
Neffas lapas cubertas, & efcondida
Do mirtho, fayas, freixos, & aueleira.
Se ja de amor fentiftes as feridas,
E quanto cufta hũ trifte apartamento,
Que pera dar mil mortes dà mil vidas.
Agora que fe calla o furdo vento,
E o rio enternecido com meu pranto
Detem feu vagarofo mouimento.
Vinde a gofar da terra o verde mato
Vereis da natureza o mor thefouro
E ouuireis as triftezas de meu canto.
Em tanto Apolo com feus rayos d'ouro
Enxugando eftará com noua inueja
Voffo brando capello crefpo, & louro.

Antes que o descontente espirito seja
Apartado da doce companhia
Consenti Nimfas bellas, que vos veja.
Não vos verei porem como vos via
Hora seguindo as feras na montanha
Hora prendẽdo os peixes na agoa fria.
Chorando vos verei pois dor tamanha
Não ha como deixar a propria terra
Por yr buscar a morte em terra estranha
Penedos, que pendeis desta alta serra
De verde erua, & de musgo reuestidos
A q̃ os ventos em vão moueram guerra.
Vos decliues outeiros repartidos
Con longes amorosos, ledos pertos
So pela saudade conhecidos.
Valles, que de mil aruores cubertos
Abris caminho as cristalinas fontes;
Que os aluos seixos deixão descubertos.
Vos ladeiras incultas, & altos montes,
Que coroados sois de altos pinheiros,
E a cor tomando estais aos Orizontes.
Pastos, cabanas, gados, pegureiros,
Pastores deste valle verde ameno
Doces amigos, doces companheiros.
Apartase de vos triste Lereno

*Forçado dos poderes da ventura:*
*Contra quẽ seu poder foy tão pequeno*
*A Deos o monte, o prado, a espessura,*
*A Deos o rio & fonte cristalina,*
*A Deos as plãtas, flores, & a verdura:*
*Ia no valle, no monte, & na campina*
*Os pastores tanger não me ouuiram*
*A minha desejada samfonina.*
*Ia nas ardentes sestas do veram*
*As ouelhas a sombra do aruoredo*
*O pasto por me ouuir não deixaram.*
*Ia debaixo do vaõ deste penedo*
*Olhando os cordeirinhos q̃ pastauam*
*Não cãtarei de amor cõtente & ledo.*
*E as pastoras q̃ a ouuirme se ajuntauam*
*Ia me não teceram verdes capellas*
*Com que por vencedor me coroauão.*
*Ia nem na noite a vista das estrellas*
*Nẽ quando o bello Sol claro apparece*
*Louuores me ouuirã das Ninfas bellas.*
*Ia o vento, que ouuindome emmudece*
*Entre os Ecchos da doce Filomena*
*Não leuara meus ays onde os offrece:*
*Tornay o curso a tras agoas do Lena*
*A pesar dessa rocha, que ameaça*

*Vossa clara corrente tam serena.*
*Que não vos tirarà da vossa graça*
*A sombra desse outeiro tam temido*
*Como me tira a vida a sorte escaça.*
*De vos serenas agoas me despido*
*De vos não perderei nunca a lembrança*
*Fazendo desmentir nesta mudança*
*Quien dixo que l'ausencia causa oluido.*

LAVS DEO.

# A PRIMAVERA DE FRANCISCO RODRIGVEZ LOBO.

## *Campos do Mondego.*

### *FLORESTA PRIMEIRA.*

INDA a roſada Aurora não deſengana- narâ de todo as eſtrellas, que com alhea luz ſe queriam meter em poſſe do dia, qũando Lereno com os olhos em ſua deſejada patria, que deixaua, tomou o caminho pera os campos do Mõdego, para onde o hia guiando o ſeu deſtino por entre incultas charnecas, q̃ ja lhe moſtrauã em ſua aſporeza a differença dos valles & montes em q̃ ſe críara, & cõ a ſaudade, q̃ aquelles outeiros lhe repreſentauã ao longe, ſoſpirando a cada paſſo, voltaua os olhos atras, como q̃ o chamaua ſeu cuidado: até q̃ perdeo de viſta os altos edificios, q̃ eſtaõ ſituados em a ſoberba penha, q̃ os rios vão cercãdo: & fazẽdo daly com os olhos de nouo deſpedida, foy caminhando, & chegou a ribeira do Arunca, pequeno rio (que em graciosas voltas rodea hũa comprida varſea, & depois ſe miſtura nas agoas do Mondego) dino de eterna memoria pelos paſtores & paſtoras, que naquelle tempo o habitauam: aqui chegou o paſtor aſſaz canſado mais de ſuas lembranças, q̃ do caminho, & em hũa enſeada, que o rio faz debaixo de hũs verdes ſalgueiros, que o aſſombraõ ſe aſſentou, & depois

pois de descansar, imaginando a causa de seu desterro (que este he o aliuio que os males consentem) tomando a samfonha, cantou o seguinte.

*RElua vestida de flores*
*S[illegible]os verdes copados,*
*Que sois pastura dos gados,*
*E desc anso dos pastores,:*
*Agoas que tomais as cores*
*Da sombra desta verdura,*
*Se essa vossa fermosura*
*De continuo ver quiserdes*
*Sustentai seus ramos verdes*
*Sem olhar minha figura.*

*Doces passarinhos ledos,*
*Que fazeis vossos recramos*
*Saltando dos verdes ramos*
*Por cima destes penedos:*
*Se de amor tratais segredos*
*De mim não nos confieis,*
*Que he certo no que canteis*
*(Porque em tudo amor me offenda)*
*Ainda que não vos entenda*
*Que publique o que dizeis,*

*Gados, que assi liuremente*
*Sem inueja, ou differença*
*Gozais com tanta licença*
*O prado verde, & contente:*
*Por não verdes differente*
*O gesto com que comeis*
*Nessas flores que colheis,*
*Se à vida quereis achar*
*Guardaiuos das que eu tocar,*
*Porque logo morrereis.*

*Liures peixes, que na vea*
*Os rayos do Sol tomais,*
*E nesses puros cristais*
*Estais vendo à luz alhea,*
*Quando sobre à loura area*
*Buscais doce mantimento*
*Olhai não bebais sem tento*
*Esta agoa que me consume,*
*Que vos farà por custume*
*Perder o contentamento.*

*E vos Nimphas que pisais*
*Estas eruas, & estas flores*
*Se sabeis sentir de amores*
*Como não me acompanhais;*
*Porque hum aliuio negais,*
*Que em vos não pode ser erro*
*A quem mata à fogo, & ferro,*
*A força da mesma dor,*
*Mas ah sentistes amor,*
*E não sentistes desterro.*

*Qualquer amante agrauado*

*Por*

*Por engano, ou por mudança*
*Inda lhe fica esperança*
*Daquelle primeiro estado:*
*Ay de hum triste desterrado*
*A quem mais não se consente;*
*Que conhecer claramente*
*Pelo que em seu mal consiste,*
*Que ha de viuer para triste*
*Pera não morrer contente.*

*Perdi a gloria que tinha*
*Bem guardada, & mal segura*
*Perdi por minha ventura,*
*Que não foy por culpa minha.*
*Era força: que conuinha*
*Pera seu fatal intento,*
*Que eu padeça meu tormento*
*Adorando a semrazão*
*Dando a hum falso pregam*
*Verdadeiro sofrimento.*

*Voume do meu natural*
*Por mal estranho a que vim*
*Bem descontente de mim*
*Não da causa de meu mal,*
*E se ante amor tambem val*
*O padecer por vontade,*
*Agoas que com liberdade*
*Buscais o fim desejado*
*Testimunhai meu cuidado*
*Sois claras, falai verdade.*

NO fim destes versos, que Lereno dizia com a lembrança em outras horas, que naquella ribeira gastara com mais contentamento, tomaua o çurrão pera seguir seu caminho, quando o atalhou Pireo hum nobre guardador, que naquellas partes apacentaua, & depois de lhe offerecer repouso & gasalhado em sua cabana lhe perguntou a causa de seu apartamento: mas elle, que com tanto cuidado a encobria, & não pode dissimular queixumes, os lançaua todos a ventura que o perseguia, & a quam mal lhe respondia o fruito do seu rebanho nas ribeiras do Lís, auendo por desgraciada sorte a de quem tinha por madrasta a natureza. Pireo o consolaua, pondo em o tempo a esperança, & remedio de sua vida, facilitandolhe a mudança de todas as cousas della: a estas razões daua Lereno outras de magoado, & com ellas se despedio do pastor, que

que contra sua vontade lhe deu licença: elle se recolheo ao lugar, & Lereno tomou o caminho por fora delle, & não tinha andado muyto, quando vio, que diante hia cantando hum estrangeiro com o cajado ao hombro, & parecia taõ bem a sua voz, que Lereno apressou o passo pera ouuir de mais perto a cantiga, que era esta.

*Trabalho por esquecer*
*Hum cuidado que me mata,*
*E quando pior me trata*
*Então menos pode ser.*

*Este mal, que assi me cansa*
*Por quem tanto me desuello*
*Sem nunca lhe achar mudança*
*Como viue da lembrança*
*He o remedio esquecello:*
*Porque he parte da saude*
*O trabalhar pella ter,*
*Inda que ninguem me ajude,*
*Per ver se isto tem virtude*
*Trabalho por esquecer.*

*Não me ajudo da razam,*
*Porque vejo que não val,*
*Que amor tem de condição*
*Pera males de afeição*
*Nó dar razão para o mal.*
*Depois que me fez catiuo*
*Nenhũ respeito me cata*
*Só quer que em tormento esquiuo*
*Morra sustentando viuo*
*Hum cuidado que me mata.*

*Este mesmo se defende*
*Do remedio que lhe dà*
*O desejo que o pretende,*
*Porque mal s'esquecerà*
*O que de contino offende*
*Effeitos tam desiguais*
*Não nos sofre a dor que mata.*
*Que entam m'atormenta mais*
*Quando dà mores finais,*
*E quando pior me trata.*

*Fizme ja tam differente,*
*Que nem de mim sou lembrado,*
*Quando me tenho presente,*
*Tudo a sorte em mim consente,*
*Nada contra meu cuidado.*

O tempo

*O tempo nem a ventura*
*Contra amor não tem poder*
*Cuidado que elle assegura,*
*Quando esquecerse procura*
*Então menos pode ser.*

A Cabando de cantar o que caminhaua voltou os olhos para tras ao pisar dos passos vagarosos que soauão, & vio o pastor, que pera o ouuir se hia detendo: esperou o, & depois que se saudaram lhe disse Lereno: Com o gosto da tua cantiga me esqueci do trabalho do caminho, & com a lembrança que me fazia n'alma me dobrou a dor de hũa saudade com que parti esta madrugada, por tua vida, q̃ vas por diante, se não he differente teu caminho, que não sei eu quem não rodee muytos por te ouuir. Certo (respondeo elle) que ou tu deues trazer o juyzo affeiçoado a tristezas, ou me queres persuadir algum engano. Saberas, que eu canto (& pera melhor dizer) choro por custume, & não faço das palauras mais accento, que como os sospiros as leuam por esse ar desordenadas: o meu camino he pera o Mõdego, se pera lá he o teu poderei seguirte, que grãde aliuio he pera os trabalhos a companhia, quando elles não sam tais, que chegam a fazer aborecella, & a propria vida: & posto que eu da minha sou pouco contente, terei por grãde interesse ser teu companheiro. Por certo (respondeo Lereno) que mo pareces no cuidado mais, que na jornada & se tal he deuo a ventura achar o que buscaua, não lhe tẽdo nunca outra igual obrigação, & pera a verdade do que sospeito, dizeme quem es, & pera oude ou porque caminhas. Ia não posso (tornou elle) negar o que me pedes, a mim me chamão Menandro, & naci na ribeira do Tejo donde me apartei ha poucos dias, por fogir a hũa razão que tinha para viuer desesperado, vou a o Mondego, & dahi determino passar a diante a buscar hum pastor meu conhecido, q̃ por hum

hum caso estranho se apartou da nossa ribeira, & pois o tẽ po,& o caminho da licença pera tudo , & a tua inclinação não parece desafeiçoada,contarte ey hũa historia dina de eterna lembrança.

*Nas ribeiras aonde naci,que a nenhũa dás do mundo dam ventagem nas graças com que as outras se engrandecem:auia duas irmans, & bẽ nacidas pastoras,que tanto no grao da fermosura eram iguais,como no do parenteco,& entre ellas fazia mayor amizade alem da obrigação do sangue , a semelhança do parecer,& partes sobrenaturais q̃ cada hũa tinha:& porq̃ era esta afeição justa & verdadeira colhião igualmẽte o fruito della:mas amor que a ninguem consente segura liberdade,fez que a menor dellas,que Dorisa se chamaua,com tam sobeja affeição amasse a Linceo, que em seus olhos perdesse a lembrança de tudo o mais que não era gosalos, & porque o pastor não tinha nella os seus por mal empregados, pagaualhe igualmente o seu desejo, & trataua os seus amores com Montea, que era outra irmã de mais idade, & comigo que eu tam a seruia, & não mal galardoado de sua vontade.Foy o tempo apurando estas affeições, & era o amor entre todos perigoso, & o meu, & de Montea muy fauorecido :porque com este alento toma elle ousadias:entre ellas, & a esperança de alcançar fim ao que desejaua, me foy forçado apartarme daquelle lugar por algum tempo, & parte do que durou o meu desterro (que eu tinha por tal em ausencia de quem senhoreaua meu cuidado ) trataua Linceo de meus amores.daua as minhas cartas a Montea , & a mim mandaua as suas, com a fè, que em tão igual amor era deuida: porem como elle he hum enleo, & sò delles se satisfaz mostrando em semrazões seu poder, & tyrannia, ordenou que este Linceo se affeiçoasse a minha pastora, esquecendo o muyto que a Dorisa queria: & procurando meyos com que se lhe descobrisse, achou nella muy pouca resistencia, que alem de ser natural em molheres folgarem de ser queridas: parece que he entre irmãs mais natural hũa cubiça de se melhorarem cada hũa da outra .fora de tudo eu estaua ausente & montauã pouco minhas lẽbranças: seguiam seus amores, & não foy com tanto segredo, que logo Dorisa*

os

*os não entendesse, buscou o remedio em suas lagrimas, representou a Linceo o que lhe deuia, & a irmã a treição que contra mim & contra ella ordenaua: valeolhe este pouco, & auendose nelle por desesperada, tratou de buscar nas eruas o que em suas lagrimas lhe faltará: aconselhouse com Alcina, que era a que mais dellas entendia nas montanhas d'alem do Tejo, buscou algũas pera o fazer esquecer de Montea, è deitou o çumo dellas em hũa fonte aonde custumaua beber, leuando o gado: & o dano que lhe auiã de fazer na memoria foy no juyzo: endoudeceo Linceo, andaua pelos mõtes fazendo desatinos, suspiraua pela morte, despenhauase dos outeiros, veyo em pouco tempo a mudar a figura de sorte, que pelo que fora o não conheciam. Dorisa vendo o que fezera com o mesmo amor com que o possuyo, ou mayor, porque com os ciumes da irmã se acrecentara, veyo tambem de paixam a endoudecer: Montea que ja sabia a causa deste estranho successo, & vio a paga, que ambos tinhaõ de sua cubiça, vestida em habito de pastor desapareceo: hũs dizem que com temor de que minha presença accusasse ante todos sua maldade: outros que pera buscar remedio ao perfido Linceo. Eu triste que de tudo viuia ausente, & descuidado vinha pera lograr o fruito de minhas esperanças assaz cõtente, achei estas nouas, roume a tras meu destino, ou a buscar Montea, ou a viuer desesperado mais perto da morte, engeitando a vida sem gosto, & com tantos desenganos.*

Esta historía acabou Menandro com muytos sospiros & algũas lagrimas, que descuidadas lhe cahiaõ pelo rosto: & o companheiro ficou mudo vendo a differença dos males, que a sorte ordena, & não lhe parecendo ja os seus tam rigurosos, começou a consolar com algũas razões o pastor estrangeiro: & porque nisto se gastou a mayor parte do dia, & se lhe cerrou a noite entre hũs casais, a passaram nelles, & em amanhecendo, vieram alcançar o Sol a hum fermoso lugar o mais celebrado em frescura, & graças da natureza, que todos os que estão ao longo do Mondego, & sentandose entre muy espessas

rosciras

hum caſo eſtranho ſe apartou da noſſa ribeira, & pois o tẽ po,& o caminho da licença pera tudo, & a tua inclinação não parece deſafeiçoada,contarte ey hũa hiſtoria dina de eterna lembrança.

*Nas ribeiras aonde naci,que a nenhũa das do mundo dam ventagem nas graças com que as outras ſe engrandecem:auia duas irmans, & bẽ nacidas paſtoras,que tanto no grao da fermoſura eram iguais,como no do parenteco,& entre ellas fazia mayor amizade alem da obrigação do ſangue, a ſemelhança do parecer,& partes ſobrenaturais q̃ cada hũa tinha:& porq̃ era eſta afeição juſta & verdadeira colhião igualmẽte o fruito della:mas amor que a ninguem conſente ſegura liberdade,fez que a menor dellas,que Doriſa ſe chamaua,com tam ſobeja affeição amaſſe a Linceo, que em ſeus olhos perdeſſe a lembrança de tudo o mais que não era goſalos, & porque o paſtor não tinha nella os ſeus por mal empregados, pagaualhe igualmente o ſeu deſejo, & trataua os ſeus amores com Montea, que era outra irmã de mais idade, & comigo que eu tam a ſeruia, & não mal galardoado de ſua vondade.Foy o tempo apurando eſtas affeições, & era o amor entre todos perigoſo, & o meu, & de Montea muy fauorecido: porque com eſte alento toma elle ouſadias:entre ellas, & a eſperança de alcançar fim ao que deſejaua, me foy forçado apartarme daquelle lugar por algum tempo, & parte do que durou o meu deſterro (que eu tinha por tal em auſencia de quem ſenhoreaua meu cuidado) trataua Linceo de meus amores. daua as minhas cartas a Montea, & a mim mandaua as ſuas, com a fè, que em tão igual amor era deuida: porem como elle he hum enleo, & ſò delles ſe ſatisfaz moſtrando em ſemrazões ſeu poder, & tyrannia, ordenou que eſte Linceo ſe affeiçoaſſe a minha paſtora, eſquecendo o muyto que a Doriſa queria: & procurando meyos com que ſe lhe deſcobriſſe, achou nella muy pouca reſiſtencia, que alem de ſer natural em molheres folgarem de ſer queridas: parece que he entre irmãs mais natural hũa cubiça de ſe melhorarem cada hũa da outra, fora de tudo eu eſtaua auſente, & montauã pouco minhas lẽbrançàs: ſeguiam ſeus amores, & não foy com tanto ſegredo, que logo Doriſa*

os

*os não entendesse, buscou o remedio em suas lagrimas, representou a Linceo o que lhe deuia, & a irmã a treição que contra mim, & contra ella ordenaua: valeolhe este pouco, & auendose nelle por desesperada, tratou de buscar nas eruas o que em suas lagrimas lhe faltará: aconselhouse com Alcina, que era a que mais dellas entendia nas montanhas d'alem do Tejo, buscou algũas pera o fazer esquecer de Montea, è deitou o çumo dellas em hũa fonte aonde custumaua beber, leuando o gado: & o dano que lhe auiã de fazer na memoria foy no juyzo: endoudeceo Linceo, andaua pelos mõtes fazendo desatinos, suspiraua pela morte, despenhauase dos outeiros, veyo em pouco tempo a mudar a figura de sorte, que pelo que fora o não conheciam. Dorisa vendo o que fezera com o mesmo amor com que o possuyo, ou mayor, porque com os ciumes da irmã se acrecentara, veyo tambem de paixam a endoudecer: Montea que ja sabia a causa deste estranho successo, & vio a paga, que ambos tinhão de sua cubiça, vestida em habito de pastor desapareceo: hũs dizem que com temor de que minha presença accusasse ante todos sua maldade: outros que pera buscar remedio ao perfido Linceo. Eu triste que de tudo viuia ausente, & descuidado vinha pera lograr o fruito de minhas esperanças assaz cõtente, achei estas nouas, roume a tras meu destino, ou a buscar Montea, ou a viuer desesperado mais perto da morte, engeitando a vida sem gosto, & com tantos desenganos.*

Esta historia acabou Menandro com muytos sospiros & algũas lagrimas, que descuidadas lhe cahião pelo rosto: & o companheiro ficou mudo vendo a differença dos males, que a sorte ordena, & não lhe parecendo ja os seus tam rigurosos, começou a consolar com algũas razões o pastor estrangeiro: & porque nisto se gastou a mayor parte do dia, & se lhe cerrou a noite entre hũs casais, a passaram nelles, & em amanhecendo, vieram alcançar o Sol a hum fermoso lugar o mais celebrado em frescura, & graças da natureza, que todos os que estão ao longo do Mondego, & sentandose entre muy espessas

rosciras

roseiras,que estauam tecidas ao pé de altissimas fayas, & alamos brancos,defronte donde hum copioso ribeiro, cahindo de hũa rocha abaixo, com hum saudoso estrondo vem encrespando em escuma as cristalinas agoas,de que o ar esta espalhando perpetuamente hum meudo borrifo, que como nuuem, na mayor força do Sol está orualhando as flores de todo o valle, aly depois de descançarem tirou Menandro hũa temperada lyra, a cuyo som cantou Lereno o seguinte.

*AGoas,que penduradas desta altura*
*Cahis sobre os penedos descuidadas*
*Aonde em branca escuma leuantadas*
*Offendidas mostrais mais fermosura:*
*Se achais essa dureza tam segura*
*Pera que porfiais agoas cansadas*
*Ha tantos annos ja desenganadas,*
*E esta rocha mais aspera, & mais dura.*
*Voltay atras por entre os aruoredos*
*Aonde caminhareis com liberdade*
*Atè chegar ao fim tam desejado,*
*Mas ay que sam de amor estes segredos,*
*Que vos não valera propria vontade*
*Como a mim não valeo no meu cuidado.*

MVyto bem pareceo a Menandro o soneto,cujos accentos com o som das agoas,que aly quebrauam,faziam hũa saudade cubiçosa a animos affeiçoados:& querendolhe dar as graças de quam bem o cantara elle as não consentio,

sentio,antesse aleuantou pera seguirẽ seu caminho,o qual fezeram por entre graciosos pumares,& verdes laràgeiras, aonde entre as nouas folhas aleuantaua seus tenros fruitos a natureza semeando o chaõ das varias flores,que dos mais altos ramos se despediram, fazendo com isto mais fermoso o deleitoso tempo da primauera: & porque a verdura daquellas aruores,o cheiro das flores,o murmuro das fontes de cristal,que em cada riba brotauam d'entre as eruas, & aluas pedras,a armonia dos passarinhos, que dos ramos se pendurauam:hiaõ detendo os olhos a cada passo, foraõ perto daly passar a força da calma ao pé de hũa pequena ermida,leuantada sobre dous penedos, em cuja roda pera a parte do campo nacẽ tres fontes de agoa fermosissima, & ajuntandose em hum gracioso ribeiro,vam pelo pé de muytos freixos,& salgueiros em companhia atè entrar no rio em hum quieto remanso,aonde parece que as espera. Assentaraõse os dous pastores a vista da primeira fonte, que dece da rayz de hũa figueira braua,que faz cahir as agoas em espelho,cobrindo no alto por onde passa hũa concauidade do penedo,chea de verde auenca, & douradinha, que com aquellas vidrassas do liquido cristal fazem sua verdura tã fermosa,que nunca ricas esmeraldas,& preciosos diamãtes tiueram pera os olhos tanto preço,acrecentando a este lugar a graça com que as agoas cayndo do alto, se esprayauaõ em hum largo seo de branca area, aonde as aldeãs dos montes vezinhos custumaõ lauar as talhas, & encrespar os tocaudos:& não passou muyto, que viram quatro serranas, que vinham pera a fonte com as beatilhas dobradas sobre os cabellos, como naquelles montes he custume, & nellas os cantarinhos pedrados,& cantauam ao seu modo estas cantigas.

*Mancebo do pardo*
*Não tragais espada,*
*Porque onde ha tais olhos*
*Para que sam armas.*

*Mancebinho louro*
*Andai descuberto*
*Tomareis mil almas*
*No vosso cabello.*

*Tornaime os meus olhos*
*Mancebo do verde,*
*Que andam tras de vos*
*E não sabeis delles.*

*Tornaime os meus olhos*
*Mancebo do roxo,*
*Que vão da minh'alma*
*Pera o vosso rosto,*

*Não quero ser dama*
*Do dos olhos brancos,*
*Que tem mil amores,*
*E nenhũ cuidado.*

*Não quero ser dama*
*Do dos olhos negros,*
*Que tem mil amores,*
*E nenhũ segredo.*

*Vindeuos meus olhos*
*Vindeuos da serra*
*Não vos queime o Sol*
*Que vos tem inueja.*

*Pois fiquei na serra*
*Vindeuos do campo,*
*Que quem ama muyto*
*Não espera tanto.*

*Forase o meu damo*
*A laurar no monte*
*Querome yr com elle*
*Não venha de noite.*

*Forase o meu damo*
*A gradar no valle*
*Quero m'yr tras elle*
*Que outrẽ não lh'agrade.*

*Lume dos meus olhos*
*Se fordes à villa*
*Leuaime nos vossos*
*Vircis mais asinha.*

*Pois ydes à villa*
*Ninguem vos contente,*
*Que os rostos toucados*
*Muytas vezes mentem.*

ERa tam alegre o cantar das serranas, & pareciam tambem com aquelle rustico trajo afrõtadas do Sol, & desscalças

calças pela agoa do ribeiro, que posto que os dous caminhantes gastauam os sentidos en outra lembrança, não poderam negar naquella vista contentamento, & hũa dellas na cor preta, nos olhos engraçada, & nas palauras mais liure: disse para elles quando os vio defronte. Por amor de mim pastores, que deixeis o lugar, porque he de quem nelle me parece melhor que vos: ao que Lereno respondeo. Não podeis vos logo dar esse e outra, que melhor pareça, & se eu deixar este por vosso gosto, sera por outro donde mais ao meu vos veja, que sem isto obedeceruos, fora agrauaruos. Bofé pastor, que errastes na escolha (disse hũa das outras) que em qualquer de nos a tinheis melhor, porque esta serrana fez ja a sua aonde està bem empregada, vejouos pera os amores boas palauras, & ruim partido. Por essa razão o tenho eu melhor (disse Menandro) que ainda não escolhi. & porque não aconteça o que a elle, desenganaime qual de vos està sem affeiçam. Eu que nunca a tiue a quem me quis bem (respondeo a primeira) fallai comigo, que sou pera tudo, & vos pelos sinais meu namorado. Não sejais tam sofrega (disse elle) que roubeis o alheo: contentaiuos cõ meu companheiro, que o não podemos ser nos amores, mas se a pastora do braço viue sem elles, & quiser os meus, ficarei nesta terra por soldada a sua conta, inda que vejo, que faz pouca desta vontade. Nenhũa tenho (respondeo ella) de aceitar amores tam apressados, porque nunca pago seruiços dantemão, & pois esta pastora me ganhou por ella, & vos quer por seruidor, não sejais ingrato. Bẽ podereis (disse elle) engeitarme sem me aconselhar, que vos não queria pera terceiro: porem o pouco espaço, que aqui me detenho, farà, que aceite o conselho. O meu he (disse a outra) que em quanto lauamos as talhas canteis algũa cantiga, pois ao parecer sois do Tejo, aonde sam as melhores. Eu

disse Lereno nada farei sem interesse, & posto que não sei cantar me offereço, se me ajudar meu companheiro, & porque elle se não negou, cantaram ambos.

*Mal pelos meus olhos*
*No que amor ordena*
*Que elles tem a pena.*

*Meu desejo vão*
*Tenha tod'a culpa*
*E quem nelle culpa*
*A meu coração,*
*Que sò pagaram*
*Meus olhos a pena*
*Do que amor ordena*

*Deste meu querer*
*Amor foy seu fim,*
*E sem verme a mim*
*Vos quiseram ver*
*S'he contra o poder*
*Do que amor ordena*
*Elles tem a pena.*

IA me arrependo (disse a serrana do branco) de memostrar esquiua a tua boa vontade, quiçais se ma offereceras cantando que obrigaras a minha com mayor força pois ateue agora a tua cantiga pera te olhar cõ mais bran dura, que he cousa assaz alhea de minha condição: não no parece ella logo do teu rosto (tornou Menãdro) porem ja que te soube contentar, ainda estás ẽm tempo de me restituir o pouco que te has de gozar deste engano (disse ella) me fara mais liberal. Não consinto (atalhou a primeira) que entreis tanto pella terra dentro nos fauores, & obrigações. Pastores desenganaiuos que nenhũa de nos sabe querer bem se não asſi, viuemos de dar em que entender a todos, & de não entender a nenhum. Leuamos boa vida de a dar má a quem nos serue, nada nos contenta se não o que nos não custa, ha mais enganados nesta serra com nossas pala-

palauras,do que ha galardoados de nossa affeição eu sou hum pouco de melhor natureza que minhas companheiras:não quero que desta graça se vos pegue algũa imaginação com que a deixais de siso, que conheço muytos que com menor causa o perderão, ajudainos aleuantar os cantaros, ja que aqui vos achastes, que sempre a conta deste fauor direis hum par de trecidos. Hora (disse Lereno) nunca encontrei com gente que tanta pudesse leuar apos si, digouos que fallais tambem como pareceis, & que o que sobre desenganado vos não seruir desacerta em tudo, não nos deixeis tam de pressa por vossa vida, & vos (respondeo ella) não vos affeiçoeis tam deuagar que desacreditais o nosso custume, que no primeiro encontro ferimos, matamos, & roubamos como salteadores, & não ha liberdade que pare ante nossos olhos, que com elles temos feito a Amor hum esfolacaras, & vos a cabo de tempo, & com muyta freima caystes na razão, por vos não esperar outras,ficai embora,& tomando o cantaro, fizerão as outras o mesmo,& com grande risada forão pello valle acima deixandoos na borda da fonte, daly forão continuando seu caminho,pella sobida de hum valle assaz pedegroso te chegarem ao cume de hum monte, donde começaram com os olhos a descobrir a vagarosa corrente do Mondego, que em curiosas voltas se detinha por não chegar ao mar aonde perde o nome & o sabor de suas doces agoas,& porque se detiuerão em contemplar os sumptuosos edificios & altos templos da famosa cidade de Coimbra, honra & gloria da Lusitania, & os aprasiueis lugares & quintas de que està rodeada,& era ja tarde disse Menandro para o companheiro, com muyto sentimento: Nem o bem de tua conuersação me consente a ventura, porque aquí se aparta o nosso caminho,que o meu he por fora do lugar,

& ey de passar hoje da outra parte do rio. Vay embora pastor tua viagem: guiete boa estrella, que a minha he tal, que até esse bem me tira: se algũa hora tiuer descanso, que ja não espero, & te vir com elle faremos lembrança destas horas magoadas. Dè te o Ceo (disse Lereno) o que desejas, & nos torne a encõtrar menos queixosos, se algũa hora ouuires nomear a Lereno natural do Lis, sabe que tẽs nelle esta vontade, & nisto com hum abraço se despedirão cada hũ pera sua via, & seu cuidado, iguais na pena, & desigual a causa della.

## *FLORESTA SEGVNDA.*

OR entre hũs altos amieiros, que entam com mais escura sombra se retratauam no Mondego, caminhaua Lereno ao longo delle, pouco espaço de hũa aldea, aonde o dia dantes se lhe acabara: & porque era tam sogeito as lembranças, & tristeza de seus cuidados, que não perdia tẽpo & lugar, que lhe renouasse nellas o sentimento, asentouse ao pé de hum antigo tronco junto da riba aonde os passaros, que madrugaram mais por esperar o Sol, com sua melodia acordauam pensamentos de saudade, & aonde a vista das agoas que passauam, a fermosura do Ceo, que a manhã variaua de mil cores, & o mouimento dos ramos, que o cobriam, estauam representando ao sentido hum saudoso queixume, tomou elle para os seus o instrumento, & em quanto os passaros para ouuillo se callaram, assi dizia.

*Sae o Sol desejado*
*Dà aos campos a cor, o ser ao dia*

*O pasto ao manso gado:*
*Correndo vem tras elle a noite fria*
*Onde ja sua luz não resplandece*
*E aly quando amanhece*
*Nos deixa conhecer*
*Que para apparecer desaparece.*

*Hum dia vay fogindo,*
*E o que corre tras elle nos alcança,*
*E todos se vam rindo*
*De meu engano vão minha esperança;*
*Que por mais que a ventura ma desuia*
*Viuo nesta porfia*
*Seguindo meus enganos*
*Esperando em mil annos hum sò dia.*

*Com tam cego desejo,*
*Que melhor lhe chamara desatino*
*No Lis, Mondego, & Tejo,*
*Hora vaqueiro, & hora peregrino:*
*Espero hũa mudança da ventura*
*Mas està tam segura*
*No mal em que a busquei*
*Que ja por meu mal sei que este sò dura:*

*Por fogir o perigo*
*Busco deixãdo a minha a terra estranha*

*Mas como vou comigo*
*E ainda este perigo me acompanha*
*Tanto mais crece o mal,que me desterra*
*Não val mudar a terra,*
*Que a tal estado vim*
*Que eu a mim aonde vou me faço a guerra*

*Fermosa minha imiga*
*Em cujas mãos ventura tanto pos ,*
*Bem he que eu me persiga*
*E seja contra mim por ser por vos*
*Mas não tenhais tam dura opinião,*
*Que se este coraçam*
*Ambos tam mal tratamos*
*Ambos com elle vsamos, semrazam*

*Que culpa teue mór*
*Que amar sem conhecer o que fazia*
*A culpa teue amor,*
*Que me não deixou ver mais,q̃ o q̃ via ;*
*Assi foy temerario meu emprego,*
*Que em tal desasocego*
*Não via meus defeitos*
*Que amor pera respeitos se fez cego .*

*E se isto me condena*
*E para amaruos erra quem s'atreue*

*Baste*

*Baste ja tanta pena*
*Para hũa culpa pois que foy tam leue:*
*Somay senhora o mal que me ficou*
*Vereis no que vos dou,*
*Que ainda m'estais deuendo*
*Não fique padecendo quem pagou.*

*Mas a que este desenho*
*He chamar mal ao mal que me causais*
*Quando pelo que tenho*
*Vos fico inda deuendo muyto mais:*
*Ia me rendi ao pouco que mereço,*
*E assi pastora peço*
*Por m'entregar no mal*
*Que sejais liberal do que padeço.*

*Ia vos desejo dura,*
*Esquiua, ingrata, varia, fementida,*
*E a mim mais sem ventura*
*Sem esperança, liberdade, & vida,*
*Mas não sejais ingrata, & enganosa*
*Nem inconstante irosa*
*Não o digo por mim,*
*Mas não podeis assi ser tam fermosa.*

*S'a força de meu fado*

*Vos*

*Vos dessa natureza tam alhea,*
*Por mal do meu cuidado*
*Temo que ingratidam vos torne fea,*
*E s'isto me tirara o pretenderuos,*
*E perdera o quereruos,*
*Ah nunca seja tal,*
*Que o meyo de meu mal seja offenderuos.*

*Se me sois homicida*
*De minha vida, & minha liberdade,*
*Que quero eu mais da vida*
*Que perdella por vos com saudade,*
*Que quero mais, q̃ as lagrimas q̃ choro*
*Ou no valle aonde moro,*
*Ou por este em que ando*
*Aonde a amor vou pagãdo o mesmo foro.*

*Se là aonde ficastes*
*A semrazão vos vier a memoria*
*Com que me desterrastes*
*Não quero nesta guerra outra vittoria*
*De tudo o meu desejo desapossso,*
*E do que esperar posso*
*Ey por melhor partido*
*Este de andar perdido por ser vosso.*

*Aca-*

ACabou o pastor ausente este seu canto, a que âs aues magoadas parece que respondião: quando ja o Sol apparecia no cume dos altos montes, & virando o rosto por entre os ramos, vio vir pera elle hũa fermosa pastora guiando as ouelhas, cujo rosto & trajo representauam a tristeza, que n'alma tinha, & com palauras em que a mostraua depois de o saudar lhe disse. Não julgues mal pastor esta licença, que teue tanta força o sentimento de teu canto, que me fez perder o respeito a meu estado pera te buscar. Ouui a tua cantiga, & pareceome a voz estranha, mas os versos tão naturais ao que na alma sinto, que sospitei, que auia em ty amor, o que de homẽs ha muyto que não creo, & se agora contigo m'engano, ainda sabes melhor fingir do que eu sei duuidar, porem se teu cuidado he verdadeiro, sey por bẽ empregado este atreuimento. Fermosa pastora (respondeo Lereno) ainda que te conuinha mais outro nome, não tẽ podedar culpas quem com tua presença se liura de tanta pena: & não em balde quero bẽ a meu mal, pois de seus effeitos me naceo esta gloria: delle podes crer, que he verdadeiro, & de meu canto, que não he fingido quando te descontentasse, de ty quisera eu perguntar muyto, mas nem o lugar he d'ambos, nem eu estou seguro em tua vontade. Essa (disse a pastora) he tal, que nem quero, que a sospeita do lugar me tire de ouuir, & pera que essa razão te não escuse, sayamos ao prado, que o publico nos darâ mais liberdade. Logo Lereno tomando o çurram, que nos ramos tinha pendurado se sahio d'entre elles, & pondoo sobre hum penedo, que no valle estaua encostado a elle, & a pastora ao seu cajado lhe pedio ella, que lhe dissesse o seu nome, a terra donde era, & o que naquella buscaua, ao que o estrangeiro com estas palauras respondeo. Ha tam pouco que saber em mim, que a tudo respondo com o que ves,

porque

porque o nome,se elle declara o ser de quem o tem ,a tristeza mo deu,terra não na tenho, porque nenhũa me consente,o que busco nesta,he o que mais desejo perder,& tomado isto sou hum triste , & peregrino, que busca a vida, que aborrece : porem se esta verdade sô te não satisfaz , o meu nome he Lereno,naci entre as frescas ribeiras do Lis, & Lena, terra fauorecida do Ceo, celebrada de pastores,rica de fermosas pastoras , é porque era tal a minha patria , não quis a sorte, que com as poucas ouelhias , que me deu nella viuesse,nem que sô aos males, que a meu estado conformes tinha bastasse o sofrimẽto:busco os campos do Mõdego pera guardar outras cabras,ter outra vida, não outro cuidado,mas viuer ausente da causa deste até que o tempo desengane minha esperança : isto só me perguntaste , & o mais q̃ eu pudera dizer,pois sam males,não quero ser sobejo,& nenhũ delles consentirei,q̃ tenha lugar antes de saber de ty,porq̃ nisto tenho eu por acerto ser importuno , peço q̃ me digas o nome,&algũs sinais de teu cuidado.que bem conheço no rosto dino de dar muytos , que não deuem faltar no coração. O meu nome (disse a pastora) he Althea o que me pedes de meu cuidado.o mayor que tenho,he encobrillo,que pois do remedio tenho pouca esperança , quero pera mim só o tormento delle : com tudo folgarei de saber a causa que te obriga a preguntallo ... A companhia no mal (tornou Lereno) muytas vezes he remedio & quem padece folga de ver que não he só, & hum enfermo deseja de alcançar os remedios , que o outro vsa pera mitigar a mesma dor , que sente , & fora esta razão me obriga a mim saber se no dano de teus males sou tambem culpado , porque he de crer se algũ pastor te offende, que a todos os outros deixou com culpa . Tanto podem essas razões ( disse Althea) contra meu segredo, como o teu canto pera me trazer

a este

a este lugar, porem temo, que em me vendo leue em cõmũ nicar meus danos perca a boa opiniam em que me tinhas. De mim a terei eu boa (replicou elle) se merecer a cõfiança de teu cuidado, pera o qual offereço hum coração leal, & hũa fé muyto verdadeira: porem se isto não hé tua vontade, & receas perigo em a que te mostro, antes quero offender a meu desejo, que a teu gosto. A estas palauras não respõdeo Altea, antes obrigada dellas, & suspensa no que queria dizer, mudou mil vezes a cor, fazendose com cada hũa dellas mais fermosa, & depois de pouco espaço a tras de hum sentido ay, que de dentro d'alma vinha, nestas palauras começou o seguinte.

*Pois se melhora o mal comunicado*
*Pois dà aliuio o sentimento albeo,*
*E hũ tormento de amor mal empregado*
*Sò a lingua deixou tam triste meyo.*
*Ouue a causa pastor de meu cuidado,*
*Que contar ja não posso sem receo*
*Porque se em ty de amor vejo sinais*
*Não tinha menos quem me leuou mais.*

*Mas esses olhos teus, que antes chorauão*
*Quando com mil suspiros me chamaste*
*Não sam hũs, q̃ cõ mostras m'enganauão*
*Differentes tambẽ das que mostraste:*
*E se com razão justa se queixauão*
*Aquelles brandos versos que cantaste*
*Em ty espero achar consolação,*
*Porque buscar remedio serà vaõ.*

Liure

Liure fuy no principio de meus annos
As leys d'amor isenta, & fugitiua
Mil vezes me offereceo doces enganos
Quando me vio pera elles mais esquiua,
Mas como isentaram peitos humanos
Hũa vantade sò de amor catiua
Tanto este em fim venceo minha perfia,
Que vim a amar a quem me não queria.

Era no tempo quando a nossa Aldea
De lusidos pastores florecia
Quando era campo, valle, & serra chea
De musicas, de festas, de alegria.
Viuia Elisa, Phisis, Galatea
Syluia, Learda, & eu tambem viuia,
Que agora neste estado tam catiuo
Melhor posso dizer, que ja não viuo.

Pastaua neste valle (Ah sorte dura
Quam pouco dura hum bẽ, q̃ custa tanto)
Hum pastor natural de Estremadura,
Que em tudo estremo foy em tudo espãto
No juyzo, no rosto, na figura,
Na graça, no lutar, no doce canto,
E porque diga tudo mais barato
Tudo tinha, mas teue ser ingrato.

Aini-

*A inimiga sorte, o cego amor*
*Por se vingar de minha tenra idade*
*Trouxe ao nosso valle este pastor*
*A quem dei pela vista a liberdade:*
*Logo que o vi de mim se fez senhor,*
*E ainda este não quis selo por vontade*
*Ouuios & vio, & nelle tanto vi,*
*Que ainda agora acho pouco o que perdi.*

*Em quanto encubrir pude a chama ardente*
*(Pouco se dissimula esta doença)*
*Iulgara quem me vira facilmente*
*Sem conhecer a causa, a differença:*
*Buscauao entre as feras, & entre a gente*
*(Que este dosejo a tudo dá licença)*
*Entre o gado, entre as feras, entre abrolhos*
*Sempre era mais fermoso nos meus olhos.*

*Hum dia assi vencida do desejo*
*Determinei mostrarlhe meu tormento*
*Eis a vergonha em vão, eis o despejo*
*Cada qual ja vencia o sofrimento:*
*E em quanto entre contrarios tais pellejo*
*Sem se determinar meu pensamento*
*Hũa manhã, que em tantas esperaua*
*O fuy buscar ao valle onde pastaua.*

*Era*

Era no mes quando esse pastor louro
Que ja guardou de Admeto o manso gado,
E abraçou conuertida em verde louro
A causa principal de seu cuidado:
Buscaua os cornos ja do branco touro
Que de Phasiphae foy gram tempo amado
O tempo, o prado, o valle, o meu pastor
Tudo mostraua estar cheo de amor.

Estaua elle lançado na verdura
( Ah que inda meu chamarlhe não podia)
E daly daua graça, & fermosura
A tudo o que do valle descobria:
Lauando o rosto em hũa fonte pura,
Que entre as verdes eruas se escondia
Deixando com seu curso desigual
Borrifadas as folhas de cristal.

Ouuia aly da linda Filomena
Por entre o aruoredo o doce canto,
Que asi contar sabia o mal da pena,
Que enleuaua os sentidos no seu canto:
A purpurea rosa, & Açucena
Esmaltauam da terra o verde manto,
E zephyro encrespaua brandamente
As cristalinas agoas da corrente.

Cheguei

*Cheguei com o rosto pallido & sem cor,*
*Que o coraçam do sangue s'ajudaua,*
*Mas o que me tiraua este temor*
*A vergonha do brado me tornaua*
*Dißelhe o que por mim lhe disse amor,*
*Que eu não creo de mim, q̃ então fallaua*
*Porque quando fallarlhe pretendia*
*Lagrimas por palauras lhe dizia.*

*Elle mouido a dor, & a sentimento,*
*Que tudo começou logo em meu dano*
*Facilitou tam grande atreuimento*
*Mostrando a tudo o rosto mais humano:*
*De receos liurou meu pensamento,*
*Ou fosse por amor, ou por engano*
*Mostrando, que eu lhe fora offerecer*
*O que elle não ousaua a pretender.*

*Isto dizia, & começaua, quando*
*Pera o valle decia hum guardador,*
*Que a tras do seu rebanho vẽ bradando*
*Negras ouelhas tras da propria cor:*
*Fuyme eu por me não ver lõge apartãdo*
*Foyse pera outra parte o meu pastor,*
*Ah quem entam olhâra este final*
*Pera ser profetiza de seu mal.*

*Mil effeitos de amor delle ordenados*
*Aly vi nos ſeus olhos enganoſos*
*Do peito mil ſuſpiros namorados*
*Da lingoa mil queixumes amoroſos:*
*Iguais moſtraua amor noſſos cuidados,*
*Mas ſò foram os meus os perigoſos*
*Igualoume nas moſtras como amante*
*Vencio por meu mal em ſer conſtante.*

*Paſſou tam breuemente eſta alegria,*
*Que a tinha o coraçam por falſidade*
*Deſte ſonho porem, que o parecia*
*Paſſei a larga noite em ſaudade:*
*E ainda bem a manhã não trouxe o dia,*
*Porque madrugou mais minha vontade*
*Quando no valle donde nos apartamos*
*Ambos a hũ meſmo tempo nos achamos.*

*Veo, que ainda amim me pareceo,*
*Que temer que o buſcaua mo detinha,*
*E nhum amoroſo abraço recebeo*
*Por entre os braços ſeus eſta alma minha*
*(Ah quem aly rompera o mortal veo*
*Pera a alma ficar com quem a tinha)*
*E porque neſte ſò me fora eſcaço*
*Tornei de nouo a darlhe hũ nouo abraço*

*Passei dias, & meses neste engano*
*(Triste, quem nunca delle fora isenta)*
*Passou hũ anno assim, passou outro anno*
*E esta minha affeição mais se acrecẽta:*
*Não temi nas bonanças este dano*
*Nem em tam doce tempo tal tormenta:*
*Quem julga o que ha de ser pello começo*
*Bem merece, que tenha tal successo.*

*Quantas vezes ao valle onde pastaua*
*O seu gado leuaua por fallarme.*
*Aonde mil brandos versos me cantaua*
*Ao som do seu rabel por contentarme.*
*As aruores, & às auos insinaua*
*Com amoroso accento o nomearme,*
*E agora tal estou no que padeço,*
*Que pelo nome à mim me desconheço.*

*Quantas vezes dos Faunos estoruados*
*Fogindo o mais espesso da floresta*
*Ao longo deste rio recostados*
*Tinhamos o rigor da ardente sesta:*
*Debaixo destes freixos leuantados*
*Que faziam a estancia mais honesta,*
*E aly a relua, & folhas que cahiam*
*De saboroso leito nos seruiam.*

*Quantas vezes correndo a ſeca praya,*
*O ſeu nome eſcreui na branca area*
*Quantas vezes no pè deſta alta faya,*
*Que com trofeos tais ainda s'arrea*
*O coração, & a viſta me deſmaya,*
*Que quando a ſaudade diz que o lea*
*Com elle ſobe ao Ceo contente a planta,*
*E fugindo o meus olhos o leuanta.*

*Mas porque vou fazendo larga hiſtoria*
*Do bem que hum breue eſpaço ſe detene*
*Para que conto da paſſada gloria*
*O que ao mal preſente sò ſe deue:*
*Fica o bem pera males na memoria,*
*E por ficar melhor sẽpre he mais breue,*
*Amei, gozei, viui leda & contente*
*Amo, padeço, & morro, triſte, auſente.*

*Não ſey que eſtrella foy contraria minha,*
*Que eſte trance cruel me deſtinou*
*Que quãdo meu paſtor mas firme tinha*
*En tam d'ante meus olhos o apartou:*
*Força de eſtrellas foy, que aſsi cõuinha*
*Eu a ſenti tambem, elle a moſtrou*
*Quãdo me diſſe ah não me ponhas culpa*
*Que o fado que me obriga me diſculpa.*

*A ra-*

*A razão nunca soube da partida,*
*E pretendi sabella delle em vão*
*Mil vezes lha pedi, & arrependida*
*De importuno accusaua o coração,*
*Té que me disse ja na despedida,*
*Não me aparta de ty noua razão*
*A semrazão me aparta de meu fado,*
*Mas não me apartara de meu cuidado.*

*Que se a mesma fortuna, que me guia*
*A quem meu poder fraco não resiste*
*Ao cabo leuar sua porfia*
*Sem leuar juntamente a vida triste;*
*Eu tornarei a verte onde te via*
*Pois em te ver meu bem todo consiste.*
*Não queiras saber mais de meu segredo,*
*Que ou cedo morrerei, ou virei cedo.*

*E nisto com hum abraço mais estreito*
*Amor os nossos rostos ajuntaua*
*Tirando a cada hum do ardente peito*
*Lagrimas que nos olhos misturaua,*
*Os que apartou ventura a seu direito*
*Tam juntos tinha amor tanto apertaua,*
*Que nem o ar da tarde fresca & fria*
*As palauras, & os rostos diuidia.*

*Foyse, & não sei quando se apartou,*
*Que os meus olhos cõ lagrimas nãovião*
*A voz cansada, a lingoa se apegou,*
*Mas os suspiros tudo lhe dizião*
*Elle de longe o rosto me voltou,*
*E em o vendo estes olhos, que o seguião*
*Sobre as eruas cahi triste de bruços*
*Em lagrimas, suspiros, & soluços.*

*Fiquei sem vida aly por grande espaßo*
*Sinal, que quem a tinha era partido*
*Acordei reuoluendo o corpo lasso*
*Sobre a meuda relua amortecido:*
*Depois com saudoso, & lento paßo*
*Enganando de nouo meu sentido*
*Pera triste cabana fuy cuydando*
*S'o meu pastor viria, donde, & quando.*

*Hum anno ha que sustento esta esperança,*
*Que elle em lugar da vida me deixou*
*Esperaua da sorte hũa mudança,*
*A que para meu mal ja se mudou.*
*Ia troquei nesta vida a confiança*
*Ia o cuidado o meu pastor trocou*
*Ia tenho certo o mal que duuidaua*
*Ia achei na ventura o que buscaua:*

*Hum*

*Hum guardador de cabras là do Minho,*
*Que foy do Tejo a ver a praya rica*
*Hum mes ha, q̃ encontrei neste caminho*
*Que a mão esquerda a tras da mõte fica:*
*E como o vi passar de mim vezinho*
*E quem cuidados tem tudo lhe applica*
*Detiueo, pergunteilhe donde vinha.*
*Que amor pera o seu fim logo encaminha.*

*A caso (& não vi caso mais estranho)*
*No meu pastor fallei (que não fallara)*
*Quando suspenso o vi, & hũ ay tamanho*
*Lhe ouui, q̃ hũ duro monte traspassara,*
*Eu suspensa fiquei, & o meu rebanho*
*O saboroso pasto desampara*
*Os olhos nelle, o gado eu os meus viro*
*Por ver em q̃ paraua o seu suspiro.*

*Elle por não determe em mais perigo*
*Assi quasi chorando me dizia*
*Althea quem achara aqui contigo*
*Quem tam longe te tras na fantasia*
*A ty esposo, a mim hum charo amigo*
*A sorte de inuejosa nos desuia*
*Não ja guardando gado noutra serra,*
*Mas buscando perigos noutra guerra.*

Eu o vi, & de ty nunca esquecido
Mas da força dos fados obrigado
Não d'amorosas pelles bem vestido,
Mas de pesadas armas carregado
Cõ o duro arcabuz ao hombro erguido
Em lugar do nudoso & bom cajado
Seguindo hũa bandeira mal segura
Pois era dos soldados da ventura.

Pera remotas partes caminhaua
Alem das largas agoas do Oceano
Fuy velo, ah triste quando s'embarcaua
Que atè ly nunca crera o desengano:
Estreito aly comigo s'abraçaua,
E chorando me disse, meu Syluano
Fica com Deos, & se te não vir mais
Ia da alma sem que vou te dei sinais.

Tinhame ja contado o que passara
Nesta verde ribeira entre estas flores,
E quanto ante teus olhos alcançara
Com inueja de tantos tais pastores.
Contoume o que partindo te ficara
Contoume em fim de todos teus amores,
E guardando a fè sempre a teu respeito
Eu sò fuy secretario de seu peito.

*Pouco antes de partirse começaua*
*Hũa carta a escreuer pera mandarte,*
*Mas logo o tambor bellico o chamaua*
*Com o rigor, que pede o fero Marte:*
*Disseme em fim, que a alma te mandaua*
*De que melhor pudesses informarte*
*Que o que ante ty ficou quando se fora*
*Te mandaua affirmar de nouo agora.*

*Não pode dezir mais o auentureiro,*
*Que o vento & o tambor nos despedia*
*Foyse, & perdi de vista hũ companheiro*
*De que nunca terei tal companhia.*
*Te qui tambem ouuia o estrangeiro,*
*E como o peito ia tanto encobria*
*Aos pes delle cahi com hum accidente*
*O de mais julgue quẽ de amor mais sẽte.*

*Com lagrimas Syluano me acordou,*
*E depois nos seus olhos as deteue*
*Por consolarme, aly me assegurou*
*Da tornada do meu pastor ser breue*
*Delle mil cousas outras me contou*
*Tres dias sos que neste valle esteue*
*Foyse deixoume em lagrimas, & dores,*
*E este he Lereno o fim de meus amores.*

Aqui

AQui acabou Althea o discurso de seus cuidados, & a tras das vltimas palauras começaram a çayrlhe muytas lagrimas, que tinha nos fermosos olhos represadas,& não faltara a Lereno acompanhalla nestes effeitos amorosos,que como entrado do mesmo mal conhecia a pena delle,mas por não esforçar o sentimento da pastora,com alegres mostras lhe dizia estás palauras. Fermosa Althea, conheço teu mal, & tenho delle experiencia,& pois pelos sinais,que em mim viste me contaste teus amores, pagarte ey com hum conselho do que experimentey. Não nego, quo a causa de teu sentimento deues essas lagrimas, nem que lhe justâ a dor que mostram,mas reprouo os estremos, que fazes,porque sam desconfianças sem razam. Que saudades te cancem amor o pede::que a ausencia te ponha em receos,o tempo o aconselha: mas não sabendo outra mudança do teu pastor, condenallo sem culpa he fiar pouco de sua fé: Os fados tração nossa vida, & a quem elles obríguam pouca necessidade tem doutra disculpa, & tu pouca razão de desconfiar neste estado de teus amores, que ainda o tempo não venceo a fé do teu pastor,posto que a combatesse:espera & não desconfies, viue segura em o que mereces,& veràs cedo fim ao que desejas. A isto voltou a pastora os olhos magoados mostrando nelles hũ animo agradecido a dor de quem a consolaua, & porque ja os pastores com os gados atrauesauam o valle pera terem a sesta junto do rio, ambos se despediram, porque cuidados tristes não sofrem lugar acompanhado,posto que os males pera remedio busquem companhia.

## FLORESTA TERCEIRA.

PASSOV Lereno o rio aonde elle assombrado dos altos montes corre com mayor furia, deixando as altas aruores tremendo os ramos da arrebatada corrente com que passa, na fralda da montanha aonde se fazia hũa verde espessura de fayas, freixos, alamos, & salgueiros fora muytas aruores de espinho tam serradas, que achauam os rayos do Sol resistencia em seus agudos ramos, que com o peso do dourado fruito se vinham à terra regadas de saudosas fontes, que do pé da ladeira por entre toscas pedras vem caminhando, & todas se recolhião em hum gracioso ribeiro. O pastor por não perder a ocasião de tam aprasiuel lugar, sentado ao pè de hũa faya tirou o humilde mantimento ordinario entre pastores, & comessou a comer com muyto gosto: & pera mayor mimo da natureza, não bẽ tinha acabado, quando do meyo de hum alto canaueal, que ate a area da praya se estendia, ouuio, que ao ruido que mouidas do vento as verdes canas faziam duas estranhas vozes, cantauam o seguinte.

*Quem sia da occasiam*<br>
*Com razam perde a que tem*<br>
*E se tarda quando vem*<br>
*Venha arrependerse em vam.*

*Pera ficar mais segura*<br>
*A que do tempo se alcança*<br>
*Ninguem tenha confiança*<br>
*No tempo nem na ventura.*

*Alcance da occasiam*<br>
*Hum sò penhor que ella tem*<br>
*Lance mão, que se a detem*<br>
*Versseha sem nada na mão.*

Nunca

*Nunca espere da ventura*
*Quẽ por sua culpa a perde*
*Nẽ guarde esperança verde*
*Pera colhella em madura*
*Faça por ganhar de mão,*
*Quẽ tam mal, & tarde vẽ*
*Como a idade do bem,*
*E o tempo da occasiam.*

*Quẽ se descuida em seu dano*
*Toma o q̃ o tẽpo lhe deixa*
*Arrependimento, & queixa*
*Saudade, & desengano.*
*Causa de nossa affeição*
*Não creais quem vos detem*
*Vinde, q̃ quẽ tarda, & vem*
*Vem arrependerse em vão.*

ENleuado estaua Lereno no doce canto, & não menos satisfeito dos versos delle, que cubiçoso de ver o donde naciam aquellas vozes, que dellas julgaua ser cousa dinina, & cedo lhe pareceo, que não se enganara, porque ainda os sonoros accentos no ar se suspendiam em saudoso Eccho, quando vio yr correndo por entre as tremulas canas, duas Nimfas com os louros cabellos soltos sobre os hombros. Estas de hum ligeiro salto se lançaram ao rio, ao tempo que dous pescadores, que vinhão no alcance appareceram na praya, & se foram desatar a barca, que estaua entre hũs penedos, deixando a Lereno tam magoado do que lhe estoruaram como contente do que vira & atrauesando o canaueal vio pera hũa parte delle a coua donde antes cantauam as offendidas semideas, sameada de rosas & boninas, entre as quais estauam enlaçados algũs fios d'ouro, que as flores de inueja tinham roubado. Leuou o pastor no çurrão destes despojos por estranheza, & começando a subir a ladeira acima, vio perto de si hum tiro de pedra hum pastor vestido em hum vaqueiro de pardo escuro, & ao lado esquerdo hum manchado çurrão da pelle d'hum abortiuo nouilho, & sobre os cabellos mais louros, que o rayo do Sol, que em aneis lhe cobriam as fontes, & as orelhas hũa monteira de pelle de lobo. Este en-

encostado a hum grosso cajado de enzinha escreuia em o tronco de hum alamo com muyta sutileza. E porque Lereno pelo caminho auia de passar por junto a elle: duuidou se o faria: porem vendo que não era segredo, o que d'hũa carta tam aberta se fiaua, indo por junto a elle: osaudou, & o do pardo o deteue pera saber de que terra caminhaua, que bem conhecia no mais ser estrangeiro: ao que elle tornou, que era do Lis, & que auia tres dias, que partira do suas ribeiras pera aquellas do Mondego. Folgo (tornou elle) de te encontrar, que te acompanharei até o fim da ladeira, porque sou muyto affeiçoado aos pastores do teu lugar pela fama que tem nesta nossa campina: & neste tempo lançou Lereno os olhos ao tronco, & vio que deixaua nelle estas palauras:

*Cuidado sem esperança*
*Iusto he que tenhais aßento*
*N'alma pera sentimento*
*Neste ala no por lembrança:*

*Leam todos os pastores*
*Que em meu dano se consente*
*Auer fé pera hum ausente*
*Por faltar em meus amores.*

*Saibam, que por perseguirme*
*Ouue contra meu cuidado*
*Heme ausente, & lembrado,*
*E molher ausente & firme.*

COmeçando a caminhar lhe perguntou o do pardo, que lhe parecia da verdura, & graças dos campos, que daly se descobriam, & as socegadas agoas do Mondego, que em saudosas voltas se despedia do pé daquella montanha. Tudo (disse Lereno) mostra na terra hum paraysо, & só viuira nelle em pena quem tiuer a alma descontente, que os olhos sem o coração mal podem ter alegria: digo isto, porque essa fermosura, que aos naturais he gloria me da minha ventura por desterro, & como este he forçado nunca contenta.

tenta. Grande bem he a liberdade (tornou o outro) & grande mal viuer sem ella: peça he, que todos perdem por sua vontade, & perda que se mais sente, mas se a tua ficou bem empregada, não te queixes. Que val (tornou elle) estar bem empregada, se he mal agradecida, & se os males, que homẽ busca custão mais a sentir, porque nunça se chora a culpa, se não a dor: porem deixando esta, que agora não tem lugar, te confesso, que não vi outro tam fermoso de agoas, & aruoredos como este he: sempre foram celebrados os campos do Mondego, & muyto mais os seus pastores: & bem se mostra no que em ty apparece. Não quisera (disse elle) desacreditar a tantos comigo, mas se hoje ficas nesta Aldea, farei que vejas em muytos o que em mim falta. Nestas razões tinham ja atrauessado o monte, & decendo contra o penedo das saudades, ja os guardadores com as roucas bosinas, & diligentes rafeiros ajuntauam o gado, & conhecendo a Floricio (que este era o nome do pastor a quem Lereno acompanhaua) se vieram a elle, dizendo que não era bẽ, que passassem o valle das oliueiras sem algũa cantiga, que sem elle não prestaua: & depois de descansar, aceitou o encargo, dizendo a Lereno, que a seu respeito o fazia, & cantou o seguinte.

*Não sei pera que vos quero*
*Pois d'olhos me não seruis*
*Olhos a que eu tanto quis.*

*Noutro tempo mal peccado*
*Quando eu via o que buscaua*
*Era tam acautellado,*
*Que sendo pastor de gado*
*Te do gado vos guardaua,*

*Mas essa antiga alegria*
*Nem a tenho, nem a espero,*
*E pois não vejo o que via*
*Senão for por companhia*
*Não sei pera que vos quero.*

*Eu vos quis pera chorar*
*(Mas quem ha q̃ a dor resista)*
*Que se eu pudera aturar*
*Em tanto perder de vista*
*Vos ouuereis de cegar,*
*Poupeiuos como inimigo*
*Pois pera o pranto vos quis*
*Tendoo por menor perigo,*
*Mas seruirmeeis de castigo*
*Pois d'olhos me não seruis.*

*Muytas vezes aind'agora*
*Quando à lembranças m'entrego*
*Desejo por meu socego*
*De arrancar os olhos fora ,*
*E ficar de todo cego.*
*Mas torno a cuidar em quanto*
*Me lembra o mal que vos fiz,*
*E que agora vos leuanto*
*Como posso offender tanto*
*Olhos a quem tanto quis.*

ACabou Floricio,& não so aos pastores,q̃ jũtos o ouuião, deixou cõtentes,& a Lereno mais seu affeiçoado, mas as pastoras que do valle vinham subindo cõ seus rebanhos, encostadas aos cajados se detinham. Logo pediram todos a Menalio que cantasse,& elle sem muytos, rogos tomando a Floricio a samfonha,começou.

*Mandaisme que vos não veja*
*Dos olhos,que ey de fazer?*
*Pois lhe não fica que ver.*

*Tal a vista me ficou*
*Quando vi vossa figura ,*
*Que pera o mais me cegou*
*Como quem ao Sol olhou,*
*E entrou n'uma casa escura*
*Vi quanto a vida deseja,*
*E fiz della alegre emprego*
*A pezar da mesma inueja*
*Vos porque me eu veja cego*
*Mandaisme,q̃ vos não veja.*

*Hum remedio me conuinha*
*Contra a semrazão que vsais,*
*Que era veruos na alma minha,*
*Mas essa alma aonde vos tinha*
*Nem de vista ma dexàis:*
*Da alma,& de seu poder*
*Dos sentidos,& da vida*
*Ordenou vosso querer ,*
*E pois so não sois seruida*
*Dos olhos que ey de fazer?*

Pois

*Andais de dia apos ella*
*Pelo monte, & pelo prado*
*S'entra a mondar ao ferrado*
*Sempre lhe estais a cancella*
*Se anoite tornais a vella*
*Nunca vos fartais d'olhar*
*Não nos podemos fartar.*

*Tem o seu rosto tal ser,*
*E os seus olhos tais estremos,*
*Que quãto nelles mais vemos*
*Tanto mais temos que ver*
*Quem os sabe conhecer*
*Nunca se fartad'olhar*
*Não nos podemos fartar.*

*Inda bem se não enfeita*
*Com a fraldilha louçã*
*Ao Domingo de manhã*
*Quãdo o vos tẽdes d'espreita*
*E nada disto aprouita*
*Pera vos fartar de olhar*
*Não nos podemos fartar.*

*Não ha força que resista*
*Ao que com seus olhos trata,*
*Que estandoa vẽdo nos mata*
*De fome com sua vista*
*Ou se vista, ou se não vista,*
*Ou no monte, ou no lugar*
*Não nos podemos fartar.*

CAntou Teonio tam confiado, & com tanta graça, que a todos persuadia a razão de sua arrogancia, & não passaua guardador, que não parasse com os olhos nelle, mas juntamente o dia, & o caminho com a cãtiga se acabaram, & dandolhe os pastores o louuor custumado, comessaram a apartar os rebanhos, & Lereno se apartou com Egerio amigo seu, que ja das ribeiras do Lena o conhecia, o qual com muyto aluoroço o recebeo, & leuou a sua cabana, aonde cada hum relatando os successos de sua vida, & dessenhos della passaram a noite que este he o fruito da verdadeira amisade, o aliuio dos males, & a gloria dos bẽs, comunicarense sem inueja, & com affeição.

## FLORESTA QVARTA.

ERA Floricio hum paſtor natural do Tejo, em quem os daquella ribeira tinham muyta confiança por ter elle muytas graças, quē ainda repartidas ſe achão difficultoſamente entre os paſtores com a ſamphonha na mão não auia naquelles campos quē o igualaſſe, nē na luta quē lhe leuaſſe a fogaça, nem no baylo quē cō mais arſayſſe ao terreiro, finalmente cō hū cajado na mão, não auia paſtora, q̃ de graça lhe não deueſſe a liberdade, & ſobre ter eſta melhoria de muytos outros, era tam affeiçoado a triſteza de hum ſuſpiro, & ao apartamento de hum lugar ſaudoſo, q̃ lhe não parecia bē couſa que o não foſſe, nem paſtor, q̃ não ſentiſſe paixões amoroſas ſemelhantes as que na alma trazia tam ſogeitas ao ſegredo de ſua fe, q̃ nem Lereno lhe entēdera o penſamento, ſe o proprio mal o não tiuera tam inſinado a conhecer ſeus effeitos: & como de inclinações tam ſemelhantes ſe faz a boa amizade a cada hū deſtes dous paſtores ficou ſecreto o deſejo de ſe tratarem, & comunicarem por amigos, em eſpecial Lereno, que muyto em particular ſoube de ſeu amigo Egerio, quē era, & como viera ter aquella ribeira. Paſſados porem algūs dias, q̃ Lereno viuia em a conuerſação dos paſtores daquelle lugar, aonde tomou ſua cabana hū dia antes, q̃ amanheceſſe, acordando d'hum doce ſonho em que a imaginação o tinha enleuado, ouuio hūa ſuaue voz, que cantaua do pe de hum caſtanheiro, que com ſuas ramas cubria a porta da cabana de Egerio, & por não perturbar a gloria, que na alma lhe cauſaua aquella ſaudade te o folego reprimia por não ſuſpirar, & ouuir a cantiga, que eram eſtas endechas.

*Quem do rme descansa*
*Quem ama não ousa*
*Porque não repousa*
*Mais que na lembrança.*

*Acorday cuidados,*
*Que me despertastes*
*Pois não madrugastes*
*Pera descuidados.*

*Lembrainos de quem*
*So de vos s'esquece*
*Desque o Sol parece*
*Tè que a noite vem.*

*Que eu tomei persia*
*De cuidar sò nella*
*De noite de vella*
*Por vella de dia,*

*Meus olhos diram*
*Estes desconcertos*
*Que de andar abertos*
*Ia não vem nem vam.*

*Quando vou com o gado*
*Pelas sementeiras*
*Sempre trago olheiras*
*Como tresnoitado.*

*E como em deserto*
*Sem saber onde ando*
*Nella ando sonhando*
*Dormindo & desperto:*

*Que com grande aballo*
*Depois m'enuergonho,*
*Porque como en sonho*
*Mil verdades fallo.*

*Temo neste emprego*
*Vencido da dor*
*Que de puro amor*
*Me ey de tornar cego.*

*Mil vezes ditoso*
*Quem sem tal cuidado*
*Dorme descansado*
*Sono saboroso.*

*E pella ventura*
*Não sente hum sò dia*
*Nem a manhã fria*
*Nem a noite escura.*

*Durma quem descansa*
*Em tão bom remanso*
*Que eu qua não descanso*
*Busco a quem me cansa.*

COm o silencio da madrugada, & o vagaroso mouimento das ramas, fazia a voz tam saudosos accentos pelo vam daquelles outeiros, q̃ Lereno q̃ o ouuia não pode deter

algũs ſuſpiros da ſaudade, que mil lembranças lhe deſpertaram, & por ſaber qué ſeria o da cantiga ſe veſtio depreſſa, & tomando o cajado, ſahio fora da cabana, & daly vio a Florrcio, que hia decendo pelo valle abaixo, pera as fraldas do rio: & dobrando tras elle hũa traſpoſta bradandolhe de cima o fez voltar o roſto, que conhendo a Lereno moſtrou cheo de alegria, & depois que chegou a elle, & o ſaudou lhe diſſe: não cuidei que tomaras ao rouxinol mais, que a ſaudade, & as horas de ſeu queixume, que ainda no voar o parecias, pois não me valeram os pes ſe com os ibra dos te não alcançara. Quem cuidaria (diſſe Floricio) que tinha eu forças pera te trazer apos mim, deixandote dormindo na tua cabana. Mais me eſpanto (reſpondeo Lereno) não ſe virem a tras ty as aruores, & os rios (como contam do muſico de Thracia) porem a razam he, que só couſas ſem entendimento te não ſigam, mas porque venho muyto ſuado da preſſa com que deci a ladeira te rogo, que nos ſentemos hum pouco em quanto não ſam horas de tirar o gado. Sentemonos (tornou elle) que ainda que foſſem horas mais quero ao teu deſcanſo, que ao meu rebanho, quanto mais a tal companhia. E eu (diſſe o outro) pela tua ſofrerei perder tudo o mais. como não ſeja ouuirte cantar, que te affirmo que o fazes com tanta ventagem dos que tenho ouuido, que o melhor do mundo te pode ter inueja. Túdo conſentirei (reſpondeo Floricio) como me não enuergonhes com os louuores, que não mereço. Antes me cal larei por não te ſaber dar os que deuo (tornou elle) & pondoos ja que aſsi queres, de parte te affirmo, q̃ tés ja tanta no meu coração, que me não ficaram palauras pera to offerecer. Menos as terei eu (diſſe Floricio) pera reſponder, mas pois a teu entendimento nada ſe eſconde, bem deues ter ſabido de meus olhos, que te trago nelles, do primeiro dia,

que

que me encontraste, & não pesso mais a ventura depois dos males, que me tem feitos, se não que me faça companheiro na tua peregrinaçam, ou a ty morador neste lugar, pera que te não perca algum tẽpo do em que te trago: mas por não se vsarem entre nos palauras, que a outros seruem de comprimento, te rogo que não vamos a diante: & porque o Sol vinha ja enxugando sobre as flores o meudo orualho, que a aurora nellas derramara, & eram horas de tirar as ouelhas ao pasto, se foram os dous pastores te os currais, & daly leuaram o gado pela alem do rio, que era o lugar donde Floricio apascentaua, & assentaraõse em hũa verde riba ao pè de dous salgueiros, que estão vendo os ramos em hum quieto remanso do Mondego, cujas rayzes tecidas pela mão da natureza hiam fazer sobre a agoa hũa debuxada sombra daly vendo Lereno as ouelhas, que com hũa liberdade tam contente hiam tosando a miuda relua, disse: guarde Deos ao teu rebanho amigo Floricio, & o liure de maos lobos & de mao olhado, como anda contente por esta relua seguro no teu cajado, engordando na tua vista, ditoso elle, que tem tal pastor, & tu venturoso, que com elle gosas vida tam descansada. Ah Lereno (disse elle) Deos te guarde de males, que trazem consigo obrigação de segredo, que fazem sustentar a vida mil hypocrezias, que se soubesses os déscontos com que possuo este a que chamaste descanso, ouueras por muyto melhor o teu desasocego, & não deues pouco a ventura por te negar experiencia tam trabalhosa. Não te respondo (tornou Lereno) porque não sei o mal de que te queixas, nem pergunto qual he por quanto as vezes custa lembrallo & muyto mais descubrillo: a quem o sustenta com tanta fé: Melhor sera (replicou o companheiro) gastar o tempo em aliuio de ma-

les, que em despertar o sentimento delles: por tua vida, que cantes hũa cantíga das tuas, porque sendo ellas em toda a parte tam gabadas, ainda te não ouui. Grande sem razam seria (disse elle) negar cousa tam facil a quem com outras de tanto preço me obrigou: só te digo, que ando tam custumado a chorar, que me não lembra o como cantaua, & aonde perdi o gosto do meu canto deixei por despedida o arrabi: porem, porque esta razão me não escuse, tempera esse teu, & veras que te enganaua, ou se engana quem me gabou. Com muyto desejo temperaua Floricio o instrumento, quando pera elles viram vir dous pastores em companhia de duas pastoras, não mal parecidas, coroadas de fermosas flores da campina, & todos vendo a Floricio, & ao companheiro (que ainda não conheciam) se alegraram, & com amorosas palauras mostrauão o gosto de o achar, & contaraõlhe logo a razão, porque o queriam pera juyz de hũa contenda, a qual não auia na montanha quem com melhor saber, & menos sospeita a podesse julgar, & assi lhe pediram Cisneo, & Rosardo (que erão os competidores) que quisessem elle, & o estrangeiro assistir a hũa musica en louuor dos olhos de Felisa, & Marilia, que eram as pastoras: & em premio da vitoria, ficaua por preço ao que melhor cantasse, duas bem tecidas capellas, que os pastores traziam tam sotilmente enlaçadas, que por muyto espasso déram que olhar aos juyzes, & a muytos outros pastores, & pastoras que no mesmo lugar se ajuntaram a ouuir a contenda, & Floricio aceitou o encargo com Lereno, que por lhe obedecer se não escusou, & logo Cisneo tirando a samfonha, começou, & tras elle Rosardo, ambos com os olhos nos das pastoras, que os escutauam.

Cis. POis Felisa os teus olhos tem diante
Quẽ t'ama, mal será q̃ em seus louuores
Quem doutros olhos canta s'adiante
Pois elles sam de todos vencedores:
A mim me manda amor, q̃ delles cante,
E vença os leues faunos, & os pastores,
Que pera esta ditosa confiança
Sempre os vejo vestidos d'esperança.

Ros. Se os teus olhos Marilia ver pudera
Quem ja na vista d'outros ficou cego
Nunca a cantar comigo se atreuera
Senão pera fazer o mesmo emprego:
E ainda pastora entam todos vencera
Quãtos pastam no Tejo, & no Mondego
Tendo presente a luz desses dos lumes
Vestido da cor bella dos ciumes.

Cis. Mal julgara da cor do Sol dourado
Quẽ de outra menor luz fica offendido
Sempre se igualla a causa do cuidado
Por aquelle sugeito do sentido:
Cante de seu amor mal empregado
Quem o não mereceo ter mais subido,
Que eu forçado do amor, & do desejo
Canto de hũs olhos cuja cor não vejo.

*Rof. Se os olhos cor tiueram, q̃ a não tem,*
*Que bella cor a dos teus olhos fora?*
*Nem tal fora da rosa ou da cessem*
*Nẽ tal do Sol, nem tal da bella aurora*
*Tomaõ a cor os olhos do que vem,*
*Que em sua clara luz mais se melhora*
*Aos teus dei logo a cor, q̃ lhes conuinha*
*Nacida de hũa dor, que n'alma tinha.*

*Cis. Que dor? que mal? que pena se consente*
*Em vendo de Feliza os olhos bellos?*
*S'outra nenhũa cousa he mais presente,*
*Que a gloria de gozallos, & de vellos:*
*Vios, & deilhe a vida tam contente*
*Que nem vida ja tenho pera tellos*
*Mas deixame pastora bella olharte*
*Que eu buscarei mil vidas pera darte.*

*Rof. Se essa gloria Marilia, que eu mereço*
*Com hum sincero amor, & hũa fè pura*
*Teus olhos hão de dar por outro preço*
*Ou que seja da vida, ou da ventura:*
*Que não na mereci tambem confesso;*
*Mas dar por preço a alma m'assegura,*
*E esta de ty não pode ser negada,*
*Que ainda a trazes nos olhos pẽdurada.*

*Fiquem*

Cis. *Fiquem ſempre Felicia vencedores*
*Teus olhos ca na terra como eſtrellas*
*Vença (cantando delles) aos paſtores*
*Atè que os faça iguais ao curſo dellas,*
*E pois no campo delles nacem flores*
*Deſtas cantando alcance mil capellas,*
*Que com temor & inueja as Nimphas teçam*
*E ſobre os teus cabellos s'emmurcheção.*

Roſ. *Corrido ſe me moſtra o penſamento.*
*Quando cuido Marilia, que offereço*
*A teus olhos tam baixo vencimento*
*Pois q̃em mores cõtendas tenho o preço:*
*Mas reſaluando o ſeu merecimento*
*Nem os verſos, nem flores lhe offereço*
*Sejam dos teus cabellos as capellas*
*Pois os olhos as tem muyto mais bellas.*

ACabaram de cantar os dous ouelheiros, & como o lugar da muſica era no meyo do valle, os mais paſtores, & paſtoras, que aly traziam o gado, ſe ajuntaram a os ouuir & entre todos ficou a vitoria tam duuidoſa, que não ſe atreuiam a julgar entre elles differença, porem Lereno, em quẽ Floricio deixou a ſentença, lhes diſſe. Cantaſtes tambem (gentis paſtores) que ſuſpendeſtes o entendimento de quẽ vos ouuia pera não poder julgar a ventagem, & fazer differença em eſtremos tam iguais: quando eſta razão não baſtaſſe pera vos igualar a inueja de tam bõs verſos, & decuidados tam bem empregados fizera qualquer outra ſenten-

ça ſoſpeitoſa pelo que a minha he, que tenha cada hũa deſtas paſtoras a ſua capella, auendo que pera quem pode enuergonhar tantas flores, poucas ſobejam: & fiquem os ſeus olhos conhecendo, que ha no Mundo quem por os ſaber dinamente louuar, os pode merecer, ſendo cada hũa deſtas couſas aſſaz difficultoſa: & ſe eſte juyzo vos não contenta, pedi o de Floricio como melhor, que nem eu creo auer outro, que de vos ter ouuido não fique ſoſpeito. Todos os preſentes confirmaram a ſentença de Lereno, & a alguns contentaram tanto as palauras delle, que aos outros perguntaram donde era aquelle eſtrangeiro, acrecentando a iſto alguns louuores, não tam ſecretos, que a elle não rendeſſem muyta vergonha, particularmente quando entre as paſtoras, que aly ſe ajuntaraõ vio a namorada Althea, que não tiraua os olhos dos ſeus, fogindo aos de Florício, que com antiga affeição a olhaua: não podendo acautelarſe tanto, que o amigo o não achaſſe com o furto nas maõs: porem Ríſeo, que liure deſtes cuidados ouuía o canto dos ouelheiros, & lhe não pareceta mal a contenda das cores; por dar outra differente do que tinha por opiniam, moueo de nouo a queſtam entre todos com tam engraçadas razões, & ſutil entendimento como tinha a cuſta da inueja de muytos do valle, porem atalhandoo todos, que só cantando lhe conſentiriam o parecer, ao ſom de hũa temperada Lyra cantou o ſeguinte ſoneto.

*Fermoſos olhos quem veruos pretende*
*A viſta dera em preço ſe vos vira,*
*Que ainda que por perderuos a ſentira*
*A perda de não veruos não s'entende:*
*A graça deſſa luz não na comprende,*

Quem

*Quem qual ao Sol a vòs seus olhos vira*
*Que o cego amor, que cego delles tira*
*Com vossos proprios rayos a defende.*
*Não pode a vista humana conhecer*
*Qual seja a vossa cor, que a luz forçosa*
*Não consente mostrar tanta bellesa:*
*S'eu que em vendoa ceguei pude ainda ver*
*Hũa cor vi: porem cor tam fermosa,*
*Que me não pareceo da natureza.*

QVando os pastores em louuor da cantiga de Risco se empregauam, ouuiram de improuiso muytos brados de pastores, & grande ladrar de rafeiros ao pé do monte, & conhecendo pelo custume, que era lobo, todos desempararam aquelle lugar, & as pastoras de longe os foram seguindo, & no alcance de huns & outros, se consumio a mayor parte do dia, ficando espalhadas por aquelles outeiros, das quais Tirsea porque leuaua mais o sentido nos amores de Floricio, que em perseguir o roubador do seu rebanho, se apartou tanto do caminho, que se lhe acabou o dia entre huns espessos matos, aonde com a noite escura, & com a carregada sombra dos aruoredos estaua todo o valle medonho, & no silencio daquella escuridão, não se ouuia mais, que o ruydo, que ao longe o rio hia fazendo por entre as pedras, & alguns brados dos boyeiros, que dalem do valle hião fazer Eccho naquellas concauas penedias, que entre a musica dos grilos, que das caladuras da terra estauam cantando, causauam hum frio temor em o brando coração da namorada Tirsea: a qual cahindo no descuido com que aquelle lugar viera a tais horas fi-
cou

mas redes, que meus companheiros ficam esperando em quanto tarda a Lua: & fio eu da gente, que nelle mora, que te dem de boa vontade gasalhado. He tam grande bem esse (respondeo Tirsea) que não sey como te dé as graças delle,& pois assi he,anda diante, que eu te yrei seguindo:& caminhando tras elle com muyto trabalho,porque o caminho era fragoso,chegaram a passada de hum ribeiro, aonde o pastor lhe offereceo a mão pera que desse o salto mais seguro,o que ella engeitou, dizendo que saltaua bem sobre o cajado, mas então o não fez com tanta ligeireza, que não cayisse da outra parte sobre hũas syluas, & aly de necessidade aceitou a ajuda do pastor, o qual tocando a mão, ficou com assaz sospeita do que poderia ser, & nã ousando de descobrilla,por ser tam leue o fundamento,com desejo de achar outro, foy polo caminho a diante perguntandolhe donde era, & como viera ter aquelle desuío a tais horas,ao que com muyta cautella respondeo que era hum moço estrangeiro que passaua pera os campos do Douro,& que tomara errado hum atalho que atras lhe insinarão, para que com sol podesse chegar a Aldea, & que por não passar descuberto ao frio da noite fora ventura de achallo em aquelle lugar. Por certo (lhe disse o pastor) que tomara eu verte em outro aonde te conhecera cõ menos escuro,porque so de te ouuir te tenho ja boa vontade. Não sei eu outro (tornou ella) aonde mais me aproueitasse teu fauor,que ja pode ser se me viras, que me guiaras com menos vontade (tal he o meu parecer) & então não merecera por conhecido o que alcancei por desencaminhado. Nestas palauras & outras chegarão ao casal aonde era forçado que o pastor soubesse a companhia, que ately trouxera: & abrindo a porta com a luz da candea,vio a Tirsea,que com

o tra-

o trabalho do caminho afrontada, & com o lume que lhe fazia no rosto fermosas sombras, o ficou tanto que podia vencer as que em o valle mais presumião de gentilesa. O pastor que a conheceo, ficou tam alheo de sim, que nem fallar pode, antes como desatinado do que sentia, tomou as redes que d'antes buscaua, & saindo fora dando mil desesperados suspiros, se meteo por entre os matos tomando dif ferente caminho do que o aly guiara, de cuja nouidade ficou bem alterado, & suspenso o dono do casal, que era hũ pastor de muyta idade que com sua amada consorte viuia na soidam daquelle mõte, cujos filhos eram os que ficauam esperando as redes. Então lhe contou Tirsea a ventura por onde viera ter ao seu casal, & como se encobrira com o nome de pastor, por saluar sua honestidade: elle com muyto amor, & mostras de honrada bondade a recolheo, & a enco mendou a velha que não menos que elle era bem acondicionada, & delles soube como aquelle pastor era Montano o mais conhecido pastor daquella serra, & rico de ouelhas: o qual não sem causa fez tam estranha mudança, porque auia muyto tempo que tinha a Tirsea secreta affeiçam, de hum dia, que entre muytas a vira na campina, em hũa festa de Pales deusa dos pastores. E era ella dina de obrigar a tais estremos, porque alem de ser muyto fermosa, tinha igual descrição, & honestidade, mas nem com estas partes, & outras muytas obrigaua Floricio a quererlhe bem, que este he o mayor mal que tem quem faz emprego em coração affeiçoado, que não sô mente lhe he necessario cõ quistar hũa vontade, mas desapossala da affeiçam, que as vezes tem nalma poderosas rayzes.

## FLORESTA QVINTA.

ASSADA a noite deixou Tirsea o casal, & ficaram os velhos tam obrigados de suas partes, & cortesia, que assi sentiram a despedida, como se fora de mais tempo o conhecimẽto, & vindo ella acudir ao seu rebanho, que eram horas de tirar dos curtais, quis saber o que acontecera a Floricio a tarde passada, porque dos seus bõs successos dependia o viuer contente, & dobrando o valle, o vio estar com Lereno de quem elle se apartara na montaria, è naquella hora tratauam do lobo, que os despartira, & como a pastora não se atreuia mais, que a vello por entre hũas aruores, se desuiou, mas não tam longe, que deixasse de ouuir cantar a Lereno, o qual se não pode desobrigar dos rogos de Floricio, é temperando hũa Lyra sentado ao pe de hum salgueiro, cantou este soneto.

*Fogeme a luz do Sol quando amanhece*
*Vejo estrellas no Ceo ao meyo dia,*
*E entam sinto do inuerno a mòr persia*
*Quando o veram mas arde, & mais florece,*
*Quanto aos outros alegra m'entristece,*
*Porque tenho o pesar por alagria,*
*Que milagres sam estes fantasia,*
*Porque os não saberà quem os padece?*
*Sospeito, que em meu dano conjurada*
*Como mudou a sortô a condição*

Vay

*Vay troçando o custume a natureza,*
*E assi não vejo a luz tam desejada,*
*E em lugar da alegria, & do verão*
*Não tenho mais, que inuerno de tristeza.*

DEpois que Lereno cantou, suspiraua Floricio, mostrando com este nouo encarecimento, a quanto o obrigara o sentimento do que ouuira, & perguntandolhe o amigo a causa delle, respondeo. Foy a tua cantiga tam cortada pera minha pena, & a tua voz tam natural pera a publicar, que faz em mim estes effeitos fora outros de inueja, que esconde o coração: & este lugar quisera eu agora pera te descubrir muytas cousas delle, em que conheceras esta semelhança, mas vejo vir ao longo do rio Menalio, Riseo, & Theonio com outros pastores, & sospeito que ao Eccho da tua voz acodiram, & vem direitos pera nos, mas se a minha ventura não he a que custuma, algũ dia terei em que à nossa vontade pratiquemos, & agora ouuiras a Riseo, que he gabado de todas as pastoras da mõtanha, pelas muytas graças, & partes de seu entendimento. A este tẽpo chegaram a elles os pastores, & Riseo em nome dos outros pedio a Lereno, que tornasse a temperar o instrumento, que tinha deixado, & quisesse proseguir seu canto, pois elle os guiara ate aly, & que não era razão que Floricio tiuesse tudo o mais, & elles só a inueja. E como o pastor conhecia, que a cousas semelhantes a facilidade lhes dobra o preço, & as muyto rogadas, custão a vezes mais do que vale, tomando hua samfonha de Floricio, lhes disse. Não quero liurarme com as escusas que tenho, do que me mandais, nem acautelarme do pouco que sey: sò quero obedeceruos com tal condição, que por facil, me não tenhais por confiado, que

o sou,

o sou, porque não respeito a mais, que a vontade de vos seruir, a estas palauras se deram todos por muyto obrigados, & disseram, que estauam por estas condições, com tal, que lhe não dilatasse mais a musica, a qual elle começou desta maneira.

*Atreuido pensamento*
*Não me ponhais em perigo*
*Que pera ser venturoso*
*Não basta ser atreuido:*
*Se sobis por leuantarme*
*Vede quanto a tras vos fico,*
*Que pera quem não descansa*
*He muyto largo o caminho:*
*Leuais tras vos o desejo,*
*E eu a ambos busco & sigo*
*Pera tornar a cahir*
*Como a pedra de Sizipho:*
*Vos tendes culpa d'ousado,*
*E eu de todas o castigo,*
*Que naci sò pera penas*
*Que das vossas azas tiro:*
*Perfiais com a esperança*
*E eu com a razão porfio*
*Tè que vencida de todo*
*Fiquemos ambos vencidos:*
*Se ante as aras da fortuna*
*Quereis yr ao sacrificio,*
*E acabar tam mal logrados*
*Como fostes bem nacidos:*
*Pouco auentura a perder*
*Quem se tem ja tam perdido*
*Sòmente temo em meu dano*
*Que me aueis de deixar viuo:*
*Encolhei hum pouco as azas,*
*E estai a conta comigo*
*Que de muyto experimentado*
*Ia nos males adeuinho:*
*Fiatuos do desengano*
*Vereis s'he melhor partido*
*De hum couarde acautellado*
*Que de ousado arrependido:*
*Vede no triste successo*
*Do que deu o nome ao rio*
*Quam pouco contra ventura*
*Podem valer artificios:*
*Sam vossas azas albeas,*
*E correis o mesmo risco*
*Deixaias aos venturosos*
*Pois que por mim sois mofino:*
*Bastaua ao filho do Sol*
*Conhecer que era seu filho*
*Sem querer ter hum seguro*
*Sogeito a tantos perigos:*
*Contentaiuos pensamento*
*Ser de hũa parte diuino*
*Conhecei minha esperança*
*Deixareis de ser altiuo:*

*Mas em vossa semrazão*
*Sam meus conselhos baldios*
*Que pouco valem contrella*
*Conselhos,rogos,nem gritos.*

ESperauam os pastores o mais atreuido, que desse a Lereno as graças do que cantara,mas Theonio,cuja confiança escusaua padrinhos,rompeo este silencio,& disse:Tenho tanta inueja ao téu canto,que se não temera o parecer de tantos, ouuera o de desgabar , porque tambem isso fora mais facil,que darlhe deuidos louuores , mas ja que me ey de callar com minha magoa,te rogo que me contes donde ouueste tam boa,& estranha cãtiga,que ja neste valle ouuimos a hum pastor estrangeiro, versos do mesmo teor , mas tinhão os nossos guardadores por muyto difficultoso fazerêse em a lingoa Portuguesa, porqne a tem por menos engraçada pera os romances(que assi creo que se chamam)& vemos em ty isto tanto ao contrario, quam grande he a vétagem,com que em tudo o excedeste a elle:& a esta pregunta de Theonio,todos mostraram muyto desejo da reposta de Lereno,& porque elle desejaua satisfazello, em especial a Riseo,que o obrigaua,começou.

Em hum valle aonde mais contente dà ventura apacentei,que he deste algũas legoas apartado , auia hum pastor meu grande amigo,que todos por suas muytas partes estimauam,& queriam: este em sua tenra idade, desejoso de ver muytas marauilhas, que ouuia contar das terras estranhas , deixou a patria , & o rebanho de seu pay, que era o mais rico,& nobre pastor daquella Aldea,& peregrinando muytas partes do Mundo , vio em Archadia as celebradas ribeiras do Erimanto,aonde o famoso pastor Accio Sincero apacentaua:cantou nas ricas prayas do Pado, & do Tibre,cujas penedias,& aruoredos estão repetindo ainda agora o nome da fermosa Laura,gosou as sombras dos bosques

do

do claro Mincio,aonde o antigo Titero celebraua o nome de Amarilis·vio a origẽ do sagrado Tejo, & as ricas areas de Guadalquibir,aonde o celebrado Lasso,entre as ouelhas mostrou aos pastores seu illustre ingenho,& aonde o namorado Syreno deu a lingoa,& aos valles estrangeiros o q̃ deuia ao Mondego aonde naceo. Este pastor vindo depois ao nosso lugar,tinhamos amizade cada hora mais estreita, & entre muytas cousas que dizia das que vira por aquellas partes, contou que estando em hũa Aldea junto ao Tejo, aonde se fazião hũas festas de pastores ao benzer do gado, depois de muytos jogos,& folgares,resoauam todos os mõtes vezinhos,com instrumentos,& musicas dos pastores,entre os quais elle(que não deuia ter o menor lugar) deu honrada mostra do que merecem os ingenhos da nossa Lusitania,& vejo tão affeiçoado a muytas cantigas, que entre elles ouuio, que ambos em o nosso lugar não cantauamos mais,que a imitaçam das que la ouuira, & eu como mais affeiçoado a nossa lingoa Portuguesa fuy o primeiro, que nella cantei romances. Ainda Lereno, queria yr com a pratica a diante,quando viram vir muytas pastoras cõ grande grita fogindo pera onde todos estauam sentados, & cõ isto o ladrar dos rafeiros, & bradar dos guardadores atroauam todo o valle,& leuantandose,viram hum pastor furioso coroado de Era,& de louro,com hum pesado salgueiro ao hõbro, o qual em ligeiros saltos andaua atrauesando as reluas,não deixando lugar as quietas ouelhas, pera pastarem a miuda erua,q̃ perdendo o tino amedrentadas, hũas entrauam pelos vedados trigos,outras balando cõ os alheos gados, se misturauam. Leuantados os pastores, correram tras elle pera o prender, mas Tirsea esmorecida cõ medo, se abraçou a Floricio, que entam lhe não podia negar aquelle amparo,& obrigado de seus piadosos rogos, a leuou

M 2 até

atê a cabana do honrado velho Salicio de quem era vnica filha, & pello caminho lhe contou como aquelle pastor doudo era Montano, & a estranha auentura, que côm elle lhe acontecera a noite passada, do que Floricio não ficou pouco espantado no principio, mas considerando a força, que amor tem em peitos humanos, & a fermosura de Tirsea, que aly ao perto se lhe representaua sem sospeita, não teue o acontecimento por estranho, julgando juntamente o que deuia á pastora, que por su respeito tudo desprezaua, tendo da sua parte tam grandes merecimentos, & com este conhecimento a tratou entam com tanta differença do custumado, q̃ ella teue por ventura o mao successo da q̃lle dia, & chegando a cabana aonde se ouue por segura do receo passado, não despedia os olhos de Floricio, que nos seus lhe leuaua a alma, tornou elle aos pastores, que com muyto trabalho tinhão preso a Montano, cuja historia de muytos foy sabida, & quasi todos pelo conhecimento, que delle tinhão, & Lereno por affeiçoado ao mal de que endoudecera, o leuarão ao seu casal, posto que desuiado estaua: porem Althea apartada das outras pastoras, se foy assentar ao longo do rio entre algũas aruores, que crecem com as rayzes nelle, pera ouuir os roixinois, que naquella hora começauam aly seu saudoso canto: & porque no alto dos ramos de hum loureiro vio entalhado hum nome, que com a mesma planta fora sobindo, & se podia ler mal por ficar tam alto, curiosa de saber cujo seria, leo Althea, & apar outro nome, que com a mudança do tronco, & sombra dos ramos se não lia, como que o seu pastor ausente o escreuera, & fazendolhe esta lembrança na alma saudade tirando della alguns suspiros, & do çurram hũa dourada samfonha, cantou o seguinte.

*Nome que amor nas azas leuantou,*
*E depois abateo tanto à ventura*
*Como não cabis ja de tanta altura*
*Se quem vos sustentaua se trocou:*
*Pois ja com o largo tempo se apartou*
*Fazei nesta cortiça a sepultura*
*Não renoueis agora na memoria*
*Tristes lembranças da passada gloria.*

*Quando contente aqui vos escreuia*
*Quem nalma fielmente vos guardaua*
*Nas pedras, & nas aruores pintaua*
*Por mais firmeza o bem, que me queria*
*Pois me falta esta fè de que eu viuia,*
*E vôs dais vida oo mal, que tãto agraua*
*Leue em despojo amor desta vitoria*
*Tristes lembranças da passada gloria.*

*De que seruia a Amor tam grande engano*
*Esperança tam grande, & tam fingida,*
*E aleuantar a hum bem pera a cayda*
*Vir a tamanha pena. & tanto dano?*
*O sem tempo chegado desengano*
*Na lembrança da gloria ja perdida*
*No fim de tam alegre, & doce historia*
*Tristes lembranças da passada gloria.*

*E vòs o testimunha verdadeira*
*De hũa deuida fè tam mal guardada*
*Escritura d'amor falsificada*
*Fiança de vontade tam ligeira:*
*Não valeis ja por fé pois que a primeira*
*Tambem de vosso dono foy quebrada*
*Pois não valem, não fiquem por memoria*
*Tristes lembranças da passada gloria.*

NAõ somente a musica de Althea, mas a dos roixinois, que ao som da sua samfonha com amorosa persia a ajudauam, fazia hũa fermosa saudade nas fraldas do rio, que com hum concertado ruydo parece que cantaua: callou ella pera ouuir os passarinhos a tempo que os pastores que leuaram a Montano deciam do monte cantando, ella de os ouuir deixou o lugar, & a tras elles escutou a cantiga, que era esta.

*Quem viue en descudo*
*Sayba deste auiso,*
*Que Amor, que he de siso*
*Não deixa sesudo.*

*Quem faz nelle emprego*
*Vencido da dor*
*S'olha por amor*
*Tambem fica cego:*
*Quem ama sesudo*
*Tenha disto auiso*
*Que assi rouba o siso*
*Como rouba tudo.*

*Quem se lhe offerece*
*Tudo nisto iguala,*
*Que se d'amor falla*
*D'amor emmudece*
*Quem no mesmo estudo*
*Emprega o juyzo*
*Amando de siso*
*Perde o ser sisudo.*

FLORESTA SEXTA.

NTRE todos os paſtores da montanha, & da campina, ſe fallaua a doudicẽ de Montano, ſeruindo de motiuo, & galantaria em os amores de muytos, que com aquelle exemplo os encarecião, porem de ſiſo o temia Floricio, receando hum caſtigo ſemelhante a ſemrazam com que trataua a Tirſea, & só a viſta & conuerſação de Lereno o aliuiaua neſtes cuidados, porem não tanto, que de todo os encubriſſe. Hum dia, que com a ſobeja quentura do Sol não podiam os gados eſperar o campo, apartandoſe ambos de entre os outros, foram a paſſar a ſeſta da outra parte do rio, naquelle lugar aonde Lereno vira as Nimfas, que os peſcadores ſaltearam: & aly no mais ſecreto do aruoredo, ſentado ſobre hum barranco, que as agoas do Inuerno aly cortaram, em o qual auia muytas pedras toſcas cubertas de verde muſgo, & d'entre ellas pelo meyo de agudas eſpadanas ſahião muytos lirios roxos, & amarelos, que eſtauam mais viçoſos com a vezinhança d'hum ribeiro, que por entre as pedras vinha decendo a ſombra de altas ſereigeyras, & caſtanheiros, que os paſſaros eſcolhiam naquella hora pera ſe defender do ardor do Sol, & cantauam de ſeus floridos ramos, como no romper da alua a madrugada. Em quanto as cabras de Floricio hũas no alto da ladeira ſe pendurauam daq̃lles rochedos, pera aleãçar os floridos eſpinhos, outras ao longo do rio, pera chegar aos verdes ramos dos ſalgueiros ſobre os pes ſe alẹuantauam, outras buſcando as claras fontes, deixauam de goſtar as eruas ſaboroſas por verem

nas agoas sua figura. Vendo Lereno ao companheiro pensatiuo,& mais triste do que em sua presença o parecia, lhe disse. Pois que eu Floricio não mereci atégora saber de teus cuidados, não estranhes esta pregunta, a que me moue a differença, que em ty vejo ha poucos dias. Succedeote de nouo algum desgosto? perderãose alguas rezes do teu rebanho? que he o porque andas triste? Ou ha cousa que muda em teus olhos as cores com que me vião, ou tu me não ves com o amor que me mostrauas. Não ha cousa (respondeo elle) que em mim faça menor o gosto de tua vista, & se o rosto por força do sentimento de meus males, nega a alegria com que te vejo, esta mostrara a si só o coração, que não tem mayor aliuio, que descobrir a pena que sente a tal amigo. E pois que a saudade deste lugar, & a tua discreta companhia he tam natural a hum queixoso, quero te dar conta de minha vida pera que julgues a razão com que ha tanto que desejo a morte, & temperando hũa cornamusa que trazia em quanto Lereno, inclinado sobre o braço o escutaua, assi dizia.

*Deidades da espessura*
*Nimfas que n'agoa viueis*
*Chegay juntas, & ouuireis*
*Desconcertos da ventura.*

*Fontes, & aruores vezinhas*
*Flores varias heruas verdes*
*Se vossos bens ver quiserdes*
*Ouui desuenturas minhas.*

*Cabras, que a vosso sabor*
*Vos pendurais dos rochedos*
*Ouui d'entre esses penedos*
*Queixar ao vosso pastor.*

*Sabereis de meu tormento*
*Vosso bem mal conhecido*
*Vereis, que não ter sentido*
*Escusa ter sentimento.*

*Ouueme amigo Lereno*
*Com que sei, que não m'engano*
*Pode seruendo meu dano,*
*Que aches teu mal mais pequeno.*

*Veras*

*Veras os males, que vem*
*De hũa sorte desigual,*
*E quam mal conhece o mal*
*Quem não teue nunca bem.*

*Naci pera esta fadiga,*
*E pera a que inda me espera*
*No Tejo, & não sei se diga*
*Que oxalà, que não nacera.*

*N'um lugar, que agora inuejo*
*Fresco de valles, & montes*
*Que tem d hum cabo mil fontes,*
*E doutro as agoas do Tejo.*

*Aly viui descuidado*
*Da vida que me esperaua*
*Aonde nunca me lembraua*
*Nem d'amores nem do gado.*

*Nada entam mais tinha em graça*
*Veram, Inuerno, & Estio,*
*Que andar com as nassas no rio*
*Ou com os podengos na caça.*

*Em trabalhos tam suaues*
*Gastei doces Primaueras*
*Hora catiuando as feras*
*Hora perseguindo as aues.*

*Em tudo andaua diante*
*Aos moços do meu lugar*
*Ou no baylo. ou no cantar*
*Ou no vestir mais galante.*

*Andaua a chuua, & ao Sol*
*Com capote pespontado*
*D'aluas carneiras forrado*
*Com viuos de Catasol.*

*Fuy perdendo a liberdade,*
*Que o bem nunca foy de dura,*
*Foyme faltando em ventura*
*O que crècia na idade.*

*Seguiome a desdita minha*
*Desterroume dos meus valles*
*Começo a sentir nos males*
*A falta dos bens que tinha.*

*Vim viuer a esta montanha*
*O porque hojè não sei,*
*Acho nella o que busquei*
*Que era verme em terra estranha.*

*Mas como pera mòr mal*
*Se guardaua este primeiro*
*As condições destrangeiro*
*Me tornàram natural.*

*Guardei aqui gado alheo*
*Muyto tempo por soldada*
*Não me guardaua de nada*
*Não temia o que me veo.*

*Serui juntei meus jornais*
*Vim a ter cabras de meu*
*Dou graças a quem mas deu*
*Não pasião no monte tais.*

*Eisme*

*Eiſme aſsim neſta bonança*
*Sem cubiça, & ſem cuidado*
*Farto, rico, & deſcanſado*
*Sem curar doutra eſperança.*

*Quando a eſte eſtado vim,*
*Que nunca tal ſoſpitei,*
*E tanto outro me tornei*
*Que ando ja fora de mim.*

*Era hum dia de janeiro,*
*S'eu na conta não m'engano*
*Que aſsi como o foy do anno*
*Foy de meu mal o primeiro.*

*Como era de feſta o dia*
*Madruguei mais do cuſtume*
*Que do que homem não preſume*
*Poucas vezes ſe deſuia.*

*Decia pera a ribeira*
*Louçião, contente, & brioſo*
*Com meu capote arenoſo*
*Meu cajado de aueleira.*

*Encontrei junto a leuada*
*Outros cantando em diſputa*
*Hião tambem ver a luta*
*Fomos todos de manada.*

*Chegando perto do rio*
*Ouuimos delle cantar*
*Hũa voz, que d'a eſcutar*
*Qualquer de nòs ficou frio.*

*Eu como mais atreuido*
*Sem ſaber o que intentaua*
*Cheguei por ver quem cantaua*
*D'entre os ramos eſcondido.*

*Vi, & logo aly ceguei,*
*Que oxalà que dantes fora,*
*Hũa tam bella paſtora*
*Que então por Anjo a julguey.*

*Brial tinha leonado*
*Capirote azul pombinho*
*Curram de pelles d'arminho*
*E de ſanguinho o cajado.*

*Tinha fora de çurram*
*Muytas flores no regaço*
*A cabeça ſobre o braço*
*E os claros olhos no cham.*

*Daly mil ſuſpiros daua*
*Como a compaſſos cantando,*
*E entr'elles de quando em quando*
*Fermoſas perlas choraua.*

*Do tormento que ſentia*
*Mil queixumes publicou,*
*E eſte ſo pè de me ficou*
*Da cantiga que dizia.*

*Os olhos, que vos não vem*
*Pagaram ſempre eſte foro*
*Deſcontando em triſte choro*
*Aquella ſombra do bem,*
*Que eſte aliuio sò conuem.*

*A quem*

A quem tal ventura alcança,
Mas doutra noua mudança
Estarà meu peito alheo
Por mais que possa o receo
Destruyr minha esperança.

Eu aly como enleado
Do que via, & no que ouuia
Nem apartarme sabia,
Nem a fallarlhe era ousado.

Tanto o temor me venceo
Que quando aos outros me viro
Soltei sem tento hum suspiro,
Que ella ouuindo estremeceo.

Ergueose asi temerosa
Vionos não fez disso estima
Foy subindo o valle acima.
Da mudança mais fermosa:

Os outros, que a conheceram
Muyto menos se espantàram,
E quanto mais a louuàram
Menos della me disseram.

O nome sò me ficou,
E aonde moraua n'Aldea
Scube, que o nome era Althea
(Triste, & quanto me custou.)

Chegamos nòs ao lugar
Vimos as festas do dia
Qual cantaua, & qual tangia
Qual se despia a lutar.

Muytos que me conheciam
Que era eu nisto o mais gabado
A conta do meu cuidado
Quantas cousas presumiam?

Acabarãose os folgares,
E a luta ja noite escura
Soauam pela espessura
Os arrabis, & os cantares

Eu que por nada attentei
Com o meu cuidado primeiro
Com elle por companheiro
A cabana me tornei.

E passando pela porta
A minha bella inimiga
Fuy dizendo esta cantiga,
Que inda o lembralla me corta.

## Cantiga.

Minha antiga liberdade,
Que a pesar de amor poupei
Ia por hũa vista a dey.

### Volta.

Em quanto não conhecia
Este bem que me esperaua
Do mesmo amor a guardaua,
Mas pera quem não sabia
Negauamo a fantesia
Mas ja dos meus olhos sey,
Que pera vòs a guardei.

*Asomou ella a hum postigo*
*Que sobre o valle ficaua*
*Eu que vi que se tornaua*
*Estas palauras lhe digo.*

*Não me tire esse receo*
*O bem que me offrece Amor,*
*Que he, quem ouues hum pastor*
*Cuja alma a tras ty se veo.*

*E assim mal pode offenderte*
*Quem te entregou seu poder,*
*Que nada podes temer*
*Com razam se não for verte.*

*Ah (disse ella, & sospirou)*
*Não fora cousa muy fea*
*Seruirse de hũa alma alhea*
*Quem a propria catiuou.*

*Porem viue em teu socego,*
*Pago com desenganarte*
*Faze emprego noutra parte,*
*Porque eu noutra fiz emprego.*

*Deixoume ttas isto assi,*
*E tal me deixou sem vella,*
*Que com o sentido em perdella*
*O das palauras perdi.*

*Fuyme atè a cabana entam*
*Cubiçoso de meus danos*
*Sem curar de desenganos*
*Mais que de minha affeição.*

*Mudei o pasto a meu gado*
*Pera onde ella o seu trazia*
*Aly mais vezes a via,*
*E ouuia ella o meu cuidado,*

*E nunca outro fruito deu*
*Isto em seus olhos serenos*
*Mais que ouuirme, & verme menos*
*E eu ficar sempre mais seu.*

*Veo ella a sospeitar*
*Ou soube d'outros pastores*
*Que ja nestes meus amores*
*Se fallaua no lugar,*

*Hum dia: andaua eu tornando*
*As cabras d'hum semeado*
*Pegoume aly do cajado*
*Disseme quasi chorando.*

*Floricio que amor pretendes*
*De quem tem noutro as rayzes,*
*E se me amas como dizes*
*Porque nesse amor m'offendes?*

*Que esperança, ou que sinal*
*Queres pastor que te dè?*
*Se a outrem deuo esta fè*
*De que ja presumem mal.*

*Pois ja minha liberdade*
*Senhorio, & jugo tem*
*Não des causa a que ninguem*
*Falle em minha honestidade.*

Outra

Outra paſtora acharas
Mais diſcreta, & mais fermoſa
Com amor mais venturoſa
Do que a triſte com que eſtàs.

Aceita por preço agora
Deſſas moſtras de affeição
Que te dera o coração
Se d'outro paſtor não fora.

Ella julgàra milhor
Que me vio qual eu fiquei
E aſsim da ly me tornei
Sem voz, ſem vida, & ſem cor.

Ficou ſem paſtor meu gado
Eoxala a ſorte ordenara
Que ſem vida ali ficara
Quem ficou deſeſperado.

Neſte tempo hũa paſtora
Entre muytas principal
Porquem Montano anda tal
Qual tu ves andar agora.

No meu paſto appacentaua
Nelle trataua, & viuia
E o que della não queria
Me offerecia, & moſtraua.

Viome andar que eſcaçamente
No cajado me detinha
Das forças da cor que tinha
De tudo em fim differente.

Pelo que nella imprimira
A força da meſma dor,
Mas não ſabendo que amor
Nem s'aparta nem ſe tira.

Decia eu daquelle monte
Quando o Sol ardia en fragoa
Fuy a fonte a beber agoa,
E quaſi ſecaua a fonte.

Topoume & diße, eßa cede
Floricio não vem da calma
Não (diße eu) quo naceo d'alma,
Que agoa dos olhos me pede.

Tornouella, & juſtamente
Eſſa pena te conuem
Pois procurando outro bem
Engeita o que tẽs preſente.

Deixa males tam ſem cura,
Que o tempo os não remedea,
Que não he Tirſe tam fea
Como encontrar a ventura.

Diße iſto, & como corrida
Se tornou para o ſeu gado
E eu eſtiue de indinado
Por lhe chamar de atreuida,

E fizme em fim tam ingrato
Deſpois diſto acontecer,
Que tam sò pella não ver
Trago as cabras neſte mato.

E agora

*E agora vendo a mudança*
*E os enleos da ventura*
*E que he tam pouco segura*
*Como a vida a esperança.*

*Vendo Altea firme so*
*Tirsea em meu dano firme*
*Em buscarme outra em fogirme*
*D'hũa hei queixas d'outra do.*

*E de minha triste sorte*
*Ia não tenho outra guarida*
*Mais que sustentar a vida*
*Nas esperanças da morte.*

TAl ficou o namorado Floricio no fim da historia, que com muytas lagrimas acabou, que o sentimento de o ver emmudeceo a Lereno de maneira que nem para o consolar se lhe offereciam palauras, & porque tinha entendida a firmeza de Altea, & não se atreuia a remeter as mudanças do tẽpo o remedio de seu mal, entre esperança & desengano buscou este meo de aliuiar sua pena. Ha tantos dias que tenho entendido teu coração pella experiencia do que padeço que me não moue a nouidade do que agora te ouui, antes julgo q̃ tens melhor estado do que sospeitaua. Deixas Tirsea pastora fermosa discreta, & rica aquem todos pretẽdem, & a mas Althea que ainda outrẽ não possue, posto que ella te desengane, & de quem não tens conhecido que te aborresce, & pois amigo Floricio ninguem ha tam senhor da ventura que a sojeite a sua vontade viue cõtente da ven aje, que te ns a muytos & não te trates como o mais triste da Aldea. Esse conselho Lereno (tornou elle) he de verdadeiro amigo, mas este meu mal não sofre consolação, que mporta quererme quem a todo o mundo despreza, se ordenou a sorte, que eu amasse a quem por outrem me deixa? & que me val, que a esta ninguem possua, se pode tanto cõ ella a firmeza em ausencia doutrem, como em mim a presença de sua vista? & que mayores mostras pode dar de que me aborescce quem foge de me ouuir, & de me ver, & busca to-

dos

dos os meos de desenganarme,& pois (como tu dises) ninguem tem a fortuna tanto a seu mandado que lhe faltem queixumes della, quero antes estes que o mais que Tirsea me oferece deixame ser triste que para isto naci. Fases tuas contas tanto contra ti(respondeo Lereno) que tendo o remedio de teu mal por impossiuel o não procuraras da fortuna, & as vezes a esta conta por sem muytas esperanças mal logradas. Tentei ja tantas vezes os meos de minha cura (replicou Floricio)que a não espero do tempo que a tantos apromete, & pois o he ja de recolhermos o gado deixemos meus males para outro dia que como sam largos para o padecer, tambem ao contar serão cõpridos. E com isto deixarão o valle à saudade da noite, & forão buscar o descanco de suas cabanas se nestas o acha, quem em nenhum lugar esquece â ventura.

## *FLORESTA SETIMA.*

DESPOIS que a noite se despedio das estrellas,& a fermosa Aurora em seu rosado carro, começou a campear os orisontes, leuantados os pastores de seu repouso, se repartirão da Aldea nos custumados exercicios de seu gado. Riseo, Lereno,& Floricio se ajuntarão perto do rio a vista dos rebanhos aonde para q̃ gastassem a manham em saborosa pratica dissẽ aos companheiros, ainda que os pensamentos que de noite representa a fantasia não custumẽ parecer ao outro dia: merece ter ante vos hoje lugar hũa duuida que esta madrugada se me representou no entendimento q̃ me deixou hũ grande desejo de saber della a verdade, & he. Qual terà mayor pena, & razão para viuer sem esperança: quem ama hũa

pastora

paſtora que nunca ſoube de Amor nem delle ſe obrigou: ou quem ama a outra que de ſua vontade tem feito emprego em hum paſtor de que viue auſente. Duuidoſa he (diſſe Riſeo) a queſtão, & cada hum deſſes eſtados perigoſo porẽ nenhum delles me obrigara a deſeſperar. Con tudo antes me atreuera a obrigar a quem ya das paixois de Amor tem conhecimento, que a conquiſtar de nouo hũa vontade rebelde a ſeu ſenhorio, porque a primeira impreſa he induſir hũa vontade affeiçoada aos meſmos effeitos de que ya ſe obrigou. E a ſegunda he obra, do poder, & força de Amor a quem os antigos atribuirão eſte ſenhorio. Boa era eſſa razão (reſpondeo Floricio) ſe eſſa vontade affeiçoada de que fallamos, não tiuera feito emprego cõ quem auſente occupa o meſmo lugar no coração & aſsim menos força ſe faz induſindo Amor em hum peito humano couſa tão natural nelle: que deſtruir o que ja na alma tem feito aſſento. Em verdade tornou Riſeo que muyto confias da firmeſa das molheres pois nellas fazes differẽça entre auſente & eſquecido: & eu ouſarei a affirmar que ainda preſente, não ha nenhũa em quem o amor eſteia ſeguro, que ſam tam inclinadas a nouidades, & mudanças, que des conhecem affeição, & merecimentos, ſe tu as conheces a todas (tornou elle) por tam inclinadas a nouidades, porque ſe não obrigara tanto dellas a que tem Amor como a q̃ nunca oteue? Porque (replicou Riſeo) a que tem affeição não tem firmeſa, & a que viue iſenta viue de pertinacia para q̃ ſua natureza ſiga ſempre eſtremos, & ſe hũa molher ſe não obriga de ſua vontade, ou appetite he impoſsiuel conquiſtalla ninguem com ſeruiços que por ficarem ſempre ſenhoras de ſua liberdade, & da alhea ſo de ſim aceitão a ſujeição. Não cuidei (diſſe Floricio, que com muyta attenção os eſcutaua) que eras tam enemigo das paſtoras, que com

ſua

sua infamia abonasses tua opinião,que essas rasois seruem mais de as offender que de confirmarem o teu parecer antes te conhecia por homem affeiçoado,& que sentia bé de cuidados amorosos. Não te enganas(disse elle)porque mais tempo gastei ya em as seruir do que agora em diser esta verdade,& diras que como quis ya bem a quem conhecia com tanto mal,pois não somente a affeição mas tambem o appetite nasce das cousas que melhor nos parecem: porem mayor disculpa disto he a falsidade de suas palauras, & o fingimento de seus affeitos do que a culpa do meu engano. Esse(disse Lereno)he o mayor,& mais pareceo vingança de agrauo que praga de homem desafeiçoado,& se assim he eu por sua parte appello,& te rogo que deixemos aquestão para outro tempo,que agora melhor sera para escusar o arrependimento que despois te pode custar muyto, q̃ cantes algũa cantiga de seus louuores, & ficando com ellas reconciliado,daras aliuio a malenconia do nosso Floricio. Se o seu mal com outro se apaga (tornou elle) querote obedecer,& cantarei louuores das pastoras de quem cantando tam mal fico vingado,& tomãdo a Lira cantou o seguinte.

*QVem fermosas pastoras vos offende*
*Erra,endoudece cega,& desatina*
*Quem a vossos poderes não se inclina*
*Não deseja,não viue,não se entende.*
*Quem mais que vosso Amor busca, & pretende*
*Em seu dano se esforça,& determina*
*Quem mais que em vos seruir sempre imagina*
*Nem vos sabe querer,nem vos comprende.*
*Vos dais o ser & a graça a fermosura*

*A vida gosto, à Amor, o senhorio*
*As almas sogeição, força a vontade*
*Sem vos que presta Amor? que val ventura?*
*O juyzo, o querer a liberdade*
*He engano, doudice, & desuario.*

OFfensas que rendem tam boa satisfação (disse Lereno) não somente consentiremos nellas, mas ainda viremos a deseiallas, logo me pareceo que quem desia os males tã-bem, nos bens diria melhor. Ati deuem ellas a cantiga (disse Riseo) & a mim outra tenção, & pois em seus louuores se gastou tam mal o tempo, passemos da outra parte do rio auer a festa que hojé fazem as Nimfas & pastoras dedica-das a Diana que he lá toda a Aldea, & não se podê perder os folgares deste dia & pegando pello cajado a Floricio o fez leuantar, & à Lereno tras elle: & todas tres guiarão pa-ra o lugar da festa que era junto ao templo de Diana no mais fundo do valle entre os atuoredos que cercam o rio, & por onde hum gracioso ribeiro lhe entrega as cristali-nas agoas, que traz do pee da montanha: & porque toda a relua q̃ a sombra das boliçosas ramas florecia estaua chea de pastores: pararão os companheiros ao pee de huns sal-gueiros aonde ouuirão cãtar duas pastoras vestidas de ver-de em companhia de Menalio que não estaua pouco lou-ção entre ellas, & emgraça dos ouuintes forão adiante cõ mais confiança, & a cantiga era esta.

*Desejo o que no mereço*
*E o q̃ não posso esperar*
*Mas não sei não desejar*

De

*De quanto pede a vontade*
*Nada a sorte me aßegura*
*Mas nem faltando a ventura*
*Se lhe nega a liberdade,*
*Ponho em desejos o preço*
*Do que não posso alcançar*
*Em mim proprio me conheço*
*Mas não sei não desejar.*

*Do que desejo em meu dano*
*So nacem males que vejo*
*Que logo a tras do desejo*
*Se me encontra o desengano*
*Em fim desejo, & não peço*
*O que Amor não me ha de dar*
*Bem vejo que o não mereço*
*Mas não sei não desejar.*

*Muyto pode a confiança*
*Na fè do muyto que quero*
*Mas não viuo do que espero*
*Porque acabou a esperança*
*Cançome em desesperar*
*Bens que sei que não mereço*
*Porem cada hora começo*
*A querer, & a desejar.*

BEm cantauão as pastoras, & merecíam a sua confiança; & outros começauão a louuallas, quando se lhe ajuntarão muytos dos pastores que estauão derramados pello valle, pella fama que delles tinhão, cõ a esperança de os ouuirem cantar: porem não o esperaua hum porcariso montanhes que aly veo, & se offereceo logo para cantar em porfia, pondo por preço a quem o vencesse hũa frauta de corniolo, no som, & no feitio tam estranha q̃ tocandoa o montanhes ficarão todos espantados, & muyto cubiçosos, & nella estaua laurada com muyta sotileza a historia de Argos, & Mercurio com a vaqua & posto que o preço fez inueja não ouue quem lhe saise, mas todos lhe pedirão que cantasse o que elle fez muy facilmente com os olhos em hũa das pastoras que o ali trouxera.

*Pastora do verde*
*Das duas mais bella*
*Tem ditosa estrella*
*Quem por vos se perde.*

*Vossa fermosura*
*Tam mal conhecida*
*Como me deu vida*
*Me dara ventura.*

*Ditoso partido*
*Para meu desejo*
*Ganhar no que vejo*
*O ficar perdido.*

*P que conheceo*
*Bem voßos primores*
*Percase de amores*
*Que em nada perdeo.*

*Liure vos offreço*
*Este coraçam,*
*E os olhos diram,*
*Que querem por preço.*

*Não no despresseis*
*Por quem vollo dà*
*Porque nelle està*
*O que mereceis.*

*Vereis n'hum porqueiro*
*Fè muyto mayor*
*Porque o fez Amor*
*Firme & verdadeiro.*

*Baixa natureza*
*Por vosso a mudei*
*Que se Amor he rey*
*Pode dar nobreza.*

*Não perca a coroa*
*Sò por meu respeito*
*Pois que amor perfeito*
*Não guarda a peßoa.*

*A affeição ditosa,*
*Que de amar vos trata*
*Não sejais ingrata*
*Sereis mais fermosa.*

CAntou o da montanha com hũa voz tam rouca,& desentoada,que entre todos ficou em graça a sua confian ça,posto que a letra não pareceo mal,& Menalio se não po de ter,que com muyto riso não dissesse aos outros. Bofè, que esta tão mal empregada aquella frauta,que ja me arrẽpendo de não sayr ao desafio,porem se elle agora o quiser aceitar,falloey eu de boa vontade pela pouca que ella terâ de estar em seu poder. A isto respondeo o Monthanes que o ouuia) Enganate a tua cubiça,que isso he o que ella custuma,mas se puseres outro premio, que iguale ao meu, não torno a tras com a palaura que disse,que bem sei,que os cabreiros deste monte, não tem mais que inueja do bem alheo

alheo quando o menos merecem alcançar: & porque não cuidés, que receo a contenda, te desafio de nouo a cantar, & me atreuo a vencer, se essa pastora a quem offereci a primeira cantiga ouuer esta por sua. Qualquer qne tu disseres (respondeo ella) folgarei muyto de te ouuir, que não cantas tam mal, que me não pareças bem: não durou muyto tẽpo este engano ao porcariso, porque viram correr todos os pastores pera a porta do templo, & foram os da companhia até ver o que era, & no friso do portal appareceo hũa tàboa dourada, que entre muytos debuxos tinha entalhadas estas preguntas, & sobre ella os premios deputados pera quem melhor lhe respondesse.

Pr. 1.

*Quem ama sem esperança*
*Se ama mais porfeitamente?*

Pr. 2.

*Se pode auer puro amor*
*Aonde faltar a razão?*

Pr. 3.

*Que parentesco chegado*
*Tem o amor, & o ciume?*

Pr. 4.

*Se dara perfeita gloria*
*Bem goçado com receo.*

Pr. 5.

*Se se pode achar belleza*
*Aonde falta entendimento?*

FOy tam grande o aluoroço dos pastores com as questões, & era tam geral o desejo de logo ouuirem as differentes opiniões que auia no ajuntamento, & alguns de darem os pareceres a que se inclinauam, q̃ sem verem as folías & danças, que rodeauam o valle, todos occorriam as razões com os que lhe ficauão de mais perto. Mas subitamẽte emmudeceo esta borborinha, & tumulto, quando correndose hũa cortina, dentre o choro das Nimphas de Diana, começou a cantar Syluia suspendendo de improuiso os animos de todos, não só com os accentos de sua voz, mas com

o estranho parecer de sua fermosura, a vista da qual pagou Risco as culpas da isenção passada, ficando tão obrigado de sua gentileza, como arrependido do tempo em que não seruira as perfeições, que nella contemplaua em quanto a ouuia, & com ella a discreta Midalia menos confiada no parecer do rosto, que na sutileza & graça de seu entendimento, & diziam desta maneira.

*Syl.* *Nimfas deste alto rio*
*Driades, Faunos, Satyros, Syluanos,*
*Que aqui neste desuio*
*Gosais da longa idade eternos anos*
*Ouui todos meu canto*
*Dino de tanta inueja como espanto.*

*Mid.* *Vos feras da montanha*
*Vòs lasciuas manadas deste prado,*
*E qualquer aue estranha*
*Que fere o ar com voo leuantado*
*No fundo deste valle*
*Ouuindo a minha voz de espanto cale.*

*Syl.* *Os cauallos lustrosos*
*Detenha o louro Sol nos Orizontes,*
*E os ventos furiosos*
*Dem comprido silencio nestes montes,*
*As ondas se detenham,*
*E as aguas por me ouuir seu curso tenham.*

*Mid.*

*Mid.* *As mimosas abelhas*
*Deixem brando suçurro, & tenras flores,*
*E a guarda das ouelhas*
*Os rudos pegureiros, & os pastores,*
*E por me ouuir attentos*
*Suspendam sua força os elementos.*

*Syl,* *Aonde for ouuida*
*A minha voz d'entre estes aruoredos*
*Daquella rocha erguida*
*Meu nome se ouuira d'entre os penedos*
*E com sonoro accento*
*Siluia delles dira fallando o vento.*

*Mid.* *Os ledos passarinhos*
*Mudos sobre estas aruores sombrias*
*Dos pendentes raminhos*
*Retratando se estam nas agoas frias*
*E o meu verso acabando*
*Midalia com saudade estão chamando.*

*Syl.* *De Amor liure, & isenta*
*Viuo seguindo as feras na espessura*
*Nada mais me contenta*
*Que não pagar direitos a ventura*
*Seruindo por senhora*
*Aquella casta bella caçadora.*

*Mid. Os peixes deste pego*
*Prendendo astutamente em seu remanço*
*Zombando de Amor cego*
*Somente en meu querer viuo, & descãço*
*De Amor o senhorio*
*Tenho por graça.engano, & desuario.*

*Sil. Fogi de Amor tyranno*
*Pastoras deste valle ameno, & verde*
*Fogi seu cego engano*
*Que o que nelle mais ganha mais se perde*
*Porque so nosso estado*
*He ditoso, contente, & inuejado.*

*Mid. Os bens que Amor na terra*
*Promete em sombras vaãs ao pensamento*
*Na conquista sam guerra*
*No fim sam todos sombra, & todos vento*
*So nossa vida amada*
*He ditosa, segura, & bem fundada.*

ACabada a mnsica que a todos deixou suspensos, ouue hũa trauada luta nó fim da qual como não duraua o so cego nos pastores para verem o successo das celebradas preguntas, & era mayor o reboliço, com o furioso Montano que andaua fasendo desatinos, & vendo a taboa acrecentou, esta as mais preguntas, que não deu a festa menor graça que as finco primeiras.

*Se quem perdeu a ventura*
*Que Amor pôs em seu poder*
*Tem razão de endoudecer?*

E Logo em hum lugar alto appareceo hũa Ninfa cuberta de hum veo roxo,& na cabeça hũa grinalda de flores, & esta recebendo de todos os pareceres, os leo despois em alta voz com muyto gosto,& aplauso dos pastores, que em quieto silencio estiueram ouuindo o seguinte.

Reposta de Ardenio a pregunta primeira.

*Quem ama sem esperança*
*Se ama mais perfeitamente?*

*Ninguem ama sem querer,*
*Ninguem quer sem esperar*
*O que ama espera,& quer*
*Poderà nunca alcançar*
*Mas sempre ha de pretender.*

*Se a era lhe falta a planta*
*Em cujo tronco se arrime*
*Nem crece nem se aleuanta*
*Que em fim não tem força tanta*
*Que se aleuante,& soblime.*

*E se Amor lhe faltara*
*Esperança que o sustente*
*Na rayz propria secara*
*E inda não sei se brotara*
*Ou se afogara a semente.*

*De sorte que em qualquer peito*
*Sem esperança ou fauor*
*De seu desejado objeito*
*Não so falta Amor perfeito*
*Mas falta de todo Amor.*

Reposta da pastora Dinarea a mesma pregunta.

*Amo que a proprio respeito*
*Todo o desejo offerece*
*So por seu gosto ou proueito*
*Não se chame Amor perfeito*
*Antes perfeito interesse.*

*Amor he somente amar*
*Este he seu meo,& seu fim*

*E o que*

*E o que o pretende alcançar*
*Nem se ha de lembrar de fim*
*Nem do que pode esperar.*

*O que he verdadeiro amante*
*Não se funda na esperança*
*So seu querer poem diante*
*E se por ventura alcança*
*Senrventura he mais constante*

*Quando na alma hũa belleza*
*Mostra seu raio inuisiuel*
*E a mor seu preço & grandeza*
*Não fas differente impreza*
*Entre facil, & impossiuel.*

*E he ja cousa aueriguada*
*Que sómente este rigor*
*Merece ante a cousa amada*
*E o que quiser mais de Amor*
*Nem quer nem merece nada.*

## Reposta de Risco a segunda pregunta.

*Se pode auer puro Amor*
*A onde faltar a razão?*

*Porque Copido e senhor*
*Aquem nada ha q̃ resista*
*Como forte, & vencedor*
*Na alma q̃ a força cõquista*
*Tudo conuerte em Amor.*

*Naquelle que se lhe entrega*
*Fiqua igual a sojeição*
*Nada a seu braço se nega*
*E cega logo a rasam*
*Que a onde Amor he grande e cega.*

*Daqui podem conhecer*
*Que delle està bem seguro*
*Quem a razão não perder*
*Que Amor verdadeiro, & puro*
*Puro, & sem ella ha de ser.*

## Reposta de Floricio a mesma pregunta.

*Afrontese o pensamento*
*Que duuida en tal clareza*
*Pois não pode auer pureza*
*A onde falta entẽdimento.*

*Amor desejo affeição*
*Na razão tem seu limite*
*Vontade, gosto, appetite*
*Não se regem por razão.*

*A ra-*

*A rasam obriga a amar*
*A rasam sustenta Amor*
*E aquelle q̃ amar melhor*
*Por rasam se ha de guiar.*

*Por isso viua seguro*
*O que sem rasam se emprega:*
*Que em quanto a rasam forcega*
*Nunca Amor pode ser puro.*

## Reposta de Riseo a terceira pregunta.

*Que parentesco chegado*
*Tem o Amor, & o ciume?*

*Amor como se presume*
*Ouue por certa affeição*
*Hum filho da occasião*
*A que chamarão ciume.*

*He igual ao pay, & mòr*
*Que á may com muyta grandeza*
*Palreiro por natureza*
*Que em fim he filho de Amor.*

*Vè muyto aonde quer que vai*
*Não voa antes he pesado*
*E em qualquer parte tocado*
*Tem o topete da mai.*

*Viue de enganos que faz*
*E anda nelles de contino*
*E como Amor he menino*
*Tambem o filho he rapas.*

*Da ao pay sempre mà vida*
*E assim não me marauilho*
*Que o desconheção por filho*
*Porque Amor mesmo duuida.*

## Reposta de Egerio a mesma pregumta.

*Estes irmãos desiguais*
*Ambos de Venus nacerão*
*E tirnnos se fizerão*
*De imperio de seus pais.*

*Naceo de Vulcano cego*
*O cuime; & logo en tão*
*Tomou a cargo este irmão*
*A quem nunca deu socego.*

*E parecia acertado*
*Que hũ filho q̃ tal parece*
*Da fermosura nacesce*
*E de hũ pay desconfiado.*

*Ambos*

*Ambos nacem juntamente*
*E viuem fazendo dano*
*Hũ com redes de Vulcano*
*Outro cõ seu fogo ardẽte.*

*Seguem differente fim*
*E viuem sempre em perigo*
*Cada hum do outro enemigo,*
*E a companhão sempre assim.*

*Mostre por proua melhor*
*Qu è o contrario presume*
*Se vio Amor sem ciume*
*Ou ciume sem Amor?*

## Reposta de Lereno a mesma pregunta.

*Nestes dous não ha liança*
*Nem pode auer amisade*
*Que hũ he filho da võtade*
*Outro da descõfiança.*

*Hum he nobre, ainda que agora*
*De genere do em que estaua,*
*Ciume he filho de escraua*
*E Amor filho de senhora.*

*E claramente se apura*
*Ser o outro escrauo seu*
*Porque em dote se lhe deu*
*Casando com a fermosura.*

*Serueo de guia, & dà fee*
*Mil uezes falsa, & errada*
*E porque Amor não vè nada*
*Lhe mostra mais do que vee.*

*Da senhora, & do senhor*
*Quem ya conhece o custume*
*Siruase bem do ciume*
*Porque he escrauo de Amor.*

## Reposta de hum pastor que calou o nome a quarta pregunta.

*Se dara perfeita gloria*
*Bem goçado com receo.*

*Bem em descanço alcançado*
*Ya se não tem por albeo*
*Mas bem gosado em receo*
*Da gloria & gosto do brado.*

*No bem & gosto que alcanço*
*O receo o faz mayor*
*E não ha glorias de Amor*
*Sem receo, & com descanço.*

**O que**

*O que a vontade se tem*
*Gosase,& não se conhece*
*O que na gloria esmorece*
*Goza o verdadeiro bem.*

*Não ha gosto sem contenda*
*Nem ha bem sem custar muyto*
*Nem gloria que dè mais fruito*
*Que a que melhor se defenda.*

## Reposta de Tirsea a mesma pregunta.

*Não podem chamar ventura*
*A que he sojeita a mudança*
*Nem ao bem quando se alcança*
*Em gloria pouco segura.*

*E como contrarios sam*
*O receo,& mais o gosto*
*Hum ao outro contraposto*
*Pelleião no coração.*

*Viuem sempre neste enleo*
*E nenhum leua a vitoria*
*E se as vezes vẽce a gloria*
*Mil vezes vence o receo.*

## Reposta de Menalio a quinta pregunta,& vltima.

*Se se pode achar belleza*
*Aonde falta entendimento.*

*O que à vista representa*
*Hũa viua imagem bella*
*O briga moue,& contenta*
*A qualquer vontade isenta*
*Que està contemplando nella.*

*Sò o que aos olhos se offresce*
*He o bem que Amor pretende*
*E a belleza que conhece*
*Pois he bello o que paresce*
*Sem respeitar o que entende.*

## Reposta de hũa pastora sem nome a mesma pregunta.

*Não he muda a naturesa*
*Nas graças que communica*
*E em hũa estranha bellesa*
*Por lingoas mudas publica*
*Perfeiçõis de gentilesa.*

*O olhar po mouimento*
*O riso,o passo a cautella*

Faz

*Faz que crea o pensamento*
*Que aonde falta entendimento*
*Não pode auer cousa bella.*

*A belleza principal*
*No juizo se aßegura*
*Noutro modo esta tão mal*
*Como a fermosa figura*
*Tirada em baixo metal.*

*Este falso sobrescrito*
*So de nescios estimado*
*He retrato bem pintado*
*Que como lhe falta esprito*
*Não pode ser conuersado.*

*Na graça consiste a palma*
*E o ser da cousa fermosa*
*O parecer fica em calma*
*Saiba quem sò a elle gosa*
*Que gosa hum corpo sem alma.*

NO fim destes pareceres o teue o dia apartaranse os pastores ficando para o outro o juyzo de quẽ melhor respondera,& eu o remeto ao do discreto,& curioso leitor,por que para preguntas amorosas,bastão rusticos pastores, porem o responder a ellas,com a verdadeira satisfação so a auisadas damas,& amantes cortesãos he concedido.

## FLORESTA OVTAVA.

*Inchalma quam receosa*
*Das forças do sofrimento*
*Prometeis se tão custosa*
*Ah não sejae animosa*
*Que he muyto grande o tormento.*
*E se seguis vosso engano*
*Vede quanto vos importa*
*Atreuernos a este dano*
*Mostrando no desengano*
*Fè viua,esperança morta.*

*Bem sei que guardar a fee*
*Da fee do muyto que amais*
*Mas temo que vos percais*
*Que Amor respeita hum porquẽ*
*Que vos ya não respeitais.*
*Se a sorte corta a esperança*
*A Amor juntamente corta*
*Pella estreita resinbança*

Muy,

*Muy poucas vezes se alcança*
*Fee viua, esperança morta.*

*Porem não façais mudança*
*Por mais que o tempo a persiga*
*Que Amor por pacto me obriga*
*A viuer sem esperança*
*E a tella gor enemiga.*
*Esta esperança perdida*
*Com magoa a alma me corta*
*Que me deu gran tempo a vida*
*D, enganos, mas quem duuida?*
*Fee viua, esperança morta.*

*Mas companheira tam bella*
*Do que não pude alcançar*
*Pois o pede minha estrella*
*Ainda que morta et de tella*
*Para ter com quem chorar.*

*Olhos que por occasião*
*Para meu mal fostes porta*
*Sustentay vossa paixão,*
*E sustente o coração*
*Fee viua, esperança morta.*

ISto hia cantando o pastor Lereno por entre muytas aruores, que enlaçadas de verdes parreiras, fazião ao lõgo do rio hum gracioso labarinto: quando pella borda do cam po, vio vir hũ pastor, q̃ encaminhaua para a Aldea, & a espaços de quando em quando cantaua, & pondo a caso os olhos em Lereno q̃ o escutou: chegando a elle despois q̃ se saluarão lhe disse: hũ estrangeiro tem disculpa para pregun tar, & porque eu o sou nestas ribeiras, & venho a saber de hũ pastor q̃ nellas habita do qual não sei mais que o nome como tambem da terra, te peço que me encaminhes: fallo ei disse a outro de tam boa vontade como a cõ que te estaua ouuindo: asentate neste estrado que a natureza fez tam fermoso, & pregunta o que te aprouuer. Sentado o outro lhe disse, o meu nome he Filenio sou natural de junto ao Tejo, & de pouco tempo a esta parte appacento em os frescos valles do Lis, & Lena donde por fazer a vontade aquem me nega a sua, venho a esta Aldea a buscar hum pastor que daquellas ribeiras se apartou a q̃ chamão Lereno, que

que neſtas dizem que he aſſas celebrado no ſeu canto, & porque o deſejo conhecer, primeiro que elle ſaiba que eu o buſco,te peço que me digas aonde o encontrarei, & em q̃ lugar deſta campina tras o ſeu gado. Não tardara muyto eſpaço(reſpondeo elle) que para aqui não atraueſe o ſeu rebanho,& daqui o poderas ver a elle,& fallarlhe a teu goſto & não o tiuera eu pequeno de ſaber o pera que o querias, porque depois que entre nos habita,não ſabemos mais que do ſeu canto,que todos julgam por eſtremado, ainda que a minha opiniam niſto he mais fraca. Tudo te eu contarei facilmente(diſſe o outro) ſe me prometeres o ſegredo, que a meu intento conuem, de modo que de ty nem por outrẽ o ſayba Lereno. Prometo te(tornou elle) que ſe de ty o não ſouber primeiro, que nem por mim nem por outro déſcubra o que me diſſeres. Com eſte ſeguro de Lereno,que deſejaua ver o fim que o paſtor pretendia,começou elle a cõtarlhe deſta maneira.

Nas ribeiras do Lis aonde pera viuer ſem liberdade me trouxe do Tejo minha ventura, entre muytas fermoſas & engraçadas paſtoras,que habitão aquelles gracioſos valles, & verdes outeiros,guarda hũ fato de brancas & manchadas cabras a fermoſa Liſea,que a meus olhos he a mais diſcreta & fermoſa paſtora daquellas montanhas, & das que no Tejo appacẽtão:a eſta me inclinou Amor,ou minha eſtrella, & fez me a ſuas perfeições tam ſogeito, que ſem ouſar deſcobrirlhe eſſe penſamento, não trataua de mais, que de com ſeruiços grangearlhe a ventade, veo me ella a moſtrar a que tinha a eſte Lereno, a quem ama tam de verdade como eu a ſua gentileza, o qual por ſeu reſpeito ſe apartara pera eſtes campos do Mondego, moſtrando hum animo aſſaz ingrato a ſeu amor, mas como eſte não attenta a ſemrazão de quem o deſpreza, & não conſente ſocego em

quem

quem ama,veyome a pedir com lagrimas a desconfiada pastora fiando de mim o que eu só temia,que quisesse passara estas Aldeas,& dar hũa carta ao seu Lereno. Eu a quem amor fizera seu sogeito menos cubiçoso de lhe obedecer, q̃ de algũa occasiam pera melhorar minha esperãça, venho a buscallo,desejando leuar em reposta a sua mesma carta, cõ algum engano,em que nos amores de Lereno a torne desconfiada, fingindo com astutas apparencias meu intento: que posto, que nisto commeta fazer engano a quem amò tanto,he o melhor remedio que posso dar a seu amor mal agradecido, & o vltimo que tem minhas esperanças: pera este desejo andar alguns dias encuberto nesta ribeira pera ver as pastoras com que trata os amigos, que acompanha, & o gado que traz. E pois te éu descobri esta determinação, razão serâ,que me não negues os meyos com que lhe posso alcançar o fim. Não me parece bem(respondeo elle) esse que tu cometes, porque sera somente por essa pastora em ciumes,& como estes dão forças ao amor, esse a trará facilmente a viuer na nossa Aldea, porem se finais verdadeiros lhe poderem tirar de todo as esperãças,& se eu não me engano: pastora, ha nella a quem elle ja deu cartas ou d'essa, ou de outra pastora,que no Lis o fauorecia, & se lhe eu conhecera a letra,bem me atreuera a furtalla sem grande perigo. Pois sabe(tornou o pastor)que tenho aventura na tua mão,& a Lereno omisiado com Lisea, & se por ty alcanço fim a minha empresa, ficarteey obrigado com a vída, & quanto a carta, pelo sobrescrito desta congecerás a letra da outra facilmente: & com isto a deu a Lereno, que logo pela letra a conheceo,& por não consentir naquelle engano feito a Lisea,trataua o seu com muytá dissimulação. Se tu desejas(disse elle)que isto se não saiba,conuem,que a ninguem mais descubras o que pretendes, nem ainda nomees

O a Lere-

a Lereno, porque tem muytos amigos no lugar, & podes encontrar com quem deseje mais darlhe essas nouas; que a ty remedio, apartate o mais que puderes do trato dos pegureiros, & a manhã mais cedo, que a esta hora ao tirar do gado me acharas neste lugar. O pastor o leuou nos braços bem alheo de imaginar, que tinha nelles a Lereno, o qual despedido delle, se escõdeo entre huns penedos, & abrindo a carta com muyta sutileza, vio que dizia.

*A Ty Lereno ausente em cuja vida*
*Esta a de Lisea, que te escreue*
*Com semrazões tam mal agradecida:*
*Roga esta triste a vida que não deue*
*Pois o termo que pede meu cuidado*
*He n'hum comprido mal vida mais breue.*
*Tu por vontade ausente & desterrado*
*Eu preza, & condenada a meu tormento*
*Padecendo innocente, & tu culpado.*
*Vence pastor cruel teu duro intento,*
*E baste, se esta esperas por vingança*
*Nenhũa culpa, & tanto sintimento.*
*Tyranna condição, tyranna vsança,*
*Que castigues de amor hum leue engano*
*Com tam pesado mal, tanta esquiuança.*
*Se eu tiue culpa foy de amor tyranno*
*Que me leuou tras ty por força sua,*
*E de nouo receo o mesmo dano.*

*E ainda*

*E ainda não foy de amor foy culpa tua,*
*Que me leuaste a alma que eu seguia,*
*E não quero que amor ma restitua.*
*Buscaua tua ingrata companhia,*
*E como me guiaua o amor cego*
*Fezme errar o caminho que fazia.*
*Mas se he castigo, em fim ja me não nego*
*Lisea esta a teus pes não te resiste*
*Torna pastor ao Lis deixa o Mondego:*
*Depois que desta Aldea te partiste*
*Tambem della fogi como culpada,*
*Mas ha cruel tu sò de mim fogiste.*
*Estou entre as pastoras enleada;*
*E de ouuir meus suspiros, & meus ais*
*Cada qual foge ja de importunada.*
*As aruores, as aues, & animais*
*Ouuindo meus queixumes, & tristeza*
*Com não terem razão se abrandam mais.*
*Perdem estes penedos a dureza*
*Tu mais brando que as agoas desta fonte*
*Sò contra mim mudaste a natureza.*
*Nem viram mais meus olhos verde o monte*
*Nem claro o Sol depois que te não vejo*
*Nem as estrellas vi neste Orizonte.*
*Nem do mongido leite o branco queijo*
*Fiz nem a nata doce, & saborosa*

Teu he sò meu cuidado, & meu desejo.
Nem colhi mais no valle a fresca rosa
Nem a roxa viola & o Iacinto
Nem a branca cessem pura & fermosa.
Em nenhum gosto meu nem bem consinto
Depois que me deixou minha ventura
Naquelle estranho, & cego labarinto,
Sò busco no lugar, & na espessura
A ty Lereno em brados, & responde
Eccho no vão temor da noite escura.
Nomeate outra vez, logo se esconde,
E se me vou tras ella por buscarte,
E lhe pregunto aonde, dizme: aonde:
Se de nouo outra vez torno a chamarte,
E pregunto em que parte? enternecida
De longe me responde tambem parte.
Partirei triste enfim, mas quem duuida,
Que ache outra fera, & outra caçadora
Que queira cada qual tirarme a vida.
Tornarmeey peregrina de pastora
Pois o não sou depois que te não vi,
Que em meu gado se mostra cada hora.
As cabras sem pascer chamam por mi
Como perdidas ja nestes outeiros,
Mas percaõse tambem, pois te eu perdi.
Os tenros cabritinhos chocalheiros

Não

Não parecem ſaltando ſobre as flores.
Nem as mães ſe pẽduram dos ſalgueiros:
Tem compaixão de vellos os paſtores
Que os virão ja(quiçais cõ muyta inueja)
Tu sò nenhũa tès de meus amores.
Torna ingrato Lereno aonde tè veja,
E aonde pera te ouuir cantar mais ledo
O valle, o rio, o monte te dezeia.
Sentado aqui ao pè deſte penedo
A lyra tocaras tam docemente,
Que emmudeças as aues do aruoredo;
Faràs deter do Lis claro a corrente
Tornar a trrs o vento furioſo,
E florecer o valle de contente:
E depois de canſado, ou de mimoſo
Inclinando a cabeça no meu braço
Paſſaras doce o ſono ſaboroſo:
E deſte altiuo myrtho pouco eſçaço
As deſejadas flores cubriram
O teu roſto paſtor & o meu regaço,
Mas pera que te chamo triſte em vão,
Se sò pera não veres a Liſea
Deixaſte natureza & condição.
Se eſta minha affeição he que te enlea
Vejate eu, ſeja tua eſta vontade,
E a minha ou ſeja tua, ou ſeja albea.

*Se outrem possue a tua liberdade*
*Tambem sera senhora de que eu tinha*
*Sia ao menos amor para amisade.*
*Eu sou tua Lereno, & não sou minha*
*Guardarei como escraua o teu rebanho,*
*Que o grande amor a tudo me encaminha;*
*Seruirei quem te amar pois que mòr ganho*
*He de quem por humilde te mereça,*
*Que esperar menor paga a bem tamanho:*
*Mas sò não seruirei quem te aborreça,*
*Que isto não no consente o que te quero*
*Nem o fado permita que aconteça*
*Vem esquiuo pastor ingrato, & fero*
*Alcance este querer deuido fruyto*
*Olha com quanta fè, & amor te espero ,*
*E o que custa querer, & esperar muyto.*

Tinham as palauras de Lisea tanta força pella affeição que as formara, que não pode o pastor negarlhe sentimento, & com alguns suspiros magoados se queixaua da ventura, atribuindo a elle o descõcerto de seus amores. Ah triste (dizia elle) quam grande culpa cometo contra amor em negar affeição a quem com tanta fè me offerece a sua, & quanta mayor força tem, & fermosura: quem tira à valia a esta razão? faça amor o que quiser de minha vida, & pois elle sogeitou a vontade, tire de seus poderes a disculpa de meu erro. Se sou ingrato & desconhecido a quẽ me ama, não fora elle tyranno & cego pera vsar mal de quem o leuantou por senhor da liberdade. Que pena merece? quẽ alheo de si

de si comete a culpa : eu só padeço sem ella o desterro de minha ausencia,& as saudosas lagrimas de Lisea. A verdade he,que amor viue de seu querer , & não de obrigação alhea,& com o desejo tyranniza a razão: & porque em males,que a não tem,se confunde o juyzo a cada passo : vinde ca minha rustica samfonha , cãtaremos de meu mal , darei louuores ao sofrimento,que o sustenta,pois he verdade,que não mereço a pena delle.

*QVe labarinto he este de cuidados ?*
*Tam desiguais na vida, & na ventura,*
*Que maranha d'enganos sempre escura ?*
*Que caminhos de hum fim tam desuiados?*
*Se com danos, & bens tam encontrados*
*Cuida amor,que me vence,então me appura*
*Que està minha firmeza tam segura*
*Como meus pensamentos leuantados.*
*Males ja d'ante mão bem merecidos*
*Não cuideis que achanais ao sofrimento,*
*Que nem elle nem eu não vos estranho.*
*Esforcemse na causa os meus sentidos,*
*Que tudo caberà n'hum sentimento*
*Aonde teue lugar hum bem tamanho.*

Acabando de cantar,ajuntou o rebanho, q̃ andaua espalhado pelo valle,& cõ a vinda da noite o recolheo,fogindo dos pastores,& buscando a tristeza só por companheira, q̃ esta he a de quem se fião os cuidados da alma, & a inimiga, que mais contenta a quem sabe conuersalla.

## FLORESTA NONA.

M quanto a noite occupaua a terra, & aos animais ſono, & os paſtores repouſauam pera os trabalhos do dia, imaginaua Lereno em a obrigação q̃ tinha aos cuidados de Liſea: & buſcando maneira de reſponder a ſua carta de ſorte que quem a leuaua ficaſſe ſeguro: a tornou a ler de nouo, & cortando della a capa do ſobreſcrito, pos em lugar do que tirara o papel em que reſpondeo, & ſerrandoa com tanta cautella, que ſe não podeſſe entender aquelle engano: junto com a outra carta de Liſea, que ainda tinha, ſe foy em amanhecendo ao lugar aonde ja o paſtor o eſperaua, & depois de o ſaudar, lhe diſſe: Bem merece o teu cuidado & diligencia o galardam que pretendes deſte ſeruiço: & poſto que me déues a principal parte delle alem do goſto, que terei de te ver contente, tambem Liſea me fica obrigada, por lhe cuirar hum mal que tanto cuſta, como empregar affeição em quem tem a ſua penhorada em outra parte. Ves aqui a carta, que me deſte, & outra que te prometi, tenhas com ellas tanta ventura, como Liſea tem de merecimentos: a ella podes dizer, que achaſte eſta carta na mão de hũa paſtora fermoſa, & dina de muyto grandes eſtremos, & podes affirmar que a tinha em tam pouco, porque lha dera Lereno, como a elle eſtimaua, pois que lha deu: os meyos por onde a alcançaſte fingiras a teu ſabor, & não te digo quam cuſtoſos foram os com que a ouue a mão, & o riſco em que fico de ſer achado com o furto nellas: porque he mayor o que eu faço, que o engano que tu tratas: ſe algũa hora tornares a eſta ribei-

ra,

ra, & quiſeres de mim algũa couſa de teu goſto, pregunta por Lereno, & dizelhe, que te leue a cabana de Floricio, q̃ eſte he o meu nome, & aſsi conhoceras a elle, & veras a mim: agora te guie boa eſtrella, que eu vou acudir as obrigações da minha. Deuo tanto a tua vontade (diſſe o outro) & a eſta obra, que era bem, que deixando o fim della, fique toda a vida por teu catiuo neſta ribeira: eſta teras nas do Lis em quanto eu nellas tiuer vida, & ſe neſta que agora me deſte, na peſſoa ou no rebanho quiſeres por hum ſinal de como tudo he teu, niſto o daras de homẽ agradecido, & lãçandolhe os braços ao peſcoço, Lereno o leuou nos ſeus com a meſma corteſia, & o foy acompanhando atê paſſar o valle. Seguio daly o outro o ſeu caminho aſſaz contentẽ, & Lereno ſe veyo aſſentar perto do rio, aonde bem não tinha ſocegado, quando conheceo Althea, que vinha pelos ſalgueiros cantando o ſeguinte.

*Sofrei coraçam*
*Voſſo ſentimento*
*Vingaiuos dos olhos*
*Que a culpa tiueram*
*Quanto melhor fora*
*Enganar ao tempo*
*Que buſcar ventura*
*Em goſtos alheos?*
*Pera que ſam bens*
*Que acabam tam preſto?*
*Pera que he buſcallos*
*Quem ſabe perdellos?*
*Cuidados de longe*
*Matam de muy perto*

*Que acorda a lembrança*
*Contino o deſejo*
*Amor tam conſtante*
*Tam mal ſatiſfeito*
*Fè tam mal pagada*
*Ia agora quebremos*
*Seca a eſperança*
*Canſa o ſofrimento*
*Fiz força atègora,*
*Mas ja não me atreuo,*
*Qualquer ſombra vã*
*Engana o deſejo,*
*E tudo ſam ſombras*
*Porque Amor he cego:*

Ah

*Ah que nunca vira*
*Por não ver tam cedo*
*Quantos desenganos*
*Vem sobre hum receo:*
*Ay triste que canso,*
*E não me arrependo*
*Nem deixo meu mal*
*Com quanto o praguejo,*
*Gostos, alegrias,*
*Glorias, passatempos*
*Se vos não possuo*
*Tambem vos engeito:*
*Mais quero meu mal*
*Pelo bem que quero,*
*Que a vossos enganos*
*Porque vos conheço*
*Quero de meus bens*
*O mal que me veo*
*Deixame sentillo*
*Pois tambem vos deixo.*

NAõ esperou o pastor, que Althea chegasse junto a elle, antes a foy encontrar perto do rio, porque era tam affeiçoado as partes & parecer que nella via, que nenhũa daquelles campos parecia tam bem nos seus olhos, & pondoos nella lhe disse: Quando Althea em hum coração sem descanço fazem os teus olhos tanta differença, & a tua vista, & voz tanta affeição, que fariam em quē merecesse a ventura viuer contente, & ter obrigada a tua vontade. Tens a minha tam segura da tua parte (respondeo a pastora) que bem me deuias fazer o engano verdadeiro. Ah Lereno, quero bem, & deuo a fé a quem me fogio com a que me deuia, canto os males de su ausencia, & não choro os q̃ de nouo me nacem quando te vejo: fez o Ceo tam conforme o teu proceder com a minha affeição, que se a que tenho obrigada a outrem não perdera o merecimento com a mudança, nas tuas mãos a fizera: a troco deste desejo não me negues hum bem que podem ter meus males, que he veresme, & ouuirte muytas vezes, que pera cuidar en ty ha outra cosa que m'alembre, mas pera te ouuir de tudo me esqueço. Nunca hum coração leal engana a seu dono (disse o pastor) sempre o meu mē dizia, depois que te vi quam bem me

me empregaua no que te quero, faze conta da pureza deste amor sem offensa do que outrem possue: deues querer bem a minha vontade, que eu nem mereço ser querido, nem esperara alcançallo encontrando a affeição de Floricio de quem tu dissera quanto te merece, & quam grande obrigação tens a seus cuidados; se não soubera os teus do primeiro dia que entrei nesta ribeira, porem te peço, que o não desesperes na satisfação de seu amor, ainda que a tenhas por impossiuel, porque ha no tempo tantas mudanças, & em amor tam differentes fins de seu começo, que ja pode ser, q̃ lhe pagues com hum engano, ou que aches na sua fè merecimento. Quam pouco me estimas (replicou Althea) que ainda agora me entreguei por tua, & ja me das a outrem? que escrauo ha tam engeitado, q̃ não dure hũa hora em poder de seu senhor? não viras primeiro em meus seruiços se te contentauão, & em minha fè se te mereciam logo m'engeitas? negasme hum engano, & queres que sustente com elles a Floricio? tirasme a vida, & queres que lha dè por teu respeito? Ah Lereno, Lereno, a cada qual desuia o seu cuidado: dame essa mão, & promete, que em quanto não faltarem enganos, & esperanças a Floricio, tenha Althea parte em teus pensamentos, & veras a quanto me obriga o que te quero: Lereno mudada a cor, mostrando, que com receos o consentia, lhe deu a mão, & apertando a sua com hũ saudoso suspiro lhe dizia.

*Nestas mãos juro Altea de quererte*
*Sem offensa porem de meu cuidado.*
*Porque de hum coração que tenho dado*
*Não ficam mais que os olhos pera verte.*

Amor

*Ah que nunca vira*
*Por não ver tam cedo*
*Quantos desenganos*
*Vem sobre hum receo:*
*Ay triste que canso,*
*E não me arrependo*
*Nem deixo meu mal*
*Com quanto o praguejo,*
*Gostos, alegrias,*
*Glorias, passatempos.*

*Se vos não possuo*
*Tambem vos engeito:*
*Mais quero meu mal*
*Pelo bem que quero,*
*Que a vossos enganos*
*Porque vos conheço*
*Quero de meus bens*
*O mal que me veo*
*Deixame sentillo*
*Pois tambem vos deixo.*

NAõ esperou o pastor, que Althea chegasse junto a elle, antes a foy encontrar perto do rio, porque era tam affeiçoado as partes & parecer que nella via, que nenhũa daquelles campos parecia tam bem nos seus olhos, & pondoos nella lhe disse: Quando Althea em hum coração sem descãnço fazem os teus olhos tanta differença, & a tua vista, & voz tanta affeição, que fariam em qué merecesse a ventura viuer contente, & ter obrigada a tua vontade. Tens a minha tam segura da tua parte (respondeo a pastora) que bem me deuias fazer o engano verdadeiro. Ah Lereno, quero bem, & deuo a fé a quem me fogio com a que me deuia, canto os males de su ansencia, & não choro os q̃ de nouo me nacem quando te vejo: fez o Ceo tam conforme o teu proceder com a minha affeição, que se a que tenho obrigada a outrem não perdera o merecimento com a mudança, nas tuas mãos a fizera: a troco deste desejo não me negues hum bem que podem ter meus males, que he veresme, & ouuirte muytas vezes, que pera cuidar en ty ha outra cosa que m'alembre, mas pera te ouuir de tudo me esqueço. Nunca hum coração leal engana a seu dono (disse o pastor) sempre o meu mé dizia, depois que te vi quam bem me

me empregaua no que te quero, faze conta da pureza deste amor sem offensa do que outrem possue: deues querer bem a minha vontade, que eu nem mereço ser querido, nem esperara alcançallo encontrando a affeição de Floricio de quem eu dissera quanto te merece, & quam grande obrigação tens a seus cuidados; se não soubera os teus do primeiro dia que entrei nesta ribeira, porem te peço, que o não desesperes na satisfação de seu amor, ainda que a tenhas por impossiuel, porque ha no tempo tantas mudanças, & em amor tam differentes fins de seu começo, que ja pode ser, q̃ lhe pagues com hum engano, ou que aches na sua fé merecimento. Quam pouco me estimas (replicou Althea) que ainda agora me entreguei por tua, & ja me das a outrem? que escrauo ha tam engeitado, q̃ não dure hũa hora em poder de seu senhor? não viras primeiro em meus seruiços se te contentauão, & em minha fé se te mereciam logo m'engeitas? negasme hum engano, & queres que sustente com elles a Floricio? tirasme a vida, & queres que lha dé por teu respeito? Ah Lereno, Lereno, a cada qual desuia o seu cuidado: dame essa mão, & promete, que em quanto não faltarem enganos, & esperanças a Floricio, tenha Althea parte em teus pensamentos, & veras a quanto me obriga o que te quero: Lereno mudada a cor, mostrando, que com receos o consentia, lhe deu a mão, & apertando a sua com hũ saudoso suspiro lhe dizia.

*Nestas mãos juro Altea de quererte*  
*Sem offensa porem de meu cuidado.*  
*Porque de hum coração que tenho dado*  
*Não ficam mais que os olhos pera verte.*

Amor

AMor que sempre espreita o tempo pera fazer dano, & com o ciume que o acompanha anda correndo as tellas, que deixou armadas, trouxe pera aquella parte a Floricio, que decia do monte, & conhecendo a Lereno no tom da voz antes que o diuisasse, veyo manso pela parte do mato, pera ver com quem fallaua, & ouuio as palauras com que elle juraua nas mãos de Althea aquella condição, que amor não consente, & não sabendo da causa mais que o que via, julgando por infiel ao caro amigo, como desesperado, atrauessou por diante delles, & virando cõ ira os olhos a Lereno, lhe disse ao passar. De hum fementido baste o conhecimento por vingança: & por mais que o amigo bradou tras elle, espera, espera, Floricio não voltou o rosto: & vendo isto, Lereno se apartou de Althea, & foy a buscallo, por em cada hum seguio differẽte caminho: Floricio tomou pera a montanba suspirando, & metido entre huns castanheiros depois que cansou, de suspirar adormeceo, em quanto Tirsea com o pensamẽto nelle vinha pela fralda do rio cantando esta grosa.

*Cuidados asi vos quero,*
*Que sejais desesperados*
*Querouos pera cuidados.*

*Quando mòr força mostrais;*
*Mòr dureza, & mòr rigor*
*Na dor com que me tratais;*
*Entam vos estimo mais,*
*E me pareceis melhor*
*Sò vos podeis ter me a mim,*
*Pelo triste fim que espero,*
*Numa tristeza sem fim,*
*Mas se me quereis asi*
*Cuidados asi vos quero.*

*Em qualquer menor tormento,*
*Não tirarà de vos fruito,*
*Que ò que custa ao sofrimento,*

Menos,

*Menos, que o meu sentimento*
*Nunca pode valer muyto.*
*De sorte, que na affeiçam*
*Em que vos tenho empregados*
*Pera serdes estimados*
*He de força & de razão*
*Que sejais desesperados.*

*Quando eu de vòs pretendera*
*Hum bem, que a muytos engana*
*D'outra sorte vos tiuera*
*Amara a quem me quisera,*
*E não quẽ me dosengana:*
*Quando vos vejo arriscados*
*A mais males mores danos*
*Então vos quero dobrados*
*Não vos quero para enganos*
*Querouos pera cuidados.*

PAssando a diante, encontrou no meyo do valle a Altea suspensa & triste pelo que aos dous pastores acontecera; & tornando a cuidar, que lhe podia succeder algum dano em quanto a razão estaua tam escura, disse a Tirsea, que lhe pedia, que fosse pelo valle acima, pois o ella não podia fazer por hum respeito, & que ouuiria cantar a Floricio, que em estremo cantara bem ao tempo que ella decia pera o rio: a outra que só nisto tinha o desejo lho agradeceo muyto, & encaminhada de hum pegureiro, que andaua no mato, foy ter aonde o seu pastor dormia, & sentandose junto a elle, não quis quebrarlhe o repouso do sono, antes com a vista curiosa, no pensamento o estaua adormentando. Mas como o pastor adormecera sem descanso, acordou logo, & com hum grande ay estendeo os braços, & caydo hum nos braços a namorada Tirsea, ella o recolheo entre os seus, dizendo para elle (que não ficou pouco espantado de a ver aly) ja Floricio, que os descuidos do teu sono me pagão meus cuidados: dexame este braço pera entregar esta alma do que lhe deues. Ah Tirsea (respondéo elle) bem se vinga amor da vontade que te deuo, como a traição que outrem vsa comigo, não te quero dar o braço, pois te não satisfaço com o coração, outro dia te descubrirei este

este segredo, & agora se deces pera o gado, acompanharte ey. Disto ficou a pastora mais contente, & não quis pedirlhe que não dilatasse pera outro tempo o que lhe descobria naquelles finais, mas pelos que vio da sua tristeza, dissimuleu, & deceram ambos pera o rio. Mas Lereno depois que correo toda a montanha sem achar quem buscaua, encontrou ao pé de hum carualho o doudo Montano, que estaua affeiçoando hum cajado, & chegando a elle, o saudou, perguntando se vira a Floricio. Logo to mostrarei (respondeo elle) que muy perto esta de nós, & leuandoo a hum penedo, que cahia sobre huns syluados, que estão no desuio do caminho, o fez subir nelle, & mostrandolhe o vulto de hum tronco metido entre os ramos, o lançou daly a baixo, onde ficou bẽ espinhado das syluas, & magoado da queda, dizendolhe: Isso te fique em castigo de perguntares por outrem a quem não sabe de si, & com grande riso se foy daly appupando pela montanha; Lereno se tornou ao pè do penedo, aonde entre si fazia estas contas com a voz baixa, como que entam a não fiaua mais, que do sentimento.

*QVe amor sigo? que busco? que desejo?*
*Que enleo he este vão da fantasia?*
*Que tiue? que perdi? quẽ me queria?*
*Quẽ me faz guerra? contra quẽ pellejo?*
*Foy por encantamento o meu desejo,*
*E por sombra passou minha alegria,*
*Mostroume Amor dormindo o q̃ não via*
*E eu ceguei do que vi, pois ja não vejo.*
*Fez a sua medida o pensamento*

*Aquella*

*Aquella estranha, & noua fermosura,*
*E aquelle parecer quasi diuino :*
*Ou imaginação, sombra, ou figura*
*He certo, & verdadeiro meu tormento*
*Eu morro do que vi, do que immagino.*

DAly se foy Lereno ao gado, & o recolheo buscãdo a tristeza da noite pera mais largo queixume de sua estrella, que não lhe daua hum mal sem companhia, nem lhe sofria ter outra, que fizesse menor o sentimento delles.

## FLORESTA DECIMA.

SENTIA tanto Florício a falsidade, que imaginaua do amigo, como elle a semrazão de seu engano: cada hum se queixaua de males não merecidos : hum entre si representaua quebrada a fè da amizade que tinhão, & offendido o respeito do amor com que se tratauam, outro via desagradecido seu desejo, desacreditada sua verdade, & sobre tudo perdido tam bom amigo. Lereno buscaua meyos de descobrir seu intento, & Florício modos de se esconder a sua disculpa, & fez isto com tanta persia, que passaram muytos dias em que o amigo seguimdoo com os passos. & com a voz o não alcançaua ate que desconfiado de lhe poder dar a conhecer a fidelidade de seu coração, determineu partirse dos campos de Mondego, & buscar outro lugar a seu desterro, mas como lhe não consentia o coração deixar a Florício magoado, tornou a buscar Altea, que auendoo ja por descuidado da promessa que lhe fizera, negaua tambem os ouuidos a suas razões : porem

porem como ja fora testimunha de tam perto da descõfian ça de Florício,não pode durar muyto esta esquiuança. Aly lhe disse o pastor con muyto sentimento a determinação de sua partida, renouando a memoria da desgraça, que o trazia desterrado, & lhe pedio que quisesse em sua ausencia descobrir ao amigo enganado o que a seu respeito entre elles passara, & que depois que tiuesse verdadeiro conhecimento de sua fe, tornaria a habitar os campos do Mondego,pois por entam os deixaua com muyta saudade: ella que ja sentia este apartamento, & muyto mais ser por sua causa, lhe pedia, que se não determinasse tam depressa, & com estas & outras palauras o aconselhaua. Pois eu Lereno fuy o principio deste mal,não he muyto que elle seja a causa de minha morte,& eu só culpada nella, mas se tu a podes escusar sem perder muyto,lembrate,que me deues a vida pelo que te quero: se Florício foge de te ouuir razão, não fujas daque eu tenho pera te obrigar. Deixame por em o meyo do perigo,saluarei a tua fé & a sua desconfiança a custa de minha vergonha: se elle he teu amigo conhecerá facilmente,que o tratas sem engano,se pelo contrario pouco perdes em sua amizade,& eu muyto em tua partida,con sidera de vagar, escolhe o menor perigo,arriscame a todos, como não seja deixaresme. Tudo fizera (respondeo elle) por teu querer,se o meu não fora tam mal afortunado até pera obedecette,querome apartar desta ribeira que com o lugar muytas vezes se muda a ventura, ainda que eu em nenhum a tenho, & o tempo desenganara em ausencia a falsa presunção de Florício:& a de meus males se esses im maginão,que poderam algũa hora vencer o sofrimẽto: por em se primeiro o queres desimmaginar aqui me tens, com tanto,que não dilates o remedio. Como quem ( tornou ella)tem nelle o de sua vida ficate embora,que eu vou bus-

car

car a hum pastor de quem fujo ha tantos dias, pera deter a outro que me foge dos olhos, leuando nos seus penhores muy custosos de minha affeição. Com isto deixou a Lereno dando mil suspiros, ao tẽpo que Riseo vinha pera elle, & ouuindoo & vendoo tam triste, lhe preguntou: Que ais saõ esses Lereno? a quem buscão, & que pretendem? A morte (respondeo elle) pera fim de muytos danos. Queixume he de muytos (replicou o outro) & desejo de nenhũ. Deixa agora a paixão se algũa te obriga, & vamos cantando ate os loureiros daquella fonte, que està pera fazer inueja a qualquer sentimento com a melodia dos passarinhos, que a esta hora suspendem os ares com musicos accentos: & parece que a natureza lhe està aly modulando as vozes, concertando a baixa do saudoso melro, com o tipre do musico royxinol, & sobreleuando em meudos accentos o pintasirgo, seruindo de instrumento sonoroso o continuo zonido das abelhas, que andauão tirando o mel das tenras flores, & o som das agoas, que por entre aluos seixos, & ruyua area vão murmurando. A isto se não quis negar Lereno, por não descobrir mayores sinais de sua paixaõ, & foy cantando com o amigo esta cantiga.

*Com dar de contino ais*
*Deu à vida algum descanço,*
*Mas com os ais, que da alma lanço*
*Descanço por cançar mais.*

*A fè, & a razão me obriga*
*Nesta pena que padeço*
*Por mais que a dor me persiga,*
*Que nunca o que sinto diga,*
*Porque nisso a desmereço.*

*Eu que nunca perco o tino*
*Em males tam desiguais,*
*Desabafo por sinais,*
*Com dar suspiros contino*
*Com dar de contino ais.*

P Tenho

*Tenho os ares perseguidos,*
*E a voz rouca suspirando ,*
*E sentindo os meus gemidos*
*Os penedos sem ouuidos*
*Ficão comigo bradando.*
*De hũa dor tam bem sentida*
*Este he o fruito que alcanço*
*Mas pois num mal sem medida*
*Fim não posso dar à vida*
*Dou à vida algum descanço.*

*Renouo o meu sentimento*
*Pois pera a morte não val*
*E em gloria deste tormẽto*
*Vou ceuando o sofrimento*
*Porque dure sempre o mal.*

*Sayão sospiros do peito*
*Dem ao coração descanço.*
*Que eu ja viuo satisfeito*
*Não com os prazeres que engeito*
*Mas com os ais que d'alma lanço.*

*Prazeres que me negastes*
*Quanto por vos trabalhei*
*Tanto a correr me insinastes*
*Como em mim não descançastes ,*
*Que nunca mais descancei.*
*Vou correndo sem parar*
*Pera o fim que me negais,*
*E neste vão trabalhar*
*Não canço por descançar*
*Descanço por cançar mais.*

Pouco espaço depois de se assentarem ao pee da fonte, & beberem da agoa saborosa que della manaua ,ouuindo aperfiosa musica dos passarinhos virão pendurada em hum gancho de hum loureiro hũa samfonha que nas costas tinha este letreiro.

*Instrumento contente que algũ dia*
*Fostes aliuio de meu sentimento*
*A cuio som suaue, & mellodia*
*Ouuio a causa delle o meu tormẽto,*
*Ficai prezo nesta aruore sombria,*
*Aonde vos toque agora o surdo vento*
*Que eu q̃ parto chorando desta Aldea*
*Mal poderei cantar na terra alhea.*

Logo os deus pastores conhecerão ser aquelle o instrumento de Floricio , & Lereno aquem elle na alma tocaua deu hum grande sospiro,& com outros muytos pedio a Risco que o fosse buscar por hũa parte da montanha que elle pella outra faria o mesmo,porque algũ grande mal lhe fazia perder a ambos tal amigo. Risco o fez assim , & junto

da

da noite achou a Altea que tambem andaua nos alcances de Floricio. Deixemos o que entre elles passou, & o q̃ succedeo a Floricio. E tornemos a Lereno que não esperou mais conselho para sua desgraça pois contra ella lhe não valia entendimento, & logo em se apartando de Riseo tomou o caminho para a serra, rio acima, & de hũ outeiro q̃ descobre todo o valle q̃ cõ a entrada da noite estaua mais saudoso assi cantaua a sua magoada despedida.

*A Deos agoas cristalinas*
*A Deos fermosos outeiros*
*Paias, choupos, & salgueiros*
*Lirios, flores, & boninas.*

*A Deos fermosa lembrança*
*Com que em meus males viuia*
*A Deos vales de alegria*
*A Deos montes de esperança.*

*A Deos fermoso penedo*
*De quem con tantas verdades*
*Fiei minhas saudades,*
*Que me pagastes tan cedo.*

*A Deos prado, a Deos pastores*
*Vassallos deste Amor cego,*
*A Deos agoas do Mondego,*
*A Deos fonte dos amores.*

*Apartòme desta aldea,*
*Voume fugindo a ventura,*
*Que nem a minha he segura.*
*Nem esta parece alhea.*

*Pode ser que cance a sorte*
*De andar en tanta mudança,*
*E se a sorte nunca cança*
*Quiçais que descance a morte.*

*Voume como a res perdida*
*Nos matos da terra estranha,*
*Te que os lobos da montanha*
*Venhão a tirarme a vida.*

*Mas he ja tam desigual*
*O mal de meu coração,*
*Que os animais sem razão*
*Sabem fogir de meu mal.*

*E bem deue ser assi,*
*Pois em mim se considera*
*Que se delle não viuera,*
*Andara a fogir de mim.*

*Façase o que amor ordena,*
*Com direito, ou sem direito,*
*Te que as brazas deste peito*
*Faça em cinza a minha pena.*

*Vamos meus olhos, que he certo*
*Não estranhardes mudança,*
*Pois sem a vossa esperança*
*Tudo parece hum deserto.*

*Paguemos culpas de hum erro ,*
*De que à Amor as culpas punha,*
*Que hũa falſa teſtimunha*
*Nos condenou ao deſterro.*

*Pois moſtrar a differença*
*Ia agora nada aproueita,*
*E valeo ſendo ſoſpeita,*
*Vamos cũprir a ſentença:*

*Vos chorareis de contino,*
*E eu com ſuſpiros em vam*
*Irei lançando o pregam*
*De hũ caſtigo tam indino,*

*Direi chorando ſem fim*
*Iuſtiça que manda o fado*
*Fazer n'ũ triſte culpado*
*Que deu armas cõtra ſim.*

*De que ſerue outro ſocego*
*Se falta o de meu deſejo*
*Vamos meus olhos ao Tejo*
*Fareis como no Mondego*

*Fica a Deos ficate embora*
*Floricio tenhas ventura*
*E aches fee tam firme & pura*
*Como a que perdes agora.*

*Liurete o Ceo de perigo*
*Pois que fizeſte em teu dano*
*De hum amigo ſem engano*
*Por hum engano,& nemigo .*

*A Deos Altea que auſencia*
*Deſengana teu cuidado*
*Não queiras de hum deſterrado*
*Fazer noua experiencia.*

*Eu vou aonde perca a vida*
*Logra a tua a teu ſabor*
*E nunca ſeias de Amor*
*Com falſidade offendida .*

*Paſtores que ya me ouuiſtes*
*Deuos a ſorte alegria ,*
*Pois que a minha companhia*
*Não he mais que para os triſtes.*

*Agoas em que ya me olhei*
*Que com os olhos inturuaua*
*Quando cantando choraua*
*Hum mal que tanto eſtimei.*

*Sempre corrais cõ deſcanço*
*A ſombra de aruores bellas*
*E veiais claras eſtrellas*
*De noite em voßo remanço ,*

*Fiquai a Deos aruoredos*
*Fontes & aruores, ſombrias*
*Que em tempo de tantos dias*
*Não viſtes meus olhos ledos.*

*Lagrimas que aqui ficais*
*Derramadas com razão*
*A Deos q̃ outras nacerão*
*No lugar donde brotaes ,*

F I M.

# PRIMAVERA DE FRANCISCO RODRIGVEZ LOBO.

## *Prayas do Tejo.*

### *FLORESTA PRIMEIRA.*

VEIXOSO da ventura, que o deſterra, canſado de caminhar por terra eſtranha deſconfiado das eſperanças em que ſuſtentaua a vida: buſcaua o paſtor Lereno lugar aonde acaballa, parecendolhe que cada hora ſe alargaua com as ſaudades do Lis aonde nacera, & da liberdade que nellas lhe ficara, magoado das deſconfianças de Floricio, que o apartauam do Mondego. Chegou a hũa montanha das prayas do Tejo em hũa tarde gracioſa quando o Sol dos Orizontes ſe deſpedia, deixando as roſadas nuuẽs emuoltas com ſeus rayos: & em quanto dos altos montes não cahia a ſombra eſcura aſſentado em hũ penedo, de cujas entranhas Eccho os ſaudoſos accentos repetia, no ſom do vagaroſo Tejo, que paſſaua cantou o ſeguinte.

O Tarde saudosa
Que ides aposentando a noite fria
Neste nosso Orizonte
Mandame Amor q̃ conte
Agora em voz chorosa
Magoas que não fiei do claro dia
Ouçâo minha perfia
Essas nuuẽs escuras,
Que o Ceo mostraua ha pouco prateadas
Que não estam seguras
Por estarem da terra leuantadas
De padecer mudança
Que mais alta tiue eu minha esperança!

Ouuime ò aruoredos
Que vestidos de triste verde escuro
Assombrais este rio
Em quanto o vento frio
Aos passarinhos ledos
Nos ramos lhe não da lugar seguro,
E se o inuerno duro
Com fronte turua & fera
Vos despojou d'estado tam contente
Da doce primauera
Ouui agora a voz d'hum triste ausente
Que em espaço tam breue

Lhe descontou fortuna hũ bem q̃ teue.

E voe agoas cançadas
Desse largo caminho que trazeis
Por serras por area
Detende a pura vea,
E aqui mais socegadas
Pode ser q̃ em meus males descanceis
Em meus olhos vereis
A vossa saudade,
Que se pera tornar aonde nacestes
Desejais liberdade
E rompeis os penedos que temestes
Em mim vereis a pena
De não poder seguir a quẽ a ordena.

E vòs fermosa ingrata
Em cujo rosto, & olhos escondida
Ficou minha ventura
Por quem Amor procura
No mal em que me mata
Fazer que inda mereça a minha vida
Nesse bosque escondida:
Ouui meus versos tristes,
Que descobrem desta alma a saudade,
E pelo que ja vistes

Nos meus olhos vereis que be de verdade
Este meu sentimento
Com tanta pena, & sem merecimento.

Desterro tam comprido
E de hum pera outro mal tanta mudãça
Onde a fé se melhorà
Se ha de ter algũa hora
Num mal tam bẽ sofrido
Pelo menos enganos da esperança
Este que asi me cança
Fora doce & suaue
Como he aspero, esquiuo, & insofriuel,
E a pena dura & graue,
Mas parece estè bem quasi imposiuel,
E esta duuida solta
Ver q̃ a ventura em males no faz volta.

Vou chorando meu dano
(Não perder o socego & vida chara
Por q̃ isso he cousa justa)
Que ainda que tãto custa
Me parecera humano:
O mal se em vossa vista me matara,
Mas quer a sorte auara
Que o meu tormento seja

Viuer

*Viuer a meu pesar ausente, & firme*
*A onde vos não veja*
*Nem deixe Amor cruel de perseguirme*
*Façase o seu mandado*
*Ausente, firme, sò, desesperado.*

ESTaua o lugar com a saudade da noite, & com os accentos da cantiga de Lereno tam triste que so lhe faltaua para o igualar o sentimento, & como so este bem lho parecia, esqueceose da jornada que lhe faltaua, & de tudo o mais que não erão seus sospiros: mas como este repouso não pode dar descanço nem sua sorte lho consentia, leuantouse, tomou o çurrão, & foi por hum válle abaixo bem acompanhado d'aruores que o faziam mais escuro, ate chegar aquéda de hũa ribeira aonde entre muytos alamos, & freixos appareciam cabanas de pastores: da li sairão os rafeiros a lhé ladrar, & em quanto elle com o cajado os desuiaua sahio hum pastor da porta, & preguntou, sois esse que tantas horas ha que vos espero? Não deuo ser eu (respondeo Lereno) quẽ esperais, porque não sou desta ribeira, antes pella não saber errei o caminho que leuaua, peçouos que me encaminheis para a Aldeã: se tu não sabes o atalho (tornou o outro) não tens horas para passar da qui, aonde se quiseres gasalhado to darão de boa vontade, essa vos pague Deos (tornou elle) & a mi por agora he forçado aproueitarme della. O do casal o fez entrar para a cabana a onde logo tirou o çurrão, & assentado lhe preguntou donde era & para donde hia: Bofe (disse elle) que te não saberei dizer donde sou nem ainda cujo, porem naci perto destas serras de riba Tejo, & vou para aquella famosa Aldea aonde elle se acaba, para viuer ali por soldada entre os guardadores a onde me-

não faltará amo, porque sei da pastura dos gados da cura delles, do monier, & queijar do leite, & do mais que ca se estima dos pegureiros. Por certo (tornou o velho) que buscas forte trabalho, que he tam ma vida tella sojeita a vontade doutrem, & sobre tudo viuer no labarinto, & confusam dessa Aldea que não te aconcelhara tal engano, & não tratando de mim, a quem a idade insinou a fogir della, todos os caseiros desta montanha, que custumão leuar la de venda os cabritos, & o fruito do seu gado, outra cousa, não contão se não as maranhas, & enleos que lhe tratão; o sabe gois: porem as vezes he força, o que não he gosto dos homens: ficais que te sera necessario. Assi he (disse Lereno), que ninguem ya agora viue a seu sabor, & este meo que eu busco he mais para entreter a vida que para remedeala cõ esperanças de algum descanço. Nesta pratica estauam os pastores quando dous que o velho esperaua assomarão a porta dos quais logo Lereno conheceo seu amigo Riseo, a quem a ventura ali trouxera auia poucos dias, foi o aluoroço estranho entre os dous pastores, & o contentamento do velho de empregar tambem o gasalhado, & despois que descançarão em saborosa conuersação entre as saudades do Mondego, & o velho lhe offereceo os saborosos manjares da natureza & comerão com a vontade que lhe offerecia, o cansaso do caminho, & o gosto da companhia, sobre mesa pedio Riseo ao amigo que ao som da sua samfonha lhe cantase o que passara despois se apartarem dos campos do Mondego, Lereno por lhe obedecer tomou logo o instrumento, & foi seguindo sua historia desta maneira.

*POr onde entre penedos & aspereza*
*Passa o Mondego claro & saudoso*

Rem-

Rompendo os mõtes seus que a natureza
Fez por muro da terra poderoso
Aonde estreitãdo as prajas, & a grãdeza
Corre por entre as serras forioso
Perto donde o rio Alua se derrama,
E entregandolhe as agoas perde a fama.

Onde as alpestres serras penduradas
Que ameação as agoas cristalinas
Não sam da loura Ceres cultiuadas
Nẽ guarda Flora, & Zephiro as boninas
Nem aruores fermosas, & copadas
Dam fruitas saborosas peregrinas
Tudo he steril, seco inhabitado
Sem flores, eruas, aruores, nem gado.

Se aleuanta hũa pena graciosa
Rodeada de flores, & verdura
Tam verde, tam florida, & tam fermosa
Como a mais serra seca, aspera & dura
Na decida entre as aruores fragosa
Com alegres penedos de mestura
Hũa profunda coua se descobre
Que faz cõ o nome, & graça o sitio nobre.

Ali entre a pacifica oulineira
Nos decliues outeiros transplantada
As

*As matas se verão de herua cidreira*
*A fermosa Dione dedicada*
*O junquilho, a viola, & a roseira*
*Tem a relua de flores marchetada*
*E as boninas que a Lua fez mais bellas*
*Azuis, brãcas, vermelhas, & amarellhas.*

*Ali acha no matto o caminhante*
*A Artemisa em flores graciosas*
*E o maluaisco alegre que diante*
*Do Sol abre as boninas cobiçosas*
*A madre Sylua, & o Iacinto amante*
*Que inda sustenta as letras amorosas*
*Como que se esmerara a natureza*
*Em fazer tal jardim nhũa aspreza.*

*Não faltam fontes: & aruores crecidas*
*Loureiros, freixos, choupos, & aueleiras*
*Castanheiros em matas muy compridas*
*Compridas & copadas serreyeiras*
*Por onde em doce voo entremetidas*
*As aues se verão de mil maneiras*
*Que dos ramos contino estão cantando*
*E as agoas dẽtre as pedras murmurãdo.*

*Aqui despois que os Fados ordenarão*
*Que o nosso Lis correse em turua vea*

*Despois que em sombra escura se trocarão*
*As ondas de cristal, na branca area*
*As Nimfas dos seus valles se iuntarão*
*Seguindo a sua chara semidea*
*A quem em sorte coube esta montanha*
*Que o Mondego rodea, illustra, & banha.*

*Deu a esta Nimfa o Ceo tan grande parte*
*Dos soberanos dões que estima & preza*
*Que nas graças q̃ agora em mil reparte*
*Ia parece que vence a natureza*
*Cança o estilo, atreuimento & arte*
*Que commette louuar sua grandeza*
*Assim que em tais louuores imagino*
*Igual a obrigação eo desatino.*

*Ali como Diana a caçadora*
*Com outras da montanha que a seruião*
*Que com o auiso, & graça da senhora*
*Tambem de Amor, senhoras parecião:*
*Na caça exercitauão cada hora*
*As armas cõ que o mesmo Amor vencião*
*As feras sujeitando, & os pastores*
*Vencidos do valor de seus amores.*

*Cada qual no juyzo & na figura*
*Não tem parte que a Amor não satisfaça*
*A gra-*

*A graça faz inueja a fermosura*
*Que os poderes tomou da mesma graça*
*Se a algũa foy escaça ja a ventura*
*Não foy a natureza em nada escaça*
*Nem avarento Amor que em tal desuio*
*Lhe deu de toda a serra o senhorio.*

*Guardaua ali Marilia manso gado*
*Dionisa, & Cimea juntamente*
*Aulisa faz mais bello o verde prado*
*Bellisa liure ali leda, & contente*
*Qualquer das outras segue a seu cuidado*
*Ama, deseja, alcança, espera, & sente*
*Que sem Amor sem sua companhia*
*Não ha belleza, graça, & cortesia.*

*Tinha Cimea a cor que a natureza*
*Deu a branca Cessem, pura, & fermosa*
*Olhos cheos de graça, & delindea*
*Boca rasgada em alto graciosa*
*Modesta, graue, firme, & por impreza*
*Tras a fee cõtra Amor sempre queixosa,*
*E auendo que o seu foy mal empregado*
*A qualquer sujeição nega o cuidado.*

*Bellisa liure, & sem conhecimento*
*Dos effeitos de Amor a quem se nega*
*Com*

Com seu honesto, & brando mouimento
A liberdade sô a vida entrega
Mas não merece em fim merecimento
Quem tambem neste golfo não nauega
Tirando o preço as partes naturais
Que ande vir por Amor a valer mais.

Aulisa seu querer gosa em receo
Do que pode cortar nelle a ventura
Que nenhum grande bem tam serto veo
Que fizesse a vontade estar segura
Mas gosa neste bem ou neste enleo.
Estranhos bens de sua fermosura
De que viuer pudera assaz contente
Se o Amor de Narciso se consente.

Dionisa em cujos olhos graciosos
Amor faz ao desejo noua inueja
Tam lindos, tam senhores, tam fermosos
Que a alma por seus olhos os deseja
Tambem viue em sospiros saudosos
D'algũ bem q̃ passou, & esté qual seja
Seus olhos o dirão com saudade
Se aquelles olhos tais falam verdade.

Marilia que o cabello crespo, & louro
Mostra qual o Sol claro na aluorada
Vencen-

Vencendo nos cabellos a cor douro
E no rosto de neue a cor rosada
Faça de seus cuidados vão thesouro
Se por Amor se pode esconder nada
Neste lugar esconda os seus amores
Que não he mais humilde nos louuores.

Muytas outras pastoras na montanha
Passauam vida ali doce & contente
Cada qual seus cuidados acompanha
Cada qual segue hum gosto differente
Iuntas em fim naquella terra estranha
Qve escondeo a ventura a tanta gente
Estam as gentis graças que perderam
As ribeiras do Lis aonde naceram.

Leuoume a sorte a terra tam ditosa
Porem não era assim quem me leuaua
A onde em companhia tam fermosa
Meu cuidado tambem me acompanhaua
De quanto a luz do Sol, & a vista gosa
Com os olhos, mas não liures, eu gosaua
Porem ventura tal, vista tam bella
Não se alcança se não para perdella:

Ali nos frescos matos escondido
Toquei o doce frauta aos pastores

*Aonde tambem cantara o velho Alcido*
*A brandura sem fim de seus amores.*
*Da senhora das outras era ouuido*
*Cujos olhos de tudo erão senhores*
*Porem ja cantar delles não me atreuo*
*Sem que lhe roube o mais do que lhe deuo.*

*Durou como custuma esta alegria*
*Em quanto o permitio ventura ingrata*
*Porque ja aquelle tempo parecia*
*Deuida a sem razão com que me trata*
*Deixei a bella, & illustre companhia*
*Cuja lembrança a pena me dilata*
*Representando o gosto na memoria*
*Mas pede a causa mais comprida historia.*

COm o fim destas outauas o deu Lereno a musica da sua samfonha, & os pastores a conuersação da noite, porque não eram tam compridas que sofresem durar muyto o serão entre pastores que aproueitão a madrugada, & despois de louuarem a sua cantiga cõ muyto espanto do velho q̃ ya em mocidade fora celebrado naquellas aldeas. Repartidos cada hũ a seu repouso, Riseo o escolheo cõ o companheiro q̃ gastou a mayor parte da noite que ficaua em lhe preguntar nouas de Mondego: Bẽ sabes, amigo Riseo, (dezia elle) quanto a meu pesar, pello que me faziam os enganos de Floricio, me apartei delle, desprezando a minha quietação por desejar a sua, procurando menos o credito a minha verdade que o fim a sua desconfiança, & para q̃ aja este

Q meu

meu mal por bẽ empregado, dizeme como elle se ouue em seus amores? E Altea em suas esperanças? como estam os pastores, & pastoras q̃ guardauão no valle, se respõdem as nouidades dos gados, & das terras a esperança de que ficarão vestidas quãdo me parti? Floricio (disse o outro) viue sem ti, & sem contentamento porq̃ te perdeo por engano, & não por culpa, Altea por esta causa o aborrece, & suspira por tua cõpanhia, todos os mais te desejam, & eu q̃ entre elles não tinha menor lugar, & rasaõ, como tu conheces, mal cuidaua acertar a caso esta ventura da que por esta ribeira me trouxe, & dos mais te darey largas nouas, que agora he tẽpo que repouzes, cõ isto deixarão a pratica, que de todo os descuidaua do sono: & Riseo determinou ao outro dia partirse cõ Lereno, porque a verdadeira amisade todos os respeitos affeiçoa a seu fim, & sò a companhia de hum amigo faz esquecer a saudade de hum lugar quieto.

## FLORESTA SEGVNDA.

O outro dia em q̃ amanheceo mais fermoso o Sol sobre a verdura, q̃ do puro orualho da Aurora estaua borrifada: leuantados os pastores tratou Riseo com o do casal, partir aquella manhaã para a aldea, pois alem do interesse da cõpanhia de Lereno, lhe era forçado não dilatar o caminho: & posto que o bom velho sentia muyto seu apartamento, como ja o pastor o tinha de lõje determinado custoulhe menos a licença q̃ pedia, com as razões do amigo q̃ o ajudaua, feita a despedida dos do casal, dados as graças do gasalhado, tomarão os çurrois, & o caminho ao longo das prayas do Tejo, & indo a vista delle por entre altas enzinhas, & souereiros, lhe disse Riseo, fiquei

quei hontem tam affeiçoado as graças daquelle lugar de q̃ cantaste, fora o principal que ya tinha ouuido das pastoras que nelle habitam, que por estremo desejo que vas pordiãte, se cõ isso o caminho te não for pesado. Fica tanto para dizer (replicou elle) que nem o dia, nem a jornada dará lugar a tudo porem da menor parte te direi algũa do que acõteceo hum dia despois que cheguei aquella montanha: no qual cõ estas lindas pastoras de que ouuiste fazia a senhora dellas hũa pescaria no Mõdego, aonde cõ elle se encõtra o rio Alua, & para isto em duas barcas toldadas de graciosa verdura, & floridos ramos, se embarcou em hũa a fermosa cõpanhia da quella Semidea, & na outra o seu pastor, com muytos dos que o seruião, que para tam saborosa recreação forão escolhidos: forão deste modo nauegando encostados a terra a vista dos sombrios bosques, & fermosos valles, cheos de aruores que com desigual altura, & differentes ramas, recolhiam os pintados passarinhos que de hũa, & outra parte do rio hião cantando, ao som de muytos instrumentos que nas barcas se tocauão. E porque esta doce melodia com a vista, & mouer dos ramos & o murmuro de alguns ribeiros que ali entrauão no Mondego, & os sobresaltos da Naiades que habitauão as fontes daquella ribeira, occupauão a todos os sentidos, passaram assi ate entrar na aspereza das altas, & fragosas penedias que assombrão o rio, a onde por ordem daquella soberana pastora, começarão as outras à cantar à espaços, como à cada hũa acontecia á tenção de seus cuidados, das quais à primeira começou em quanto as outras descansauão.

*Cuidados desesperados*
*Não nos tenha mais ninguem*
*Que he so meu tamanho bem.*

*Despois que sei quanto val*
*Hum mal de q̃ me temia*
*Por sua parte estou tal*
*Que não sofro cõpanhia*
*Nem mudança neste mal.*
*Os bens,& os gostos buscados*
*De quem os tem por seu fim*
*De lhos ventura dobrados*
*E sò fiquem para mim*
*Cuidados desesperados.*

*Quem seus prazeres procura*
*Alcanceos para perdellos:*
*Que eu tenho por mor ventura*
*Não nos ter,& merecellos*
*Que ter o que ella assegura.*

*Se alguma cuidados tem*
*E nelles desesperou*
*Saiba que ami sò conuem:*
*Tornemoi quem mos robou*
*Não nos tenha mas ninguem.*

*Que he tam sofrego meu peito*
*Deste mal que Amor me deu*
*Vencido por meu direito,*
*Que inda me parece meu*
*Qualquer mal d'outro respeito.*
*Mas os sinais que os meus tem*
*Sam glorias que nacem delles*
*Sam gostos que não se vem*
*Nem Amor tem parte nelles*
*Que he sò meu tamanho bem.*

Atras esta cantiga que de todos foi,como merecia,celebrada,em competencia da tenção della cantou Dionisa.

*Tanto estimo meus cuidados*
*Como quero à causa delles.*

*Enthesourei no meu peito*
*Cuidados que Amor me deu*
*Guardoos com tanto respeito*
*Que perco tudo o que he meu*
*Por lhe guardar seu direito.*
*E por quem me forão dados*
*Tenho por tam grande afronta*
*Ter outros mal empregados*
*Que nem de mim faço conta*
*Tanto estimo meus cuidados.*

*O gosto o desejo a vida*
*Darei por nunca offendellos*
*E he razão justa,& deuida*
*Que antes eu fique perdida*
*Por elles que com perdellos.*
*Que se a vida me ficara*
*Para me matar sem elles*
*Eu por elles me matara*
*Porque nisto os estimara*
*Como quero à causa delles.*

A esta

A esta cantiga, responderão os pastores da sua barca, & ajudado dos bem tocados instrumentos cantou Franco.

*De inueja de meu cuidado*
*Me encontra nelle a ventura.*

*Minha alma que conhecia*
*De meus males, o interesse*
*O grande preço, & valia*
*Não quis q̃ o corpo tiuesse*
*Glorias que ella merecia*
*Mas o corpo magoado*
*Na vingança se desuella*
*E como o q̃ tinha alcançado*
*Anda por se apartar della*
*De inueja de meu cuidado.*

*Nas inuejas deste bem*
*Que nenhũ delles alcança*
*Contino se desauem*
*E esta batalha que tem*
*Não tem nenhũa esperança*
*Outrem contra elles pelleja,*
*Que em mi vittoria procura,*
*Que he cousa certa & segura:*
*Que tambem de pura inueja*
*Me encontra nelle a ventura.*

Logo da outra barca cantou Cimea que ao rogo das pastoras se não pode escusar.

*Que esperança pode ter*
*Quem de tudo desespera.*

*De ter ja muyto esperado*
*Canço porque esperar cança*
*E não tendo meu cuidado*
*Outro bem mais que este estado*
*Nada quero da esperança*
*Destes desconcertos vem*
*A vida a me aborrecer*
*Porque quem nella não quer*
*Hũa esperança que tem*
*Que esperança pode ter.*

*Não posso negar que a tinha*
*E nella a mayor perigo*
*Mas de sorte vsou comigo*
*Que não mostrou que era minha*
*Se não que era meu castigo.*
*Se outra agora me viera,*
*Com receo deste dano,*
*Com mais vontade a perdera:*
*Porque estima o desengano,*
*Quem de tudo desespera.*

Da outra barca cantou Almeno, que com a graça, & ar de sua gentileza a daua dobrada a cantiga, que todos gabarão por estremo.

*Ando perdido entre a gente.*
*Nem morro nem tenho vida.*

*Despois que ando transformado*
*Num cuidado que me obriga*
*A viuer sempre enleado*
*Não posso achar quem me diga*
*Se sou perdido ou ganhado.*
*Nem por fee se me consente*
*Que saiba parte de mim*
*Quem me tem nega, & não mente,*
*Que despois que me perdi*
*Ando perdido entre a gente.*

*A alma que buscou lugar*
*Que Amor por seu fim lhe ordena*
*Bem se queria empregar*
*Mas ficou presa no ar*
*A onde anima, & onde pena.*
*Nem ganhada nem perdida*
*Posso della saber nada*
*Nem de mim, se alguem duuida*
*Quem me dà vida em prestada*
*Nem morro, nem tenho vida.*

Da outra parte cantou Aulisa posto que se valia de escusas para o não fazer por estarem perto do fim do caminho, & antes que elle se acabase disse o seguinte.

*Temo que a sorte desuie*
*O fim que a fee me promete.*

*Fora meu cuidado isento*
*Dos males que lhe procura,*
*Amor tam sem fundamento,*
*Se com elle, & com ventura*
*Valera merecimento*
*E inda que razão condena*
*Quem me diz que desconfie,*
*Quanto Amor por ella ordena*
*Em fauor de minha pena,*
*Temo que a sorte desuie.*

*Sigo a lei mais rigurosa*
*De hũa fee firme, & constante*
*Tam firme quam perigosa,*
*Mas o ser melhor amante*
*Nunca fez mais venturosa.*
*Tudo se arma contra mim*
*Em tudo a sorte se mette*
*E tudo leua a seu fim*
*So por estrouarme a mim*
*O fim que a fee me promette.*

Nesta

NEsta amorosa persia sobirão o rio que por entre as serras se appressaua, ou com medo dos ameaços de sua altura, ou por cobiça de espraiarse em crespas ondas nos largos areais que adiante via. E chegando ao Alua estauão ja os rusticos pescadores com as redes atrauessadas no rio, armando ciladas, aos peixes innocentes para com a chegeda das pastoras os leuantarem com a pressa as quais saltaram na praya tam fermosas, que bem era necessario, amigo Risco, para quem as visse trazer os olhos mais contẽtes, & menos affeiçoados a chorar, que te direi do trajo, & policia de suas roupas? do ar, desdem, & galãtaria de seus toucados? da graça & mouimento dos passos que dauam pella area? se so em a figura, & perfeição dos rostos auia tanto em que empregar os sentidos, que se podiam perder os de todos, em os olhos de cada hũa. Começouse em fim a pescaria, mas os rusticos que a faziam, assim se descuidaram de tudo por não tirarem os olhos dellas, que perderam o cuidado dos peixes & afloxandolhe as redes os soltauão, & cõ tudo isso se enlaçarão mais, se as pastoras trouxerão os olhos nas redes, que esta era a prizam que elles de sua vontade procurauão, & por esta razão buscauão o fundo das barcas, & não aguarida de suas colheitas. Os que vieram presos a praya, posto que perderão a vida, tiuerão a morte bem festejada, saltando da area nas roupas das Nimfas, que ainda que cõtra ella lhe não valião, era lugar aonde ficaua a vida por vontade. Logo se começarão muytos jogos, & cantigas que durarão ate que a tarde se acabou, & tornarão pello rio abaixo com dobrada alegria, alí cantei eu o que entre os nossos pastores custumaua, & não o que a tantos merecimẽtos se deuia fui gabado, mas muyto mayor razão tinha para o merecer q̃ para o ser, pois a causa era tam desigual ao meu ingenho, & elle tinha tantos louuores em q̃ escolhese.

Com isto, & com a noite se recolherão pello valle acima, com ramos verdes nas mãos, & fermosas flores enuergonhadas entre os cabellos: porem fazme tam grande saudade esta lembrança, & tanta mayor a magoa de perder a ventura que aly tinha que me não atreuo ja a hir adiante. Por certo (disse o companheiro) que sò com a representação do que hias dizendo sentia na alma hũa alegria tam contente, que se auia a vontade nella como enleada, & bem folgara eu de ouuir o que tu ali cantaste mas ainda terei outro tempo em que te não valha escusa, nesta pratica chegarão a hũs penedos aonde batiam as ondas do Tejo, & decendo junto ao rio, para a sombra de muytas aruores altas, que assombrauão o lugar da penedia, virão que arrebentaua nella hũa fonte muyto copiosa de agoa que mansamente, & sem roido tomaua o caminho por entre a area: & em hum seo que nella fazia a sombra de hũa faia, estaua hum pastor, rustico ao parecer no trajo, & na figura? & com os olhos n'agoa estaua imaginando sem se lhe ouuir cousa que disesse, mas tanto o enleuauão as em que tinha o pensamento, que não via os pastores, que ja estauão com elle, os quais tomandoo pello cajado sobre que estaua inclinado lhe disserão: tam empregado estas no que imaginas, que me parece que te fazemos bem, em te despertar de algum sonho q̃ te deue representar a fantasia. Em verdade pastores disse o da fonte, bem sonho he o que eu imagino: pois passou como se o fora, porem se não quereis algũa cousa de mim deixaime nelle, que ainda nestas agoas, busco quem noutras se escondeo com minha liberdade: Os companheiros ouuindo isto, o quiserão deixar na sua persia mas Risco lhe tornou: liberdade debaixo da agoa, so os peixes a tem, & alcançalla com os olhos não he maá pescaria. Enganaste (disse o outro) que tambem com

os

os olhos ma leuarão, & se esta minha teima te parece desuario, mayor o sera a conselhar a quem não conheces, vaite embora, & não me tires esta, q̃ não quero nella companhia fazes bem replicou Riseo que nem a tua he muyto para cobiçar, ao menos na cura desse mal que logo meu cõpanheiro conheceo Olhate deuagar nessa fonte que ainda que o rosto não he para Narciso, o que elle fez cobiçoso de sua figura faras tu por desesperado. As razoẽs que eu tenho para o ser (respondeo elle) me insinarão o que farey, em tanto forão andando por diante, & sentados aonde com os penedos se encobriam, ouuirão dali a pouco espaço ao pastor que cantaua este soneto ajudando o roido da fonte, com ó som do caiado que nas pedras tocaua.

*IMportunos queixumes se algum dia*
*Cançara de me ouuir esta aspereza*
*Se a morte acabara minha tristeza*
*Ou tera fim na vida esta persia:*
*Mas se a morte não vence a fantasia*
*Desesperado viuo nesta impreza*
*Porque nem o mal muda a natureza*
*Nem pode auer nos males alegria.*
*Ah quem vira este fim que nunca alcança,*
*Quem perdera esta vida que aborrece*
*Sò para a ver na morte arrepentida*
*Porem isento estou desta esperança,*
*Que não pode doer perder a vida*
*A quẽ quanto mais viue mais padece.*

Cantou

CAntou o paſtor cõ tanta ſuauidade,& ſentimento: que entriſteceo aos dous companheiros, & magoados de quam mal o tratarão,eſtauam em tornar atras a remedear ſua culpa. Mas a eſte tempo virão duas paſtoras que a ſeus accentos acodirão, & achando o deſacordado ſobre a relua,com agoa da fonte o deſpertarão, & deſpois de tornar em ſeu acordo,leuantandoo pellos braços,lhe diſſe hũa del las,que bem podia com os olhos dar nouo eſpirito aquem o tiuera para conhecer ſua fermoſura:he em ti tão mal em pregado qualquer mal, que aceitara grande parte deſſe ſo por te ver ſem elle:a troco deſtà vontade, que por ſer minha não dara fruito, te rogo que venhas em noſſa companhia para a Aldea aonde deſcançaras, que nem o tempo nẽ o teu cuidado he para eſte lugar. Ah fermoſa paſtora,(diſſe elle)quem pudera pagar eſſa corteſia,com a liberdade que me ficou nas mãos de hũa ingrata,mas porque o eu não pareça a olhos tam fermoſos, guiaime para onde quiſerdes q̃ perca a vida,& não ma deixeis para mayores tormentos, q̃ ſera crueldade,que nem de voſſo parecer ſe eſpera,nem em mim achara ja ſofrimento. E ſe aqui vos manda a ventura para que detenhais o cutello que minha deſeſperação, me pòs na garganta,não ſejais meniſtra de quem tam mal paga ſeruiços,contra quem deſejara vida para vos fazer muytos,ſe poder ſuſtentalla não fora impoſsiuel. Não façais tam poderoſa a tua triſteza(reſpondeo ella)com as forças q̃ lhe das tirando a ti as eſperanças de viuer ſem ella,& a mim de me ver paga deſte deſejo:vem comigo,& com eſta paſtora, & deſpois ordenaras a teu parecer: Ouue em fim o paſtor de obedecerlhe & com ellas atraueſſou para o monte aſſaz quebrantado. Os dous caminhantes com muyto ſentimen to do que virão forão pella borda do valle,caminhando, & junto da noite ſe recolherão em hũ lugar para a paſſar que

muytas vezes offerece repouſo,quando o dia nega deſcanço:com a cõdição com que os males cuſtumão dar aliuio ao ſofrimento.

## *FLORESTA TERCERA.*

*Meteome Amor em ſeu tratto*
*Poſme os ſeus goſtos na praça*
*Quanto quiz me deu de graça.*
*Mas he caro o ſeu barato.*

*Amor que quiz que tiueſſe*
*Os males por ſeu querer*
*Deu me nos bens que eſcolheſſe*
*Para que quando os perdeſſe*
*Tiueſſe mais que perder.*
*Deſpois que em minha eſperança*
*Me vio contra o tempo ingrato*
*Viuer liure de mudança*
*Por tam grande confiança*
*Meteome Amor em ſeu trato.*

*Vi eu logo o que conuinha*
*Dar melhor conta do ſeu*
*Do que dei da vida minha,*
*Deixei perder quanto tinha,*
*Por guardar o que me deu.*
*O deſejo,& o temor,*
*A fee,a vontade,a graça,*
*Tudo pus nas mãos de Amor,*
*Elle que he mais mercador*
*Poſme ſeus goſtos na praça.*

*Entendeo que não ſabia*
*A valia do intereſſe,*
*Que eu delle então pretendia;*
*Preguntoume o que queria*
*Antes que nada me deſſe.*
*Eu que não ſoube o que fiz*
*Quiz hum deſprezo,& negaça*
*Quiz huns deſdens ſenhoris*
*E por ſer graça o que quiz*
*Quanto quiz me deu de graça.*

*Triſte do que então cuidaua,*
*Que era tudo o que ganhou*
*O mal com que ſe enganaua*
*E vendo a vontade eſcraua*
*Conhece o que lhe cuſtou.*
*Amor vende como auaro,*
*E faz ſeguro contratto,*
*Com cautellas ſem reparo*
*Vende o baratto & o caro*
*Mas he caro o ſeu baratto.*

Iſto

ISto hiam cantando os dous companheiros ao outro dia antes de amanhecer ao longo das prayas do Tejo,& cada hum mostraua na sua voz tanta graça cõ a saudade da madrugada,que ate as areas surdas, & as aruores sem sentido, faziāo mouimento com as mudanças da sua cantiga. Ah (disse Riseo, acabada ella) como entristecem as alegrias a hum coração ausente? & como he certo que Amor senhorea todos os passatempos da vida, que mayor o pudera eu ter agora,que a tua companhia, ouuirte cantar tam suauemente, ver como obrigam teus versos as cousas sem sentido,se os meus não andarão prezos ao pensamento,q̃ me torna ao Mondego,donde em penhor da alma q̃ deixei so esta saudade veo comigo. Tudo(respondeo o outro)està na mão de Amor não ha vida sem elle,posto que a que dà seja trabalhosa,nem ha bem que delle não naça, nem mal que cõ ser passado a sua cõta não fique leue ao padecer,& pois te queixas dos teus,& ha tanto que me escondes a causa delles, & queres que alcance com a sospeita o que te merecia, por confiança & amisade,queixarme hei de ti. Tenho eu nella tanta fee (respondeo Riseo) que ainda que este segredo fora de mayor perigo to descobrirà: mas o não ser arriscado em o publicar não tira sello em o sentimento. Saberas amigo Lereno,q̃ aquelle dia das festas de Diana quãdo cõtigo me achei no valle dos amores,foi o primeiro em que Amor tomou vingança de minhas liberdades vẽdo a fermosa Siluia a quem o Ceo fez em tudo tam acabada, que se lhe deu o parecer diuino não quiz que a voz parecesse humana, nẽ o entendimento,sujeito a nosso juyzo, & porque comecei a prouar o senhorio desta affeição, quando ella da causa tomaua mayores forças, busquei logo meos para mostrar com a lingoa o coração,& como ambos temião igualmente,o seu merecimento,& o seu juyzo, vẽcia sempre o receo,

a ousadia,ate que ella ma deu em hũa tarde em que eu cõta
ua a Bellisa queixumes de hũa affeição secreta,& entre al-
guns sospiros em que me queixaua de meu cuidado como
se não tiuera diante a causa delle, dizia muytas palauras
magoadas de minha pena,culpando a quẽ me mataua, não
querer conhecer em os meus olhos o mal que me fazia, es-
perando que alem de o sustentar o descobrisse. Ou fosse q̃ o
quiz então a ventura,ou que eu a tinha sem saber della, q̃
disse Siluia,que em estremo desejaua conhecer meus pensa
mentos,& preguntoume lhe disesse aquẽ queria bem, não
crendo aos meus olhos,que o mostrauão, & como os tinha
nella,& em hũa coroa de boninas do monte,q̃ a fazia mais
fermosa,ensinado de Amor lhe preguntei,o nome de hũas
boninas brancas que melhor entre as outras parecião. E re
spondendo ella que erão bẽ me queres lhe disse, se tu Siluia
conheces essa verdade,& entendes a minha affeição, para
que esperas,que com testemunhas sospeitas a publique, &
se as que sam mudas confessam diante teus olhos, o que te
quero,não sejas ingrata. A isto me respondeo ella, & não
tam isenta que me tirase as esperanças, cõ que comecei a
me declarar em seus amores alcançando por fruito delles
o cõ que pudera viuer satisfeito de minha estrella: mas es-
ta cõ forçada ausencia atalhou a gloria que possuia de mi-
nha affeição: viuirei no Tejo cõ as saudades,receos,& des-
confianças de hum ausente ate que o tempo acabe este de-
sterro. Festejo muyto(disse o amigo) ja que em fim auias de
ser sujeito ao senhorio de Amor,teres nella ventura tam in
uejada,& pello que importa conseruar estado tam ditoso
faz que Amor tẽ não ache descuidado nas ribeiras do Te-
jo. Não me consentirá descanço(tornou elle) a saudade da
minha pastora ainda que a sua firmeza me possa fazer segu-
ro de mudanças. Nestas palauras chegarão a vista de hũa
Aldea

Aldea que esta perto do Tejo,& pouco desuiados do caminho virão que sobre hũs penedos a sombra de hũas altas amendoeiras cantauão duas pastoras de rasoado parecer ao som de hũa frauta que hum velho tangia, o qual a tocaua com muyta graça,& dous pastores com as mãos na face encostados sobre a do penedo as ouuião. Pareceo aos companheiros que era o canto dino de lhe impidir o caminho, & sentados de fronte lhe ouuirão esta cantiga.

*Quis bem quando não sabia*
*E agora que sei querer*
*Mal quero a quem bem me quer.*

*Tiue singella affeição*
*I tal,& firme amisade*
*Despois que a pus na vontade*
*Nunca ui mais a razão,*
*Tudo me parecevão*
*Es o firme meu querer*
*Mal quero aquem bem me quer.*

*Quem outros cuidados tem*
*Pode imaginar que seja*
*Querer mal de pura inueja*
*A quem sabe querer bem*
*Não me tenha Amor ninguem*
*Para obrigar meu querer*
*Que aborreço a quem me quer,*

*Molher não sobre respeito*
*Mais que amar aonde se inclina*
*Quem lhe poem lei desatina*
*Que a ninguem guardão direito*
*Despois que entrou no meu peito*
*Despois que soube querer*
*Mal quero a quem bem me quer.*

Despois que os pastores do penedo ouuirão a cantiga q̃ ellas cantarão melhor do que vsauão com quem as seruia, pedirão ao velho que fosse com a musica da frauta por diante, & elles começarão a cantar não menos consertados.

*Coração, olha o que queres,*
*Que mulheres, sam mulheres.*

Tam

*Tam tiranna, & desigual*
*Sustentão sempre a vontade*
*Que a quem lhes quer de verdade*
*Confessaõ que querem mal.*
*Se Amor para ellas não val,*
*Coração olha o que queres*
*Que mulheres, sam mulheres.*

*Se alguma tem affeição*
*Ha de ser a quem lha nega,*
*Porque nenhũa se entrega*
*Fora desta condição,*
*Não lhe queiras coração.*
*E se não olha o que queres*
*Que mulheres, sam mulheres.*

*Sam tais que he melhor partido*
*Para obrigallas, & tellas*
*Hir sempre fogindo dellas*
*Que andar por ellas perdido*
*E pois o tens conhecido*
*Coração que mais lhe queres?*
*Que em fim todas sam mulheres.*

OS dous companheiros a quem não pareceo mal a musica nem a contenda, vẽdoa de ambas as partes tam trauada, chegarão a elles. Por certo lindas pastoras disse Riseo, que errais em desacreditar o vosso parecer, cõ hũa tam injusta sem razão, fazendo cõ ella, que estes pastores caiam no mesmo engano. Meu cõpanheiro, & eu estiuemos ouuindo a vossa persia, & não podemos dissimular este queixume, por vida vossa que nos liureis delle: & confesses que não aprouais agora o que cantastes. Bofe (disse hũa dellas que parecia de menos idade) que vos deue hir pouco em a nossa determinação, & foi erro desuiaruos do vosso caminho para nos meter no de Amor, se sois dos seus vencidos, nenhũ delles soube ja mais dar conselho a outro, & assim por todas as rasoens he o vosso escusado. A minha tenção fermosa, & desagradescida pastora (disse Riseo) não era aconselharuos em fauor destes pastores, nem abrandaruos, para q̃ me fizesseis algum, era sò compaixão do enganoso estado, em que sustentais a vida porem arrependome, & digo que a passeis a vossa vontade, que não faltara quem vingue della

della a esses pastores,se os tratais mal, que nunca al vimos se não estas esquiuanças quebrarem em Amor,quando não ha quem lance mão delle. Então fallou o velho que ate li os ouuia,& pedio aos dous amigos,que se assentassem, o que elles fizeram pello ouuir. Nenhũa cousa ha mais certa na mocidade ( disse o velho) que enganos, alsi como tambem na velhice he o mayor ganho a experiencia delles. Estas pastoras porque a não tem fiadas na gentileza de seu parecer,& no desassocego de quem as ama,tudo engeitam. Os pastores da mesma idade leuados de seu desejo affeiçoado, não sofrem esperanças nem obedecem ao tempo, & qualquer que tarda a seu appetite despẽdem em o dar a conhecer a todo o mundo:ellas por altiuas vem a fazerse ingratas:elles por desasocegados importunos, asi q̃ de nenhũa parte se pode atalhar o dano. A idade quanto mais sobe descobre mais:namorado fuy eu nesta ribeira & erão tão bem cantados os meus amores, & tal fim ouue nelles qual era o saber com que os grangeaua, vim a perder a minha Aldea, & a quietação da vida, & por fim de tudo perdi a quem queria,& ella buscou outro pastor que em pouco tẽpo lhe encurtou a vida,que me tinha tirada, vi depois tanto de que aprender, que pudera amar de nouo sò por vingança. Esta pastora que vos respondeo chamase Daricia, & melhor lhe està o nome,que a fermosura,he assaz discreta,mas nunca foy auisada dos casos de amor: teuelho nesta ribeira muyto grãde hum pastor a que chamauam Mendino,montanhes no trajo,& no parecer, mas no entendimento,nenhum dos da villa lhe fazia ventagem,& não lhe faltaua gado com que viuesse como lhe faltou ventura pera a obrigar: em pouco tempo pos ella em estado suas esperanças, que quasi sem juyzo se partio deste lugar não sabemos pera onde, despedindose della em hũa fonte aonde

aonde inda agora entre as suas lagrimas estão escritas estas palauras.

*Ingrata, & tam cruel quanto fermosa*
*Ficate embora, & guarte da ventura*
*Que hũa alma tam cruel tam rigurosa*
*Da terra, nem do Ceo viue segura.*
*Eu vou morrer por ti, tu viue & gosa*
*De tua condição peruersa & dura*
*Atè que vença Amor tua esquiuança,*
*E eu tenha de meu mal noutro vingança.*

Tam contente ficou deste successo, como quẽ tinha por gloria fazer males, acrecentando cada hora mais em sua dureza, & pelo que sei de amor, & quero a ella, que a criei, pesame de ver a sua liberdade tam isenta. Vos pastores estrangeiros não estranheis a aspereza da reposta, conhecendo o vso de sua condiçam. Essa (disse Lereno) a ella farà o mayor dano, que a nòs ja foy proueitosa, pois della naceo experimentarmos a tua cortesia, bem dina da autoridade dessas cãs: & porque pelos sinais daquelle pastor imagino, que o encontramos neste caminho, te peço, que mos des da figura do rosto. O velho lhos disse, & conhecendo que sem duuida era aquelle, lhe contou o que a Riseo acontecera com elle quando se estaua vendo sobre a fonte, de que Duricia nenhum pesar mostrou, antes festejaua a sua doudice, porem a outra, que Minarda se chamaua, não pode dissimular o sentimento daquella noua, mostrando com algũas lagrimas, q̃ tinha parte na desgraça de Mendino, a quem amaua de verdade. Com isto se des-

R pediam

pediam os dous caminhantes, mas o velho com os da sua companhiá, lhe pediram, que passassem aly a sesta, & depois yriam juntos atè o lugar, & pedindolhe as pastoras, que cantassem, Lereno ao som da lyra de Riseo o fez desta maneira.

Romance.

*De cima deste penedo*
*Aonde combatendo as ondas*
*Mostram sempre mais segura*
*A firmeza desta rocha.*
*Com os olhos tras de hũa barca,*
*Que o vento leua por força,*
*Vendo que tem força o vento*
*Pera atalhar muytas obras.*
*Me representa a ventura*
*Quam pouco contra ella menta*
*Firmeza, vontade, & fè,*
*Desejo, esperança & forças:*
*Por hum mar tam sem caminho*
*Morada tam perigosa,*
*Pera as mudanças do tempo*
*Dando sempre a vella toda;*
*O leme na mão de hum cego,*
*Que quando vay vento a popa*
*Da sempre em baixos d'area*
*Aonde em viuas pedras toca,*
*Que farei pera valerme?*
*Pois a terra venturosa:*
*Aonde aspira meu desejo*
*He cabo, que não se dobra,*
*Se quero voltar ao porto*
*Não ha vento pera a volta*
*Em fim, que o fim da jornada*
*He dar no fundo, ou na costa:*
*Pensamentos, & esperanças*
*Iulgay quanto melhor fora*
*Não vos ter pera perderuos,*
*Que sustentaruos agora:*
*Pois não custa tanto a pena*
*Como doi perder a gloria,*
*E he mais sustentar cuydados*
*Do que he conquistar vittorias:*
*Sò males sam verdadeiros:*
*Porque os bẽs todos sam sombras*
*Representadas na terra*
*Que a barcadas não se tomão:*
*Mar empeçado & reuolto*
*Nauegação perigosa*
*Porto que nunca se alcança*
*Agoa que sempre çosobra:*
*Estreitos não nauegados*
*Baixos, ilhas, syrtes, rocas,*
*Sereas que em meus ouuidos*
*Sempre achastes liures portas*
*A Deos, que aqui lanço ferro*
*E por mais que os ventos corrão*
*Para saber da ventura*
*Não quero fazer mais prouas.*

Tam-

TAm bem pareceo aos da companhia o que Lereno cantara, que a Duricia lhe pesou de responder tam isenta ao companheiro, & pera remedear o agrauo passado, lhes disse a elles; Agora me pareceo melhor que nunca a liberdade em que viuo, porque he acerto poupar a vontade, & o juyzo pera o tempo em que se deseja liure: quem auerà, que não estime ouuir cantar a este estrangeiro, sem que outra sugeição desuie este bem? & quem não quererà mal a amor, & a ventura de quem elle se queixa? & porque este seu companheiro não deue ter menor merecimento, desejo, q̃ queira de meu erro algũa justa satisfação. Nunca (disse Riseo) deixei de estimar agrauos de pastoras tam fermosas, que como naci pera a seruir, tenho suas offensas por vangloria: da razão destes pastores naceo a minha, & se nesta pode auer satisfação eu me dou por contente com vos lẽbrardes de quem se esqueceo de si por vossos amores, porque em outros não conheçais a vossa custa o mal, que he sofrer hum desamor mal merecido: Pode ser (respondeo ella) que o mal proprio me fara ter cõpaixão dos alheos. Atras isto se leuantaram todos pera a Aldea, & os dous pastores passaram a diante, deixando na despedida magoados os da cõpanhia, que nenhũa cousa faz mayor o desejo da outra, q̃ a breuidade do tempo que dura.

## *FLORESTA QVARTA.*

CHEGARAM os dous companheiros a hum porto do Tejo, aonde ja enuolto com as agoas do Oceano, combate com furiosas ondas as areas, & penedias, q̃ de ambas as partes o vam cercãdo, & assentados na praya cõtemplauam a differença de seu nacimento, vendo que a todas as cousas o mayor poder fazia mais te-

merosas como aquelle rio, que com as agoas de tantos se enriquecera, & não tardou muyto, que viram em hũa pequena barca hum pescador lauando as redes, que entre o furioso som das ondas vinha cantando: fezerãolhe elles sinal da borda da agoa, pedindolhe, que aportasse nella, o que elle fez dahi a pouco espaço, & saudandoo lhe disse Lereno: Assi o Ceo te dé ventura sobre as agoas, & nellas os vẽtos, & os peixes te fauoreção, se vas pera o fim do Tejo, nos q̃iras leuar em tua companhia. Isso farey eu de boa võtade (disse o pescador) se a vòs não tendes de yr com muyta pressa, porque a minha barca he pequena, a vela rota, & eu só, & vencido ja do trabalho dos remos, & não poderei chegar tam breuemente como as outras, que continuão esta viagem: & sobre tudo vou pescando. Esse encargo (tornou elle) he de mais gosto, & pelo de tua companhia (que deue ser qual a vontade com que a offereces) se podiam aceitar outras condições mais pesadas. A estas palauras chegou o pescador a borda da area, & entrando os pastores, os agasalhou com o rosto cheo de alegria na sua barca, em que os ja catiuos peixes andauam saltando, & com a vela ao vento, foram o rio abaixo, atè o dobrar de hum cabo, aonde as agoas andauam mais empoladas & reuoltas: & temendo os pastores pelo descustume de nauegação, aquelle passo, immaginando nelle hum grande perigo, preguntaram ao pescador a razão porque aly andaua o mar tam differente, ao que elle respondeo. Neste lugar, que em outro tempo, foy o que as Nimfas do Tejo escolhião pera sua morada, os Faunos pera seus roubos, & os pescadores pera descanso de sua nauegação: quando com as faiscas do ouro das altas serras se esmaltaua esta praya: quando sò nella os ventos enfreauam sua furia, & os passaros cantauam docemente destes penedos. Moraua nesta ribeira o pescador

Palemo

Palemo,que do interesse de hũa barca pobre se sustentaua: mas como nem este estado he seguro da vẽtura, nem amor o respeita.Hũa Nimfa,que Dinopea se chamaua,que do alto sangue de Neptuno descendia,veyo a empregar nelle sua affeição de maneira, que hũa hora lhe não daua descanço seu cuidado,sem que fosse nos seus olhos. Aqui o buscaua & seruia,com elle leuantaua as redes, & passaua a sesta entre estes penedos: & como tam grande bem não pode durar muyto sem inuejas: Izo filho de Eolo senhor dos ventos, que a namoraua, desenganado ja da vontade da Nimfa,vẽyo a desconfianças tam desesperadas com a gloria do pescador,que ajudado das forças de seu pay com a sua barca o afogou entre as ondas,sem que a fermosa Nimfa lhe podesse valer,a qual vendo a desastrada sorte da Palemo, depois de grandes sentimẽtos de lagrimas em sua morte,alcançou dos fados,que fosse neste cabo conuertido, aonde Eolo perpetuamente o combatesse,sem vencer em nenhum tempo sua firmeza:& porque entre os pescadores deste rio he a sua historia muyto sabida,& celebrada,& cantão muytas vezes o triste succesto do sem ventura. Palemo pera q̃ sintais menos o caminho,quero ir cantando hũs versos de seus amores:& porque ja a este tempo tinhão passado o perigo do cabo,& deixauam atras as crespas ondas branquejando inclinados sobre o bordo, & o pescador regendo o leme:começou a cantar desta maneira.

*COlhendo ruyuas conchas d'entre a area,*
*Aonde o Sol mostra estrellas prateadas*
*Andaua a bella Nimfa Dinopea:*
*E as ondas de seus olhos namoradas,*

Pera tocarlhe os pés sobem depressa
Por cima dos penedos encrespadas:
De inueja o brando vento se atrauessa,
E as finas tranças d'ouro derramando
Lhe vay roubando os laços da cabeça:
O Sol, que de mais alto fica olhando
Do caminho que faz tambem s'esquece
E as cõchinhas azuis lhe està mostrãdo:
O mar, o Sol, & o vento se adormece
Emquanto moue a voz ao doce canto
Que mais que encantamento lhe parece:
Palemo diz pera que tardas tanto?
Se sô pera te achar neste penedo
Do cristal destas ondas m'aleuanto:
Pera me ver o Sol se ergueo mais cedo,
E por mouer Fauonio os meus cabellos
Deixou as verdes ramas do aruoredo:
Os Delfins namorados pera vellos
Andão saltando a praya alegremente
E vão d'inueja os Faunos por prẽdellos:
Tu te mostras Palemo differente
Tu despresas o amor que te offereço
De quem o mesmo amor fora contente:
Como sò nos teus olhes não pareço
Dina de sugeitar hum coração
Indino de outro meu que te offereço:

Ingrato

*Ingrato pescador que chamo em vão*
*Obrigada das forças da ventura*
*A hũa cega, injusta sugeição.*
*Olha a desigualdade deste emprego*
*Tu pobre pescador, vil despresado,*
*Tu senhor de hũa barca, eu deste pego:*
*Eu filha de Tritam no mar sagrado*
*Feita escraua por ty de meu desejo*
*Tu tyranno senhor de meu cuidado.*
*Tu queimado do Sol que doura o Tejo,*
*Dos ventos, das areas offendido,*
*Que engano he este meu com que te vejo?*
*O cabello empeçado, negro, erguido,*
*As mãos das redes, & agoas encrespadas*
*De burel grosso o corpo mal vestido:*
*Eu inueja das Nimfas mais gabadas*
*Não sei o que te achei nessa figura,*
*Que inda dou de võtade estas passadas?*
*Porem não nace amor da fermosura*
*Nace de hum parecer que não s'entẽde,*
*Que foy engano em mim, & em ty vẽtura:*
*Quem te detem Palemo? Quem me offende?*
*Vem a deitar as redes nesta praya,*
*Que ja o Sol seus rayos nella estende?*
*Antes que a sua luz com força caya,*
*Nesta enseada està fermoso lanço*

louuores deuidos,chegaram a hũa enseada ja perto da Aldea,pera a qual decia hum caminho do monte,que ao longe se mostraua cheo de aruoredos & verdura:em que a arte com as graças da natureza se esmeràra, aly pediram ao da barca os companheiros,que os posesse em terra, offerecendolhe alem da satisfaçam do trabalho hũa boa amisade pera se algum dia em outro lugar se encontrassem. Elle o fez com muyta saudade de sua companhia,&siguindo o seu caminho,tomarão por junto de hũa cerca entre hũs alamos enlaçados de verdes parreiras até chegarem a hũa fonte, que sahia das ventas de hum cauallo de marmore,& diuidindose em dous ribeiros hia regando hum artificioso jardim de varias flores,& eruas cheirosas, aonde estaua hum pastor ao pè de hum freixo, coroado de folhas de era, & louro,tangendo hũa lyra,com hũa meada de cabellos dian te os olhos,como que nelles tinha a letra, que cantaua, & dizia desta maneira.

*Lembrança saudosa*
*Charo penhor de minha liberdade,*
*Que com tanta razão ficou catiua,*
*Lembraiuos da dourada nossa idade*
*Tam breue & tam ditosa:*
*Se desejais,que nesta idade viua,*
*Porque se o mal se auiua*
*Na memoria dos bẽs, que ja passaram*
*E vos se salua a pena que sustento,*
*Que se nesta dureza,*
*Que os males me ordenaram*

*Tam-*

Tambem me ha de vencer o sentimento,
Sem nunca alcãçar fim minha tristeza,
He merce bem pequena
Mostrarme o bẽ pera deixarme a pena:

Mostrai a meu cuidado
Paßadas alegrias, que algum tempo
Me deu de amor hũa enganosa estrella,
Daime a perda dos bẽs por passatempo
Se no que he ja passado:
Não vẽce a gloria a magoa de perdella.
Ah Natercia mais bella
Do que cruel inda que o foste tanto
Tudo como esquecida despresaste
Por quem de ty se esquece,
E não te lembra quanto
Neste lugar comigo ja passaste
Como de hum caso alheo que acontece
Triste quam pouco dura
Firmeza de molher sombra, & ventura:

Não temes, que te acuse
Este bosque, este freixo, que inda agora
Sustenta as verdes ramas, q̃ entam tene,
Quem auerà falsissima pastora
No mundo que te escuse

De hũa mudança tam injusta & leue?
Cuidas, que não se deue,
Credito algum? as insensiueis plantas?
Que tu por testimunhas escolheste
Ia quando me enganauas:
Se nisso te aleuantas
Lembrarte deue ao menos que me deste
Posse das armas com que me matauas
Digaõno estes cabellos,
Que ainda q̃ te eu perdi não sei perdellos.

Iunto deste ribeiro
Reclinada a cabeça no teu braço
Hũa tarde me lembra, que mos deste,
Não me era amor então de bẽs escaço,
Que c'os braços primeiro
Que com ella este colo me prendeste;
Este engano teceste,
E se podera ser viuer contente
Delle por teu querer me contentara,
E fora satisfeito,
Mas a sorte consente,
Que pera meu querer foy sempre auara,
Que atè nelles perdesse este direito
Com quanto manda amor,
Que fique pela diuida o penhor.

Can

*Cabellos d'ouro fino*
*Tecidos pela mão que vos cortou,*
*E enriqueceo de bens esta alma minha,*
*Esqueceiuos de quem ca vos deixou*
*Seguindo hum desatino*
*Cõ q̃ noutrem buscou quãto em vos tinha*
*E se eu por vòs sostinha*
*Tégora neste mal hũa esperança*
*Que em vossas seguranças me prendeo*
*Secou sua verdura*
*Numa leue mudança*
*Com que quem vos cortou vos esqueceo*
*Que em fim não pode auer cousa segura,*
*E fez tal tyrannia*
*Por não pagarme a fè, que me deuia.*

*Canção vaite a ventura,*
*E dize a occasiam destes cabellos,*
*Que a quem nos corta não lhe dà perdellos.*

COnhecerão logo os pastores a este, que era Pauanio, amigo de ambos, & celebrado de todos naquellas ribeiras, pelas partes de seu entendimento, gentileza, & condição, que a pastora Natercia senhoreara dous annos, & no fim (esquecida do que nestes lhe merecia) veyo a trocallo por Melineo, que primeiro a seruira, porque a principal affeição sua era mudança, & antes que os dous pastores chegassem a elle, muytos outros, que pelo valle andauam,

se ajuntaram naquelle lugar, mas Pauanio vendo os estran geiros os leuou nos braços, & sentados entre os outros, dãdolhe todos as graças de quão bẽ cantara, disse: Posto que eu não queria tantas testimunhas pera meus queixumes, não estranho conuidarẽnse muytos a elles, & a fauorecellos, pois o que não deuem a graça do meu cantar, merece a verdade da minha cantiga, que toca a tantos: & pois en cãtando comecei a fallar em mudanças, bom sera que alguẽ siga esta empresa com melhores palauras, que nas razões a ninguem quis Natercia, que eu desse a ventagem: & se Lereno me não parecera, que vem cansado, ousara a rogarlhe, que a minha conta tomasse este encargo. Por certo (disse Lereno) que o não fizera eu com boa vontade, ainda que a tenho de te obedecer em tudo, porq̃ mal saberà fallar em mudanças quem em si as não experimentou, nem tem ma yor queixume, que não fazer algũa sua ventura. Espantome (tornou Pauanio) de auer ventura constante: por mudauel a ouui sempre nomear, & dizer, que por isso teue o nome de mulher, saluo se por sustentar hũa semrazão, muda a natureza, como ellas o fazem muytas vezes. Não me parece mal (disse Corinto) pois entramos em fallar de mudanças, buscarlhe o principio, como em todas as cousas de que se trata he custume: & pregunto. Donde nace a mudança nas molheres? Donde não sey eu (respondeo Pauanio) mas que he a primeira cousa, que nace com ellas, & pera q̃ue ellas nacem, isso si. O meu parecer he (disse Vmbrano) que nace de o seu querer não ter socego, donde cada hora aprouam, & condenão hũa mesma affeição, & nenhũa cousa nellas he mais certa, que esta variedade: pela qual razão deuia hum homem estimar dellas tanto os fauores como as esquiuanças. Eu dante mão (disse Risco) me dou por suspeito, porque oy de fallar em fauor de hũa mudança, que em o meu se fez

ha

ha pouco tempo , & pareceme que nace em as paſtoras de não acharem em nenhum paſtor ſeguro o emprego de ſua affeiçam : & variando (pera na eſcolha melhorarem a ſorte) tanto as vezes ſe mudam , que encontrão quem merece ſeruillas. Boſé (diſſe Pauanio) que foy deſgraça não te ouuir algũa, quiçais te valerà eſta razão , mas ella me deſcobrio outra , que deue ſer a verdadeira : que como a firmeza he hũa virtude varonil, & hum bem fundado no entendimento, não podem molheres ſuſtentallo, como incapazes de perfeição: & tanto he aſsi , que quanto mais merece quem as ſerue tanto menos alcança de ſua fè , que como lobas eſcolhem ſempre o pior, & por eſta razão achão as vezes o que merecem. Fallas (diſserão elles) como te inſina a paixam, antes te digo que como ellas me inſinarão (tornou elle) porem pois neſto ſou ſoſpeito por hũa parte , & Riſco por outra: mudemos o propoſito. não me peſara (diſse Lereno) ver o fim a eſte, mas preguncto a que tempo tem hum homem diſculpa de ſe mudar em os amores de hũa mulher? & porque cauſas? Eu digo (reſpondeo Pauanio) que a todo tempo: & a cauſa he ſaber que o não ham ellas de eſcholer para ſe mudarem: mais que como aſguiar o appetite. Se a firmeza como tu diſeſte ( replicou Vmbrano ) he virtude de varão em nenhum tempo deue hum homem fazer mudança , ſe não quando ſentir hũa mulher affeiçoada a outrem, que então por não hir cõtra ą lei da natureza que he buſcar Amor forçado em vontade alhea, podera mudarſe . Ainda aſsim (diſse Riſco) o não deſobriga a razão , & ſó a tera para ſe mudar quando deſpois de hũa mulher o amar muyto tempo o deixa por outrem, aquem ella antes tinha deixado: por não conquiſtar de nouo com poucas eſperanças o que outro tempo poſsuia ſem receo, & trocar o eſtado com quem lhe teue ja inueja. Por eſsa razão ( reſpondeo Corinto ) &

pella

pella de Pauanio, se hum pastor não espera mais que ser querido, o certo he nunca fazer mudança que ellas faram tantas até que venhão a seu querer, mas atalhemos estas razões que vem para nos Mirtea, & Florisa, as quais não merecem esta culpa antes muytos louuores, & sera bem que os cantemos, para que Florisa aliuie o sentimento da pouca ventura que tem suas esperanças, a este tempo chegarão ás pastorás: & porque Florisa trasia os olhos agrauados em sinal que chorara: & elles erão verdes, & tam fermosos que se lhe fazia o agrauo mayor, logo entre os pastores se murmurou a causa, & por atalharem o tratar nella, tomou Lereno a samponha, & pedindo a ellas a licença cantou hũa groza que todos ouuirão com muyta atenção.

*Claros olhos que mostrais*
*Offensas que a Amor faseis*
*Não he justo que as pagueis*
*Por isso vos aggrauais.*

*Dessa luz fermosa & pura*
*Amor vencido cegou,*
*E a rasam ficou escura,*
*E ate a mesma ventura*
*Fogio, quando vos olhou.*
*Com inueja, & com temor*
*Não parec em aonde estais:*
*Com temor porque cegais,*
*Com inueja dessa cor*
*Claros olhos, que mostrais.*

*A ventura que não cança*
*De nos mostrar quanto possa*
*Mostra em quanto vos alcança*
*Que so a vossa esperança*
*Era bem que fosse a vossa.*
*Se d'outra vos agrauastes*
*Bellos olhos não choreis,*
*Que as lagrimas que verteis*
*Sam (se por elle as chorastes)*
*Offensas que a Amor faseis.*

*Vos mostrais luz poderosa,*
*E a vista nossa fraqueza*
*Que he com razão venturosa*
*Se quando se perde goza*
*A gloria dessa belleza.*
*As que deste engano cheas*
*Vam prouar quanto podeis,*
*Sendo tais,não nas culpeis,*
*Mas tambem culpas alheas*
*Não he justo que as pagueis.*

*Quem veruos busca & pretende*
*Sem respeitar mais porque*
*He final que vos entende*
*Mais erra,& mais vos offende*
*Aquelle que vos não vee.*
*E se podem conhecer*
*Os meus dos vossos sinais*
*Bem entendidos estais,*
*Porque vos não sabem ver*
*Por isso vos agrauais.*

POr estremo gabarão todos a cantiga,& bem quizerão q̃ se não acabara tam depressa,porem o merecimento de Mirtea não daua lugar de dilatarse o que a seus louuores se deuia.E porque ja os seus olhos que erão da cor do Ceo, & desta os mais fermosos tinham razão de estar agrauados disse Vmbrano ao pastor que cantara, que pois a sampo-nha,parecia tambem na sua mão , que nenhum da compa-nhia se atreuia a tomalla , que lhe pedia pellos liurar a to-dos desta afronta, que louuasse os olhos de Florisa: ao que elle respondeo,ainda que eu tenho por grãde afronta a que faço a tais olhos, em os louuar , & muyto mayor a vossas partes,em ter esta confiança, he o interesse tanto mais po-deroso que me não sei negar,& tornando a tocar o instru-mento disse o seguinte.

*Olhos com que Amor venceo*
*Corações em justa guerra*
*Quem vos vee morre na terra*
*Por sobir ao vosso Ceo.*

*Quem auera tam perdido*
*Estrellas nunca entendidas,*

*Que queira melhor partido,*
*Que ser dessa luz vencido*

E dar

*E dar a preço mil vidas.*
*Quando Amor me combateo*
*Vos ſo podereis tirarmas.*
*Nem ſei quẽ ſe defendeo*
*Sabendo que ereis as armas*
*Olhos com que Amor venceo:*

*Vos ſois a força, & caſtello*
*Donde Amor ao mundo offende*
*Vos ſos fazeis conhecello*
*Vos ſos podereis vencello*
*A vos ſe homilda, & ſe rende*
*Em vos ſeu poder s'enſerra*
*E de voſſos raios faz*
*As ſetas com que não erra*
*Almas em tyranna paz*
*Coraçoẽs em juſta guerra.*

*A cor que do Ceo tomais*
*Aonde eſcuro o Sol ſe pòs*
*Tam fermoſa lha moſtrais*
*Que ſe aclara, & moue mais*
*Quando ſe ha de ver em vos,*
*Se ſabis a fazer guerra*
*Quando o raio poderoſo*
*Por mão de Amor ſe abre, & ſerra*
*Vendo hum Ceo que he tam fermoſo*
*Quem vos vè morre na terra.*

*Mas que Morte deſigual*
*Ou que vida tam ditoſa*
*Ha que apreço d'outro mal*
*Poſſa gozar gloria tal*
*Qual em voſſos olhos goſa*
*S'eſte bem ſe concedeo*
*A humano merecimento*
*Qual ha que não pretendeo*
*Ter na terra eſſe tormento*
*Por ſobir ao voſſo Ceo?*

Não deu o dia lugar a que a muſica foſſe adiãte cõ os louuores de Lereno: leuantaranſe os paſtores a recolher o gado, & elle ſe apartou de Riſeó até o outro dia. E foi cõ Pauanio atè a ſua cabana aonde ficou por hoſpede, tão contente da cõpanhia de tal amigo, q̃ o ficara de ſua vẽtura ſe Amor lhe não tiuera em outra parte a liberdade, que ſem eſta não pode algum bem da vida dar contentamento.

## FLORESTA QVINTA.

PAſſaua Lereno os dias em a conuerſação dos paſtores, bem recebido entre elles, & eſtimado das ſerranas da montanha, mimoſo de Pauanio, porem nunca eſquecido de ſeus cuidados, daua a eſtes muytas horas de lembran-

ça,gastaua as outras enganando o sentimento,por não parẽcer pesado a seus amigos,que hora lhe mostrauão as grãdezas notaueis daquella ribeira, hora as pastoras afamadas em fermosura q̃ nella auia,hora hião espreitar ás Nimphas q̃ naquellas prayas habitauão,gastando o tẽpo em musicas, & saborosos exercicios namorados. Hũa noite em q̃ elle vellaua seus pensamentos descuidado d'outra cousa q̃ lhe podesse trazer alegria,tam cheo de lagrimas & sospiros q̃ do peito a boca mil vezes se encõtrauão em quanto Pauanio dormia cantaua ao som de sua Lyra este soneto.

*QVe estado es este meu tam differente?*
*Aonde a força dos males mais insiste*
*Que porque fui contente de ser triste*
*Nem de ser triste pude ser contente.*
*As lagrimas que choro docemente*
*Porque este triste bem nellas consiste*
*A força do silentio lhe resiste.*
*Porque o gosto do mal não s'acrescente.*
*Viuo de hum impossiuel soffrimento,*
*E guarda o pensamento contra a morte*
*O coração,& os olhos nesta magoa.*
*Sustenta a cada hum seu elemento,*
*Ao pensamento o ar,a terra a sorte*
*O fogo ao coração,aos olhos agoa.*

COmo o lugar era sò,a noite escura, & passada grande parte della,a voz quebrada dos sospiros, imaginaua o pastor que fazia,seguro de ser ouuido este queixume, porẽ outrem que a guardaua aquelle mesmo tempo, pera os fazer a ventura,o escuitaua,que era hũa pastora, a qual pareceo tão bem a tristeza do Soneto, & o sentimento do pastor,que por conhecer quem seria se sahio da cabana,& dentre

tre hũs loureiros que estauão ao pè de Pauanio, lhe falou desta maneira. Obriga a tanto o roubo de hũa cousa q̃ muyto se estima, que me não parecèo desatino este que faço, por te pedir essa tristeza que me roubaste, porque Soneto tam descontente, sò he pera meu cuidado, & eu pera sentillo: se me não promettes: que nem a lembrança delle te fique na memoria, accusartehei de hum furto tão conhecido. Esse q̃ tu querias fazer, discreta pastora (respondeo elle) consentira eu por vontade se não fora dar hum mal grande a quem nenhum merece, & tirallo a hum descontente, que naceo pera padecer todos por seu gosto: se de outra cousa o achares em minha vida, nenhũa te saberei negar. Chamas mal a tristeza (tornou ella) & he cousa conhecida que te não está bem: a vontade com que me negas este te agradeço, mas o teu bom intento não tira ser obra muy differente: outra assaz leue quero de ti: que me digas quem: & donde es? Eu (disse elle) sou hum pastor do rio Lis, a que chamão Lereno, que tu estás bem alhea de conhecer: ha muyto que viuo desterrado do meu natural, & dos campos do Mõdego vim esta Primauera aos do Tejo, por ver as graças, & gentileza dos seus pastores, que sam por todas as partes celebrados, & com razão, pello que ja tenho alcançado dos que vi. Só em hum (disse a pastora) podias ver nesta ribeira quanto a fama podia acreditar, & dar a natureza, & quantos o Tejo tem sem este nem merecem nome. E porque a pastora dizendo isto deu hum sospiro, que Lereno entendeo lhe disse, nem a natureza pinta as cousas com mais perfeição que o amor, & assi sera melhor ouuirte que vello, pello que te peço me digas o seu nome, & o que mais delle se pode saber, fora de teu segredo. Esse (tornou ella) sò em meus cuidados o tenho, que em suas perfeições he impossiuel, o seu nome he Aulíso. As partes ainda com a vista se não sabem

contar, porque estão nelle juntas todas as què o Ceo pellos outros repartio: o parecer do rosto tão fermoso, que se acaba nelle a vista: a graça repartida nos olhos, & na boca tão igualmente, que elles fallão, & ella ve, o corpo tão airoso, & proporcionado, cada membro com a figura, que parece q̃ o formou a natureza para exemplo do que sabia: sobre tudo no juyzo, brandura, & condição a todos excede. E eu a todas as pastoras do Tejo em quererlhe. Mas quanto tenho de Amor me faltou de ventura, que nem elle me desfauorece, nem me engeita, se outrem me não possuira aquem viuo sujeita por força como ao meu Aulíso obrigada por Amor: & pois este tudo faz parecer mais bello aquem ama, rogote que o veias, & saberas quanto cortei do que merece, & se a caso chegares diante os seus olhos aonde esta pendurada a minha vida, contalhe que a passo tam triste, que ainda te vinha pedir para ella o sentimento de teus males, auendo que todos os que não sofro por sua causa fico deuendo ao que merece. E no mais pello que me vai guarda segredo, que agora te quero pagar a tua cantiga, & tocando hũa frauta que trazia, cantou a espaços o seguinte.

*Vida que he contra a vontade*
*Bem fora melhor perdida*
*Ay quem trocara esta vida*
*So por hũa liberdade.*

*Ay enganado querer*
*Engano bem empregado,*
*Quem dera o que tem tomado*
*Pello que não pode ser.*

*Quanto melhor fora a morte*
*Que este tormento maior*
*A vida nas mãos de Amor*
*E o gosto nas mãos de sorte.*

*Viuendo sempre em receos*
*Quando triste os olhos viro*
*Soltando d'alma o sospiro*
*Por entre braços alheos*

*Outrem goza o doce fruito*
*Eu so padeço o cuidado*
*Porem gosto tam forçado*
*Nunca pode durar muyto.*

*Acabe*

*Acabe esta vida em fim*
*Deme a morte algum descanço*
*Que bem sei que não na alcanço*
*Porque ja foge de mim.*

*Coração mostra teu mal*
*Custeme a vida disello*
*E se este mal pode sello*
*Morra que muito me val.*

*Descubrase minha pena*
*Que maior tormento custa*
*Encobrir pena tam justa*
*Que a em que o mundo condena.*

*Morte he menos perjuyzo*
*E melhor satisfação*
*Se for dizendo o pregão*
*Morre Elisa, por Aulıso.*

AEste canto da pastora cuya voz podia enfrear a furia das ondas,& mouer os montes com sua brandura acordou Pauanio, & achando menos ao companheiro se veo para onde elle estaua, tam esquecido de sim com a suauidade da musica, que lhe faltarão palauras para louuar a pastora aqual conhecendo, o outro que chegarà se traspos por entre as aruores, do que ambos ficaram bem magoados,& Pauanio pesaroso de ser a causa ; a quem Lereno não descobrio mais que o modo com que aly viera aquella pastora. E porque ja o dia vinha rompendo por entre as pardas nuués,& as estrellas se despedião das agoas do Tejo disse Lereno ao amigo que determinaua hir a praya adiante te a cabana de Riseo para com elle ver alguns pastores que do Mondego conhecia, & que a tarde tornaria ao buscar ao pasto conhecido: o que elle consentio com pouca vontade obrigandoo a que tornasse cedo,& partise despois de tirarem a gado, o que ambos fizerão com a vinda do Sol. Porem Lereno que leuaua o desejo em saber do pastor Auliso, pello que com Elisa lhe acontecera foi andando ao longo do rio,& a sombra de hum penedo que na praya estaua aonde nacia hũa fonte d'entre a area, vio hũa cõpanhia de pástores dos quais conheceo Vmbrano,& indose a elles o receberão com muyta alegria, que ja tinhão conhecimento

delle,& fazendo assentar forão com o seu passatempo adiãte,& tangendo o velho Alcido hũa frauta , outro hum salteiro,& descantando Ergasto com o arrabil cantauão a tres vozes estas endechas.

*Esperança minha*
*Nacida a vontade*
*Como erua danosa*
*Que entre os trigos nace.*
*Crecestes de pressa*
*De pressa secastes*
*Mas em pouco tempo*
*Destes nouidades.*
*Cegueiuos sem tempo,*
*E ateiuos muy tarde,*
*E ao tirar do grão*
*Grão de mal deixastes*
*I vos,& deixaime.*
*Lagrimas colhi*
*Que a terra onde caem*
*Tambem fica ardendo*
*Como os olhos ardem.*
*Colhi pensamentos*
*Colhidos de balde.*
*Que como sam vento*
*Fazem tempestades:*
*Colbi presunçois*
*Que inda que leuantem*
*Hũa alma da terra*
*Sobre a terra caem*
*I vos & deixaime.*
*Não vos quero não*
*Que as vossas verdades*
*Quasi sempre mentem*
*E nunca se sabem*
*Este meu Amor*
*Se creceo com males*
*Para outros enganos*
*He ja muyto grande*
*Bastem lhe mil annos*
*E se não bastassem*
*Não ha sofrsmento*
*Que para elle baste*
*I vos,& deixaime.*
*Se entre os meus desejos*
*E em mi vos criastes*
*E a custa da minha*
*Vos dei liberdade*
*He quasi impossiuel*
*Que de vos me aparte*
*Sem que a minha vida*
*Primeiro se acabe.*
*Qual bibora ingrata*
*Fostes em meu sangue*
*Que a quem lhe da vida*
*He força que matte*
*I vos,& deixaime.*

Em

EM quanto elles cantarão que o fazião com muyto con serto, chegandose Vmbrano ao estrangeiro a quem tinha muy inclinada a vontade, que elle com igual affeição de longe merecia lhe disse ao ouuido. Parecême tambem tuas cosas que tenho em grande opinião quem sabe buscal las. & ainda que lhe tenha inueja não quero em cobrirte do sejos alheos sabe que estando ha poucos dias em hũa companhia de pastoras as mais fermosas desta ribeira, aquem derão Amor, ventura, & natureza todos seus poderes, tratandose de questois, motes, & galantarias na moradas, empresa dina de teu entendimento, ouue quem não quiz roubarte este lugar, & sospirou com o teu nome, que todas sabiam, da qual lembrança naceo em ellas hum desejo de te terem presente, & porque este não podia ter effeito naquella hora, escreuerão essa carta que te eu desse, & prometi a ver logo a reposta, que te peço que não dilates muyto. Não deuo eu estimar menos (respondeo Lereno, tomando a carta, muyto encuberta) este bem pella valia de quem me dà o lugar que eu não mereço, como por ser fruito da tua affeição, que nelles fez nacer estes enganos, aos quais eu obedecerei como deuo a minha custa. E porque a este tempo se acabaua o canto dos pastores, & muytas pastoras, & pegureiros do valle se ajuntarão, cessaram com a pratica por ver Aulisoque aly veo ter, & em sua vista achou Lereno tudo o que a namorada Elisa lhe dissera, sentados em roda, pedirão a Lereno, que cantasse ao concerto dos instrumentos que os tres pastores tocauão. O que elle fez cõ igual receo, & desejo por contentar com a voz, & cõ a cantiga a quem com o parecer de sua gentileza a todos cõtentaua, & com os olhos nelle começou esta groza.

SE sois horas da mesma natureza
Do tempo vão que passa, & não se sente
Como sò no meu mal tendes firmeza
E tomais natureza differente
Como assim não fogis desta tristeza
E desta vida em tudo descontente
Se mais leues fogis, que o leue vento
Horas breues de meu contentamento.

Quanto para saberuos me faltaua
Naquelle breue espaço que vos vi
Como do tempo então me descuidaua
Cuidei que todo fosse sempre assi;
Quanto fogia o bem, & o mal duraua
Pareceome depois que vos perdi:
Porq̃ amor a meu mal tudo encaminha,
Nunca me pareceo quando vos tinha.

Ay duros, rigurosos desenganos
A que tempo cortais minha esperança
Saber que em tanta pena, em tãtos danos
O mal sò dura, o bem nunca descansa:
Horas, que pera o mal durais mil annos
E em meu gosto fazeis logo mudança
Quão mal immaginarà esta alma minha.
Que vos visse mudadas tam asinha.

Tudo em vòs se trocou, tudo he mudado
A vida, o gosto, & o desejo della,
O rosto, o parecer, o trajo, o gado,
E tambem se mudou a minha estrella:
Mudarse tudo enfim me era forçado
Que juyzo não val força, ou cautella
Pera sustentar sempre hum sofrimento
Em tam compridos annos de tormento.

AInda o pastor queria seguir a cantiga quando ao longo da praya hum pouco atras ouuiram hũa grande grita, & reboliço em hum ajuntamento de pastores: & inquietos por saber o que seria, se aleuantaram todos pera aquella parte, & Lereno ficando atras com Aulíso, os foi seguindo, & chegando a vista, souberão que era hũa luta de dous vaqueiros, que sobre o preço de hũa frauta se desafiarão, & os dous pastores pouco cubiçosos da contenda, se foram o caminho do valle, deixando a praya, & aly disse Aulíso para o estrangeiro, a quem ja conhecia, & estimaua muyto: Por certo que bem melhoraram estes pastores a sorte em deixarem de te ouuir, por ver a luta dos vaqueiros, porem a disculpa que lhe val he, que a tua musica enleuaua como de Serea, & os gritos daquelles rusticos acordaram como de sono. Elles (respondeo Lereno) perderam pouco em me não ouuír, & eu alcancei o que desejaua em te acompanhar: & sabe Aulíso, que he tam conhecida a ventagem que tens a todos os pastores desta ribeira, & tam grande o senhorio sobre as Nimfas, & pastoras della, que ja em toda a parte pela fama se conhecem as de tua gentileza: mas vence ella a fama com a vista de tal maneira, que sentira muyto a perda de te não ver, se esta antes de verte se conhecera; & pois em pago de hũa cousa que tanto desejaua, não posso dar o que deuia: pagarte ey com o alheo, ou pera melhor dizer cõ o que he teu, & nacido das perfeições com que catiuás a todo o mundo. Esta madrugada, que eu poupaua das occupações do día perá dar a pensamentos tristes: immaginando que aquella hora me não negaua a ventura, atalhou a meus sospiros hũa pastora a quem ella ha tinha dad[illegible] a qual tudo o que parecia era como o cuidado, que [illegible]a: esta conhecendo de mim pelo que me ouuira, que [illegible] capaz de confianças de amor, me descobrio o que te tinha, & tras

isto

isto lhe relatou Lereno tudo o que a pastora lhe dissera: ao que elle sospirando respondeo. Se essa diuida he pera me penhorar de nouo ao que me teces, eu confesso, que ha muyto tempo que te sou deuedor,& desejo seruirte: & entende Lereno, que nenhũa cousa ha mais certa de todas as que vemos. do que he não auer ventura de que alguem viua contente, as razões saberà outrẽ melhor, mas eu de mim te digo, que tiue muyto da sorte, & natureza,& mereci a affeição de muytas pastoras, que a negaram aos principais pastores do Tejo, porem com hum sò encontro destruyo amor a minha liberdade,& senhorio que nunca empreguei affeição em que outrem ja não gozasse o fruito, & hũa que o Ceo me deu sem este queixume as estrellas cõ inueja ma roubaram pera gloria sua. E se alcançar fim a pensamentos he alcançar hum homem de amor o que deseja, q̃ importa que muytos me procurem, se a que eu amo tem catiuo querer a hum forçoso senhorio. Não he tam firme o tempo (respondeo elle) que não de muytas a quem tem obrigada a vontade de quem ama:& porque eu desejo ver, como ja tenho ouuido, a quem te serue te peço que me des sinais pera conhecella. Hum te mostrarei (tornou elle) que trago neste peito, pois ella te descobrio os que tinha nalma, & tirando hum retrato do seyo, cuja porta serraua hum sutil cadeado de prata, o abrio ajuntando hũas letras, que diziam Elisa, como que este nome era a chaue do segredo, que aly guardaua,& era a figura tam fermosa, que se lhe representou a Lereno na pintura ouuir a voz, que naquella madrugada ouuira da sua cabana,& depois de louuar com grande encarecimento sua fermosura, lhe pedio licença pera cantar seus louuores, aos quais atalharão alguns dos pastores, que estauão na luta,& porque era tarde, Lereno se apartou delle cõ promessa de o buscar muytas vezes naquelle lugar, & daly se

foy

foy aonde Pauanio appacentaua,ao qual em quanto aos pe gureiros recolhiam o gado, contou o que lhe ſuccedera cõ Vmbrano,& moſtrou a carta das paſtoras,q̃ guardauam da outra parte do Tejo,& aberta continha eſtas palauras.

*Do deſejo que temos de te ouuir, sò com obedecer ao noſſo rogo te deſobrigas.ſe não for tam grande trabalho fazello, como o goſto, que nos daràs com tua preſença,não tardes.E porque nem da tua corteſia ſe eſpera menos, nem nòs deſejamos mais,que colher fruito de teu celebrado entendimento, delle pedimos a repoſta com a deſtas regras.*

¶ *Contente com padecer.*
¶ *Mais merece quem ſe fia.* F.
¶ *Viuas memorias,mortas eſperanças.* A.

Com iſto chegaram a cabana,comunicando o goſto deſta auentura,que aſsi como os males ſam mayores ſem cõpanhia,ſam os bens de mayor valia communicados.

## FLORESTA SEXTA.

GASTARAM os dous amigos a mayor parte da noite com a carta:hora gaban do o termo, & concerto della, hora inquirindo attenção das letras, que vinham ao pé dos verſos,das quais não poderão conhecer o nome das que as eſcreuião, que eſte era o ſegredo,que tinham, porem em fé do que Vmbrano lhe diſſera, reſpondeo Lereno deſta maneira.

Obedecer a paſtoras tam fermoſas,ainda que ſeja em perigos conhecidos não pode dar trabalho a quẽ naceo pera

ſeruillas

ſeruillas:o mayor què eu acharei na repoſta deſtas regras, he,que pera ellas ſerem boas, baſta que vòs preguntais, & pera meus verſos parecerem mal, o receo com que chegarão diante de olhos tam fermoſos, aonde a nenhum entendimento fica liberdáde. A tudo iſto nego diſculpa, & a vòs offereço a vida,& a vontade.

*Contente de viuer triſte.* *Lereno.*

Repoſta a primeira.

*Contente com padecer.*

*Na vida nem na eſperança*
*Se muda minha ventura,*
*E acha em mim tal confiança,*
*Que quando não faz mudança*
*Sabe que então m'aſſegura.*
*Não fia de ſeu poder*
*Que ainda eſpere algum prazer*
*Neſtes males que me vem,*
*Mas conhece que me tem*
*Contente com padecer.*

*Sabe que o goſto do mal*
*Todos os goſtos deſpreza*
*Quando hum coração leal*
*Sabe entender quanto val*
*O ſentimento, a triſteza.*
*Eſtes bens que outrem não quer*
*Anda por mos defender*
*Amor sò de pura inueja*
*Sò a fim que eu me não veja*
*Contente com padecer.*

*Mais merece quem ſe fia.*

Outro ſentido.

*O temer por natureza*
*De mulheres em mudanças*
*He de cautella,& fraqueza*
*Por em ſorte as eſperanças,*
*E em diſcredito a firmeza.*
*Quem poem tudo em condição*
*De ou ſeria,ou não ſeria*
*Tira à fè, preço,& valia*
*Pois em credito,& razão*
*Mais merece quem ſe fia.*

*Fiei do tempo, & paſſou,*
*Fiei da ſorte, & faltoume,*
*Fiei de Amor,enganoume.*
*Fiei de quem me enganou*
*Com deſenganos matoume.*
*Roubarãome em tal porfia*
*Os ſentidos principais,*
*E ao eſpirito que os regia,*
*Porem de tres ladrões tais*
*Mais merece quem ſe fia.*

*Vinas*

*Viuas memorias, mortas esperanças.*

*O tempo, que ja tiue de alegria*
*Quando brotaua em flores meu cuidado*
*Hũa viua esperança me encobria*
*A memoria ja morta no passado.*
*Agora neste mal, que eu não temia*
*Se tem contra mim mortos leuantado*
*Depois que Amor trocou nestas mudanças*
*Viuas memorias, mortas esperanças.*

EM quãto os pastores gastauão o tẽpo nesta occupação, hia passando a noite dissimulada, & elles sem repouso veo a manhã, tirarão o gado, apartouse Lereno do companheiro, & foi a buscar Vmbrano a sua cabana, mas antes de chegar a ella o encontrou no valle: deulhe a carta: pediolhe por interesse da obediencia, & cuidado q̃ tiuera da reposta, q̃ cõfiasse delle os nomes das pastoras, porem o pastor os calou por então, dizendo, q̃ o fazia por mandado de seus donos, mas q̃ muyto cedo os saberia em sua presença, que era bem differente informação a dos seus olhos, q̃ as palauras cõ que lhe podia dizer, q̃ no erão. E porque Vmbrano em as seruir não queria mostrar descuido, nem desmerecer pella tardança, apartandose de Lereno, se foy esperallas junto do lugar aonde appacentauão: deulhes a reposta, que ellas festejarão muyto por quanto a desejauão. Lereno depois que de Vmbrano se apartou, cubiçoso de caminhar sem companhia, & entregar seus cuidados ao pensamento, q̃ ja lhe estranhauã horas de descanço, desuiandose dos pastores, & da aldea por hum caminho pouco vsado ao longo da praya foy parar aonde hũa ribeira entraua no rio ao pé de dous alamos brancos, que da area se aleuantauam tam altos, que enco-

encobrião as pontas no ſeo das nuués,& a hum delles eſtaua atada hũa barca,que ao quebrar das ondas ſe embalançaua,fazendo hum triſte ruydo & ſaudoſo:aqui ſe aſſentou o paſtor encoſtado ao tronco,& começou a praticar conſigo,cantando deſta maneira.

*Mentiroſas eſperanças*
*Miniſtros de amor tyrãno,*
*Fiadores de hum engano*
*Que deu tãtas confianças:*
*Percaõſe voßas lembranças,*
*Que he bem,que ja vos deſpida*
*Porque he falta conhecida*
*Em quem conhece o ſeu erro*
*Morrer auſente em deſterro*
*Tendo em voßas mãos a vida.*

*Goſtos alheos, que em fim*
*Nunca em vòs tiue direito*
*Se não cabeis em meu peito*
*Pera que chegais a mim,*
*E ſe imaginais que aſsim*
*Vencereis meu ſofrimento,*
*Tomais fraco fundamento,*
*Que he paßado o mòr perigo*
*Porque a viſta do inimigo*
*Se apercebe o ſentimento.*

*Lembrança do bem perdido*
*A vòs ſo quero,a vòs amo,*
*Por vòs ſuſpiro,a vòs chamo*
*Sempre ſou de vòs ouuido:*
*Vamos ao valle eſcondido*
*Onde Amor tem encantado*
*O fim daquelle cuidado,*
*Que eſta triſte alma deſeja,*
*Que Amor sò de pura inueja*
*Pera mim deixou fechado.*

*E vòs deſejo,que auſente*
*Quereis viuer cõtra a ſorte*
*Dando poderes a morte*
*Que cõtra mim ſe ſuſtente*
*Pois tal vida não cõſente,*
*Eſſe voßo vão deſpejo*
*Vede o mal em q̃ me vejo*
*Quiçais q̃ fareis mudãça*
*Porque morta a eſperança*
*Pera que he viuo o deſejo?*

AInda Lereno començaua o primeiro pè da cãtiga quando hum peſcador,q̃ em o leito da barca eſtaua dormindo,acordou,& leuantando a cabeça,foy viſto do paſtor,que tinha os olhos no rio:porem não ceſſou com a cantiga,nem elle de o eſcutar com muyta attenção, acabada ella diſſe o

da barca: Deos te ſalue, que bem me pagáſte hum ſono de que me tirou o teu cantar:& boſé,que era elle tal,que eſtou pera lançar as redes neſte baixo de area, que até os peixes ſe ajuntaram nella pera te ouuir: & porque ſe me aſſemelhou no que cãtaſte,que viuias triſte: dizeme rogote de que mal te queixas? q̃ a quem tantos bens deu a natureza ouuera de viuer alegre. Em al eſtà o contentamento (diſſe o paſtor) que amor baſta pera deſtruir o ſenhorio da natureza & da fortuna: Deos te ſuſtente contra elle iſenta a liberdade,que nem as agoas valem contra o ſeu fogo. Certo,que to creo (reſpondeo elle) ainda que em mim o não experimentaſſe,mas pera mal va quem tantos faz, que ja elle em couſas minhas fez forte eſtrago. Hũa irman tiue tam fermoſa, que podera fazer inueja as Nimphas deſte rio,guardaua gado no monte,& tinha na villa tal nomeada, & nas aldeas, que não auia pegureiro, q̃ não ſe veſtiſſe loução por amor della:as frautas,ſanfoninas,& arrabis do noſſo lugar, todas eram na noſſa porta em anoitecendo aly ſe faziam os baylos do ſerão, & as folias de madrugada em ſayndo pera o ſeruiço,a noſſa porta ſempre era enramada de boninas do mato,de fruytas dos pumares,ramos dos ſoutos, & de mariſcos,& conchas deſta praya:tudo por feſtejarem a Florella,que era o ſeu nome,& ella tam ſenhora de ſi,que tudo tinha em deſpreſo,atè que Amor ſe vingou della: veyo a tomar amores com hum eſtrangeiro, que aqui viera de bem longe,tratoulhe elle de enganos,& com elles a leuou deſta ribeira aonde ja mas tiuemos nouas della. Hum irmão, que eu tinha,que chamauão Filenio,que tambem eſcolheo a vida de paſtor,& tinha cabras,& ouelhas em abundancia, & tanta graça,& ventagens entre os guardadores, q̃ todos o buſcauam,& queriam, tanto que iſto aconteceo foy pelas inculcas, & correo muyta da terra eſtranha ſem os a-

char,

char,& por não viuer nesta descontente, ficou nas ribeiras do Lis aonde appacentaua, & aly lhe aconteceo outra tal com os amores de hũa Lisea, que tinha os seus em outro pastor ausente, & a tal estado chegaram suas esquiuanças, que andaua como trãsido, & a ella a ausencia do outro a quem queria, que desapareceo de ante os olhos de Filenio hũa manhã, que a sombra de hũs vlmeiros a esperaua, & immaginãdo ser conuertida em hum penedo, que lhe ficou diãte, perdeo com isto o sentido, & os parentes da pastora as esperanças de cobralla. Enfim que Filenio viue agora nesta ribeira como alienado, esperando saber o q̃ he feito da sua pastora, ou pera melhor dizer do seu juyzo: & daqui veràs a razão que tenho de querer mal a Amor, pois me tirou os bẽs que tinha pera a vida. Como Lereno ouuio fallar em Lisea, & Filenio, que era o pastor, que lhe leuara a carta aos campos do Mondego a quem elle a trocara, deu hum suspiro desacordado, & logo lhe veyo a lembrança, que Lisea podia estar no valle desconhecido, & por encobrir sua paixam, consolaua a do pescador, que bem triste acabara a historia, & despedindose delle com amorosas palauras, se veyo afastando da praya atè se assentar entre hũas paredes cubertas de mato, aonde nacia hũa fonte, que com escuro som em nacendo se escondia debaixo da terra, & aly quasi esmorecido adormeceo por grãde espaço de hum sono muy profundo, em o qual se lhe representou, que vira a sua pastora junto a elle, como desatinado acordou, & vendo o engano com que a fantasia o castigaua, tirando a sanfonha, cantou esta groza.

*Olhos, que abertos não vedes*
*O bem que serrados vistes*
*Dizei porque vos abristes!*

*Aquelles gostos escaços*
*Enleos da fantasia,*
*Que no tempo que dormia*
*Me fogiram d'entre os braços*
*Porque não nos merecia*
*A graça, & a fermosura*
*Que entre estas toscas paredes*
*De noite se me affigura*
*Sam thesouros da ventura*
*Olhos que abertos não vedes.*

*Sam as glorias, que Amor tem*
*A seus bemauenturados,*
*E sam thesouros guardados,*
*Que nenhũs olhos os vem*
*Se não depois de serrados:*

*De que seruia acordar*
*Pera ver magoas tam tristes*
*Ia que depois de sonhar*
*Abertos se ha de serrar*
*O bem que serrados vistes.*

*Quem tal sonho não perdera*
*Ou nelle a vida acabara*
*Ah quem sonhando viuera,*
*E se na morte acordara*
*Do que sonhou se esquecera;*
*Dizei olhos enganados*
*Se este tempo que dormistes*
*Tantos bẽs vos forão dados,*
*E se os gozaueis fechados*
*Dizei porque vos abristes?*

QVando Vmbrano deixou em mãos das pastoras a resposta de Lereno, & tornou ao custumado pasto de seu rebanho, vierão ellas cantando ao longo do rio, com os cajados de sanguinho, & grinaldas de flores sobre os cabellos, & vestidos vaqueiros de differentes córes, & asim chegarão a aquelle lugar aonde o estrangeiro adormecera, a tempo que o virão despertar do sonho, & ouuirão a sua cantiga, a qual acabando elle se aleuantou com hum sospiro dizendo, ah nunca ouuera no mundo desenganos, ao que hũa das pastoras respondeo que vestia de branco, faltara a melhor cousa que ha nelle, porque não sei eu mayor mal que viuer enganado, quando o pastor vio quem lhe fallaua, & as companheiras ficou enleado, asim de seus trajos & fermosura, como de immaginar que diria entre sonhos algũa cousa que o descobrisse, & porque nem elle nem ellas se conheciam despois de as saudar lhe tornou, pode ser, fermosa

paſtora,que o pouco que ſabeis de males, fara q̃ volló não parcçam experimentados em outrem:porem eu,que a minha cuſta,o ſey digo,que mal aja o deſengano,que ſem elle nenhũs males fizera amor. Porque(perguntou hũa,que veſtia de verde.) Porque amor (reſpondeo elle)affeiçoa,& obriga o engano,ſuſtenta,contenta, & ſatisfaz : o deſengano deſtrue amor,aparta vontades,& muytas vezes mata. Que mal pode ſentir quem viue enganado ſe tem na opiniam tudo o que deſeja?ditoſo o eſtado de quem viue de enganos, & ditoſa a vida, que com elles ſe ſuſtenta, pois não ſente ſemrazões,crueldades,ingratidões,ciumes,& eſquiuanças? E julgay ſe hũa paſtora pode viuer deſcontente,a quẽ amor engana até com ſeu proprio parecer? O meu he differente (diſſe a primeira) porque nenhũa couſa ha mais ſegura,que a verdade,& nenhum bem mais perigoſo,que o que contra ella ſe ſuſtenta,porque como enfim ſempre he conhecida, todos os enganos poem por terra, & a queda de quem nelles viuia ſe ſente mais,do que viuer deſenganado, como tẽ agora aconteceo com o ſonho,que todos os enganos o ſam. Niſſo vereis(reſpondeo Lereno)que não tem elles mal nenhum,ſe não o que lhe faz o deſengano, que he acaballos, porem em quanto durão, & eſſe tyranno os não perſegue, dão contentamento:& por iſſo me queixo do que agora me tirou,que ſe não acordara em ſuas mãos,dormindo achara na ventura o que não alcancei,quando me deſuellaua : & porque neſte tempo ouuiram hũa voz,q̃ por detras da fonte vinha cantando, ſuſpenderam a pratica por verem cuja era,& ouuirem a cantiga,que dizia.

*Se de meu mal vos doeis,*
*Meu bem porque mo negais?*
*Meus olhos não mos quebreis.*

Pus

*Pus de sorte a liberdade*
*Pastora em voßo querer,*
*Que nada o vontade quer*
*Se não for vossa vontade*
*O bem que vos não quereis*
*Me he dano muy desigual,*
*E no mal que me fazeis*
*Não ha mor bem que meu mal*
*Se de meu mal vos doeis.*

*Minh'alma tendela ja*
*Na prisam de vosso rosto*
*Meu bem este he vosso gosto*
*Minha vida em vos està*
*Meu coração não queirais,*
*Que viua do que padeço*
*Daime a gloria q̃ roubais,*
*Ese este bem vos mereço*
*Meu bem porq̃ mo negais?*

*Confeßaime o que vos quero,*
*E na mesma obrigação*
*Mostrarà claro a razam,*
*Que me deueis o q̃ espero:*
*E ainda que injustamente*
*Se com gosto me offendeis*
*Todo o mal bẽ se consente*
*Deixame os olhos somente*
*Meus olhos não mos quebreis.*

MAis seruio a cantiga de occupar os ouuidos, que de os deleitar com a brandura do que cantaua, que logo atràs ella appareceo,& era hum ouelheiro, cuja voz parecia desengraçado no parecer, & no vestido, com o çurrão da pelle de hũa cabra manchada cingido com hũa correa de porco montes,& por cajado hum bastão de era trocido em duas voltas, & a espaços vinha tocando hũa gaita de tres canas,& chegando aonde as pastoras estauão, as saudou muyto confiado,& Lereno disse para ellas: Por certo,que canta o ouelheiro como podia esperar delle quem o vira. Se tu(respondeo elle)te atreueres em porfia a competir comigo, o que sei que não farás, não quero mais seguros juyzes que estas pastoras, nem mayor preço, que vencerte diante dellas, fazendote confessar, que a minha Capralia he mais fermosa que todas tres.: & eu dino de seruir a mais fermosa,que naceo no Tejo. Essa derradeira te confessarei eu sem cantar (respondeo elle.) A primeira

responderam estas pastoras,porque me parece que lhe faço agrauo conhecido em acreditar contigo sua fermosura. Sò pelo não tornarmos a ouuir(disse a do verde) cõfessaremos tudo o que quizer,& se for necessario dizer,que he ayroso, & gentil homem a mim mo parece. Não tenho eu isso por nouidade (replicou elle) que ja a outra mais louçam o pareci,& se aqui vira cousa,que me enchesse os olhos, ouuera de desafiar a hum baylo vilão a este pegureiro. Não faltão figas(tornou ella) mas quem te queira ver dar voltas (que não seram pera ver se não com os olhos tapados) em outro lugar,que tu mereces. Pois sois tão paruoas (disse elle) ficai neste como vos mereceis,que eu vou buscar quem tem outro parecer,& com isto tomou o caminho pera o rio, tangendo a sua gaita,& as pastoras não podiam sustentar o riso de o ver tam confiado,& contente de si. Não he muyto (disse Lereno)pois aquelle viue enganado, que seja alegre. Antes (tornou a do branco) quisera todos os males do desengano,que o estado daquelle pois so lhe serue para a sua opinião(todos replicou Lereno)viuem da sua , & para sim, & porque eu não sigo esta regra vos não quero cançar em porfias,porque de mim a verdade he que viuo desenganado,& contente de viuer triste. Esse nome(disse a do branco) ha pouco tempo q̃ eu tinha por alheo, saluo se tu es o pastor Lereno de cuya mão o eu vi assinado. Estimo(tornou elle) que me conhecestes pella tristeza,&pois vos não nego que sou Lereno consenti que saiba tambem o vosso nome. As pastoras, q̃ o conhecerão lhe fizerão muyta festa, & lhe mostrarão a carta q̃ Vmbrano lhes dera,& cõ muytas palauras em q̃ lhe mostrauão a affeição que tinhão a seu nome,& outras de muyta cortesia deixarão a fonte, & forão atè as cabanas das pastoras & ao pè de hũa faia que estaua junto a ellas,lhe pedirão que cantasse algũa cousa do desengano , a

conta

conta dos males que lhe aleuantara,& elle por lhes obedecer,tirando o famponha cantou este sonetto.

*DEsenganado està meu pensamento*
*Do que esperar podia da ventura,*
*A vida ja no mal viue segura*
*Nem desconhece a pena o sofrimento.*
*Dos bens que deseiei sem fundamento*
*O coração remedio não procura*
*Porque quem para os males tanto attura*
*Conuerte em natureza o mòr tormento.*
*Ah bem auenturado desengano*
*Ah se de hũa esperança me liurara*
*Em que agora meu mal todo consiste.*
*Se na força maior de tanto dano*
*Esta vida tambem desenganara*
*Que a morte foge della porque he triste.*

Posto que Lereno antes de se apartar quisera obrigallas a que cantassem do engano,era ja tarde,& deixaram seus louuores para outro dia,que para os gostos sempre o tempo falta,& para os males atè a vida crece.

## FLORESTA SETIMA.

NAM perdia Lereno a lembrança do que lhe contara o pescador,& cada hora immaginaua o que podia ser de Lisea,se tornaria a o valle desconhecido para onde ja sabia o caminho,porem tornaua a cuidar, que ficara serrado,& ella auisada, que por aly não tornase pondolhe em condição perder a vida em quãto estes cuidados o cõbatião,negandolhe de noite repouso,& de dia socego se chegaua o em q̃ o sabio Astreo auia de dar suas

repostas aos pastores,& estando Lereno com seu amigo Pâ uanio a vista do rebanho, que pascia a sombra de hũs alamos desuiados da praya lhe preguntou elle quem era o sabio, & aonde viuia, que desejaua por estremo saber a sua morada, assi para se aproueitar de seu saber, como para ver cousa tam estranha. Em as serras da lem do Tejo (disse o pastor) entre aquellas confusas penedias, que asombrão o rio, que com persiosos combates da furia das ondas vai desfazendo sua dureza no fundo de hum valle escondido no seo da terra, fresco de fontes, & ribeiros graciosos, pouoado de muytas aruores differentes nos ramos, & na altura, está a coua do sabio Astreo, em todas as ribeiras de Lusitania co nhecido pello muyto que alcançou das estrellas, do mouimento, & ordem dos ceos, da virtude das eruas, da natureza das pedras, da propriedade dos animais, dos segredos das aues. E porque por razão de seu continuo estudo, & pella importunação dos pastores vesinhos se comunica a elles muy poucas vezes, todos os annos em hum dia ja conhecido dos pastores, responde aos de que he consultado na quella estranha morada, & porque esta muy perto este desejado tempo, veras nesta ribeira muytos pastores de differentes lugares, do Tejo, Douro, Minho, & do Mõdego que esperão delle reposta a suas preguntas. Por certo disse Lereno que me contas cousa estranha, & que para mim não podia ser outra de mayor espanto, nem que mais desejasse ouuir, porque ja me não tirara nenhũa cousa ver esta estraneza porem como he possiuel que hum homem humano tenha dos outros tanta differença? & saiba as vezes mais dos pastores que elles de sim? Porque (disse o outro) o saber leuanta hum homem não so sobre elles mas sobre as estrellas. Sempre ouui que era grande Tesouro (tornou elle) & tambem o velho Menalcas na nossa ribeira, não ha mal de

olha-

olhado, ronha de ouelhas, & doença do armentío a que não de remedio: nem pastor tam desdonfiado de seu mal a que não atine com a cura melhor que os mestres da villa; & na minha doença, aousadas se atinou elle a verdade. Nesta pratica estauão os dous pastores, quando virão que do monte decia Aulisο, Vmbrano, Riseo, & outros pastores, & pastoras, & ao som de muytos & differentes instrumentos cãtauão estas endechas.

*Pello valle a baixo*
*Vão hũs olhos negros*
*Que a quantos encontram*
*Todos leuão presos.*

*Vamos ver pastores*
*Cousa tam estranha*
*Que vem da montanha*
*A mattar de Amores*
*Vem tam matadores*
*Com o poder de Amor*
*Que não ha pastor*
*Que se atreua a vellos*
*Que a quantos encontram*
*Todos leuam presos.*

*Trazem mòr alçada*
*Mera jurdição*
*Nenhum coração*
*Lhe defende entrada*
*Que com mão armada*
*Tudo poem por terra*
*Nem ha nesta guerra*
*Muros nem castellos*
*Que a quantos encontrão*
*Todos leuão presos.*

*O que està ferido*
*Tem mais a pelleja*
*Porque não deseja*
*Ter outro partido*
*E se algum perdido*
*Foge a falsa fee*
*He porque não vee*
*Tais olhos abertos*
*Que a quantos encontram*
*Todos leuão presos.*

A cada volta desta cantiga bailauão entre todos de terreiro, tangendo, Olinda hum pandeiro. Vmbrano hũa rabeca, & o vaqueiro Amintas hũa frauta, & tamboril, &

com esta festa & alegria chegarão aonde os dous compa-
nheiros estauão esperando, ja leuantados, & depois que ca-
da hum deu sua volta no terreiro como melhor sabia, assen
tados todos sobre a relua da fonte, disse Riseo: Ia que aue-
mos de cantar, & nenhum quererâ perder o lugar que lhe
cabe, pera que a cantiga de hum não tire preço as outras, o
meu voto era, que cada hum por sorte cantasse em louuor
da parte, que mais lhe contenta, da pastora a quem ama: &
pode ser, que façamos entre todos hũa tam bella, que leue
daqui algum affeiçoado, & praza a Deos, que me caya a sor
te a mim. Não pareceo mal aos pastores a ordem de Riseo,
& como todos a aprouaram, deitando sortes, cahio a pri-
meira a Pauanio, que cantou o seguinte.

*Pau.* *O desdem de hũs cabellos desatados*
*Sobre hum monte de neue, & cor de rosas*
*Hora negros ao Sol, hora dourados*
*Hora de outras mil cores mais fermosas*
*Hora em douradas ondas leuantados*
*Hora enlaçadas doces, & enganosas*
*Estes cuja prisão contemplo, & vejo*
*Tiram a padecer meu vão desejo.*

*Vmb.* *Dous rubins engastados sabiamente*
*N'um trasparente, & puro cristalino*
*Por onde hum ar respira differente*
*Mouendo o doce espirito peregrino,*
*Que d'entre ricas perlas do Oriente*
*Està ferindo as almas de contino*
*Estes sam minha vida, & meu thesouro*
*Com safiras azuis, & tranças d'ouro.*

*Ris.* *Hum riso doce, alegre, & repartido*
*Em olhos, boca, faces, sobrancelhas*
*Que em cobas de Merlim anda escondido*
*E entre brancos jasmins, rosas vermelhas*
*Daquelles bellos arcos defendido,*
*Que tu falso Cupido não parelhas*
*Este he o bem a que continuo aspiro*
*A quem a vida dei: por quem suspiro.*

*Aul.* *Dous olhos negros, cuja luz fermosa*
*Abate a vista, & enleua a fantasia,*
*Que na noite mais triste & tenebrosa*
*Me mostrauam mil vezes claro dia*
*Onde Amor viue, reyna, manda, & gosa,*
*Onde mora, onde nace, onde se cria*
*Criaram meus cuidados, & tem posto*
*Nelles amor, o fim, a vida, o gosto.*

*Lere.* *Hũa composição de partes bellas*
*Hũa graça gentil, que não se entende*
*O lume de clarissimas estrellas,*
*Que n'um ceo de cristal qual Sol se accẽde:*
*Hum mouimento estranho nace nellas*
*Que as almas por Amor catiua, & rende*
*Que me venceo o ser, & a liberdade*
*O iuiso, o socego, & a vontade.*

DEspois que os pastores cantarão, não sem inueja dos ou tros, que os ouuião (posto que a todos sobejaua cõfiança) Corino que naquelle tempo chegara a companhia, o-fez leuantar com muyta pressa, & tomar cajados, & çurrois, dísendolhes que os leuaua a ver cousa mais estranha, que nunca apparecera entre pastores, & guiando ao longo da praja derão em hũa penedia, que o mar cauara tanto pello

centro da ſua aſpereza que caminhando por dentro della hum grande eſpaço ficauão os paſtores perdendo de viſta o lugar por onde entrarão,& perto de hũas ruinoſas cauernas por cujos riſcos,ſe ouuia o eſtrondo de hum forioſo rio que por baxo parece que paſſaua, virão eſtar ſobre hum penedo ſuſpenſo no ar de todas as partes,aſſentadã hũa Nimfa com azas nos hombros ſobre que cahião, em ondas os dourados cabellos. E aos ſeus pés dous Faunos coroados de conchas, & mariſcos da praya: & tocando dous torcidos buzios de madre perla, aonde a luz do Sol fazia varios lumes, & o ar ſaudoſos accentos cantaua a Nimfa eſtes verſos.

*Paſtores deſte ameno,& verde prado,*
*Vos Nimfas que habitais neſtes penedos,*
*E vos incolas nus do mar ſagrado:*
*Syluanos, que guardais aos aruoredos*
*Faunos incultos ſatyros ligeiros*
*De que Amor tambem fia os ſeus ſegredos:*
*Rudos Montanos,ſimples pegureiros*
*Que entre as manſas o velhas ſuſtentais*
*Os cuidados de Amor por companheiros.*
*Vinde atras mim, que eu ſom quem vos buſcais*
*Nos enganos da vida, & da ventura*
*E entre tantos cuidados deſiguais.*
*Eu ſou aquella eſtranha ſermoſura*
*Que Amor fez poderoſo ſobre a terra*
*E em quem ſeu fogo,& ſetas aſſegura.*
*Por mim ſuſtenta em paz, & vence em guerra*
*Por mim ſujeita os Reys nunca vencidos*
*E quanto o largo mar,& o mundo enſerra.*
*A mim ſam tributarios os ſentidos*

Por

*Por mim se ama, & venera gentileza*
*E a mim so seus louuores sam deuidos.*
*Por mim conserua a sabia Natureza*
*Tudo o que affermosea, & em nobrece*
*Com valor, & com graça a redondeza.*
*Minha graça, & poder não desconhece*
*O ar nas aues, & no campo as flores*
*E quanto a terra aos olhos offerece.*
*Vinde Nimfas tras mim, vinde pastores*
*Que eu sou a prisam doce, & saborosa*
*Labarintho sem fim dos amadores.*
*Eu sou a gloria, que de amor se goza*
*Que se busca, se ama, & se deseja*
*Tão incerta, tão leue, & tão fermosa:*
*De mim nacco a bellicosa inueja,*
*O ciume sagaz, & diligente*
*Tam guerreiro & contino na pelleja.*
*Vinde, que minha vsança não consente,*
*Que n'um lugar quieto tempo aguarde,*
*E quem não me alcançar ligeiramente*
*Saiba, que corro muyto, & volto tarde.*

ESpantados daquella estranheza os pastores criados na montanha, vendo hũa fermosura tam excelente, & hũa voz, que mais merecia cair do Ceo, q̃ sobir das entranhas da terra, não se determinauam no que fariam, porque tinhão os animos suspensos pera fallar, os membros frios pera mouerem o passo, & os olhos empregados no que viam, mas em pouco espaço desapareceo aquella fermosura, & elles ficaram como as escuras entre aquelles penedós mais confusos a sahida, que hum labarinto, donde antes q̃ sahissem, appareceo outra luz mais fermosa sobre

hũa columna de marmore tosco leuantada sobre o mesmo penedo,que era a imagem do desengano, com hum letreiro,que tinha o seu nome,& ao pe delle escrito em hũa taboa de metal este soneto,& ao pè em letras breues o nome de quem o escreueo,q̃ pella cõfusam dellas se não entẽdia.

*GLoria de Amor tras quẽ sem fundamento*
*Tantas horas corri nesta ribeira*
*Tendo atè esta em vão,como a primeira*
*Cego o desejo,& firme o sofrimento.*
*Mais leue es que o ligeiro pensamento ,*
*E muyto mais fermosa,que ligeira,*
*Mas he somente a pena verdadeira*
*De tua saudade,& sentimento.*
*Tua belleza enleua,vence,espanta*
*A voz he de Serea,& tam suaue ,*
*Que descuida almas cegas de seus danos.*
*O rosto be falso,mente,a voz encanta*
*Tu es encanto vão cheo de enganos ,*
*Que fez Amor,& tem Fortuna a chaue ;*

Lerão os companheiros com grande veneração,aquelle testemunho verdadeiro dos successos de Amor,aquem seruião enganados com a promessa de sua duuidosa gloria , & saindo ao seu caminho conhecido , cada hũ quasi mudo de espanto,& de tristeza guiou para sua cabana : que nenhũa cousa enlea com mais espanto o entendimento , que achar vão o em que toda a vida empregou o cuidado , & as esperanças.

## FLORESTA VLTIMA.

ESPOIS daquelle día em q̃ ó velho Corino moſtrou aos paſtores do Tejo a imagẽ do deſengano,& a leue mudança dos paſſatempos de Amor:paſſarão muytos, em que cada hum immaginaua,em o fruito que colhera de ſeus cuidados,fazendo differentes propoſitos de os deixar,ou ſeguir com as cautellas q̃ a fantaſia lhe inſinaua. Chegou aquella deſejada noite em que as aruores,as eruas,& as boninas,os paſtores, as aues , & animaís ſe apercebiam para celebrar o nacimento , do q̃ antes delle conhecera ſeu Criador. Corrião as fontes com hum murmuro mais ſuaue: offerecendo o criſtalino ſeo em que as fermoſas Nimfas ſe banhaſſem. Brotauão as flores as inuejas , florecia o caſto manjerição junto da namorada Beliana:derramaua o encantado feto ſuas flores ſobre a terra: os eſpinhoſos alcachofres do brãco cardo,ſe abriam em roxas flores para ſerem colhidos das paſtoras namoradas, queimauaſe pello valle , & pella montanha o gracioſo roſmaninho ouregão, macella,& o ſagrado louro:floreſciam as plantas;enchiaſe a terra,& os corações de alegria , ſoãdo frautas,ſalteiros,lyras,ſamponhas, tamboris, rabecas, pandeiros,& buzinas dos paſtores : dentre os quais, os que ao Tyranno Amor tinhão ſujeita a liberdade , encaminhauão para a banda da lem do Tejo , a ſerra aonde o ſabio tinha ſua morada. Pauanio & Lereno , porque neſte ſegredo não ſofrião outra cõpanhia tomando ſos aquelle caminho, chegarão ao ſair da Lua , a hum eſpaçoſo valle aonde virão, muytos paſtores,& paſtoras,& emcoſtados aos pes das aruores em differentes ajuntamentos como que eſperauão para entrarem na morada do ſabio,a qual era hũa coua aber-

ta entre as ſerras,que fazia para o centro da terra hũa eſcada de muytos degraos de marmore,que leuauão a hum largo campo cheo de differentes flores, eruas, & boninas de marauilhoſa virtude, a hũa parte do qual entre hum confuſo aruoredo,ſe eſcondião hũas caſas altas eſtranhamente obradas,aonde o ſabio viuia,& do alto dellas cahia hũa copioſa & criſtálina fonte que ao pé formaua hum rio, que logo ſe repartia en dous caminhos rodeando o campo murado da parte de dẽtro de aruores muyto juntas tam iguais que parece que ſobre preceito foram crecendo : & fazião em iguais eſpaços de hũa & outra parte quatro portas que guardauão otros tantos ſyluanos,com aliauas arcos, & paſſadores,& no friſo de cada hũa dellas eſtaua eſcrito o nome de hũa Nimfa que guardaua o boſque de dentro. Conuem a ſaber nas duas da mão direita eſtaua Pauribia: & Lyris,& da outra parte Amathia,& Dione. Todos os ꝙ eſtauão no valle em rompendo a manhãa decerão com grande reboliço,querendo cada hum ſer o primeiro na entrada, & na pregunta. Dentro ſe ouuia hum geral contentamento, ꝙ ate os brutos penedos parecia que ſe alegrauão, os inſtrumentos de muſica ſoauão fazendo Ecco por todo o valle,os paſſaros ſuauemente ſuſpendião os ouuidos,os gados ſaiam ballando ao prado com capellas entre os cornos de cheiroſas flores,os touros de verdes ramos andauão coroados cãpeando por entre os aruoredos : todos os paſtores & paſtoras que entrauão remetião a coroarſe qual do ditoſo Oriauão,qual do puro Iaſmim, & qual de differentes eruas entretecidas com cheiroſas boninas. Em o meo deſta alegria ao ſom de muſicas frautas,& canoras boſinás, ſe abrio hũa porta que guardauão dous Seluagens cubertos de folhas de era cõ peſadas maças aos hombros, & em meo delles hũa Nimfa,a quem todos os que aly vierão forão offerecer ſuas pre-

preguntas cõ muyto aluoroço,& recolhidas cõ o nome do q̃ preguntaua:se tornou a ſerrar a porta : então começarão as muſicas,jogos,& feſtas dos coroados paſtores, & paſtoras do Tejo,tudo ſe ouuião frautas,rabecas, & ſamponhas á toda a parte ſe vião ajuntamentos.& deſafios de lutas, baylos,& folgares.Para a banda donde Pauanio, & Lereno eſtauão,ouue hũa cõpetencia de quatro vaqueiros q̃ bailarão hum ſapateado cõ tanta graça que a muytos fizerão inueja, & tras elles hum de mais idade,& veſtido mais loução que os quatro,que lhes tangia hũa frauta,& tamboril, dandoo a hum que junto a elle eſtaua,ſahio ao terreiro,&dando nelle voltas muy eſtranhas,& ſapatetas noar cõ muyta deſtreza,ajuntou grande multidão de paſtores para aquella parte:da outra ſe acharão Riſeo, & Vmbrano, aonde o velho Corino rodeado de paſtoras,& guardadores ao ſom da ſua celebrada ſamponha,& ajudado do ſeu pegureiro Agrarjo cuja voz fazia de cer as nuuẽs,& emmudecer os ventos,cãtaua eſtas endechas.

*Venturoſo dia*
*Que do Ceo nos veo*
*De mil graças cheo*
*Cheo de alegria.*

*A Aurora roſada*
*Nace en ti mais bella*
*E o ſol vem tras ella*
*Fazendoa dourada.*

*O Ceo nunca auaro*
*De eſtrellas ſe arrea*
*A Lua alumea*
*Sobre e Tejo claro,*

*Aues & animais*
*Sem conhecimento*
*De contentamento*
*Moſtram mil ſinais.*

*Os paſſaros ledos*
*Veſtidos de cores*
*Cantão teus louuores*
*Pellos aruoredos.*

*Qualquer fera perde*
*Sua fera vſança*
*E anda fera & manſa*
*Pello prado verde.*

*Os lobos guerreiros*
*Nenhum ha que offenda*
*Que andão sem contenda*
*Por entre os cordeiros.*

*Tudo he mais fermoso*
*Por rudo que seia*
*E tudo festeja*
*Teu nome ditoso.*

*As plantas, os montes*
*O campo as boninas*
*Agoas cristalinas*
*Cristalinas fontes.*

*O valle pouoam*
*Mil pastoras bellas*
*Fazendo capellas*
*Com que se coroão.*

*E das semideas*
*Bellas desta praya*
*Não ha qual não saya*
*Em ledas choreas.*

*Os pastores cantão*
*Os satyros saltão*
*As flores esmaltão*
*As eruas encantão.*

*Tudo te conheça*
*Tudo te festeie*
*Tudo te deseje*
*Tudo te obedeça.*

*De ti leuantado*
*Teus louuores conte*
*O deserto monte*
*E o florido prado.*

GAstado grande espaço da manhã em jogos, festas, & alegrias: derão os seluages final aos pastores, & juntos começou a Nimfa a nomear em alta voz os que preguntauão, remetendo cada hum: como lhe coubera em sorte as quatro Nimfas que guardauão os segredos de Amor, que erão os bosques que de ambas as partes ficauão escondidos.

O primeiro a que cahio a sorte foi o pastor Menandro, o qual despois de larga peregrinação sem achar nouas de Mõtea se tornou as prayas do Tejo, este foy remetido a Nimfa Euribia, que lhe mostrou em o tronco de hũa faia a reposta da sua pregunta que era esta.

Per-

| Pregunta de Menandro. | Reposta. |
|---|---|
| *Se ei de ver ainda Montea* | *Montea ausente tem vida* |
| *De seus enganos vencida?* | *E o Amor noutro lugar,* |
| *Se he ia morta, ou se tem vida* | *Mas ainda te ha de buscar* |
| *Em outra vontade albea?* | *Quando seja aborrecida.* |

A segunda sorte cahio a Mirtea hũa das tres pastoras, q̃ se acharão ao sonho de Lereno ao pé da fonte foi mandada a mesma Nimfa, & entalhada em hum buxo que cobria hua fonte achou a sua pregunta que dezia.

| | Reposta. |
|---|---|
| *Se ha de vencer a razão* | *Vença a razão ao receo* |
| *Hum enleo tam contino?* | *Não o ciume a affeição,* |
| *E se Amor con desatino* | *Que Amor fora da razão* |
| *He mais que ter affeição?* | *Não serue mais, que de enleo.* |

A terceira sorte cahio ao pastor Filenio, a quem Lisea mandara ao Mondego com a carta pera Lereno, foy mandado a mesma Nimfa, & à entrada do bosque, vio na árca de hũa fonte escrita a sua pergunta, que era.

| | Reposta. |
|---|---|
| *Lisea se posso vella?* | *Viue na mesma prisam,* |
| *Se aonde està tem liberdade?* | *Vella as, mas com seu cuidado:* |
| *Se ei de mudar a vontade?* | *Mudara cedo o estado,* |
| *Se ey de cobralla? ou perdella?* | *E tu mais cedo a affeição.* |

No quarto lugar o teue a do pastor Mendino, a quem os dous companheiros Lereno, & Risco encontrarão, olhandose na fonte, o qual do desterro daquella montanha veyo habitar, as que da banda da lem cercão o Tejo, no mesmo bosque de Euribia aonde foy mandado, achou no tronco de hum loureiro a reposta do que perguntaua.

| | |
|---|---|
| *Se Duricia em algum dia* | *E entam se tera lembrança* |
| *Fara por amor mudança* | *Do muyto que lhe queria?* |

V Re-

Reposta.

*Ia viue de ti lembrada*
*Ia tem de Amor paga justa,*
*Que ja sabe quanto custa;*
*Amar, & não ser amada.*

A tras esta sahio reposta a hũa pergunta da pastora Daliana foy remetida ao valle da Nimfa Liris, a qual lhe mostrou a sua pergunta na pedra de hũa fonte, & dizia.

Reposta.

*Que remedio, ou que cautella?*
*Pera vencer a mudança?*
*Ter mudauel a esperança,*
*E antes de chegar vencella.*

Responderam no mesmo valle a hũa pergunta de Elisa, a qual ella achou escrita no tronco de hũa copada aueleira, & dizia.

Reposta.

*Que meyo pera encobrir*
*Hum mal, que aos olhos me vem,*
*Não no dizer a ninguem,*
*E deixalo presumir.*

No mesmo lugar cahio a sorte a pastora Olinda, & achou a sua pergunta em hũa Larangeira carregada de suas cheirosas flores, que dizia.

Reposta.

*Quem nega a fè prometida,*
*Que castigo lhe conuem,*
*Saberse, que não na tem,*
*E que nelle era perdida.*

A mesma Nimfa foy remetida hũa pergunta de Lereno em nome alheo, cuja reposta estaua em o tronco de hum alamo nesta maneira.

Reposta.

*Que remedio a quem pretende*
*Bens, de que outrem goza o fruito?*
*Aprender a sofrer muyto,*
*E sofrer mais do que aprende.*

A tras desta sorte cahio a de Pauanio, o qual das sem razões, que Natercia vsara com sua affeição, aprendeo a recear mudanças, porem como nenhum temor he tão podero

deroso, que o não vença hum parecer diuino nos olhos de Angelia, o seus cuidados occupar fazendo entrega da vontade, que enfim era alhea pella primeira affeiçam, foy mandado ao valle da Nimfa Amathia aonde daua as repostas a encantada Eccho, que dentre muytos penedos, & aruores sombrias se ouuia tam natural como a propria voz em que cada hum repetia de nouo a pergunta, & a sua era.

Reposta.

*Se me ha de vingar amor*
*De hũa alhea semrazão,*
*Se na segunda affeição*
*Terei successo melhor.*

*Tu mesmo deste a sentença,*
*E foste algoz da vingança.*
*Na outra auera mudança*
*Com o fim da primeira offensa.*

No mesmo lugar cahio a sorte de Riseo, cuja pergunta era.

Reposta.

*Se hũa fè firme, & segura*
*Tem paga de seu cuidado,*
*E se hum bẽ tam desejado*
*Pode caber na ventura.*

*Entre vontades iguais*
*Paga amor tua affeição,*
*Mas bẽs que nega a razão*
*Nẽ a ventura os tem tais.*

A mesma Nimfa foy remetida hũa pergunta, que Lereno fez em nome de Floricio, & no custumado oráculo de Eccho lhe responderam.

Reposta.

*Se em Altea se consente*
*Com o tempo algũa mudança*
*E se ha de ter esperança*
*Floricio contra hum ausente.*

*Ama Altea de verdade*
*Mas se Floricio he constante*
*Tudo pode hũ firme amante*
*Combatendo hũa vontade,*

Atras esta reposta sahio no mesmo lugar hũa a Seluagio que dizia.

Reposta.

*Como se pode vencer*
*Hũa pastora obstinada?*

*Com lhe negar que he amada.*
*Que em o sabendo he molher,*

No valle da Nimfa Dione responderão logo a hũa pregunta de Floricia, aonde de encima de hum loureiro fallaua hũa aue do sol na maneira em que Ecco respondia, & a pergunta era esta.

Reposta.

*Hũa vontade enganada* | *Saber fengirse e negarse,*
*Que meo ha para vingarse?* | *Logo se vera vingada.*

No mesmo lugar hũa pregunta do pastor Vmbrano foy respondida desta maneira.

Reposta.

*Que cousa auera que vença* | *Nenhum remedio consente*
*O ciume de hum ausente?* | *Porque he morte, & não doença.*

Logo tras esta teue reposta hũa pergunta do vaqueiro Amintas, que dizia.

Reposta.

*Hũa pastora offendida,* | *Matar a quem a offender,*
*Que estremo pode fazer?* | *Ou assim tirarse a vida.*

Neste lugar sahio a reposta a hũa pergunta de Lereno, que elle fazia tam desconfiado no que preguntaua como pouco seguro de immaginar que razões encantadas adeuinhauão successos alheos dizia.

Reposta.

*Que fim espera o desterro* | *Tera fim numa mudança*
*Em que me tras meu cuidado?* | *Muda o trajo a disculpa*
*E se està desenganado,* | *Ficaras liure de culpa,*
*Ou perdoado o meu erro?* | *E o teu nome na lembrança.*

Ainda os pastores que esperauão a sua sorte occupauão todo o valle quando Lereno & Pauanio o deixaram, tomando o caminho pera a sua cabana, aonde chegaram ao tẽpo, que o Sol daua fim ao dia. Passou Lereno a noite immaginando, hora offerecendo razões a sua ventura, & pedindolhas

lhas

lhas pera os males que padecia, hora queixandose delles, & della, com o sentimento de agrauado: & porque o Sabio remetia a mudança de seu estado às do tempo, determinou elle fazella no trajo, & no lugar, & deixar a vida de pastor pela de peregrino: communicou a Pauanio & Riseo este segredo, pediolhe, que o guardassem por alguns dias, despediose delles com muytas lagrimas, & sentimẽto, deixandolhe iguais saudades de sua cõpanhia: partiose dentre elles hũa madrugada pello caminho da montanha, & a pouco espaço ao pe de hũa fonte, q̃ sahia de debaixo de hũ penedo, viram hum pastor, que estaua como desmayado, & olhandose na agoa, cantaua o seguinte.

*Em tal estado estou posto*
*Que estranho a propria figura*
*Mas esta he minha ventura*
*Se este não he o meu rosto.*

*Se os males mais sem medida*
*Se conformão de tal sorte,*
*E tem força tam valida,*
*Que vão suspendendo a vida*
*Contra os poderes da morte?*
*Se contra hum desuenturado*
*Pode dar vida o desgosto?*
*E tello viuo enterrado,*
*Se ha no mundo hum tal estado*
*Em tal estado estou posto.*

*Estou como alma que pena*
*No corpo, que sustentou*
*Como minha sorte ordena*
*Represento hũa piquena*
*Sombra do que em mim passou.*

*Ia não viuo nem desejo*
*Nada o coração procura*
*Eu de mim propio me pejo*
*Para verme, & tal me vejo*
*Que estranho a propria figura.*

*Achome no que padeço*
*Porem se encontro comigo*
*Como outro me desconheço*
*E a mim proprio me aborreço*
*Como se fora enemigo.*
*Torno a verme com receo*
*Pello que se me assegura*
*E conheço neste enleo*
*Que bem posso ser alheo*
*Mas esta he minha ventura.*

Tro-

*Trocouse a vida, o cuidado*
*Tudo pera perseguirme*
*Cõtra mim veyo trocado:*
*A ventura triste, o fado,*
*Porque he triste be sempre firme.*

*E se alcança o seu poder,*
*Que eu viua em tanto mal posto*
*Esses dias que viuer*
*Como me hão de conhecer*
*Se este não he o meu rosto.*

Saudou Lereno ao pastor,& virando elle o rosto, se conhecceram, porque este era Filenio, em o qual ainda duraua o engano passado da carta de Lisea, & lançandolhe os braços dizia: Ah Floricio amigo quam pouco me valerão teus desejos.& minha diligencia, & tras isto lhe contou como perdera a Lisea de ante os olhos,& a reposta que leuaua do Sabio,& que a mayor tristeza, que tinha, era ter a vida,& o gosto tam acabado em mãos dos males, que tiuera, que receaua perdella antes de chegar ao Lis, & ver a Lisea, & q̃ sò temia faltarlhe pera esta ventura. Lereno o consolaua cõ muytas palauras, & fazendoo leuantar o acompanhou hum grande espaço de caminho, em o qual lhe fallou desta maneira. Filenio amigo, ainda que tudo o que vsei cotigo, era o que conuinha a este nome, não quero, que cõ o meu viuas enganado. Eu sou Lereno natural dos valles do Lis pera quem era a carta de Lisea, que no Mondego me entregaste: a que te tornei era reposta della cõ o seu proprio sobrescrito, trasme a ventura tam perseguido, que ja me descuido de amor, & não busco mais em terras estranhas que a sepultura: tu a quem a sorte dà de tam perto as esperãças vai a colher cõ tempo o fruito dellas, & toma forças pera vencer tua fraqueza cõ o aluoroço do bem, que te espera na tua Lisea a quem seras testimunha do que vires, pera q̃ elle o seja diante quem agora a possue. Dizelhe, que mudo a terra,& trajo,& o custume, pois não he pera pastor quem naceo pera viuer triste, que me vou peregrino por terras estra-

estranhas,atè que algũa ache tam piadosa, que em seu centro me recolha,ou mude a natureza a minha sorte : & pera que da minha sanfonha ouças o derradeiro suspiro á vista destas prayas do Tejo descancemòs sobre este penedo. Filenio enleado,& quasi tremendo ouuia o pastor,que cõ lagrimas ajudaua o sentimento das palauras,& conhecendo em todos os sinais ser aquelle o de que tanto tempo se temera, & dando fè a tudo o que lhe dizia,porque ja de Lisea soubera,que em outra parte tinha poderosa affeiçam,de nouo cõ amor & espanto o abraçaua , & suspendendo a pratica pelo ouuir,cantou Lereno este sonetto.

*Remattemos ja contas esperança*
*Leuai tudo o que tendes da ventura*
*Porque sois companhia mal segura,*
*E alcança mais de vòs quẽ nada alcança.*
*Tenho por mais segura confiança*
*Nos males,& na fè da sepultura*
*Não quero mais de meu que esta escritura ,*
*Que depois fique a muytos por lembrança.*
*Outros a quem engana hum falso objeito ,*
*Enthesourem rubins,perlas,diamantes,*
*Esmeraldas,jacintos,prata & ouro :*
*Que pois isto a mudança he mais sojeito ,*
*E eu sò dos males sei, que sam constantes*
*Quero fazer de males meu thesouro .*

Bem quisera Filenio persuadir ao triste, & desterrado Lereno,que se tornasse a sua ribeira ao socego do seu gado, & passasse a vida aonde o Ceo lha dera com tanta alegria, porem vendoo determinado atalhou as palauras,& sem poder apartarse delle abraçados chorauam,como se de muytos

tos annos de estreita amisade se conhecerão,& tras isto tomando Lereno na mão a sua mimosa sanfonha lhe dizia.

Humilde samponha, que entre os pastores ereis tão celebrada, ouuida das lindas serránas, & as vezes inueja da dos vaqueiros, aqui vos sacrifico a memoria de meus desenganos, que pois hum grande desgosto vos tirou a graça, & a mim o descanso, não vos serue companhia tam triste, nem tam suaue instrumento conuem a pastor tam desesperado: leuame a ventura a terras estranhas, aonde nem minhas ouelhas de sua branda lam me veram vestido, nem ouuiram pastores estrangeiros os namorados versos, que tocãdouos cantaua, & pera que algum rustico pegureiro não vos offenda, acabay sobre este penedo, que he paga bem desigual do amor com que vos possuy, porem val mais perecer, que acõpanharme.

Acabando isto com muytas lagrimas, a fez em pedaços sobre o penedo, que ficaram derramados na verdura, & tomando differente habito, & caminho, se apartou de Filenio, que cõ suspiros & magoas o querria deter: o que a ambos succedeo com o seguimento de suas historias, se veram ao diante no pastor Peregrino.

FIM.



*Soli Deo honor & gloria.*

*Impresso em Lisboa por Pedro Crasbeeck.*

Anno do Senhor M. DCVIII.